

«Irreverente, inteligente e engenhosa, Dana Schwartz
é uma das escritoras mais brilhantes da próxima geração.»
Neil Gaiman, autor *bestseller* do *New York Times*



dana schwartz



Dana Schwartz é argumentista e a criadora de um podcast de História de sucesso, chamado *Noble Blood*. Colaborou como jornalista e crítica nas publicações *Entertainment Weekly*, *Marie Claire*, *Glamour*, *GQ*, *Cosmopolitan*, *Vanity Fair*, entre outras. Vive em Los Angeles.

OceanofPDF.com

Anatomia: uma história de amor

Dana Schwartz

Publicado por:

Porto Editora

Divisão Editorial Literária – Porto

Email: delporto@portoeditora.pt

Título original:

Anatomy: a love story

© 2022 by Dana Schwartz

Tradução: Maria do Carmo Figueira

Design da capa: St. Martin's Publishing

Group, Kerri Resnick

Ilustração da capa: Zach Meyer

Fotografia da autora: St. Martin's Publishing Group, Sela Shiloni

1.ª edição em papel: fevereiro de 2023

Rua da Restauração, 365

4099-023 Porto

Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67183-7

OceanofPDF.com

*Para o Ian,
que tem o meu coração*



OceanofPDF.com

*Para examinar as causas da vida,
temos primeiro de recorrer à morte.*

– MARY WOLLSTONECRAFT SHELLEY,
FRANKENSTEIN

OceanofPDF.com

Prólogo

Edimburgo, 1817

– *Despacha-te!*

– Estou a cavar o mais depressa que consigo, Davey.

– Então, cava mais depressa.

A noite praticamente não tinha luar, por isso Davey, de pé sobre a relva molhada, não conseguiu ver Munro revirar os olhos para a sepultura que cavava. Estava a demorar mais tempo do que o normal – a pá de madeira que Munro conseguira roubar das traseiras da estalagem em Farbanks era mais pequena do que a de metal com que tinha começado naquela noite. Mas também fazia menos barulho, e isso era o mais importante. Desde que o Cemitério de Thornhill contratara um guarda para vigiar as sepulturas, era essencial não fazer barulho. O guarda já tinha apanhado três dos seus amigos e eles não conseguiam pagar as multas. Davey nunca mais os vira na rua.

Havia qualquer coisa de errado. Davey não conseguia dizer o que era, mas havia algo de estranho naquela noite. Talvez fosse o ar. O fumo gorduroso que cobria a Cidade Velha de Edimburgo era sempre denso, pesado com o cheiro do óleo de cozinha, de tabaco e da combinação nociva de dejetos humanos e sujidade que mandara os ricos para as novas

casas na encosta e do outro lado dos Jardins de Princes Street. Naquela noite, não havia vento.

Davey não disse nada a Munro sobre o estranho sentimento que o invadira. Munro ter-se-ia limitado a rir dele. *Devias estar alerta para com os vigias, não com sentimentos estranhos*, diria Munro.

Ao longe, Davey conseguia distinguir uma vela a arder na casa paroquial por trás da igreja. O padre estava acordado. Àquela distância, seria possível ele ver o cemitério por entre a escuridão? Provavelmente, não, mas e se decidisse ir dar um passeio à noite?

– Não podes fazer isso *mais* depressa? – sussurrou Davey.

A resposta chegou sob a forma do som inconfundível de madeira a bater em madeira. Munro tinha chegado ao caixão. Os dois rapazes sustiveram a respiração para o passo seguinte: Munro levantou a pá o mais alto que pôde e baixou-a com toda a força. Davey estremeceu com o estampido da tampa a partir-se. Ficaram à espera – de um grito, de cães a ladrar –, mas nada se mexeu.

– Atira-me a corda – disse Munro. Davey assim fez e, ao fim de pouco tempo, Munro já tinha atado habilmente a corda à volta do pescoço do cadáver. – Agora, puxa.

Enquanto Davey puxava a corda, Munro, ainda dentro da sepultura, ajudou a guiar o corpo do pequeno buraco do caixão até ao mundo à superfície, um estranho nascimento ao contrário de um corpo já morto. Munro conseguiu tirar os sapatos do morto quando saiu do caixão, mas foi Davey quem o despiu e atirou as roupas outra vez para a cova. Roubar um cadáver era ilegal, mas se tirassem algum bem da sepultura, estariam a cometer um crime.

O corpo era de uma mulher, tal como Jeanette lhes dissera. Jeanette trabalhava como espia para o ladrão de corpos que lhe pagasse mais nessa semana, intrometendo-se nos funerais, chegando-se o mais à frente

possível para ter a certeza de que quem estava a ser enterrado não tinha uma dispendiosa placa de pedra por cima do caixão para impedir exatamente o crime que estavam a cometer.

– Nem pedra nem família – tinha garantido Jeanette, quando apareceu à porta da casa de Munro, em Fleshmarket Close, a coçar o pescoço e a mostrar-lhe um sorriso largo por baixo de uma cortina de cabelo acobreado. Jeanette não podia ter mais de 14 anos, mas já lhe faltavam uns quantos dentes. – Ou pelo menos não tinha muita família. O caixão também parecia barato. Pinho ou coisa do género.

– Não estava grávida, pois não? – perguntou Munro, esperançoso, erguendo as sobrancelhas. Os médicos estavam tão desejosos de dissecar corpos de mulheres grávidas que estavam dispostos a pagar o dobro. Jeanette abanou a cabeça e estendeu a mão para receber o dinheiro. Assim que anoiteceu, Munro e Davey fizeram-se ao caminho com o carrinho de mão, pás e corda.

Davey desviou os olhos enquanto tirava o vestido cinzento simples do cadáver. Mesmo às escuras, sentiu-se a corar. Nunca despira uma mulher viva, mas já perdera a conta às vezes que tinha tirado a roupa a uma mulher no dia a seguir a ter sido enterrada. Olhou para a lápide meio escondida pela terra e pela escuridão: PENELOPE HARKNESS. *Obrigado pelos oito guinéus, Penelope Harkness*, pensou.

– Manda-o para aqui – pediu Munro, lá de baixo. Davey atirou-lhe o vestido. Assim que as roupas da mulher estavam novamente no caixão, Munro içou-se de dentro da cova para a relva molhada. – Já está – disse, batendo as mãos para sacudir a terra. – Vamos encher outra vez a cova e despachar isto. – Munro não o disse, mas também sentiu qualquer coisa estranha, uma inusitada rarefação do ar que tornava mais difícil respirar. A vela que se via pela janela da casa paroquial já se apagara.

– Não acreditas que ela morreu da febre, pois não? – sussurrou Davey. A pele da mulher não tinha pústulas nem sangue, mas, por aqueles dias, era impossível ignorar os rumores. Se a febre romana já tinha realmente voltado a Edimburgo...

– Claro que não – replicou Munro, com convicção. – Não sejas parvo. – Davey suspirou e fez um sorriso débil na escuridão. Munro sabia sempre como fazê-lo sentir-se melhor, afastar os medos que lhe rastejavam para o cérebro como ratos nas paredes.

Em silêncio, os rapazes acabaram o trabalho. A sepultura estava tão bem coberta de terra e ervas daninhas como nessa manhã, e o corpo, rígido com o *rigor mortis*, estava no carrinho de mão, tapado com uma capa cinzenta.

Havia qualquer coisa a mover-se na extremidade do cemitério, junto ao muro baixo de pedra que se estendia por todo o lado oriental. Davey e Munro viram-na e voltaram a cabeça para seguir o seu movimento, mas quando os olhos se adaptaram à escuridão, já tinha desaparecido.

– Era só um cão – disse Munro, com mais confiança do que aquela que sentia. – Vamos embora. O médico gosta que voltemos antes do nascer do dia.

Davey empurrou o carrinho, e Munro foi andando ao lado dele, agarrando o cabo da pá com mais força do que era habitual. Já estavam quase a sair do cemitério quando três homens de capa lhes apareceram no caminho.

– Olá – disse o primeiro homem. Era o mais alto dos três, e parecia ainda mais alto porque estava de cartola.

– Bela noite – continuou o segundo, careca e mais baixo do que os outros.

– Perfeita para um passeio – interveio o terceiro, cujo sorriso amarelo era visível até às escuras sob o bigode.

Davey percebeu que não eram guardas. Talvez fossem ladrões de corpos, como eles.

Munro, claramente, pensou o mesmo.

– Saiam da frente. Ela é nossa. Vão bater a outra porta – ameaçou, pondo-se à frente de Davey e do carrinho de mão. A voz tremeu-lhe ligeiramente.

Davey olhou para baixo e viu que os três homens tinham sapatos de cabedal fino. Não havia qualquer ladrão de corpos que usasse sapatos daqueles.

Os três homens riram-se quase em uníssono.

– Tens toda a razão – disse o mais baixo. – E, claro, nem nos passa pela cabeça chamar os guardas. – Deu um passo em frente, e Davey viu uma corda por baixo da manga da capa dele. O que aconteceu a seguir foi inacreditavelmente rápido: os três homens avançaram, e Munro passou por eles com um salto e correu a toda a velocidade em direção à cidade.

– Davey! – gritou. – Corre, Davey!

Mas Davey estava paralisado, ainda atrás do carrinho de mão, obrigado a hesitar naquele momento entre abandonar ou não Penelope Harkness, enquanto via Munro correr ainda mais depressa e desaparecer. Quando os seus pés o deixaram seguir o amigo, já era tarde de mais.

– Apanhei-te – disse o homem alto, pondo a mão carnuda à volta do pulso de Davey. – Vamos lá, isto não vai doer nada. – O homem tirou uma faca do bolso.

Davey tentou libertar-se, mas, por mais que puxasse ou se torcesse, não se conseguiu soltar.

O homem com a faca fê-la deslizar delicadamente pelo braço de Davey, revelando um trilho de sangue vermelho que, na escuridão, parecia praticamente negro.

Davey estava demasiado assustado para gritar. Viu em silêncio, sem sequer pestanejar, tamanho era o pânico, o homem careca a tirar do bolso um frasco com um líquido arroxado e viscoso, abri-lo e estender o braço.

O homem da cartola abanou a faca por cima do frasco até uma gota do sangue de Davey cair para o líquido que estava lá dentro. O líquido começou por escureceu e depois mudou de cor, para um amarelo brilhante e dourado. Iluminou a cara dos três homens, todos com um sorriso rasgado.

– Maravilhoso – exclamou o do bigode.



No dia seguinte, enquanto fazia a sua caminhada matinal, o padre encontrou um carrinho de mão abandonado com o corpo rígido de uma mulher que enterrara no dia anterior. Abanou a cabeça. Os ladrões de corpos da cidade estavam a ficar mais atrevidos – e mais perigosos. Onde iria Edimburgo parar?



*De Tratado de Anatomia do Dr. Beecham;
Ou, A Prevenção e Cura das Doenças Modernas
(17.^a Edição, 1791), pelo Dr. William R. Beecham:*

Qualquer médico que deseje tratar eficazmente qualquer doença ou ferimento caseiro vulgar tem primeiro de saber anatomia. O conhecimento do corpo humano e de todas as partes que o compõem é elementar para a nossa profissão.

Neste tratado, apresentarei os fundamentos de anatomia que descobri ao longo das minhas décadas de estudo, juntamente com as ilustrações que eu próprio desenhei. No entanto, as ilustrações não substituem a descoberta ativa, e em primeira mão, da anatomia através da dissecação, e nenhum futuro médico poderá esperar jamais prestar um serviço à nossa profissão sem primeiro dissecar, pelo menos, uma dúzia de corpos e estudar as partes que os compõem.

Embora alguns dos meus colegas de profissão em Edimburgo recorram a medidas nefastas, contratando os serviços ilegais dos chamados ladrões de corpos, que roubam os corpos de inocentes, os cadáveres fornecidos aos meus alunos na minha escola de anatomia em Edimburgo são sempre os infelizes homens e mulheres vítimas da forca, que, segundo a lei britânica, estão destinados a prestar um último serviço aos seus compatriotas como penitência final.



O sapo estava morto, não havia qualquer dúvida relativamente a isso. Já estava morto quando Hazel Sinnett o encontrou. Estava a dar o seu passeio diário depois do pequeno-almoço, e o sapo encontrava-se simplesmente ali, no caminho do jardim, voltado de costas como se estivesse a tentar apanhar um banho de sol.

Hazel nem conseguia acreditar na sua sorte. Um sapo, ali, sem mais nem menos. Uma dádiva. Um sinal dos céus. O céu estava carregado com nuvens escuras que ameaçavam uma chuva que ainda não tinha começado. Por outras palavras, o tempo estava perfeito. Mas não ia manter-se assim durante muito tempo. Assim que comesse a chover, a sua experiência cairia por terra.

Atrás dos arbustos de azáleas, Hazel olhou em redor para ver se alguém a observava (a mãe não estava a espreitar pela janela do quarto no segundo andar, pois não?), antes de se ajoelhar e apanhar rapidamente o sapo com o lenço e metê-lo na cintura do saiote.

As nuvens estavam a aproximar-se. O tempo era escasso, por isso Hazel terminou o passeio e voltou rapidamente para o Castelo de Hawthornden. Ia entrar pelas traseiras, para que ninguém a incomodasse, e assim podia escapulir-se imediatamente para o quarto.

A cozinha estava quente quando Hazel entrou apressada, com enormes nuvens de fumo a saírem da panela de ferro que estava ao lume e um

cheiro intenso a cebola colado a todas as superfícies. Havia uma cebola picada abandonada em cima de uma tábua. A cebola, a tábua e a faca caída no chão estavam salpicadas de sangue. Os olhos de Hazel seguiram o trilho de sangue até se depararem com a cozinheira sentada num banco, a um canto da cozinha, perto da lareira, a agarrar uma mão e a balançar para trás e para a frente, murmurando para si própria.

– Oh! – gritou a cozinheira, quando viu Hazel. O rosto corado estava cheio de lágrimas e ainda mais vermelho do que o habitual. A cozinheira limpou os olhos e levantou-se, tentando endireitar as saias.

– Não estava à espera de a ver aqui, Menina. Estava só a descansar as pernas. – A cozinheira tentou esconder a mão sob o avental.

– Oh, Cozinheira. Estás a sangrar! – Hazel tentou convencer a cozinheira a mostrar-lhe a mão ferida. Pensou no sapo esmagado na cintura do saiote e na chuva que se aproximava, mas só por um breve momento. Tinha de se concentrar no caso em mãos. – Vá, deixa-me ver.

A cozinheira estremeceu. O golpe era fundo, na parte carnuda da palma da mão calejada.

Hazel limpou as mãos às saias e depois olhou para a cozinheira com um sorriso reconfortante.

– Não vai custar nada. Antes do jantar, já vais estar bem. Tu... – Hazel chamou uma ajudante de cozinha. – ... chamas-te Susan, não é? Podes ir buscar uma agulha de costura? – A criada, tímida, acenou com a cabeça e saiu a correr.

Hazel levou a bacia da cozinha para junto da cozinheira e fê-la lavar a mão e limpá-la com um pano da cozinha. Sem o sangue e a fuligem, o golpe fundo ficou bem à vista.

– Assim já não parece tão assustador – tranquilizou Hazel.

Susan voltou com a agulha. Hazel pô-la sobre o lume até ficar preta, e depois levantou a sua própria saia e puxou um fio de seda da blusa.

A cozinheira deu um pequeno grito.

– As suas roupas boas, Menina!

– Oh, que disparate! Isto não presta para nada, Cozinheira, a sério. Olha, receio que isto vá picar um bocadinho. Estás bem? – A cozinheira assentiu. Trabalhando o mais rapidamente que conseguia, Hazel enfiou a agulha no golpe da palma da mão da cozinheira e começou a suturá-lo. A cara da cozinheira, de olhos cerrados, ficou sem cor.

– Está quase... quase a acabar... e... e... e... pronto – disse Hazel, dando um nó com o fio de seda. Partiu o fio com os dentes. Não conseguiu deixar de sorrir quando viu o trabalho feito: pontos pequenos, perfeitos e uniformes que finalmente davam alguma utilidade aos bordados enjoativos e estupidificantes da infância. Hazel tornou a levantar as saias – com cuidado, por causa do sapo – e rasgou uma faixa da camisa antes que a cozinheira pudesse objetar ou gritar pelo estrago que estava a fazer. Hazel ligou a mão com o tecido, apertando bem. – Agora, ouve bem: logo à noite, tiras a ligadura e lavas bem. Amanhã, trago-te uma cataplasma. E tem cuidado com a faca, Cozinheira.

Os olhos da cozinheira continuavam a lacrimejar, mas sorriu para Hazel.

– Obrigada, Menina.

Hazel foi para o quarto sem mais demora e correu até à varanda. O céu mantinha-se escuro. Ainda não começara a chover. Hazel respirou fundo e tirou o sapo embrulhado no lenço do saiote. Abriu-o e deixou o sapo cair com um baque molhado sobre o balaústre de pedra.

As partes de Hawthornden de que Hazel mais gostava eram a biblioteca – com o papel de parede verde a cheirar a mofo, os livros com as capas de pele e a lareira acesa todas as tardes – e a varanda do seu quarto, da qual conseguia ver o riacho ladeado por árvores e quilómetros e quilómetros de natureza. O quarto ficava na fachada sul do castelo; não via o fumo a

erguer-se do centro de Edimburgo, apenas a uma hora de viagem para norte, por isso, ali na varanda podia fingir que estava sozinha no mundo, que era uma exploradora à beira do precipício do conhecimento humano, a ganhar coragem para dar um único passo em frente.

O Castelo de Hawthornden fora construído sobre um penhasco, com paredes de pedra cobertas de hera que se erguiam sobre bosques escoceses indomados e um riacho fino que corria para tão longe que Hazel nunca tinha conseguido ver onde desaguava. A família paterna vivia ali pelo menos há 100 anos. Tinha a história de Sinnett nas paredes, no pó de carvão e na erva e no musgo que se agarravam às pedras antigas.

Vários incêndios na cozinha, ao longo do século XVIII, tinham obrigado a que a maior parte do castelo fosse reconstruído sobre as suas ruínas, tijolo em cima de pedra. As únicas coisas que restavam da estrutura original eram os portões, na parte da frente da entrada, e um calabouço de pedra gelado construído na encosta da colina, que ninguém se lembrava de alguma vez ter sido usado – exceto como ameaça quando a senhora Herberts apanhou Percy a roubar um doce antes do chá, ou quando o criado, Charles, apostou que conseguia ficar lá trancado durante um dia inteiro, mas não aguentou mais de uma hora.

Na maior parte do tempo, Hazel tinha a sensação de que vivia sozinha em Hawthornden. Normalmente, Percy estava a brincar lá fora ou a ter lições. A mãe, ainda de luto, raramente saía do quarto, deslizando entre as paredes como um fantasma da morte vestido de preto. Por vezes, sentia-se sozinha, mas habitualmente sentia sobretudo gratidão pela sua solidão. Especialmente quando queria fazer uma experiência.

O sapo morto era pequeno e de um castanho lamacento. Os membros finos, que tinham caído sobre as palmas das mãos de Hazel como uma boneca de trapos, quando o apanhou no caminho, estavam agora rígidos e

desagradavelmente pegajosos. Mas o sapo estava morto, e avizinhava-se uma trovoadas – era perfeito. As peças estavam todas no lugar.

Hazel tirou de trás de uma pedra que estava na varanda um atiçador da lareira e o garfo da cozinha que ela desviara umas semanas antes, à espera que surgisse exatamente uma situação como aquela. Bernard tinha sido irritantemente vago sobre o tipo de metal que o mágico-cientista da Suíça utilizara (“Era bronze? Diz lá, Bernard, de que *cor* era?” “Já te disse que não me lembro!”), por isso Hazel decidiu servir-se dos objetos de metal que fossem fáceis de arranjar em casa sem que alguém desse por isso. O atiçador da lareira era do escritório do pai, e nem sequer as criadas se davam ao trabalho de lá entrar desde que o pai e o respetivo regimento tinham sido colocados em Santa Helena.

Um trovão distante ecoou pelo vale. Estava na hora. Ela iria acabar com a divisão do mundo entre vida e morte, utilizando a eletricidade para reanimar a carne. O que eram os milagres senão a ciência que o homem ainda não compreendia? E isso não tornava ainda mais milagroso que os segredos do Universo estivessem à nossa volta sob a forma de códigos suscetíveis de serem decifrados por alguém que fosse suficientemente inteligente e tenaz?

Hazel pousou delicadamente o atiçador de um dos lados do sapo e depois, com um ar de reverência solene, pôs o garfo da cozinha do outro lado.

Não aconteceu nada.

Aproximou mais o garfo e o atiçador do sapo, e depois, já impaciente, encostou-os à pele do animal. Será que devia...? Não, não, Bernard ter-lhe-ia dito se a cabeça do condenado tivesse sido *empalada* num espeto. Quando ele voltou da grande viagem, Hazel quase não conseguia respirar com tantas perguntas que lhe queria fazer sobre a demonstração que referira apenas de passagem na carta que enviara da Suíça, uma

demonstração feita pelo filho do grande cientista Galvini. Utilizando a eletricidade, Galvini filho fizera as patas de uma série de sapos dançarem e a cabeça de um condenado pestanejar, como se estivessem outra vez vivos.

– Foi verdadeiramente assustador – dissera Bernard, levando uma chávena de chá aos lábios e fazendo sinal à criada para trazer mais uns biscoitos de gengibre. – Mas também maravilhoso, de uma certa maneira estranha, não achas?

Hazel achava que sim. Embora Bernard se tivesse recusado a falar mais sobre o assunto (“Porque tens de ser tão *mórbida*, prima?!”), Hazel descobriu que conseguia ver mentalmente todos os pormenores da cena, como se ela própria tivesse lá estado – o homem com um casaco de estilo francês no palco de um teatro minúsculo, forrado com madeira, o pano de veludo vermelho atrás dele pesado com o pó. Hazel até conseguia ver as patinhas dos sapos a saltarem para cima e para baixo, como se fossem raparigas a dançar canção, antes de Galvini destapar a sua atração principal: a cabeça de um homem que fora enforcado. Na imaginação de Hazel, o pescoço dele tinha sido cortado de maneira que se vissem as nódoas negras causadas pela corda.

Nós, homens, tememos a morte, imaginava Galvini a dizer, com um forte sotaque italiano. *A morte! Macabra e terrível! Inevitável e sem sentido! Dançamos em direção a ela como se fosse uma linda mulher* (Os italianos adoravam falar de mulheres lindas) *e a Morte vem na nossa direção com a sua valsa, a acenar, sempre a acenar. Assim que o véu é levantado, nunca mais voltamos. Mas estamos num novo século, meus amigos.*

Nesse momento, Hazel imaginava-o a erguer uma vara de metal, como Hamlet com a caveira, e depois a levantar a segunda vara, deixando o raio de luz oscilar entre uma e a outra, enquanto o público murmurava. *E a humanidade irá dominar as leis da natureza!*

O público sustinha a respiração, enquanto as luzes do palco tremeluziam e, para acentuar o efeito dramático, um estouro e fumo de pólvora cinzento, no momento em que a cabeça do condenado ganhava vida.

Bernard descrevera a cena numa carta que Hazel lera tantas vezes que já tinha memorizado: a forma como a cabeça do condenado saltou quando as varas foram encostadas às têmporas, e como as pálpebras se abriram. Por um momento, era possível que estivesse outra vez consciente, a pestanejar perante o que estava à sua frente – tantos homens com as esposas, e elas com as melhores luvas e chapéus –, e que estivesse, de facto, a *ver*. Bernard não tinha feito qualquer referência à boca a abrir-se, mas Hazel deu consigo a imaginar uma língua preta pendurada, como se a cabeça estivesse farta de andar a ser mostrada em mais um espetáculo, mais uma matiné para um novo público.

No fim do espectáculo, Galvini agradeceria com uma vénia os aplausos incrédulos, e os cavalheiros regressariam aos respetivos castelos e mansões para divertirem os convidados com a descrição do serão, acompanhado por um vinho do Porto.

Parecia bruxaria, escrevera Bernard. *Embora jamais imaginasse um bruxo com umas calças que lhe ficassem tão mal*. Bernard também havia dito na carta que comprara uma capa de caça por 400 francos e que vira o Príncipe Friedrich von Hohenzollern com uma igual.

Mas ali estava Hazel, o céu carregado de eletricidade, metal de cada um dos lados do sapo e, ao contrário dos cadáveres de Galvini, o de Hazel continuava insípido, irritante e inegavelmente inerte. Hazel olhou de relance para trás. O quarto estava vazio – a criada, Iona, arrumava-o sempre antes de o pequeno-almoço acabar. Hazel ouvia o trinado do *pianoforte* que chegava pela janela aberta da sala da música, onde Percy estava a ter uma lição. A senhora Herberts preparava o almoço para levar

ao quarto da mãe de Hazel, como era habitual; comia no toucador à frente de um espelho coberto com um tecido preto translúcido. Hazel susteve a respiração e levantou mais uma vez o atizador.

Havia uma coisa que ela ainda não tinha experimentado, mas... De repente, Hazel começou a sentir-se tonta, com a cabeça leve, como se estivesse a ser puxada pelo topo do crânio com um cordel. Tinha os dedos a tremer. Mas, antes de se permitir parar o movimento, enfiou o atizador de um lado ao outro do sapo. A carne era estranhamente fácil de trespassar, e o atizador deslizou pela pele castanha, saindo do outro lado molhado, a brilhar com um líquido viscoso indeterminado.

– Desculpa – disse Hazel, em voz alta, e sentiu-se imediatamente uma pateta. Era só um sapo. Era só um sapo *morto*. Se queria ser médica, tinha de se habituar, mais cedo ou mais tarde, àquele tipo de coisas. Como se quisesse provar a si própria até que ponto era corajosa, rodou o atizador no meio do sapo. – Toma – murmurou. – É bem feito.

– É bem feito o quê? – Era Percy, atrás dela, com os olhos ensonados e o cabelo desgrenhado, só com uma meia. No seu entusiasmo, Hazel não reparara que o *pianoforte* se tinha silenciado.

Embora Percy tivesse 7 anos, a mãe continuava a vesti-lo como se tivesse metade da idade, com uma blusa de algodão debruada a azul e aberta no colarinho. *Lady* Sinnett mimava-o incessantemente, como se o rapaz fosse uma peça de cristal valiosa e incrivelmente frágil. Era egoísta e mimado, mas Hazel não conseguia zangar-se com o irmão, porque, na verdade, tinha pena dele. Hazel desfrutava da rara liberdade que advinha do facto de a mãe dedicar todas as atenções ao rapaz, que, por sua vez, raramente era autorizado a sair de casa, não fosse ele, Deus nos livrasse, arranhar-se num joelho a caminho do jardim.

– Não é nada – respondeu Hazel, voltando-se e escondendo o sapo atrás das saias. – Vá, vai-te embora. Não devias estar a ter a tua lição?

– O Mestre Pogleia deixou-me sair mais cedo por me portar tão bem – revelou Percy, com um sorriso rasgado que deixou à mostra uma fileira de pequenos dentes aguçados. Pôs-se a balançar para trás e para a frente. – Brinca comigo. A mamã diz que tens de fazer o que eu disser.

– A sério? – O céu começava a ficar limpo, já com uma faixa de azul visível no horizonte. Para aquilo funcionar, tinha de acontecer rapidamente, enquanto houvesse eletricidade no ar. – Então, porque não pedes à mamã que brinque contigo?

– A mamã *não tem graça* – retorquiu Percy, como que a cantarolar, saltando ao pé-coxinho. Afastou os caracóis louros dos olhos. – Se for ao quarto da mamã, ela belisca-me as bochechas e obriga-me a recitar em latim.

Hazel tentou lembrar-se se o irmão George teria sido assim em criança, tão piegas e sedento das atenções dos outros, sempre a precisar de uma testemunha que o aplaudisse e lhe desse um beijinho na cara por cada passeio a cavalo ou por cada lição. Pareceu-lhe impossível. Além disso, a mãe não era tão amedrontada nem sufocante nesse tempo.

George era calado e introspetivo. Os sorrisos dele pareciam sempre segredos partilhados do outro lado da sala. Aos 7 anos, Percy já sabia utilizar os sorrisos como armas. Será que Percy se lembrava de George? Era tão pequenino quando o irmão morreu.

Percy suspirou.

– Está bem. Podemos brincar aos piratas – disse, como se estivesse a fazer uma concessão, como se tivesse sido Hazel a entrar no quarto *dele* e a implorar-lhe que brincasse aos piratas, e só naquele momento, com a sua benevolência, Percy tivesse concordado.

Hazel revirou os olhos.

Percy pôs o lábio inferior para a frente, num amuo exagerado.

– Se não disseses que sim, começo a gritar e chamo a mamã, e ela vai zangar-se contigo.

Mais uma nuvem que passou. Uma mancha de luz foi subindo pela bainha do vestido de Hazel, e o seu calor foi ampliado pelas camadas de saias que tinha.

– Porque não vais à cozinha e perguntas à cozinheira o que está a fazer para o lanche? Aposto que, se fores já perguntar-lhe, ela faz aqueles bolos de limão que adoras.

Percy ficou a pensar. Fez uma expressão carrancuda para Hazel e para o que quer que a irmã estivesse a esconder atrás da saia, mas, um momento depois, deu meia-volta e foi-se embora, sem dúvida descendo as escadas estreitas que davam acesso à cozinha para atormentar a cozinheira e a senhora Herberts. Hazel tinha feito a jogada certa: não havia escolha possível entre brincar com ela e comer bolos de limão.

Já não lhe restava muito tempo, mas, antes de continuar, Hazel tinha de fechar a porta à chave. Não podia haver mais intrusos. Foi até à porta e rodou a chave pesada até ouvir o estalido gratificante. E depois foi rapidamente até à varanda, onde algumas gotas de chuva tinham caído enquanto ela se afastara, pintalgando as pedras de preto. Se ia acontecer, tinha de ser naquele momento.

Tornou a levantar o garfo da cozinha e acenou-o por cima dos membros do sapo como se fosse um xamã. Nada. Talvez a demonstração que Bernard vira fosse um truque. Se calhar, nem sequer havia um cadáver, mas um homem escondido sob a mesa, com o pescoço a sair de um buraco na madeira e a maquilhagem a dar-lhe um ar macilento à pele, fazendo-a até perder o brilho e a cor. Quantas gargalhadas o ator – o *mentiroso* – e Galvini filho deviam ter dado no fim do espetáculo, enquanto contavam o dinheiro que haviam recebido e se embebedavam com os colegas medíocres que usavam maquilhagem gordurosa.

E foi então que o sapo se mexeu.

Ter-se-ia mexido? Ou fora a luz que a enganara? Ou uma brisa vinda do vale? Hazel não sentira nada. As saias não se tinham agitado. Acenou com o garfo por cima do sapo morto e empalado, uma e outra e outra vez, sempre mais depressa, mas nada aconteceu. E foi então que percebeu.

Tirou a enorme chave do bolso e baixou-a lentamente em direção ao sapo, e o animal começou a mexer-se. O sapo, que pouco antes pendia sem vida do espeto, agitava-se agora cheio de energia. Ainda tinha vontade de viver, como se estivesse a tentar fugir. Parecia uma coisa tirada de um conto de fadas, pensou Hazel. *Tira-me deste atiçador*, parecia o sapo dizer, *e concedo-te três desejos!* Ou talvez de um pesadelo, como as histórias dos panfletos de cordel que por vezes a tutora de Percy lhe dava com uma piscadela de olho. Os mortos ganham vida e querem vingar-se dos vivos.

Estava a funcionar! O que era aquilo? Magnetismo? A chave conduzia a eletricidade, isso era óbvio, mas de que metal seria feita? Teria de a examinar bem, fazer vários ensaios, utilizando todas as combinações de metais que conseguisse identificar.

Radiante, Hazel continuou a passar a chave sobre os membros agitados do sapo. Mas após um minuto, a agitação abrandou, parando depois por completo. Fosse qual fosse a magia que estivera presente no tempo, nos humores do sapo morto, no atiçador da lareira, na chave do quarto – tinha-se esgotado.

O sapo estava outra vez morto, e Hazel ouviu, vindo do outro quarto, o som da mãe a chorar. Chorava praticamente todos os dias desde que George morrera com a febre.



*De Tratado de Anatomia do Dr. Beecham;
Ou A Prevenção e Cura das Doenças Modernas
(24.^a Edição, 1816), pelo Dr. William R. Beecham,
Revisto e alterado pelo Dr. William Beecham III:*

A febre romana (*Plaga Romana*) revela-se primeiro sob a forma de bolhas nas costas do doente. Ao fim de dois dias, as bolhas começam a rebentar, manchando as costas da camisa do doente com sangue (daí o nome – febre romana –, dada a semelhança com as várias facadas nas costas de Júlio César). Outros sintomas incluem gengivas enegrecidas, letargia, diminuição da micção e dores. Nomes coloquiais para a doença: Doença Romana, as Bolhas, Febre do Trolha, Morte Vermelha. Quase sempre fatal. No verão de 1815, ocorreu um surto em Edimburgo, que levou mais de 5 mil almas.

Embora a taxa de sobrevivência seja muito reduzida, os que a vencem mantêm a imunidade. Não se conhece qualquer cura.



Enquanto ia na carruagem a caminho de Almont House, Hazel tentou, em vão, tirar a tinta preta dos nós dos dedos e de debaixo das unhas. Tinha estado a pé toda a noite, a copiar notas de uma velha edição do livro do Dr. Beecham sobre anatomia, que pertencia ao pai. Durante todo esse tempo, mantivera sobre a mesa ao seu lado o anúncio que vira na porta de um bar pela janela da carruagem.

– Para, para! – gritara, batendo na porta da carruagem. Saiu com um salto, arrancou o anúncio da porta e voltou para a carruagem ofegante, demasiado entusiasmada para se preocupar com a possibilidade de alguém a ter visto.

Tinha o anúncio dobrado no bolso da saia. Hazel meteu os dedos sujos de tinta no bolso e tocou-lhe só para se tranquilizar e lhe dar sorte.

Bernard não se ia interessar pela tinta – Hazel até duvidava que reparasse –, mas Lorde Almont iria notar e, conhecendo-lhe o pendor para a decência, o incidente iria certamente parar aos ouvidos da mãe dela. *Gostaria que não me envergonhasses à frente do teu tio, Hazel*, dizia-lhe sempre a mãe, enquanto levava uma chávena de chá aos lábios finos ou puxava um fio do bordado, ao mesmo tempo que uma criada punha mais lenha na lareira acesa logo de manhã. *Não é que me importe que pareças uma pedinte quando vais à cidade, mas sei que isso vai ter repercussões nos convites para a próxima temporada.*

Hazel nem sequer conseguia imaginar o que Lorde Almont ou a mãe fariam se soubessem do cartaz que tinha no bolso a anunciar uma demonstração de anatomia pelo famoso Dr. Beecham III, neto do lendário Dr. Beecham e, certamente, o cirurgião mais famoso de Edimburgo, se não mesmo de todo o reino.

Hazel vibrava de excitação só de pensar nisso.

AO VIVO! DEMONSTRAÇÃO GRÁTIS DE ANATOMIA!

VEJAM O DOUTOR BEECHAM, CHEFE DE CIRURGIA

DA UNIVERSIDADE DE EDIMBURGO,

FAZER UMA DISSECÇÃO E UMA AMPUTAÇÃO

UTILIZANDO A SUA NOVA TÉCNICA.

OS INTERESSADOS PODERÃO INFORMAR-SE

SOBRE O SEMINÁRIO DE ANATOMIA DO DOUTOR.

8H00

SOCIEDADE REAL DE ANATOMISTAS DE EDIMBURGO

Era exatamente o tipo de acontecimento a que Hazel queria assistir! Não aos almoços deprimentes com viúvas antiquadas e debutantes insuportáveis nem aos bailes maçadores e intermináveis. Assim que Hazel fez 15 anos, a mãe tinha começado a obrigá-la a ir a Londres para a temporada, apertando-a em crinolina do tamanho de um pequeno sofá para ela poder circular por uma série de salões de baile de braço dado com vários rapazes com um hálito horroroso.

Em teoria, ir a Londres para a temporada significava que um desses rapazes de mau hálito se apaixonaria loucamente por Hazel (ou pelo seu dote respeitável) e casaria com ela, embora isso parecesse inútil, pois era um dado adquirido que casaria com Bernard, mantendo o título e o dinheiro Almont na família.

Bernard não tinha nada de mal, dizia Hazel para si própria. Era bastante simpático, com uma pele relativamente limpa. Era, enfim, maçador, mas eram todos. Era um pouco vaidoso e interessava-se mais pela própria roupa do que pela maioria das coisas do mundo. Mas era um bom ouvinte. Tinha brincado na lama com Hazel quando ainda eram pequenos, por isso não estava à espera de que ela fosse uma dama frágil de porcelana como as outras jovens do seu círculo social fingiam ser.

Conhecia Hazel há tanto tempo que achava o desejo dela de ser cirurgiã um mero capricho, e não um escândalo. Ter um homem do seu lado seria essencial quando chegasse a altura de se inscrever nas aulas e de fazer o Exame Médico Real, e seria ainda melhor se esse homem tivesse poder e um título. Hazel passou os dedos pela dobra do cartaz, ao longo do vinco da folha larga, cheia de esperança.

Estava um dia de outono luminoso, e o ar de setembro era tão límpido como sempre ali perto da Cidade Velha de Edimburgo, onde as casas de madeira se empilhavam no alto da colina como dentes tortos numa boca a exalar a fuligem negra e sibilante da vida quotidiana. Lorde e *Lady Almont* viviam do outro lado dos Jardins de Princes Street – ao fundo da colina, mas com um universo a separá-los da Cidade Velha: na New Town, numa elegante casa branca em Charlotte Square, com colunas à frente e espaço suficiente para duas carruagens nas traseiras.

Hazel não tinha conseguido tirar a tinta das mãos, por isso, assim que o criado fechou a porta da carruagem atrás dela, meteu as mãos nos bolsos com o cartaz secreto escondido.

O criado abriu a porta ainda antes de Hazel bater, com o suor a escorrer pelo colarinho e a careca a reluzir.

Estava qualquer coisa a acontecer no átrio principal: era um corrúpio de atividade. Hazel trocou um olhar com Samuel, o mordomo, que passou por

ela apressadamente com uma bacia vazia e um pano. Samuel limitou-se a curvar ligeiramente a cabeça.

No átrio estava sentado um homem, um pedinte vestido de farrapos coloridos e cheios de pó, ocupando uma cadeira que Hazel nunca tinha visto e que, provavelmente, fora trazida dos aposentos dos criados. Um médico com uma bata comprida examinava-lhe o interior da boca. O pedinte parecia constrangido naquela mansão tão bem arranjada. Tudo nele se destacava, parecia deslocado. A camisa era a única em todo o átrio que não estava engomada, a cabeça era a única com o cabelo desgrenhado, a cara era a única que estava suja, com uma faixa de suor e gordura a encardir a zona sob o queixo, no local que ele não conseguira lavar. O médico fez uma careta e deu uma palmadinha na face do homem, que, obedientemente, fechou a boca.

Lorde Almont – que estava sentado do outro lado do átrio, numa cadeira mais larga e almofadada, trazida da sala de jantar – levantou-se quando Hazel entrou.

– Ah, Hazel – disse, saudando-a. – As minhas desculpas pelo estado em que encontras esta casa. Presumo que o Bernard esteja prestes a descer. Samuel, diz ao Bernard que a Menina Sinnett chegou.

Hazel respondeu com uma vénia curta e obrigatória antes de voltar a dedicar toda a atenção ao estranho pedinte. Hazel não sabia o que estava a acontecer. Seria o pedinte algum protegido de Lorde Almont? Pertenceria a alguma das instituições de caridade apoiadas por Sua Senhoria? Estaria a candidatar-se a um lugar de criado prestes a ser rotundamente dispensado? Hazel não conseguia imaginar Lorde Almont a contratar pessoalmente os empregados. E porque é que o homem precisava de ser visto por um médico?

– Podemos avançar? – perguntou calmamente o médico.

Pela primeira vez, Hazel reparou no rosto do médico: estava cheio de pústulas e cicatrizes, com marcas vermelhas profundas. Tinha uma pala de cetim sobre o olho esquerdo, mas Hazel conseguia ver o inchaço vermelho fora das suas extremidades. O cabelo era comprido e escuro, preso na nuca por uma fita preta. Tinha na mão uma espécie de grampos metálicos que brilhavam sob a luz que entrava pelas janelas de entrada da casa. A bata estava manchada nos punhos, com uma cor de ferrugem.

Os olhos do mendigo estavam muito abertos, revelando íris rodeadas de branco. No colo torcia um chapéu castanho, como se estivesse a tentar secá-lo depois de ser lavado. Após alguns segundos de silêncio aterrorizado, acenou com a cabeça para o médico, inclinou-se para trás e abriu a boca.

– Talvez a menina... – começou Lorde Almont a dizer, mas antes de concluir a frase, já o médico cumprira a sua tarefa: tinha inserido os grampos na boca do pedinte, torcera-os rapidamente e retirara um molar com um estalido repugnante.

A bacia que Samuel trouxera serviu imediatamente o seu propósito. O pedinte pô-la sob o queixo para apanhar o sangue e a baba que lhe escorriam dos lábios. Nem tivera tempo de gritar.

O médico cheirou e examinou o dente, que ainda estava cheio de sangue.

– Agora, depressa – pediu a Lorde Almont. – Temos de agir enquanto o dente ainda está fresco, se o queremos fixar na gengiva.

Lorde Almont reclinou-se obedientemente e abriu a boca.

O médico pôs uma pasta prateada no fundo do dente e colou-o algures no fundo da boca de Lorde Almont com um pequeno bisturi. O mendigo gemia baixinho atrás deles.

– Agora – avisou o médico, quando acabou –, nada de mastigar carne durante um mês, a menos que a sua cozinheira a deixe muito tenra. Só

bebidas brancas e nada de tomates.

Lorde Almont levantou-se e endireitou a gravata.

– Com certeza, doutor. – Tirou do bolso do peito umas moedas, viu quanto perfaziam e depois deu-as ao pedinte com a distância máxima que o braço lhe permitia. – Creio que é, atualmente, o preço de mercado de um molar? – Hazel reparou que Lorde Almont insistia em manter-se longe do homem cujo dente estava agora na sua boca.

O mendigo, com as lágrimas a caírem-lhe em silêncio pelo rosto, meteu as moedas na bolsa e foi-se embora.

– As minhas desculpas, Hazel – disse novamente Lorde Almont, quando o eco da porta a fechar-se desapareceu –, por te ter exposto a uma cena tão medonha. Embora o Bernard tenha mencionado que estás inclinada a seguir este tipo de coisas. – Esfregou a parte de fora do maxilar. – É uma coisa assustadora, mas é um pequeno preço a pagar pela nossa saúde e bem-estar. Creio que não deves conhecer o estimado Dr. Edmund Straine, da Sociedade Médica de Edimburgo? Dr. Straine, permita-me que lhe apresente a Menina Sinnett, filha da minha irmã Lavinia.

O Dr. Straine voltou-se para Hazel. Ainda não acabara de guardar o equipamento e tinha na mão um pequeno bisturi a pingar sangue, quando curvou de forma quase impercetível a cabeça para a cumprimentar.

– Como está? – saudou Hazel. O Dr. Straine não respondeu. O olho bom do médico foi diretamente para as manchas de tinta nas mãos de Hazel, que as escondeu de imediato nas saias. Os lábios finos do médico conseguiram ficar ainda mais finos.

Quando o médico falou, foi outra vez para Lorde Almont.

– Muita atenção à carga que o ato de mastigar fará sobre o dente, Sua Senhoria. – Sem dizer mais uma palavra, pegou na mala, rodopiou sobre o salto da bota e saiu pela porta traseira do átrio com um rodopio do seu enorme casaco preto.

– Infelizmente, não tem boas maneiras – sussurrou Lorde Almont, depois de Straine ter saído. – Mas disseram-me que é o melhor da cidade. Custa a acreditar, mas foi um protegido do grande Dr. Beecham, antes de ele morrer. Ficas para o lanche, claro?

Já tinham passado dois anos desde que o pai de Hazel fora colocado em Santa Helena – como comandante da Armada Real destacado para supervisionar a prisão de Napoleão –, e, desde então, Lorde Almont tinha tomado a seu cargo cuidar da sobrinha. Hazel ia uma ou duas vezes por semana de carruagem até Edimburgo para lanchar ou jantar com os Almont, para se sentar na salinha a ler os livros de Lorde Almont, para acompanhar Bernard aos acontecimentos sociais que parecessem imprescindíveis. Pelo menos, a memória de George não pairava como fumo espesso na Casa de Almont como em todas as divisões do Castelo de Hawthornden.

Quando casasse com Bernard e se tornasse finalmente a nova *Lady* Almont, as memórias negativas podiam fechar-se como a capa de um livro pesado. Teria um novo nome e uma nova casa. Teria uma nova vida. Seria uma nova pessoa, uma pessoa que a tristeza não conseguiria encontrar.

– Ah, Bernard! – exclamou Lorde Almont, quando o filho apareceu ao cimo das escadas. – Lancham cá os dois? Tenho a certeza de que o Samuel pode avisar a Cozinheira.

– Na verdade, tio – contrapôs Hazel –, tinha esperança de que o Bernard pudesse acompanhar-me num passeio.

Bernard saltou o último degrau e ofereceu-lhe o cotovelo. Quando saíram os dois do átrio, as criadas já tinham limpado todos os vestígios da cirurgia que ali tivera lugar apenas alguns minutos antes.



*De As Cidades da Escócia:
um Guia para o Viajante (1802),
por J. B. Pickrock:*

Chamam a Edimburgo “a Atenas do Norte” pelos seus feitos filosóficos, mas agora esse epíteto é também dirigido à arquitetura: pedra branca, ruas largas e direitas, colunas. Começaram a construir a New Town nos terrenos planos sobre os quais se ergue o Castelo de Edimburgo em 1760, creio eu (quando o fedor e a superlotação das casas ao longo de High Street, na colina, se tornaram demasiado penosos para qualquer pessoa com uma educação decente), mas só a partir de 1810 é que as construções no estilo Clássico Romântico começaram realmente a impressionar. De facto, atrevo-me agora a dizer que Edimburgo pode orgulhar-se de ser um exemplo mais belo do estilo Clássico Romântico do que qualquer uma das capitais da Europa.



– *Por favor.*

– Não.

– *Por favor.*

– Definitivamente, não.

– Mas não me deixam entrar sem ti. Não há a mínima hipótese. Mas não me podem impedir de entrar se eu for acompanhada pelo Visconde de Almont.

– *Futuro* Visconde de Almont. O meu pai ainda está bem vivo, obrigadinho.

– Bem, mas pelo menos és qualquer coisa agora, não és? De certeza que és, no mínimo, barão. Isso há de servir para alguma coisa, jovem Barão de Almont.

– Hazel – avisou Bernard.

– Nem sequer tens de olhar. Podes estar o tempo todo com os olhos tapados.

– Mesmo assim, vou *ouvir*.

Hazel agarrou o cartaz com a mão e abanou-o.

– *Vá lá*, Bernard. Quando é que te pedi para fazeres alguma coisa por mim? Se não assistir a isto, nunca mais conseguirei pensar noutra coisa enquanto for viva. Vou levar o cartaz a todos os jantares a que for quando

já formos os dois velhos, e tu vais desejar ter-me levado só para me calares.

Bernard continuou a andar.

– Não. – Bernard tinha uma cartola cinzenta nova e, mesmo quando se voltou de lado, Hazel teve a certeza de que ele estava a tentar mostrá-la no melhor ângulo, para que a luz incidisse sobre as extremidades e destacasse o seu queixo forte. O casaco também era cinzento, e tinha um colete de seda amarelo-canário.

Embora a tarde tivesse começado com um frio agradável de outono no ar, enquanto caminhavam ficara um calor sufocante. Hazel sentiu uma gota de suor a escorrer-lhe pelas costas, por baixo das várias camadas de tecido.

– Estás com medo de que a minha mãe fique zangada contigo por...?

Bernard voltou-se e interrompeu-a.

– Estou. Para ser sincero, estou. Tenho medo de que a tua mãe se zangue comigo, mas mais do que isso, Hazel, tenho medo de que a tua mãe se zangue *contigo*. Fazes ideia dos problemas que *vais* arranjar quando a tua mãe, ou, já agora, o teu pai, descobrirem que foste a uma palestra de anatomia? Uma *palestra de anatomia pública*! O tipo de pessoas que assistem a essas coisas! Bêbedos... e violadores! E... e... atores de teatro!

Hazel revirou os olhos e endireitou as bordas das luvas cor de marfim. Tinham sido oferecidas pelo pai antes de partir para Santa Helena.

– Estudantes, Bernard. São eles que assistem a estas coisas. Não interessa, já sei como vou fazer: digo à minha mãe que vou a um piquenique contigo nos Jardins de Princes Street e que só devo voltar à noitinha. Podemos descer a colina e chegar a tua casa à hora do lanche.

Passou por eles uma carruagem senhorial, e Bernard demorou a responder, porque cumprimentou educadamente o cavalheiro que ia no interior com um aceno de cabeça digno. Quando se voltou novamente para Hazel, o rosto readquiriu a mesma expressão de irritação.

– Estudar medicina é uma coisa. É até útil. O meu amigo de Eton, o John Lawrence, está agora em Paris e será um bom médico e fará um bom casamento e será bem-vindo aos nossos jantares. Se querias fingir que ias ser médica, ou enfermeira, acho que isso já era diferente. Mas cirurgiã... Hazel, a cirurgia é uma profissão para homens sem dinheiro. Sem estatuto. Na verdade, são uns carneiros! – Avançou alguns passos sem perceber que Hazel não estava ao seu lado. – Hazel?

– O que estás a dizer? “Fingir”?

– O que é que eu...?

– Disseste “fingir que ias ser médica”.

– O que eu queria dizer era... Hazel. Quero dizer. De certeza que nunca pensaste... – Parou, e depois continuou. – Vai ser muito útil quando nos casarmos saberes tratar de arranhões e febres!

– Sempre soubeste que eu quero ser cirurgiã – contrapôs Hazel. – Há séculos que andamos a falar disso. E sempre me apoiaste.

– Bem, sim – replicou Bernard, olhando para os sapatos. – Quando éramos crianças.

De repente, Hazel sentiu um sabor a cobre na boca. Tinha a língua pesada. Estavam apenas a um quarteirão de Almont House, com as colunas brancas a reluzirem com o sol da tarde.

– Olha – disse Bernard, já a rodar o corpo para começar a andar. – Vamos voltar para a salinha. Tomamos o nosso chá. – Hazel estava com o cartaz nas mãos, e Bernard estendeu o braço para o agarrar. Rasgou-o ao meio, depois em quatro e, a seguir, amachucou todos os pedaços. Atirou-os para trás dele, para a valeta molhada, e Hazel ficou a ver os pedacinhos de papel a desaparecerem. – Pronto. Vamos esquecer esse disparate. Há um espetáculo novo no *Le Grand Leon*, vamos lá uma noite destas. E levamos a tua mãe. Não achas que é uma ótima ideia?

Hazel fez um pequeno aceno com a cabeça.

– Acho que, se não te importares, vou passear mais um bocadinho. Só até ao passeio público. Depois apanho a carruagem para ir jantar a casa.

Bernard olhou em redor, nervoso.

– Sem companhia? Não me parece...

– Só mais um bocadinho. Estamos perto da tua casa. Olha, é já ali. Estarei sempre à vista de todos.

– Se tens a certeza... – concordou Bernard, hesitante.

– Insisto.

– Bem, então, está bem. – Afinal, tinha sido fácil. Bernard assentiu, satisfeito, de novo com um ar afável. Era filho de um visconde, e não havia nada de errado no mundo dele. Estava a poucos passos de casa, onde o esperava um assado para o jantar. – Para a semana irei a Hawthornden. Diz ao Percy que insisto em jogar uíste com ele.

Hazel respondeu com a coisa mais parecida com um sorriso que conseguiu. Manteve-o na cara enquanto via as pernas compridas de Bernard a descerem a rua, até desaparecerem nas sombras de Almont House.

Só então permitiu-se olhar para os restos amarrotados do cartaz que tinha escondido no roupeiro, longe dos olhares indiscretos da mãe e da senhora Herberts, para o poder mostrar a Bernard. Apenas algumas palavras não se tinham dissolvido no lamaçal que corria pela valeta ao longo da rua, fragmentos que pareciam peças de um *puzzle*.

AO VIVO!

BEECHAM

EDIM...

... ANAT...

... VA TÉCNICA

Deu um suspiro e dirigiu-se para a carruagem que a esperava. Havia alguém fora de Almont House, junto ao portão lateral, onde a estrada curvava para longe de Charlotte Square, em direção a Queensferry Street Lane, com o pináculo da Catedral de Saint Mary's a parecer espetado na cruz de ferro contra o azul do céu.

Era uma mulher de cabelo ruivo – que podia até parecer ainda mais avermelhado se não estivesse tão sujo – enfiado sob uma touca de criada. Seria uma das criadas dos Almont? Hazel não a reconheceu, mas isso não era surpreendente. Uma casa como a deles teria certamente uma dúzia de criadas que tentariam manter-se invisíveis quando havia convidados. Talvez fosse nova. Parecia muito jovem. Mais jovem do que Hazel. Parecia estar à espera de alguém, pela forma como olhava por cima do ombro e para o fundo da rua, mas não parecia nervosa.

Hazel parou e ficou a observá-la, curiosa. E depois, num piscar de olhos, juntou-se um homem. Não, não era um homem. Um rapaz. Um rapaz alto, muito direito e magro. Estavam os dois conversar, e a empregada entregou-lhe furtivamente um pedaço de papel. Estariam a roubar Almont House? Em plena luz do dia? A praça estava longe de estar vazia, com várias carruagens a passar por Hazel enquanto observava aquele par. Aparentemente, ninguém reparava neles. Era verdade que estavam escondidos na sombra do solar, mas certamente até os ladrões preferiam o coberto da noite.

Hazel aproximou-se, fingindo estar fascinada por uma pequena roseira. Embora estivesse apenas a 30 metros de distância, os dois estranhos não olharam para ela. A criada de cabelo ruivo estendeu a mão, e o rapaz alto deu-lhe algumas moedas. Agora que estava perto, Hazel conseguia ver um nariz comprido e fino, meio escondido pelo cabelo escuro do rapaz.

– Cuidado com esse, Jack – alertou a criada de cabelo ruivo.

Com as moedas escondidas no cinto, a mulher desapareceu, encostada ao exterior de pedra de Almont House, deslizando pela curva até à porta de entrada dos criados.

Que estranho, pensou Hazel.

– Para casa, Menina Sinnett? – Era o cocheiro, o senhor Peters, a perguntar-lhe do fundo do quarteirão. Deu um abanão rápido às rédeas, fazendo os cavalos entrar em ação.

O rapaz que estava nas sombras levantou o olhar e, por um momento, Hazel encarou-o diretamente nos olhos, e os pelos da nuca ficaram logo eriçados. Os olhos dele eram brilhantes e claros e cinzentos. Com aquele nariz comprido, parecia uma ave de rapina, pensou Hazel. Fez um sorriso ou um esgar, ou talvez fosse apenas um truque da luz, porque no instante seguinte já tinha desaparecido, caminhando apressadamente em direção à rua principal, onde o fumo da Cidade Velha, preto e espesso, pairava, e Hazel entrava na carruagem, de volta a Hawthornden, tentando ver mentalmente o rosto dele, mas esse já se desvanecera da memória.

Era espantosamente fácil morrer em Edimburgo. Todos os dias morriam pessoas. Havia fogos e esfaqueamentos nos becos das traseiras de bares esquálidos. Arranhões que as pessoas pensavam que podiam ignorar ficavam verdes e purulentos, inchados e quentes, até morrerem sem sequer terem tido tempo de ir ao médico público. Os ladrões eram enforcados em Grassmarket Square, Jack tinha-o visto com os próprios olhos, a forma como os corpos se contorciam e depois ficavam imóveis.

Era fácil morrer em Edimburgo, mas Jack chegara aos 17 anos porque sabia sobreviver.

Jeanette já estava à espera no portão lateral da casa junto de Queensferry quando Jack chegou ao fundo da colina.

– É um trabalho novo – revelou ela, quase num tom de súplica, ainda antes de ele poder pedir desculpa pelo atraso. – Quero ficar também com este. A comida é boa. Papas de aveia das verdadeiras para o pequeno-almoço todos os dias, *com* natas.

– Foste tu que me disseste para vir ter contigo a meio do dia, porra.

– Eu *trabalho*, Jacks, caso seja preciso lembrar-te. Isso significa que não posso estar sempre a sair para ir ter contigo aos teus buracos fedorentos e entregar-te sabe-se lá o quê.

Os pelos na nuca de Jack eriçaram-se, os sentidos ficaram apurados como uma corda manuseada entre os dedos. Estava uma rapariga na rua a

olhar para eles, a uns 15 metros de distância. Jeanette não reparou. A rapariga estava demasiado longe para os ouvir, mas reparara neles, sem dúvida, apesar de estar a fingir que cheirava uma rosa. Era rica – via-se pelas roupas, pelo tecido fino e pelas penas verdadeiras no adorno da cabeça. Era mulher de alguém, tinha de ser para andar a passear na New Town sem desacompanhada, mas não parecia ser mais velha do que ele. Devia ter uns 16 ou 17 anos. Com as meninas ricas, pintadas como bonecas de papel, era difícil dizer.

Jack observou-a pelo canto do olho, vendo uma linha fina da parte de trás do pescoço aparecer desnudada, tão branca que era quase translúcida, quando ela se inclinou, um intervalo entre o vestido e o cabelo.

Jeanette clareou a garganta.

– Não queres, pois não? Porque se não queres, tenho muitos ladrões de corpos desejosos de uma entrega assim de dois. Tenho mesmo, Jack Curren, não penses que não tenho! – Pronunciou cada uma das sílabas do nome enrolando a língua: *Curr-er*.

– Não, não, eu quero, claro que quero. – Arrancou das mãos de Jeanette o papel que ela lhe estava a dar e vasculhou os bolsos à procura de moedas.

Jeanette falava alto enquanto contava o dinheiro.

– Um é pequeno. Morreu de qualquer coisa. Não estava doente, por isso, cá para mim, deve ter sido a ama de leite que estava encharcada a dar-lhe de mamar. É o que eu acho. Está sempre a acontecer. Esses pequenos herdeiros todos cheios de camisinhas e mais camisinhas a serem amamentados por uma mulher que adormece. O outro é um homem. Cuidado com esse, Jack. Ouvi um moço de estrebaria dizer que achava que ele tinha a doença.

Jack olhou para os nomes e abriu rapidamente o mapa do cemitério.

– Não foi a febre romana, Jeanette, e farias melhor se não andasses a espalhar esses boatos. Assustas as pessoas.

– *Não tens medo?* – disparou Jeanette.

Jack tamborilou com os dedos na parte de lado da perna. Há anos que trabalhava como ladrão de corpos, levantara corpos em decomposição, podres e doentes, mas, sem saber bem como, nunca adoecera. Não sabia se era um deus a dar-lhe a misericórdia que ele certamente não merecia ou se era pura sorte, mas estava inclinado a acreditar que era a segunda hipótese.

– Não – repetiu. – Não tenho medo.

Jeanette limitou-se a encolher os ombros e depois correu para os jardins nas traseiras da casa, onde podia usar a porta dos criados e fingir que nem sequer saía.

Jack dobrou o papel, meteu-o no bolso das calças e depois olhou novamente para cima, para a mulher que tinha estado a olhar para as rosas. Ela observava-o, com olhos castanhos estreitos tão escuros que pareciam praticamente pretos. Era bonita, com a beleza que as raparigas ricas têm, de rosto limpo e cabelo penteado. Tinha o cabelo claro, arruivado, espesso e ondulado por debaixo do chapéu. O nariz era comprido e direito, e os lábios voltados para cima num dos cantos. Jack sentiu-se subitamente nu, e um formigueiro quente subiu-lhe até à nuca. Não conseguia tirar os olhos dela. Era como se o estivesse a acusar de qualquer coisa. Ou a conspirar contra ele. Estaria a sorrir, ou seria apenas a inclinação natural dos lábios arroxeados?

Finalmente, para alívio de Jack, os olhos da mulher afastaram-se, e ela levantou um sapato delicado para entrar numa bela carruagem.

As luvas eram brancas e, quando a rapariga desapareceu, Jack apenas conseguiu ver uma mancha vermelha a desabrochar na ponta de um dedo na mão esquerda, com a qual tinha estado a segurar o caule de uma rosa para a puxar para mais perto. Sangue. Um espinho perfurara o tecido fino, e a rapariga não reparara. Uma minúscula flor carmesim naquelas mãos de marfim.



De Encyclopaedia Caledonia
(29.^a Edição, 1817)

William Beecham, de seu nome completo William Beecham, Barão Beecham de Meershire, também conhecido por *Sir William Beecham*, Baronete (nascido a 5 de abril de 1736, em Glasgow, na Escócia; falecido a 7 de janeiro de 1801, em Portree, Ilha de Skye, Escócia). Cirurgião e cientista médico escocês, presidente e fundador da Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo, mais conhecido pelo estudo da anatomia e pela publicação do *Tratado de Anatomia de Dr. Beecham; ou, A Prevenção e Cura das Doenças Modernas*. O *Tratado*, com os diagramas anatómicos detalhados e o registo atualizado de doenças, constituiu a base para a geração seguinte de estudantes de Medicina. Desde então, foi reeditado mais de dez vezes em edições atualizadas. Diz-se que Beecham, segundo os rumores, um nacionalista escocês, recusou o lugar de médico pessoal do Rei Jorge III, após o que nunca mais lhe foi permitido regressar a Londres.

Nos últimos anos de vida, Beecham levou uma vida de reclusão, recusando pacientes ou palestras públicas, e dedicando a sua energia ao estudo da alquimia e do ocultismo. O objetivo assumido por Beecham era a busca da vida eterna. Beecham sucumbiu a um envenenamento devido aos efeitos do consumo experimental de ouro, mercúrio e chumbo em doses elevadas. Após a sua morte, o *Tratado do Dr. Beecham* continua a ser revisto e publicado pelo neto, William Beecham III.

Casado com: Eloise Carver Beecham, de Essex (nascida em 1742, falecida em 1764). Descendência: John (nascido em 1760), Philip (nascido em 1762), Dorothea (nascida em 1764).

Ver: *neto* William Beecham III



OceanofPDF.com

Podia ir sem Bernard, tinha a certeza absoluta. Era apenas uma questão de garantir que cronometrava tudo bem – sairia depois do pequeno-almoço e diria à mãe que ia dar uma longa caminhada pelos campos atrás da casa. Daí, teria de pedir emprestado um dos sobretudos compridos do pai e ir até aos estábulos sem ser vista. Percy não seria um problema – tinha aulas durante toda a manhã. E o quarto da mãe ficava virado para o lado leste do edifício, por isso, mesmo que ela olhasse pela janela enquanto terminava as cartas, não veria Hazel a fugir pela rampa.

Uma carruagem estava fora de questão. Seria demasiado barulhenta e daria demasiado nas vistas. Alguém a podia ver e reconhecer a carruagem no percurso entre a sua casa e Edimburgo. Não, seria muito mais seguro ir de cavalo, levantar o mais possível a gola do casaco de inverno do pai sobre o pescoço e manter a cabeça baixa.

Hazel nunca estivera na Cidade Velha sem alguém a acompanhá-la, mas estava confiante de que não se perderia. Estava tudo organizado como as espinhas de um peixe – a espinha central da High Street, desde o Castelo de Edimburgo até ao Palácio de Holyrood, lá em baixo, com becos e ruelas a ramificarem-se de ambos os lados. Sabia como era o exterior da Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo – o tio mostrara-lhe, certa vez: vigas escuras de madeira e pedra, uma placa dourada ao lado da porta. Não seria difícil de encontrar. Tinha os seis *pence* para a entrada no bolso,

cada vez mais quentes, devido ao hábito nervoso de esfregar os dedos contra as moedas, mas se tudo corresse como planeado, não precisaria delas.

Naquela manhã, ela continuara a planejar, passo a passo, enquanto enfiava papas de aveia na boca do outro lado da larga mesa de carvalho da mãe. A sala de jantar informal era, talvez, a única divisão de Hawthornden que podia ser considerada “aconchegante”. Ficava ao lado da cozinha, estava sempre quente e, geralmente, tinha um cheiro agradável à carne que a cozinheira estivesse a assar para o jantar. Embora as paredes da casa, em quase todas as outras divisões, estivessem cobertas – com retratos a óleo e armas de metal e espécimes das viagens do pai resguardados por vidros –, ali a madeira estava à vista, com uma cor castanha convidativa iluminada pelo fogo crepitante que aquecia a chaleira no fogão.

Se pelo menos Bernard não tivesse rasgado o anúncio. Não que Hazel não o tivesse decorado, mas teria sido reconfortante lê-lo uma e outra e outra vez. O cartaz não referia que não era autorizada a entrada de mulheres para assistir à palestra, mas também não era preciso. Além disso, Hazel não queria que alguém a reconhecesse e fosse contar à mãe – ou, pior ainda, ao tio. Não, em vez disso, ia esperar que os sinos da Catedral de Saint Giles dessem as 8h00, quando a palestra começaria, e ficaria no exterior até as portas serem fechadas. Depois, assim que toda a gente estivesse distraída com a nova técnica milagrosa que o Dr. Beecham estava a demonstrar, podia esgueirar-se lá para dentro, em silêncio e sem que alguém desse por isso.

Obviamente, o Dr. Beecham, cujo manual redefinira o campo da anatomia e fizera de Edimburgo a capital das ciências médicas, já tinha morrido. Era o neto, Dr. Beecham III, que tinha agora as funções de presidente da Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo. Hazel repetiu o plano em silêncio vezes sem conta: *cavalo, cidade, palestra. Cavalo,*

cidade, palestra. Se voltasse depressa para casa, chegaria à hora de jantar e podia fingir que perdera a noção do tempo na floresta. A mãe nem repararia; ela mal dava por Hazel. George morrera e Percy era o herdeiro. Que importância tinha a forma como Hazel passava o tempo?

– Graças a Deus, vamos passar a temporada a Londres.

Hazel estava tão distraída com os seus próprios pensamentos que o som da voz da mãe lhe provocou um choque semelhante a uma descarga elétrica.

– Desculpe, o que disse?

Lady Sinnett endireitou-se na cadeira, e o véu que usava sempre sobre o rosto estremeceu.

– Londres – repetiu, com brusquidão. – Para a temporada. Não seja cansativa, Hazel.

– Sim, claro. Londres. – Uns meses infelizes, atada como um peru no Natal e obrigada a sorrir para desconhecidos de olhos a brilhar, de braço dado com Bernard.

– Ainda bem que vamos – repetiu *Lady Sinnett* –, com tudo o que tenho ouvido.

Hazel tentou manter a voz calma.

– O que tem ouvido? – Ficou com a respiração presa no peito. Então, a mãe sabia. Sabia da palestra e da escola de anatomia. Claro. Como era possível que tivesse sequer pensado guardar segredo, quando...?

– A febre, Hazel – disparou *Lady Sinnett*. – Obviamente, não existe onde há gente civilizada, mas em Edimburgo, com as casas todas umas em cima das outras e os pobres já meio mortos. Com o ar tão mau em Edimburgo, sinceramente, quanto mais depressa formos para Londres, melhor. Sobretudo, com a constituição tão delicada do Percy.

– Ah. Pois. Tem razão. – Os sinos da abadia do outro lado da propriedade bateram as horas, e a cozinheira apareceu na sala de jantar

para levantar os pratos. – Esta manhã, vou dar um passeio – anunciou Hazel, tornando a quebrar o silêncio. – Um longo passeio. Para apanhar este ar tão bom.

De algures lá em cima chegou o som de Percy a bater sem ritmo nas teclas do *pianoforte*.

– Sim, está bem – anuiu *Lady Sinnett*, distraída. Hazel bebeu outro gole de chá para evitar que a mãe a visse a sorrir.



Demorou menos de uma hora a chegar a Edimburgo, e não se cruzou com vivalma na estrada, a não ser com meia dúzia de camponeses que Hazel não reconheceu e que não se deram ao trabalho de olhar para ela quando ia a passar. Seguiu a estrada principal em direção ao fumo negro cintilante, visível a quilómetros de distância – *Auld Reekie*, ou Velha Chaminé, o nome por que era conhecida a cidade, o coração pulsante da ciência e literatura da Escócia. Antes de o pai de Hazel partir, tinha-a levado com George a Almont House para ouvirem *Sir Walter Scott* fazer uma leitura do seu poema narrativo *A Dama do Lago*. A febre romana tinha levado George menos de uma estação depois. Hazel também estivera doente, agarrada aos cobertores e a encharcar a cama com o suor e o sangue das feridas nas costas. Até que, uma manhã, com a luz amarela fraca do amanhecer a passar pela janela, descobriu que conseguia sentar-se. A cozinheira chorara quando Hazel pedira papas de aveia, a primeira comida que pedia numa semana. Ela tinha sobrevivido, e o irmão mais velho, que era mais forte, mais inteligente e mais corajoso do que ela, morrera.

Hazel sabia que a Cidade Velha era um labirinto de ruas tortuosas. Mesmo lembrando-se de como era a porta da frente da Sociedade de

Anatomistas, Hazel continuou em silêncio a ensaiar a forma como perguntaria educadamente a um estranho que lhe desse indicações. Mas assim que deixou o cavalo numa estalagem e começou a andar sobre as pedras de calçada, escolheu um par de estudantes de Anatomia no meio da multidão. Não podiam ser outra coisa: casacos pretos puídos, sapatos manchados e, o mais evidente de tudo, exemplares do *Tratado de Dr. Beecham* debaixo do braço. Perfeito.

Hazel seguiu-os a pé sobre as pedras molhadas pela chuva até entraram numa viela perto de South Bridge que cheirava a peixe do dia anterior. A viela acabava numa pequena praça, rodeada por todos os lados por prédios com, pelo menos, três ou quatro andares. Os prédios pareciam estar todos inclinados para a frente. O céu estava azul e alegre enquanto Hazel cavalgara até à cidade, mas ali era apenas um remendo acinzentado de água de lavar pratos. No ar havia roupa a secar e cheiro a urina.

Mas ali estava ela: a Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo, gravada numa placa de bronze ao lado de uma porta preta. Alguns homens que estavam no exterior tinham o anúncio na mão. Hazel ficou surpreendida ao ver que, na realidade, pareciam, na maioria, cavalheiros. Lá no fundo, ficara convencida de que Bernard tinha razão, e que ela ia entrar voluntariamente para um antro de rufias e atores de teatro. Mas não – havia cartolas e sapatos de couro verdadeiro. Embora não se conseguisse lembrar do nome deles, reconheceu um ou dois dos salões de Almont House, e susteve a respiração, encostando-se a uma parede de pedra molhada para que ninguém reparasse nela. Não precisava de se ter incomodado. Os homens estavam distraídos com a sua própria importância e não lhes passaria pela cabeça olhar para qualquer pessoa que estivesse um centímetro abaixo do seu campo de visão.

Então, os sinos de Saint Giles tocaram, mais alto do que Hazel alguma vez ouvira, vibrando até ao âmago da rapariga. Os homens murmuraram e

andaram de um lado para o outro por mais um momento, até que a pequena porta se abriu e começaram todos a empurrar-se para entrar.

Hazel ficou para trás, a observá-los, reparando na impaciência e na forma como se cumprimentavam com uma reserva fria. E foi então que, por entre as capas e casacos compridos, viu um homem que a fez suster a respiração ao reconhecê-lo. Era o médico com uma pala num olho que dera o dente do indigente ao tio Almont, o Dr. Straine. Ele não a viu, ou pareceu não a ver, mas Hazel encostou-se ainda mais à parede de tijolos, pelo sim, pelo não.

Só quando os sinos tocaram a anunciar o quarto de hora é que os homens acabaram de entrar e os vários gemidos e exclamações de reconhecimento finalmente cessaram. Hazel ficou sozinha no beco quando a porta preta se fechou.

Ia esperar cinco minutos – cinco longos minutos – antes de se esgueirar lá para dentro. Seria ela própria a contá-los, esses cinco minutos, enquanto via os lençóis manchados, pendurados nas janelas por cima dela, a ondular suavemente. Afinal, a Cidade Velha não era assim tão má, pensou Hazel. A mãe tinha-lhe contado histórias sobre assassinos à espreita em cada esquina, os outrora cavaleiros transformados em criaturas pela corrupção da própria cidade. Pela forma como *Lady Sinnett* falava, dificilmente se poderia percorrer um quarteirão da Cidade Velha sem encontrar meia dúzia de monstros da literatura de cordel. Mas ali estava Hazel, e, com apenas 17 anos, conseguira ir até lá sozinha.

Agora. Já tinham passado cinco minutos. Esgueirar-se-ia pela porta, coberta pela escuridão, e veria em primeira mão o Dr. Beecham – o neto do *próprio* Dr. Beecham! – demonstrar o que o anúncio prometera – “uma revolução no campo da cirurgia”. Ouviu alguns aplausos através da porta. Algo tinha começado. Era a altura certa.

Só havia um problema. A porta estava trancada. Hazel deu-lhe outro empurrão, na esperança de que a madeira tivesse ficado ligeiramente deformado ou inchada, mas não. Estava fechada à chave, e bem fechada. Hazel deixou-se cair no chão, sem se importar que as saias estivessem a ficar molhadas nas pedras. Tinha feito todo aquele caminho em vão.

– Então!?

Uma voz chamou-a do outro lado do beco, mas a sua origem estava escondida pela sombra. Hazel olhou para cima, meio à espera de ver um dos monstros da mãe. Mas não: era um rapaz. Um rapaz que ela já tinha visto, com olhos cinzentos e longos cabelos escuros. O rapaz que ela vira junto de Almont House. Ele inclinou-se para ela e estendeu-lhe a mão. Estava suja, com os dedos a saírem pelos buracos na luva, mas as unhas estavam limpas. Hazel agarrou a mão, deixando que a puxasse para cima.

O rapaz clareou a garganta.

– Eles trancam a porta quando começa a demonstração. O Dr. Beecham odeia interrupções.

Hazel ofereceu-lhe um pequeno sorriso.

– Foi o que eu pensei.

O rapaz afastou o cabelo da cara.

– Não entraste quando podias ter entrado. Eu reparei. Quer dizer, não estava a reparar em *ti*, mas vi-te.

– Tinha esperança – replicou Hazel, alisando as saias – de me esgueirar lá para dentro quando a demonstração começasse. Para que não reparassem em mim. Imagino que não haja muitas mulheres que venham a este tipo de coisas.

– Creio que não.

Hazel ficou à espera. O rapaz mudou o peso do corpo nos pés e tentou tirar o pó das mãos, esfregando-as nas calças.

– Sou a Menina Sinnett – apresentou-se Hazel, por fim.

Assim que disse o nome, arrependeu-se. Os lábios do rapaz enrolaram-se num pequeno sorriso, e ele curvou-se numa pequena vénia.

– Muito prazer, Menina Sinnett. – Ele continuava a sorrir quando se endireitou.

A parte de trás do pescoço de Hazel ficou vermelha.

– Mandam as boas maneiras que tu agora te apresentes.

O sorriso do rapaz alargou-se, deixando à mostra o brilho dos enormes dentes caninos.

– É assim, agora? – disse o rapaz, sem dizer o nome. Em vez disso, revelou: – Se ainda queres entrar para ver o que está a acontecer, sei uma maneira.

– De entrar para o teatro cirúrgico? – O rapaz acenou com a cabeça. – Sim! Por favor! – Hazel moderou o entusiasmo na voz. – Quer dizer, se não for muito incómodo.

– Não é. Não custa nada. – Sem esperar, o rapaz pegou na mão de Hazel e puxou-a por uma viela tão estreita que a rapariga nem tinha dado por ela antes, com pedras molhadas de cada lado a cheirarem a mofo e a suor. A armação da saia de Hazel raspava nas paredes dos dois lados. O rapaz sabia por onde andava, saltando e circundando as pedras irregulares como se fosse feito de fumo. Chegados a uma porta de madeira, bateu duas vezes. Alguém abriu a porta e, num instante, o rapaz já tinha puxado Hazel lá para dentro, para uma passagem escura iluminada apenas por uma tocha ao fundo.

– Trabalhas aqui? – segredou Hazel, enquanto ele a guiava. – Para os anatomistas?

– Mais ou menos – respondeu o rapaz, olhando para trás, na direção de Hazel. Os olhos cinzentos pareciam brilhar no escuro e, embora o ar estivesse abafado, Hazel ficou subitamente com frio. – Anda. Por aqui.

Percorreram o túnel até ao fim. A tocha na parede fazia a cara do rapaz parecer estranha, cheia de ângulos e sombras. Hazel estava a ouvir vozes por perto – uma conversa sussurrada, a melodia de um barítono tonitruante –, mas não conseguia distinguir as palavras.

– Se quiseres ver, a porta é aqui – revelou o rapaz.

– Não vens comigo? – perguntou Hazel.

– *Nã* – retorquiu ele. – Já vejo sofrimento suficiente na vida real para precisar de ver um doutor qualquer a fazer isso para ser aplaudido. – Hazel não tinha a certeza se o rapaz estava a brincar ou a falar a sério. Do outro lado da parede, veio o som de um homem a gritar. Mesmo só com a luz da tocha, Hazel conseguiu ver o seu guia a erguer uma sobrancelha, como que a dizer: *Estás a ver?*

Abriu apenas uma fresta da porta, mas Hazel não conseguia ver o que estava do outro lado. Hesitou.

– Vai correr tudo bem – disse o rapaz. – Acredita em mim.

A rapariga assentiu e levantou as saias para passar o mais silenciosamente possível pelo rapaz. Quando os corpos se encostaram, tão estreita era a passagem, ele desviou os olhos. Hazel pôs a mão no puxador da porta e deu-lhe um pequeno empurrão. A porta abriu-se em silêncio, e Hazel percebeu por que razão o rapaz tinha tanta certeza de que ia correr tudo bem: a porta abriu-se sob a bancada onde os homens estavam sentados. Estava a ver por entre as pernas e as botas deles, mas tinha uma visão perfeita do palco de Beecham, a menos de 20 metros de distância.

Hazel voltou-se para agradecer ao rapaz, mas ele já desaparecera na escuridão.



*De Uma Introdução ao Campo da Medicina
para Cavalheiros (1779), por Sir Thomas Murburry:*

A diferença entre o cirurgião e o médico do século XVIII é muito clara e distinta. O médico pode ser um cavalheiro de posição social e meios consideráveis, com acesso à faculdade de Medicina e a uma educação adequada em latim e nas belas-artes. O seu papel é o de consultar e aconselhar sobre todas as doenças, internas e externas, e fornecer quaisquer cataplasmas ou medicamentos que possam oferecer alívio.

Um cirurgião, pelo contrário, é mais frequentemente um homem de estatuto social inferior, que compreende que um talento para o estudo da anatomia pode proporcionar-lhe um caminho para uma posição elevada. Deve estar preparado para trabalhar com os pobres e deformados, os monstros não amados e tornados horríveis pela guerra ou outras circunstâncias.

O médico trabalha com a mente. O cirurgião trabalha com as mãos e com a força bruta.



Ele tinha ajudado a menina bonita. Não sabia porquê. Ela era rica, do tipo que devia ter-se desenvencilhado sozinha. Mas Jack estava lá. Já roubara indo pelas passagens traseiras do teatro da Sociedade de Anatomistas vezes sem conta. Talvez tivesse tido pena dela, vendo-a ali no beco, parecendo mais só do que era possível, com as faces vermelhas de vergonha ou de frio. Da última vez que a vira, ela tinha sangue na luva. Fora na New Town, onde os edifícios eram direitos e polidos como moedas, e a relva crescia confinada a pequenos quadrados perfeitos. Ela estava fora do seu ambiente, ali na Cidade Velha.

Jack nem sequer devia andar a rondar a Sociedade de Anatomistas àquela hora da manhã. Já tinha feito a sua venda a Straine. Os ladrões de corpos deviam desaparecer com a luz do dia – os vampiros que alimentavam os estudantes de medicina da cidade. A entrega demorara mais tempo do que ele pensara – Straine recusara-se a pagar o último guinéu porque o cadáver já tinha uma semana. Era verdade, mas a culpa não era de Jack. Era cada vez mais difícil arranjar corpos: os vigilantes da noite andavam a apertar o cerco aos cemitérios de Edimburgo. Mas não valia a pena regatear com Straine, a revirar aquele olho negro, com uma pele que parecia de cera e o cabelo gorduroso. Não era de admirar que a Sociedade o tivesse escolhido para comprar cadáveres; ele próprio parecia praticamente um cadáver.

Enfim, tinha ajudado a rapariga – nada a fazer. Não demorara muito tempo, e Jack não ia ficar por ali. Já tinha feito a venda do dia – no final, o ajudante resmungou, mas pagou por inteiro – e as moedas de prata tilintavam-lhe alegremente no bolso. De qualquer forma, tinha de voltar para o seu trabalho no *Le Grand Leon* – o teatro no coração da cidade onde varria o palco e lavava os fatos dos atores e construía os cenários e fazia tudo o que senhor Anthony lhe pedia. Naquela noite, depois da sessão noturna, depois de Isabella sair do palco e limpar o pó branco da maquilhagem, ia convidá-la para ir tomar uma cerveja com ele – e, quem sabe, talvez desta vez ela aceitasse.

OceanofPDF.com

O teatro cirúrgico estava escuro, iluminado apenas por velas à volta do palco e algumas tochas nas paredes. O palco estava mais baixo do que as bancadas da assistência, para garantir que todos os presentes tinham uma visão clara do procedimento. Por debaixo da bancada, oculta pelas sombras, estava Hazel, completamente invisível. Por entre o fumo e os pares de pernas impacientes, Hazel conseguia ver o Dr. Beecham no palco, a escolher uma faca de um tabuleiro que estava na mão de um assistente com ar nervoso.

Beecham era um homem bonito que parecia estar na casa dos 40, apenas com uma madeixa grisalha a apimentar o cabelo alourado. O ar no teatro estava pesado e abafado, mas ele usava uma camisola comprida, um colete com uma gola que lhe dava pelo queixo e umas luvas de cabedal preto.

– Parece que nunca as tira – sussurrou um homem, sentado na bancada por cima de Hazel, ao colega que estava ao lado dele. – Nunca trabalha sem as luvas.

– Será porque tem medo de ficar com sangue nas mãos? – murmurou o outro homem em resposta.

Fosse qual fosse a razão, Beecham continuou com as luvas até enquanto escolhia uma faca do tabuleiro, uma lâmina comprida com extremidade serrilhada e cabo de prata polida. Beecham sorriu para ela,

demorando-se a ver como a luz das velas a fazia brilhar antes de voltar a colocá-la no tabuleiro. Parecia que se tinha esquecido de que havia um anfiteatro cheio de homens a verem cada movimento que fazia. Hazel estava tão empenhada em observá-lo que só alguns minutos depois é que se apercebeu de que havia um doente atrás dele, um homem de meia-idade deitado numa mesa com uma das pernas tapada com um lençol.

Por fim, Beecham falou.

– Prometi-vos algo extraordinário, cavalheiros, e é algo extraordinário que vos vou mostrar. O meu avô fundou esta sociedade para ser um lugar onde homens da ciência distintos se reúnem para partilhar as suas obras e descobertas. Hoje, vou trazer Edimburgo para o século XIX. – Enquanto falava, voltou a atenção para o doente deitado sobre a mesa e, com um floreado, tirou o lençol que lhe tapava a perna.

O público encolheu-se como um todo. Hazel, também, arquejando com força, mas, felizmente, ninguém a ouviu. A perna do homem era um autêntico pesadelo, inchada e esverdeada nuns sítios, muito vermelha noutros, com o dobro da largura de uma perna normal e cheia de veias arroxeadas salientes.

O Dr. Beecham escolheu outra arma do tabuleiro do assistente: uma serra. Pegou nela descuidadamente, como se estivesse a brincar, e o doente estremeceu.

– Então, então, senhor Butcher. Agora não é a altura para estar com medo.

O senhor Butcher não foi capaz de seguir o conselho. Contorcia-se como uma minhoca num anzol, dando pontapés com a perna boa e batendo com a doente, ao mesmo tempo que abanava a cabeça de um lado para o outro. Beecham baixou a mão que segurava a faca e suspirou.

– Se não se importam, meus senhores.

Das sombras saíram dois homens, um com uma cartola e o outro com um bigode ruivo espesso. Ficaram um de cada lado da mesa onde estava o doente e puseram uma mão nos ombros do senhor Butcher.

– Garanti ao senhor Butcher, antes de ele aqui estar hoje, que o procedimento seria bastante indolor, mas pelos vistos ele não acredita em mim! – disse Beecham. Os cavalheiros da assistência deram pequenas risadinhas. – Mas eu jamais mentiria. Meus senhores!

Beecham tirou do bolso do colete um pequeno frasco com um líquido azulado e leitoso. O frasco não era maior do que uma carta de jogar. Beecham levantou-o muito acima da cabeça para que todos o pudessem ver.

– Neste frasco – anunciou – está o futuro da cirurgia. Um composto químico criado por mim. É verdade, como o meu avô escreveu no seu livro, que por vezes o médico tem de agir como boticário e, ao fazê-lo, descobri algo de extraordinário. É, peço-vos que me perdoem, meus senhores, um verdadeiro milagre. – Houve murmúrios de desaprovação e de interesse, e algumas bengalas bateram na bancada, mas o Dr. Beecham continuou: – Eu descobri, sozinho, o segredo que tornará todas as cirurgias indolores.

Desta vez, nem Hazel conseguiu evitar sorrir. O Dr. Beecham fez um ligeiro sorriso e olhou para a assistência.

– Falta pouco, meus amigos, falta pouco. Mas antes de começarmos, creio que devo demonstrar uma das minhas invenções. – Inclinou a cabeça e, a seguir, ouviu-se um estalido e um silvo, assim como o som de vidro a tilintar, e o palco encheu-se com uma luz branca que cegava.

Hazel levantou a manga para proteger os olhos. Beecham foi o único que não estremeceu com a súbita claridade. Em redor do palco havia lâmpadas de gás que Hazel não tinha visto na escuridão, todas ligadas por

tubos e agora mais brilhantes do que Hazel alguma vez vira no interior de uma casa.

– O futuro – prosseguiu Beecham – está nas lâmpadas de gás. Descobri que, com algumas modificações, elas tornam o que fazemos no teatro cirúrgico muito mais fácil.

Os homens aplaudiram. Beecham acenou ligeiramente com a cabeça, curvando-se perante aquela aprovação. E depois, quando a assistência se acalmou, olhou para o frasco que tinha na mão. O fluido azul-violeta que continha parecia estar a rodopiar. Agora que a sala estava iluminada, Hazel conseguia ver bem a cor, um azul safira escuro misturado com prateado. As lâmpadas de gás eram tão brilhantes que nem Beecham nem o frasco pareciam ter qualquer sombra.

Beecham ergueu o frasco mais alto, e depois tirou-lhe a rolha. Por um momento, Hazel sentiu um estranho cheiro adocicado, como se fossem flores silvestres podres. Depois, de outro bolso do colete, o médico tirou um lenço branco, com as iniciais *W. B.* bordadas. Segurou o lenço no alto, como se fosse um mágico, antes de o mergulhar no frasco azul. Quando tirou o lenço, Hazel voltou a sentir momentaneamente o cheiro a flores silvestres podres. Mas também havia outro cheiro a sair do frasco, um odor específico que Hazel não conseguiu identificar.

O Dr. Beecham, com o lenço na mão, aproximou-se do doente aterrorizado. Apesar de os dois homens corpulentos continuarem a segurá-lo com firmeza, o doente contorcia-se o mais que podia. Beecham sorriu, mas não mostrou os dentes.

Voltou-se para a assistência.

– Meus senhores, apresento-vos o *ethereum*. Ou aquilo a que me habituei a chamar no laboratório de “o truque do escocês”. – Ouviram-se murmúrios de confusão e interesse nas bancadas. Alguns dos homens

bateram com os pés no chão, o que fez cair uma aranha no cabelo de Hazel.

Enquanto o doente se debatia, o Dr. Beecham encostou-lhe o lenço à cara com firmeza, abafando os gritos. O doente parou de esbracejar. Os homens nas bancadas ficaram em silêncio. Beecham tirou delicadamente a serra de ossos do tabuleiro do assistente e começou a serrar a perna desfigurada.

Bastaram menos de cinco movimentos para trás e para a frente – e menos de um minuto – para que a perna caísse com um baque húmido e repugnante na serradura que cobria o chão. O rosto de Beecham manteve-se inalterado, até quando um jato de sangue lhe pintou um traço vermelho desde a testa até ao lábio superior. Trocou a serra por um instrumento de metal comprido com um gancho na ponta, puxando algumas das veias que ainda sangravam de dentro do que restava da perna do doente. Fechou cada uma com um nó apertado e depois acenou com a cabeça para um outro assistente, que começou a envolver o coto ensanguentado com um pano.

Durante todo o procedimento, o doente nunca acordou nem gritou. Dormiu como uma criança com sonhos cor-de-rosa.

– O truque do escocês – disse calmamente o Dr. Beecham.

A sala irrompeu em aplausos efusivos. Caíram mais umas quantas aranhas em cima de Hazel. Quer fosse do ângulo, quer fosse da luz das velas ou da expressão de suprema confiança, Hazel viu exatamente quão parecido o Dr. Beecham era com a gravura feita a tinta do avô na primeira página do *Tratado do Dr. Beecham*. O nariz pequeno, a testa baixa, até as covas profundas apenas visíveis com a sugestão de um sorriso. Era sinistro. Era inquestionável. A única diferença era o sangue ainda a pingar lentamente do queixo do Beecham vivo.

Os assistentes de Beecham começaram a arrumar o palco, limpando o sangue da mesa e levando a perna cortada. A serradura onde a perna caíra

estava tão escura com o sangue que era praticamente preta, mesmo sob a claridade grotesca das lâmpadas de Beecham. Quando acabaram, o doente estava a começar a acordar, pestanejando.

– Já...? – disse o doente.

– Acabámos – respondeu o Dr. Beecham. A audiência começou novamente a aplaudir.

Hazel estava tonta com o calor e o cheiro do sangue acobreado, e com o que acabara de ver. Uma cirurgia! Com os seus próprios olhos! Carne, manchada e estragada, cortada, revelando o vermelho-vivo que estava por baixo, aquelas veias e artérias atadas com a destreza de uma mestra com a agulha de bordar. E, o mais emocionante de tudo, aquela poção, aquele *ethereum*, ou o que quer que fosse que tinha posto o doente a dormir.

Por fim, Beecham levantou um braço para silenciar o público extasiado.

– As minhas lições de anatomia vão recomeçar neste período. O pagamento deve ser feito por inteiro no primeiro dia de aulas. Devo avisar-vos de que o curso é extremamente exigente, mas posso garantir-vos isto: nunca um aluno meu chumbou no Exame Médico.

Sorriu ao ouvir mais aplausos enlevados.

Aulas! Era isso. A resposta de que Hazel andava à procura sem sequer saber que andava à procura fosse do que fosse. O fio invisível que a trouxera de Hawthornden para aquele lugar específico naquele preciso momento. Já não precisaria de se esgueirar para o escritório do pai para memorizar uma edição já obsoleta do *Tratado do Dr. Beecham*, com a lombada a desfazer-se, ou de continuar a fazer as pequenas experiências que conseguia inventar com coisas do jardim. Podia passar o tempo inteiro a aprender com um cirurgião de verdade, a examinar corpos, a resolver casos. Podia descobrir a cura para a febre romana! Seria a salvadora da

Escócia – como é que a mãe poderia arranjar problemas com ela quando fosse famosa e célebre?

Mesmo em Santa Helena, o pai acabaria por saber, através de cartas e recortes de jornais. O prisioneiro Napoleão iria morrer com o choque da notícia de uma brilhante cirurgiã, e assim o destacamento do pai acabaria e ele voltaria para casa. Se a mãe pensava que Hazel iria para Londres passar a temporada, estava muito enganada. Nem pensar. Teriam de a prender aos cavalos para a conseguirem levar de Edimburgo numa altura daquelas, quando o século XIX estava finalmente a começar e Hazel tinha a oportunidade de participar nesse momento!

Hazel decidiu que seria mais seguro esperar que a sala ficasse vazia e só então voltar pela passagem para o mundo exterior e sair para a rua. Aos poucos, as pessoas começaram a sair, deixando uma dezena de homens a acotovelarem-se para chegarem ao palco e tentarem cumprimentar o Dr. Beecham, na esperança de que alguma sabedoria e importância pudessem ser transferidas através da palma da mão.

Por fim, o ar da sala mudou e, aparentemente, a maioria dos cavalheiros já saíra do teatro. Os assistentes tinham acabado de limpar a mesa e de se retirar para uma sala nas traseiras. Hazel tornou a encontrar a porta escondida e percorreu a passagem estreita até chegar novamente à rua.

Já estava a anoitecer. Hazel não fazia ideia do tempo que a demonstração tinha demorado, mas a cidade em redor ficara estranha. O ar estava pesado e cheirava a gordura e a peixe. A rapariga precisava de chegar a casa. Já faltara ao lanche, o que teria deixado a mãe furiosa, mas Hazel podia fingir que se perdera na floresta ou algo do género. Teria de ir para casa o mais depressa possível e...

– Menina Sinnett, não era? – Uma voz que parecia madeira com nós mergulhada em mel interrompeu-lhe os pensamentos.

Hazel voltou-se e viu-se cara a cara com o médico com a pala no olho que conhecera em casa do tio.

– Dr. Straine. – O coração de Hazel parecia saltar-lhe do peito, enquanto fazia a coisa mais próxima possível de uma vénia.

O médico era mais baixo do que a princípio supusera. A pose, a atitude e a longa cortina da capa negra davam-lhe o aspeto de um abutre, mas Hazel ficou admirada por descobrir naquele momento, em que estavam a um metro de distância, que eram praticamente da mesma altura.

– Estremeço só de pensar no que estará a fazer na Cidade Velha uma jovem do seu estatuto social. – Franziu os lábios e semicerrou o único olho visível. – Sem uma companhia.

As mãos suadas de Hazel ficaram pegajosas dentro das luvas. Obrigou-se a fazer uma imitação de um sorriso e fez questão de não olhar para a porta da Sociedade de Anatomistas.

– Vim apenas dar um passeio para desfrutar do tempo – replicou Hazel.

A mentira era tão óbvia que a cara dele refletiu-o instantaneamente. O Dr. Straine dobrou os dedos. O cabedal das luvas rangeu.

– É uma pena – disse – não admitirem senhoras na Sociedade de Anatomistas. Sempre achei que o sexo fraco tem... uma influência calmante nos impulsos sanguíneos dos homens.

– É verdade – respondeu secamente Hazel.

O olho de Straine parecia capaz de penetrar através da roupa e da pele de Hazel, mesmo até aos ossos. Por fim, voltou a falar.

– Dê os meus cumprimentos ao seu tio. – Voltou-se sobre os calcanhares, e antes que Hazel pudesse responder, já se tinha ido embora.

As ruas tinham mesmo mudado. Já estava ainda mais escuro, e havia desconhecidos a olhar maliciosamente por portas e janelas. Hazel prendeu as saias à sua volta e foi rapidamente até à rua principal, onde pelo menos

ainda restava o último brilho dos raios de sol a ser refletido pelas pedras da calçada.

Quando Hazel chegou a Hawthornden, já só havia luz na cozinha. A rapariga pegou numa vela para ir até ao quarto sem que ninguém desse por ela. A cozinheira estava a jogar às cartas com a ajudante; Hazel viu as sombras das duas alongadas na parede da copa e ouviu o riso tonitruante da cozinheira. Subiu as escadas e viu que a porta do quarto de *Lady Sinnett* estava fechada. A criada de Hazel, Iona, dormitava sentada numa cadeira junto das brasas já praticamente apagadas. Levantou-se para desapertar o vestido de Hazel e ajudá-la a deitar-se.

– Foi...? – começou a dizer, mas Hazel abanou logo a cabeça. De repente, sentiu-se tão exausta que nem conseguia falar. Era como se o peso daquele dia se tivesse abatido sobre ela todo de uma vez, deixando-lhe os membros pesados como se o sangue fosse chumbo derretido.

Enquanto se deitava, já meio morta, no colchão, Hazel reviu a demonstração vezes sem conta, tentando guardar todos os pormenores na memória, esculpindo-a como uma litografia no cérebro. Só quando estava prestes a adormecer, apenas com um fio ínfimo a prendê-la à consciência, é que se apercebeu, com um sobressalto, de qual era o terceiro cheiro naquele frasco violeta de *ethereum*. Era uma recordação guardada no fundo da sua mente, através dos corredores curvos e dos labirintos, de quando Hazel estava deitada naquela mesma cama, tonta com náuseas e desidratação. Naquela altura, tinha a certeza de que a doença a iria levar. O frasco mágico do Dr. Beecham cheirava a flores silvestres, a mofo e a morte.

Hazel estava à espera, pelo menos, de um sermão, de uma varinha nos nós dos dedos ou de um “espera até contarmos isto ao teu pai e vais ver como ficará furioso”. Era verdade que, quando a mãe de Hazel não estava a chorar por George, era tão obsessiva no seu amor por Percy que mal conseguia ver para lá da própria crinolina, ainda assim – de certeza que *alguma* consequência sofreria pelo que tinha feito.

Mas não. Quando Hazel acordou, na manhã seguinte, com o sol a entrar em força pelas cortinas, descobriu que a mãe ainda nem sequer saíra dos aposentos. Iona disse-lhe que *Lady Sinnett* também não descera para jantar na noite anterior.

A mãe não era assim antes da morte de George. Quando George era vivo – pensando melhor, quando George e o pai de Hazel ainda estavam presentes –, eles tinham sido, mais ou menos, uma família normal. Hora do lanche na biblioteca. Leituras junto à lareira. Natais em Almont House. Tardes às escondidas, quando o pai de Hazel a levava até à pequena fonte para lá da floresta em Hawthornden e lhe mostrava os tipos de pássaros que andavam pelos ramos em redor. Mas depois veio o destacamento do pai – um destacamento de *grande* prestígio, lembrava *Lady Sinnett* rapidamente – e a febre que matou George. E agora eram só os três lá em casa: Hazel, a mãe e Percy. Percy, o pequeno príncipezinho estragado com mimos, o orgulho e alegria da mãe, sempre em segurança e resguardado

como uma pérola numa ostra para que nunca adoecesse... como George. Agora, *Lady Sinnett* dedicava todo o tempo e atenção a Percy, à instrução, à roupa, ao próprio ar que o rapaz respirava, e quando falava com Hazel, era quase sempre para lhe perguntar se tinha visto Percy.

Hazel só veria a mãe alguns dias depois, quando estava a enervar-se com Percy por causa do *bacon* ao pequeno-almoço. Hazel sentou-se no seu lugar o mais discretamente possível, enquanto *Lady Sinnett* limpava a gordura nas faces de Percy com um lenço.

Mas depois, para espanto de Hazel, a mãe voltou-se para ela.

– *Bacon*, querida? – disse *Lady Sinnett*, estendendo-lhe um prato com a mão de luva preta. Já passara mais de um ano desde a morte de George, mas a mãe continuava de luto da cabeça aos pés. Estava com um vestido de tafetá preto e usava uma pregadeira que continha cabelo de George no meio do peito.

Hazel aceitou cautelosamente. Parecia uma armadilha. Se fosse, o laço não demoraria a apertar-se. Talvez a mãe tivesse *mesmo* reparado que ela saíra, e a aquela aparente indiferença fosse um disfarce para dar uma falsa sensação de segurança a Hazel.

– Percy, querido, porque é que não vai ter com o Mestre Poggia para começar a lição? – sugeriu *Lady Sinnett*, a sorrir.

Percy olhou para a irmã, desconfiado, mas obedeceu à mãe e saiu alegremente da sala de jantar.

Lady Sinnett bebeu um gole de chá diligentemente casual.

– Bem, Hazel. Esta noite vai haver uma estreia no teatro, no *Le Grand Leon*, claro. Um agradável espetáculo de dança, imagino eu. Pensei que podíamos ir as duas.

Hazel quase se engasgava com a torrada que estava a comer.

– Nós as duas? Juntas?

– Claro – disse *Lady Sinnett*. – Uma mãe não deve ter compromissos sociais com a filha?

– Acho que sim. E o Percy?

– O Percy é demasiado novo para ir ao teatro, querida. Além disso, sabe-se lá do que ele seria capaz num teatro. Ele fica bem com a senhora Herberts. Que patetice essa pergunta. – *Lady Sinnett* ficou à espera que Hazel dissesse mais qualquer coisa. Como isso não aconteceu, continuou. – Muito bem, ótimo. Vou mandar a Iona preparar aquele seu vestido novo de seda. O verde-arsénico. Faz os seus olhos parecerem, enfim, não tão castanhos.

Portanto, Hazel não estava metida em sarilhos. Ficou tão aliviada que se limitou a assentir.

Lady Sinnett aceitou a concordância da filha e sorriu-lhe, satisfeita.

– Sei que ainda estou de luto, mas suponho que posso usar as pérolas que a minha mãe me deu e o anel de esmeralda que o seu pai me ofereceu. Comprou-o quando ficámos noivos, não sei onde é que ele arranjou dinheiro para aquilo, na altura era apenas tenente. E eu, filha de um visconde e tão facilmente conquistada por ideias românticas e... – deu um riso curto e arrependido – ... e de amor. Cresci em Almont House, com uma casa de verão em Devon e um apartamento em Londres para a temporada. – Reparou num olhar estranho na cara de Hazel. – Porque está a olhar para mim assim, como se fosse um gato apanhado num parapeito? Não é nada bom para essa ruga que tem na testa.

Hazel bebeu um gole de chá com esforço.

– Acho que a mãe nunca falou tanto comigo desde... – Sabia que não devia tocar no nome de George. – Que o pai se foi embora.

Lady Sinnett fez um riso de troça.

– Oh, francamente, Hazel. O ridículo não a favorece nada.

Ficaram sentadas, sem trocarem mais palavras, por mais alguns momentos, com o silêncio a ser quebrado apenas pelo tilintar dos garfos na porcelana e, de vez em quando, um estalido na lareira. Quando *Lady Sinnett* tornou a falar, o tom de voz estava diferente. Pesado e grave. Não olhou para a cara de Hazel. Em vez disso, fixou o olhar na janela, observando a vastidão dos campos enevoados e, mais ao longe, os estábulos.

– Hazel, quando o seu pai morrer – disse –, será o Percy a herdar a casa. Sabe isso. Tudo, a casa, a propriedade, o dinheiro que ele tiver, o dinheiro que *eu* dei a este casamento, passará para o Percy.

Como que de propósito, ouviu-se o som de Percy a correr e a rir-se na galeria do andar de cima. Os passos e gargalhadas do rapaz ecoaram.

– Tudo isto para dizer – continuou a mãe de Hazel, cuidadosamente – que seria conveniente que convencesse o seu primo a formalizar o vosso noivado o mais cedo possível.

Hazel deu uma gargalhada.

– Formalizar? Mãe, nós somos praticamente noivos desde que éramos crianças.

Lady Sinnett não se riu. Cerrou os lábios finos.

– Ele já pediu a sua mão?

– Não, mas...

– Não brinque com o futuro. É possível que perca. – *Lady Sinnett* tocou a campainha para a criada levantar a mesa. – Vou tomar a minha infusão no meu quarto – disse, e levantou-se para sair. Voltando-se para trás, para Hazel, acrescentou: – Diga à Iona para lhe apertar bem o espartilho esta noite. Se tiver de ser, que lhe aperte o casaco. Deixe que o Bernard a veja esta noite como uma mulher, não como uma companheira de infância.

Ouviu-se outro estalido na lareira, quando um pedaço de um tronco caiu. De repente, Hazel sentiu o *bacon* demasiado compacto na garganta.



Quando Hazel e a mãe chegaram ao *Le Grand Leon*, a maioria das outras carruagens já deixara os passageiros. Lady Sinnett estava vestida de cinzento, um vestido com mangas compridas fora de moda. O vestido de Hazel era vermelho. Raramente o usava – um vestido de seda com um bordado de fio de chenile na bainha e nas mangas que a mãe lhe trouxera de Paris –, mas o estômago dera uma volta ao ver o vestido verde-arsênico que Iona deixara em cima da cama. Qualquer coisa a atraiu para o vermelho, guardado no fundo do guarda-roupa. Tinha-se esquecido daquele vestido. Era mais suave do que a crinolina e transparente à volta dos ombros.

– Lady Sinnett, está *verdadeiramente* espantosa!

Os volumosos seios de Hyacinth Caldwater estavam ao nível dos olhos de Hazel, enquanto subiam as escadas do *Le Grand Leon*. A senhora Caldwater já tinha tido dois maridos e parecia estar já à caça do terceiro. O vestido, de um rosa-choque, tinha um decote enorme. As maçãs de rosto tinham tanto *rouge* que faria parecer ameninada uma mulher com metade da idade dela.

O rosto de Lady Sinnett ficou tenso como um tambor.

– Senhora Caldwater. Muito prazer em vê-la – saudou, com um ar que mostrava tudo menos isso.

– Há tanto *tempo*! Ainda a aliviar o luto? Oh, coitada. É maravilhoso vê-la sair. Não me convidou para tomar chá como prometeu, não me esqueci! Ah, ah, ah! E *ooooh*! – A senhora Caldwater olhou para Hazel e guinchou de agrado. – Esta não é a Hazel. Não. Não! Não é possível! Tão crescida que está. Juro que cresceu mesmo desde a última vez que a vi. Não tem andado a escondê-la, pois não?

Lady Sinnett olhou para lá da senhora *Caldwater*, na esperança de encontrar alguém com quem pudesse mudar de conversa.

– Não – replicou distraidamente. – Infelizmente, a Hazel é mais dada à leitura. Se puder, nunca sai de Hawthornden.

– À *leitura*. Que fascinante. O que andas a ler, minha querida? Romances?

Hazel olhou para a mãe antes de responder.

– Comecei agora a ler *O Antiquário*, do mesmo autor de *O Talismã*. Foi o meu pai que o encomendou e me mandou.

A senhora *Caldwater* juntou as mãos.

– Que linda cabecinha ela tem, Lavinia.

A mãe de Hazel puxou-a pela mão.

– Temos de ir andando para os nossos lugares.

Hyacinth Caldwater ainda lhes gritou enquanto subiam a escada:

– E *não* se esqueça do chá, Lavinia, vou ficar *escandalizada* se me continuar a evitar!

– Que mulher horrível – murmurou *Lady Sinnett*, enquanto ela e Hazel continuavam a andar por entre as outras pessoas. – Oh, olhe, estão ali o Bernard e o seu tio.

Bernard fez uma vénia a Hazel e a *Lady Sinnett* quando se aproximaram.

– Espero que estejas bem, Hazel? Devo dizer que esse vermelho te assenta maravilhosamente.

Hazel não conseguiu obrigar-se a sorrir. Olhou para o rosto de Bernard e só conseguiu ver a mesma expressão pretenciosa e vazia daquele dia na rua. *Quando éramos crianças*, dissera ele. Se Bernard soubesse do que ela era capaz! Se soubesse o que ela tinha visto!

Lady Sinnett deu com o cotovelo nas costelas de Hazel.

– Muito bem, obrigada, primo – replicou Hazel, com frieza.

– Iremos certamente encontrar-nos em Londres para a temporada, Bernard? – interveio rapidamente a mãe de Hazel, sorrindo como uma serpente. – A Hazel está desejosa de ir ao baile de máscaras que o duque oferece sempre em Delmont, não está, querida?

Hazel desviou a cara, dizendo apenas “*Hum.*”

– Não faltaria por nada deste mundo – retorquiu Bernard. – Ah! Parece que o meu pai está a chamar-me para o nosso camarote. Com a vossa licença, minhas senhoras. – Fez outra vénia e desapareceu rapidamente por entre as pessoas. Hazel e a mãe subiram o resto das escadas até aos respetivos lugares, num camarote do lado direito do teatro. O pano, de veludo pesado e sujo de pó verde ácido, estava caído à frente do palco. A orquestra ainda fazia o aquecimento, e Hazel aproveitou o tempo para dar uma vista de olhos em redor para ver quem tinha ido assistir à estreia.

Bernard e Lorde Almont estavam sentados num camarote do outro lado do teatro, e logo ao lado dos gémeos Hartwick-Ellis, Cecilia e Gibbs. Hazel já não via Cecilia há algum tempo – quando teria sido a última vez? Desde o baile dos Morris? Tinha sido no verão do ano anterior. Cecilia estava mais alta; tinha o pescoço alto e estreito como o de uma cegonha. Sempre fora bonita; naquela noite, tinha o cabelo louro encaracolado em cachos de cada lado da cabeça. Hazel não podia deixar de reparar neles; ninguém podia; ela abanava-os constantemente de um lado para o outro, tentando que a luz incidisse sobre eles, ao mesmo tempo que dava umas gargalhadinhas obscenas. O irmão, Gibbs, carrancudo como sempre, era um rapaz louro, cujos olhos, nariz e boca pareciam demasiado pequenos e demasiado juntos numa cara do tamanho de um prato de jantar.

– A Cecilia está bonita – disse Hazel à mãe.

Lady Sinnett não respondeu. Tinha os olhos fixos como punhais em Cecilia e, reparou Hazel, em Bernard. Bernard, que parecia estar a rir-se com Cecilia, que se esquivava alegremente a cada investida contra os

cachos encaracolados e dava habilmente uma palmadinha com a mão enluvada quando prendia as mãos dele nas suas. Estariam a... namoriscar? Não era possível. Cecilia Hartwick-Ellis tinha basicamente tanta personalidade como uma taça de arroz-doce. Provavelmente, os dois – Cecilia e Gibbs – não conseguiam contar até cinco se comessem no quatro. Entre os dois teriam, certamente, sido muito poucos os livros que tinham lido.

Nesse momento, Cecilia deu uma gargalhada tão ridícula e falsa que Hazel ouviu do outro lado do teatro. E Bernard – Bernard parecia estar a gostar. Havia um rubor a subir-lhe do pescoço para as faces. Tinha feito qualquer coisa diferente ao cabelo naquela noite – estava puxado para a frente e tinha umas suíças compridas, como se estivesse a fingir ser aquele escandaloso poeta Lorde Byron. Bernard segredou qualquer coisa ao ouvido de Cecilia, e ela deu outra gargalhada, atirando a cabeça para trás e fazendo abanar os caracóis. Hazel não aguentava mais ver aquilo. Não tinha a certeza de qual dos dois achava mais vergonhoso.

Por fim, as lamparinas do teatro diminuíram e a orquestra começou a tocar um som sombrio num acorde menor. Quando o pano se abriu, revelou um palco quase vazio. O cenário era uma charneca nebulosa, cinzenta e castanha, com uma falsa árvore morta e uma lua baixa e alaranjada. Uma bailarina ruiva com um vestido branco esvoaçante, como se fosse uma camisa de noite, entrou no palco e rapidamente se juntou a ela um homem, que supostamente seria o marido. Hazel tentou concentrar-se no enredo e ignorar o que estava a acontecer no camarote do outro lado do teatro. No bailado, o marido da mulher foi recrutado para uma guerra vaga e distante, e a mulher ficou deprimida na sua ausência, rodopiando pelo palco e levantando os braços em direção ao céu – ou melhor, às vigas lá em cima. Todos os dias, ia à janela para esperar pelo amado e todos os dias ficava desiludida.

E eis que chega *realmente* um homem, todo vestido de preto com um bigode de vilão e olhos escuros e obstinados, vestindo o casaco do seu antigo amor. Talvez seja o seu amor, regressado da guerra, pensa a mulher! Dançam juntos, e ela é seduzida. Mas enquanto dançam, o traje do misterioso homem cai. Afinal, não era o marido; era o próprio Diabo. Desolada com o erro e a traição, a mulher tira um punhal da escrivaninha e espetá-o no peito. Fitas vermelhas, com o propósito de imitar sangue, esvoaçam até ao chão. A bailarina cai. O verdadeiro marido chega finalmente a casa e encontra o corpo dela caído e frio, e o pano fecha-se. Uma tragédia.

Um pouco pesado, pensou Hazel. Mas *Le Grand Leon* nunca era dado a subtilezas. No mês anterior, tinham estreado outra história mais ou menos com a mesma trama – uma bela jovem virtuosa desencaminhada –, só que dessa vez fora um vampiro desconhecido que a tinha tentado com ouro e joias antes de lhe consumir o coração.



Era a lição ensinada às jovens em todo o lado – não se deixem seduzir pelos homens que encontram, protejam a vossa virtude –, até, claro, toda a sua vida depender da sedução pelo homem certo. Era uma situação impossível, uma armadilha da sociedade no seu todo: forçar as mulheres a viver à mercê de qualquer homem que as queira, mas envergonhá-las por tudo o que possam fazer para conseguir um homem que as queira. A passividade era a maior das virtudes. Que Deus as protegesse de se transformarem em alguém como Hyacinth Coldwater. Sejam pacientes, sejam silenciosas, sejam belas e puras como uma orquídea, e *então* – e só *então* – a vossa recompensa chegará

Lady Sinnett mantivera a mão cerrada como uma garra no braço da cadeira durante todo o espetáculo. Antes mesmo de terminarem os aplausos, arrancou Hazel da cadeira, desceu as escadas, saiu do teatro e entrou para a carruagem. Esperou até estarem a uma distância sensata do teatro, no caminho sossegado que ia dar a Hawthornden, e, então, virou-se para Hazel.

– Faz a mais pequena ideia – disse por entre os dentes cerrados – do que lhe vai acontecer?

– O que quer dizer? – perguntou Hazel.

Lady Sinnett engoliu em seco e cerrou os lábios.

– O mundo não é gentil para as mulheres, Hazel. Nem mesmo para as mulheres como a menina. É verdade que o seu avô era visconde, mas eu era filha e, portanto, isso significa muito pouco. O seu pai é o proprietário de Hawthornden e quando ele... quando o seu pai morrer, Hawthornden passará para o Percy. Sabe o que acontece às mulheres solteiras?

Hazel uniu as sobrancelhas.

– Imagino que... quer dizer...

Lady Sinnett interrompeu-a com uma gargalhada triste e arrependida.

– Não terá onde viver. Ficará à mercê dos familiares. À mercê do seu irmão mais novo e da mulher com quem ele casar. A pedir à sua cunhada migalhas de decência humana, a rezar para que ela seja bondosa.

Hazel não sabia o que dizer. Limitou-se a olhar para o colo.

A mãe continuou, mexendo na ponta do véu.

– Eu sei... eu sei que desde que o George nos deixou, posso não lhe ter prestado tanta *atenção* como devia. Posso não ter acentuado a importância do seu casamento com o Bernard Almont, porque parti do princípio de que a menina sabia.

– Eu sei.

– Sim, eu pensei que sabia. Uma jovem inteligente, sempre a ler. Nem todos serão tão tolerantes em relação aos seus pequenos... caprichos como o seu primo. Os livros sobre filosofia da natureza que rouba do escritório do seu pai. Isso acabará quando formos para Londres. Garanto-lhe que a Cecilia Hartwick-Ellis não suja os vestidos de lama... ou de tinta dos livros.

– Isso é só porque ela não sabe ler – murmurou Hazel para o vidro da janela da carruagem.

Lady Sinnett fungou.

– Então, dedique a cabeça ao seu destino. Já lhe dei todos os conselhos de mãe que podia dar.

Passaram o resto da viagem em silêncio. Hazel olhou para a escuridão deprimente pela janela e viu os ramos mortos a passar enquanto os cavalos as levavam para longe da cidade, em direção a casa.

OceanofPDF.com

Naquela noite, faltaram dois assistentes de palco para a estreia do espetáculo. Jack substituiu-os, sempre a resmungar, pondo os trajes nos sítios devidos, verificando as lamparinas na extremidade do palco. Gostava de estar no seu lugar à hora certa, no alto da armação, pronto para abrir o pano quando o senhor Antony mandasse.

Isabella estava numa das alas, a fazer alongamentos, com o rosto já coberto de pó e vestida com o fato esvoaçante de musselina. Estava deslumbrante, pensou Jack, com o cabelo louro preso no alto da cabeça e as maçãs do rosto pintadas com *rouge*. Mas Jack achava-a sempre deslumbrante. Passava todos os espetáculos na armação, bem acima do palco, a vê-la – a observar a forma como parecia deslizar pelo ar como um peixe debaixo de água. Sem qualquer esforço. Isabella voltou-se para o ver a olhar para ela e sorriu-lhe. Jack retribuiu.

– Ei! Pinga-amor! – chamou o senhor Anthony. Estava a segurar uma corda e a equilibrar um cigarro no lábio inferior. – Vê lá se tens a árvore pronta para o Segundo Ato. O Carafree não está cá, por isso tens de fazer o trabalho dele. – Deu um suspiro profundo. – Consegues dar conta disso, não consegues, Jack? – O senhor Anthony ficara sem um braço na guerra contra os franceses nas Índias Ocidentais, e no lugar dele tinha um braço de couro cheio com o que poderia ter sido crina de cavalo, que saía pelas

costuras entre os dedos falsos, embora Jack sempre tivesse consciência de que não devia fazer perguntas.

O rapaz afastou o cabelo dos olhos.

– Claro que consigo. Mas onde está o Carafree? E o John Nickels? Não é habitual eles não aparecerem.

– Então, não ouviste?

– Não, claro que não. Ouvi o quê?

O senhor Anthony olhou em redor e aproximou-se mais de Jack, voltando-se de costas para um grupo de meninas do coro às risadinhas.

– Morreram.

– O quê? Os dois?

– Como tordos. Dizem que é outra vez a peste. Que levou o Carafree ainda antes de ele sequer ter febre e o John Nickels ainda mais depressa.

– Não – exclamou rapidamente Jack. – Não, os tipos que param no *King's Arms* gostam de falar e de meter medo uns aos outros. Aposto que o Carafree e o John Nickels estão numa carruagem a caminho de Glasgow, a rirem-se que nem perdidos das dívidas de jogo que deixaram para trás. E também aposto que não pensaram nem por um minuto no trabalho extra que me iam deixar.

O senhor Anthony encolheu os ombros.

– Não foi isso que ouvi, companheiro. Ouvi que é a febre outra vez a atacar. No mês passado, levou uma família inteira em Canongate.

– Não é a febre romana – reagiu Jack, confiante. – Não pode ser. Se fosse, fechavam os teatros. Ficávamos sem trabalho.

O senhor Anthony deu uma gargalhada sincera e infeliz que se transformou num ataque de tosse.

– Se for a febre, meu rapaz, vamos ter muito mais com que nos preocupar do que com o trabalho. – A coreógrafa tocou a campainha para o espetáculo começar. Jack deitou um olhar esperançoso a Isabella, para o

caso de ainda estar a olhar para ele, mas ela estava distraída, a puxar as meias para cima. E então Jack acenou com a cabeça para Thomas, o ator principal, e subiu a escada encostada à parede do fundo, de forma a chegar às traves sobre o palco.

Jack via aquelas traves do *Le Grand Leon* como um grande navio – havia cordas e barrotes de madeira, grandes velas de lona para os cenários pintados e, por entre tudo aquilo, a descer e a subir, a torcer-se e a puxar e a largar, estava Jack. Não sabia onde tinha nascido – imaginava que teria sido algures em Canongate –, mas o teatro era aquilo que sentia como casa.

Tinha na memória alguns anos nebulosos de miséria, depois de ter fugido da mãe, que trabalhava e bebia de mais; anos que passara a mendigar na High Street e a fazer truques de cartas para as senhoras nos Jardins de Princes Street e a lutar com os outros rapazes escanzelados como ele pelos ossos deitados fora nas traseiras do talho. Vivera durante algum tempo com um grupo de ladrões em Fleshmarket Close, onde o cheiro do sangue coalhado que corria do talho para a rua ficava no nariz de Jack quer estivesse acordado, quer estivesse a dormir. Munro também lá morava – um rapaz uns anos mais velho do que Jack, que usava calças de pescador até para dormir e a quem tinham partido o nariz tantas vezes que o que lhe restava na cara estava torcido para todos os lados. Foi Munro quem ensinou Jack a tornar-se ladrão de corpos.

– Estás a ver aquilo? – disse Munro a Jack, numa tarde, enquanto assistiam a um enforcamento em Grassmarket. O infeliz assassino tinha as mãos atadas atrás das costas e teve de pedir ao carrasco que lhe tirasse o boné, deixando à vista o cabelo encharcado de suor. O homem estava a ser enforcado por ter batido com tanta violência na mulher que ela morrera, assim como o bebé que tinha na barriga. Durante semanas, tinham andado pelas ruas rapazes a vender jornais com desenhos do homem e pormenores do crime.

Jack e Munro ficaram a ver até o corpo cair no chão de madeira, até que as horríveis contorções parassem e a multidão se calasse. Quando finalmente o corpo caído ficou imóvel, uma horda de homens acotovelou-se para abrir caminho para ficar com o cadáver.

– Estás a ver aqueles homens todos a quererem ficar com o corpo? – disse Munro. – Estás a ver?

Jack deu uma dentada numa maçã farinhenta.

– Quem é que quer os ossos de um assassino morto?

– Não sejas burro – retorquiu Munro, tirando a maçã a Jack e dando-lhe uma dentada. Fez uma careta, mas deu mais uma dentada. – Querem ficar com o corpo para o venderem aos médicos. Aos estudantes lá de cima da universidade. Precisam de corpos para estudarem e outras coisas. Um corpo vale dois guinéus e uma coroa. Se for uma grávida, sobe para três guinéus, mas é mais difícil, porque raramente enforcam mulheres grávidas. – Munro inclinou a cabeça para a forca, onde quatro ou cinco homens tentavam furiosamente cortar pedaços do nó com canivetes. – Vendem aqueles pedaços de corda como recordação. Devem dizer que afastam os espíritos malignos. Ou os assassinos. Ou se calhar é para afastar o azar de se ser enforcado. Mas o dinheiro a sério está no cadáver – continuou Munro, chupando o caroço da maçã. – O problema é que toda a gente sabe quando é que vai haver um enforcamento, por isso todos lutam pelo corpo. Mas um corpo é um corpo, quer esteja enforcado ou não, e os médicos não se preocupam tanto com as leis como se possa pensar.

E foi assim que Jack Curren se tornou ladrão de corpos. Tinha uma pá e esgueirava-se para dentro dos cemitérios durante noite para desenterrar cadáveres frescos – às vezes, sozinho, outras vezes, com Munro e qualquer outro pobre rapaz que aparecesse no Fleshmarket a precisar de uma boa refeição.

Iam meter-se em sarilhos? Não mais do que os que já tinham por serem pobres e viverem nas ruas de Edimburgo. Os ladrões de corpos eram um órgão vital da própria cidade. Era algo nojento, e as pessoas finas gostavam de voltar a cara, mas essencial. Toda a gente sabia o que eles estavam a fazer; a polícia não se interessava, desde que não levassem roupas ou joias das sepulturas. As famílias mais ricas tinham caixões de ferro ou enormes lajes por cima das sepulturas para as protegerem de pessoas como Jack. As famílias mais pobres punham, por vezes, uma pessoa sentada a vigiar, uma sentinela que ficava ao lado da campa durante três ou quatro dias, até a decomposição do corpo ser já tão avançada que deixava de ter valor para os médicos estudarem. (Ambos os casos eram facilmente contornados por um profissional como Jack – que começava a escavar um túnel a 20 metros de distância para chegar até lá. Tirava o corpo e ninguém sabia.)

Mas era sobretudo com os que não tinham entes queridos que Jack ganhava a vida, aqueles cujos corpos eram enterrados em campas rasas e esquecidos. Eram valiosos para Jack, assim como para os médicos a quem ele os vendia. Por muito pouco que essas pobres almas tivessem feito em vida, fizeram muito na morte. Ele tinha pensado que começar a trabalhar no *Le Grand Leon* significaria desistir daquela vida, das longas noites a escavar até lhe doerem os ombros, a puxar corpos inchados de gás e merda, cheios de vermes que se enfiavam nos sapatos. Tinha um sítio para dormir, aninhado na lona estendida sobre as tábuas por cima do palco, e o senhor Arthur fazia guisados para os trabalhadores com couves, cascas de batata e qualquer outra coisa que arranjassem.

Jack gostava de pensar que tinha uma visão melhor ali em cima do que as pessoas chiques nas cadeiras chiques dos camarotes, e a única coisa que tinha de fazer era garantir que o pano se abria e os cenários se desenrolavam na altura certa. Aquelas pessoas do público estavam presas às cadeiras, com as sedas – que ficariam enrugadas se a postura não fosse a

correta, quanto mais se saltassem uma cerca de jardim – e sapatos que lhes beliscavam os pés. Mas a fome de dinheiro rastejava sobre ele como uma raposa na escuridão.

E havia Isabella. Sempre Isabella, a dançar no palco lá em baixo noite após noite. Como poderia alguém *não* se apaixonar por ela depois de ver o modo como se movia, a forma como as luzes no palco faziam o seu cabelo louro brilhar – a faziam brilhar por inteiro? Era a coisa mais parecida com um anjo que Jack alguma vez vira em Edimburgo.

Após dois meses como ajudante de palco no *Le Grand Leon*, o rapaz começou novamente a roubar corpos de noite.

– Tudo bem? – perguntou Thomas, o ator principal, a Jack, durante um intervalo de aplausos. Thomas já estava vestido com o traje para a cena seguinte, quando aparecia como o Diabo, disfarçado como o antigo amor da senhora. Jack assentiu. Thomas era de Birmingham – só Deus sabia como tinha chegado ao *Le Grand Leon*, mas gostava de dizer a qualquer pessoa que o ouvisse que havia de poupar dinheiro suficiente de forma a ir para Londres representar Shakespeare para o rei. Era bonito, naquela espécie de beleza de um ator de ombros largos, o tipo de bonitão que punha as senhoras que faziam os trajes a darem risadinhas escondidas com as mãos. Jack tinha tendência a desaparecer nas sombras, mas isso era por natureza. Como um animal noturno, a melhor forma de Jack se manter em segurança era permanecer invisível.

A vida no *Le Grand Leon* era como viver dentro de uma caixa de música.

O teto com as bordas douradas estava pintado em quatro secções destinadas a representar as quatro estações do ano, cada uma com a sua própria coleção de querubins em forma de batata com as faces da cor das rosas e pele cor do marfim. E como numa caixa de música, havia a bailarina, no palco central, Isabella Turner. Jack conseguia imaginá-la

como uma daquelas bailarinas de porcelana que via na montra da loja de antiguidades em Holyrood Street, uma bailarina a equilibrar-se num só pé, com a outra perna estendida atrás, o braço levantado e todo o corpo esticado como uma corda de arco puxada. A rodar lentamente no palco, ao som de música de corda.

Quando vivia em Fleshmarket Close, passava todos os dias por aquela loja de antiguidades. Mas, finalmente, arranjava coragem para entrar, na semana anterior. A mulher atrás do balcão olhara para ele com um ar ameaçador, que se tornou ainda mais ameaçador quando o viu pegar na caixa de música na montra.

– Quanto custa isto?

– Mais do que tu podes pagar, acho eu – respondeu a mulher, mas com uma voz não tão antipática como seria de esperar.

– Tenho trabalho. Juro. Trabalho no *Le Grand Leon*. Quanto quer por isto? – A bailarina da caixa de música era loura, como Isabella.

A dona da loja suspirou e tamborilou com os dedos no balcão.

– Já te vi aí fora, não vi? A olhar para a montra. – Jack assentiu. – O mínimo que posso fazer é dez xelins.

Os olhos de Jack quase lhe saltaram da cabeça. Era tanto como ele recebia por um mês de trabalho. Mas já tinha decidido, quando entrara. Meteu a mão no bolso e tirou as moedas.

– Então, tome lá – disse. E saiu da loja antes de se poder convencer a mudar de ideias. Era para Isabella e era perfeita. Significaria apenas mais uma noite no cemitério, e era capaz de roubar e vender mil cadáveres para poder comprar a Isabella as coisas que lhe demonstrariam o quanto ele a adorava. Não se importava de passar as noites a escavar terra se isso significasse passar as manhãs com ela.



O espetáculo terminou com os habituais aplausos, e Jack a baixar o pesado pano de veludo verde, encolhendo-se à medida que a corda rangia ao descer. Isabella sorria para o público, estendia os braços como se estivesse prestes a dar um mergulho e baixava-se numa vénia que qualquer pessoa podia confundir com a de uma senhora. E depois passou para o espaço seguro atrás do pano, e o sorriso desapareceu. O feitiço mágico acabara, eram todos outra vez humanos e o público estava a fazer fila para entrar nas carruagens, a queixar-se do tempo.

Jack teria de ser rápido se queria apanhar Isabella antes de ela sair pela porta das traseiras e fosse para casa. Tirou a caixa de música de debaixo do sobretudo, onde a tinha embrulhado para estar em segurança, e desceu a escada, agarrando-se só com uma mão, mantendo-a direita.

Conseguia ouvir Isabella no camarim – os sons dos movimentos, o arranhar de uma vela a ser acesa, o farfalhar de uma saia –, mas não conseguiu obrigar-se a bater à porta. Ainda não. Pela centésima vez, passou os dedos pelas bordas lisas da caixa de música. E então Jack respirou fundo e bateu com força, duas vezes, na porta.

A porta abriu-se antes mesmo de ele terminar de bater. Não era Isabella – era a filha da coreógrafa, Mary-Anne, uma menina de 8 ou 9 anos, de olhos esbugalhados, que arrumava e fazia as bainhas dos fatos.

– Ela não está aqui – disse categoricamente, olhando para Jack de cima a baixo. Os olhos pararam na caixa de música.

– Sabes para onde é que ela foi? – perguntou-lhe o rapaz, tentando o seu melhor para contorcer a boca no que esperava ser um sorriso travesso.

Mary-Anne limitou-se a encolher os ombros.

– Que eu visse, não voltou para cá depois de o pano fechar.

Jack suspirou. E depois ouviu o riso de Isabella. Tê-lo-ia reconhecido em qualquer lugar, a mil quilómetros de distância, pela forma como aquela voz tocava como um sino. Vinha através da janela do beco. Jack empurrou

um caixote contra a parede e pôs-se em cima dele, de forma a olhar pela janela. Porque o fez? Porque não entrou? Porque não foi simplesmente para a cama, percebendo que o facto de Isabella não estar no camarim era uma gentileza do destino e que a devia esquecer? Mas passar metade da vida nas traves do teto dera a Jack o instinto de olhar silenciosamente para as outras pessoas em baixo. E quando Jack se encostou à janela, viu Isabella do lado de fora, a abraçar o ator principal, e o ator principal a puxá-la para a beijar.

A caixa de música escorregou-lhe da mão e caiu ao chão. Jack caiu do caixote, derrubando duas árvores falsas.

– Estou bem! – gritou para as pessoas que estavam a olhar, embora ninguém tivesse perguntado.

Quando bateu no chão, a caixa de música abriu-se e começou a tocar baixinho uma melodia metálica. Quando Jack a apanhou, viu que a bailarina se partira. Tinha ficado sem os braços, a cabeça, o pescoço e o tronco. Restava-lhe apenas a perna, ancorando-a ao pequeno palco, e o tutu cor-de-rosa do vestido. Mas continuava a girar, até que Jack a fechou, atirando com a tampa.

Voltou a subir para as traves, onde tinha feito a cama e escondido os poucos pertences insignificantes. Empurrou novamente a caixa de música para baixo do seu casaco de reserva. Não a queria ver mais; só de olhar, sentia-se a arder de humilhação. Isabella tinha sido uma fantasia, sempre o fora. Onde é que ele tinha a cabeça para lhe comprar uma estúpida caixa de música e pensar que ela lhe cairia nos braços? Nem sequer sabia se ela gostava de caixas de música! Era um idiota. Não, pior do que um idiota. Era um idiota romântico.

Jack embrulhou-se num pano abandonado e puxou o vinho que escondera sob umas cordas, bebendo profundamente até o teatro ficar

escuro e ele permanecer sozinho no silêncio – eram só os ratos nas paredes, as ratazanas nas cadeiras e um coração solitário a bater.

OceanofPDF.com

Vespertino de Edimburgo

11 de novembro de 1817

MAIS SEIS MORTES CAUSADAS POR DOENÇA MISTERIOSA

Nos últimos quinze dias, seis mortes ocorridas na Cidade Velha de Edimburgo levam as autoridades oficiais a temer outro surto da devastadora febre romana. Quatro dos corpos continuam por identificar – três homens e uma mulher –, mas as restantes vítimas foram identificadas como Davey Jaspar, de 12 anos, engraxador, e Penelope Marianne Harkness, de 31 anos.

A senhora Penelope Harkness trabalhava como estalajadeira na *Deer and Stag*, tendo sido descrita pelos clientes como uma mulher simpática e de riso fácil. Disse que se sentia febril na sexta-feira. O senhorio encontrou-a morta no domingo de manhã, quando ela não desceu para ir à igreja.

“É uma situação terrível”, declarou William Beecham III, presidente da Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo e Cirurgião Chefe no Hospital Universitário do Rei. “Eu próprio examinei o corpo e fiquei horrorizado quando descobri nas costas da senhora Harkness lesões consistentes com a febre romana. Esperamos, obviamente, que a doença não tenha voltado à nossa cidade, mas não posso deixar de aconselhar precaução e vigilância.”

A febre romana assolou Edimburgo há dois anos, no verão de 1815, causando mais de 2 mil mortes.

Hazel sabia o que aí vinha. Embora *Lady Sinnett* abominasse os jornais e tentasse manter Hawthornden firmemente selado como um casulo, ainda assim sabia dos rumores e dos medos que tinham começado a circular em Edimburgo. Se a febre regressasse, *Lady Sinnett* faria tudo o que fosse preciso para manter Percy a salvo. No entanto, veio mais cedo do que Hazel esperava: as malas cheias no corredor, os preparativos frenéticos para um apartamento em Bath.

– Mas nós passamos sempre o Natal em Hawthornden – dissera Hazel, ao ver a mãe a embrulhar cuidadosamente as joias num pano de linho.

– Este ano, não – respondera a mãe. – Este ano, vamos para Bath, para uma pequena estadia antes de irmos para Londres.

Lady Sinnett encostava delicadamente as costas da mão fria à testa de Percy umas dez vezes por dia e suspirava.

– As águas quentes de Bath vão fazer-te bem, meu querido – repetia. Adejava pela casa como uma traça presa, abrindo e fechando janelas ao acaso, murmurando qualquer coisa sobre o “bom ar” para Percy.

No dia antes da viagem, Hazel começou a tossir sem parar. Nessa noite, queixou-se de ter arrepios. Na manhã seguinte, não desceu para o pequeno-almoço. Pediu a Iona que dissesse à mãe que se sentia febril. Da cama, Hazel ouviu a mãe a gritar no andar de baixo. Houve movimentos

alvoroçados e sussurros inaudíveis, e depois alguém bateu suavemente à porta do quarto de Hazel.

– Sou eu, Menina Hazel – sussurrou Iona, do outro lado da porta. – A sua mãe mandou-me ficar aqui à porta, para o caso de estar a ficar doente. Ela pergunta que sintomas tem?

Hazel ficou a pensar por um momento.

– Febre, sem dúvida nenhuma. Acho que pode ser só febre. E a visão turva. – E, porque não? – E a minha língua está a ficar verde.

Passos. Depois, passos em sentido contrário. Hazel conseguia sentir a hesitação de Iona no corredor.

– A sua mãe... *Lady Sinnett* está a pensar que talvez faça mais sentido a menina ficar aqui, em Hawthornden, e ir ter com eles a Bath quando já estiver boa. – *Lady Sinnett* gritou qualquer coisa do fundo das escadas. – Ou mesmo – corrigiu Iona –, esperar até que estejam em Londres para a temporada e ir ter com eles lá. Só para ter a certeza de que está bem, Menina Hazel.

Hazel fez um sorriso de orelha a orelha debaixo dos lençóis. Tinha aquecido a arrastadeira que usava para aquecer os lençóis e levava um copo com água para poder molhar a testa, no caso de a mãe querer confirmar que estava com febre, mas já devia saber que *Lady Sinnett* estaria demasiado assustada para se aproximar mais do que o patamar.

– Parece-me bem – respondeu Hazel. E depois, apercebendo-se de que talvez a voz pudesse ter soado *demasiado* animada, acrescentou: – Se é o que a mãe acha melhor. Para segurança do Percy.

Mais passos, desta vez mais pesados, e Hazel percebeu que a mãe estava no corredor junto à porta do quarto.

– Hazel – chamou *Lady Sinnett* –, cuide-se bem. A Iona e a Cozinheira ficam cá. E disse a Lorde Almont para mandar mais uma criada, se

precisares. – Uma pausa. – Certamente, compreende? – perguntou *Lady Sinnett*. – Podíamos atrasar a viagem, mas...

– Compreendo perfeitamente, mãe – gritou Hazel. – Aliás, até insisto que vão. Acho que só preciso de descansar. E não faz sentido pôr em risco a saúde do Percy. Fico a descansar em Hawthornden e vou ter convosco ao sul quando já estiver boa. – Acrescentou uma tosse teatral. – Neste momento, estou demasiado doente para sair da cama.

– Então, está bem – disse *Lady Sinnett*, um momento depois. – Voltaremos a ver-nos em breve. Deixei a morada do apartamento em Bath. Por favor, escreva-nos a dizer como se sente.

– Assim farei.

Ouviu-se o roçar das saias no chão de madeira. Durante a hora seguinte, Hazel ficou em silêncio a ouvir os sons da casa, enquanto faziam os últimos preparativos para a viagem até Inglaterra, o cão a ladrar enquanto as malas eram levadas para fora de casa, a cozinheira a embrulhar empadas para o caminho, os cavalos a serem aparelhados. Por fim, os últimos passos de Percy e *Lady Sinnett* à medida que saíam dos quartos, e os ecos dos criados a irem lá para fora para lhes dizerem adeus.

Hazel esperou até o som da carruagem no caminho de gravilha desaparecer. E depois esperou mais meia hora – mais ou menos o tempo que demorariam a chegar ao portão que separava a propriedade de Hawthornden da estrada principal. E, por fim, Hazel empurrou os cobertores para trás, saiu da cama e chamou Iona para lhe pedir uma chávena de chá. Tinha conseguido. Ia passar *meses* sozinha, sem *Lady Sinnett*, sem Percy – sem todas as pessoas que podiam pensar que ela estava demasiado doente para sair de casa.

Iona voltou com o bule e duas chávenas. Pousou o tabuleiro e depois olhou para Hazel e sorriu.

– Achas que sou louca, Iona? – sussurrou Hazel, mais num tom de afirmação do que de pergunta.

Iona abanou a cabeça.

– E, além disso, não terá muito tempo para loucuras quando for Viscondessa de Almont. Pode bem aproveitar agora.

Hazel tentou resistir a que um sorriso lhe surgisse nos cantos dos lábios.

– E a minha mãe... não desconfiou de nada?

Iona deu uma gargalhada.

– Claro que não. Preocupa-se tanto com o Percy que creio que a teria deixado cá só por a achar pálida ao pequeno-almoço. Pobre menino.

– Pobre menino? Pobre *Percy*? Ele tem todas as atenções do mundo.

– Não é nada bom ser assim tão resguardado. Os rapazes precisam de ar puro e de um bocado de lama nos joelhos de vez em quando.

– O George passava os dias à procura disso, e olha como acabou. Oh, Iona, lamento muito.

Iona tinha-se apaixonado perdidamente por George quando ele voltara de Eton para passar as férias de verão, já com um bigode fino e com mais de um metro e oitenta de altura. Andava sempre atrás dele como uma cachorrinha perdida de amor, repetia tudo o que ele dizia aos outros criados e entornava o chá com os nervos sempre que ele estava presente.

– Era tão lindo, não era? – disse Iona.

Hazel assentiu e afastou o pensamento que parecia borbulhar à superfície do cérebro, como espuma num lago, todos os dias durante os últimos dois anos: *Talvez devesse ter sido ele, e não eu*. Era um pensamento ilógico, terrível e cruel. Hazel sabia tudo isso. Mesmo assim. Iona olhou pela janela, de olhos fixos e enevoados, com alguma memória distante de George a passar-lhe pelo rosto.

– Sabes – retomou Hazel –, o Charles, o criado, está a ficar um rapaz muito bonito, já reparei. E não consegue tirar os olhos de ti. Já o apanhei mais de uma vez a fazer tempo na biblioteca, na esperança de te apanhar a acender a lareira. Está caidinho por ti.

– O Charles? A sério?

– E não vai ser criado para sempre. Antes de o meu pai se ir embora, lembro-me de o ouvir dizer que o Charles daria um ótimo criado particular.

Iona perdeu-se momentaneamente em pensamentos ou fantasias, e Hazel viu um sorriso a aparecer-lhe nos cantos dos lábios.

– E diz que ele olha para mim?

– Palavra de honra.

A luz da janela bateu nas faces de Iona por baixo da touca, e Hazel era capaz de jurar que ela estava a ficar corada.

– Bem, basta de disparates. Temos mais que fazer – cortou Iona. Recuou e piscou um olho para ver melhor Hazel. – Acho-a muito parecida com o seu irmão. Vista de lado. O mesmo nariz, as mesmas sobrancelhas. – Olharam as duas involuntariamente para o corredor, onde o retrato de George estava pendurado na parede. Hazel sabia que Iona estava a ser amável. Hazel era bastante bonita, mas toda a gente tinha reparado na beleza deslumbrante de George desde que eram crianças.

– O mais importante – disse Hazel – é que ele não era muito mais alto do que eu.



Com a ajuda de Iona, Hazel já estava, pouco tempo depois, vestida com uma das camisas de musselina de George, um colete, um casaco e umas calças.

– Estas calças são bonitas. Mas não parecem lá muito modernas – dissera Iona, com um par de calças pelo joelho na mão, enquanto estavam a ver a roupa de George. – Mas suponho que devia ser o que se usava há uns anos.

– Não – retorquira Hazel. – Calças compridas. Com suspensórios. Tenho de parecer um médico, não um *dandy*.

Quando acabaram e limparam o pó a um chapéu que estava na prateleira de cima, Hazel Sinnett podia passar facilmente por um cavalheiro.

– Acho que estas botas lhe vão ficar grandes – indicou Iona, tirando um belo par de Hessians de cabedal preto que deviam dar pela barriga da perna, mas que em Hazel dariam até aos joelhos.

– Não faz mal – reagiu Hazel. – Metemos umas peúgas na biqueira. Tem de haver um sobretudo algures, nem que seja um do pai...

– Gravata? – perguntou Iona.

– Não, estou a tentar passar pelo George, não pelo Beau Brummell.

Iona ficou de olhos esbugalhados.

– Não lhes pode dizer que é o George. De certeza que eles sabem que o George m...

– Garanto-te que nem distinguem George Sinnett de Adão. Mas acho que tens razão, devo usar um nome falso. O que achas de George... Hazleton?

Iona limpou as lágrimas dos olhos e esboçou um ligeiro sorriso.

– Acho que lhe fica bem, senhor George Hazleton.

– Além disso – acrescentou Hazel –, se vou pagar as propinas de todo o semestre adiantadas em dinheiro vivo, duvido que se importassem mesmo que me apresentasse como Mary Wollstonecraft.



*De Memórias do Reverendo
Sydney Smith (1798), por Sydney Smith:*

Não havia cheiros iguais aos escoceses... Quem andasse pelas ruas imaginaria que todos os médicos têm estado a administrar catárticos a todos os homens, mulheres e crianças da cidade. No entanto, é um lugar invulgarmente belo e estou num equilíbrio constante entre admiração e ansiedade.



As paredes da sala de aula eram de madeira preta, descascada. Cheirava a serradura e a líquido de embalsamar. Ao fundo da sala, havia prateleiras do chão ao teto. Hazel tentou vislumbrar o que continham antes de se sentar – reconheceu uma fila de várias edições do *Tratado do Dr. Beecham*, cada uma mais grossa do que a anterior, mas também havia livros em francês, alemão e italiano. Alguns tinham títulos em línguas que Hazel não conseguiu sequer identificar. Um livro estava encadernado com uma pele bronzeada que, percebeu Hazel, passando o dedo pela lombada, podia ser pele humana.

Em todo o perímetro da sala de aula havia frascos com espécimes que já tinham captado a atenção dos outros rapazes que iam frequentar o curso de Beecham: animais preservados num líquido amarelo sujo, órgãos humanos, conjuntos completos de dentes sorridentes. Hazel reparou num frasco que continha dois pequenos fetos humanos, não maiores do que a palma da mão, unidos pela cabeça. Havia mãos e pés separados do corpo e uma fila inteira de cérebros cinzentos leitosos em tamanhos que iam desde uma noz a uma toranja inchada. E depois, formando uma galeria mórbida numa prateleira alta ao longo da parede, estavam as caveiras, pelo menos uma dúzia, na maioria com deformidades estranhas, todas em diferentes estados de decomposição.

Acima deles, o esqueleto de uma enorme criatura marinha, perfeitamente preservada, pendia do teto como se ainda estivesse a nadar por entre uma corrente invisível. Hazel estava tão absorvida pela estranheza do ambiente que só reparou que o Dr. Beecham já estava em cima do estrado quando ele pigarreou delicadamente e esticou os dedos nas luvas, fazendo ranger o cabedal.

Os outros estudantes ficaram tão surpreendidos como Hazel: ocuparam imediatamente os respectivos lugares.

O Dr. Beecham ficou imóvel, à espera que a sala ficasse em silêncio, deixando os olhos demorarem-se em cada um dos alunos. Quando os olhos de Beecham chegaram a Hazel, ela não conseguiu deixar de sentir uma enorme comichão no couro cabeludo sob o chapéu. Os ganchos que ela e Iona tinham usado para prender o cabelo começaram repentinamente a picá-la. Antes de vestir as roupas de George, imaginara que elas lhe dariam mais liberdade do que um espartilho e uma saia. Mas, naquele momento, sentada com umas calças de homem demasiado grandes e uma camisa com um colarinho que lhe dava até ao queixo, sentiu-se completamente desconfortável, com o suor a encharcar o tecido grosso sob as axilas.

Os olhos de Beecham desceram para a mesa de Hazel, para a edição gasta do *Tratado do Dr. Beecham*, com a lombada descascada e manchas castanhas. Fez uma pequena expressão de desaprovação perante a deterioração do livro, mas depois deslocou misericordiosamente o olhar para o aluno seguinte, um rapaz que não podia ter mais de 15 anos, ainda sem qualquer sinal de um bigode.

– Bem-vindos – disse, por fim, o Dr. Beecham. – Antes de começarmos verdadeiramente, tenho de fazer um breve comentário sobre uma nota pessoal. Há algumas pessoas, talvez não entre este grupo sentado à minha frente, mas de certeza entre as várias salas de aula de Londres, Edimburgo e Paris, que pensam que a minha posição de elite na universidade e na

Sociedade de Anatomistas se deve ao meu avô. Garanto-vos: não devo nada ao nepotismo.

Beecham esperou para ver se alguém o confrontaria. Ninguém o fez. Quem se atreveria? Hazel perguntou-se se mais alguém teria assistido à demonstração de Beecham no teatro de anatomia, à velocidade da sua lâmina, à utilização daquele... *ethereum*.

O Beecham mais velho voltaria a morrer se algum dia visse a evolução que a cirurgia tinha tido desde a sua morte.

O Dr. Beecham manteve a postura impossivelmente direita à medida que continuava a fazer a introdução. Ajustou a costura das luvas de cabedal preto enquanto falava.

– Devo avisar-vos de que o curso que estão prestes a iniciar não é fácil. Vai colocar-vos dificuldades físicas. Vai colocar-vos dificuldades mentais. Serão postos frente a frente com o estranho, o macabro. A área da medicina está no limiar de grandes mudanças, e tenciono, com os meus alunos, liderar uma caminhada em direção a esse futuro. Iremos aprender noções básicas de anatomia, de fisiologia e de técnicas cirúrgicas. Os fundamentos da arte farmacêutica. No final do meu curso, estarão perfeitamente aptos a fazer o Exame Médico Real antes do Natal e, depois disso, estarão certificados para trabalhar como médicos em qualquer sítio que quiserem no império de Sua Majestade. Todos os anos organizo este curso e todos os anos há alunos que falham. Que desistem. Que são expulsos. Gosto de pensar que tenho experiência para saber, olhando agora para os alunos, exatamente quem de entre vós não terá a perseverança para chegar ao fim. – Fez uma pausa. Os estudantes, desconfortáveis, agitaram-se nos lugares. – As vossas mãos ficarão manchadas de sangue. Poderão até descobrir que as vossas almas estão manchadas de sangue.

O Dr. Beecham tirou um coelho vivo de trás do púlpito. O animal, aparentemente indiferente por estar a ser erguido à frente de uma turma,

olhou placidamente para os estudantes. Houve uma onda de risadinhas, a que Hazel também se juntou. Beecham ergueu uma sobrancelha e encostou o coelho ao peito, acariciando-o com os dedos compridos.

– Tudo isto para dizer – continuou o Dr. Beecham – que, se quiserem sair desta sala de aula agora, não vos levarei a mal. Na verdade, considero o autoconhecimento uma forma de sabedoria. O campo da medicina é árduo. Estaria a mentir se dissesse que não perdi mais do que um aluno no decurso de um semestre. – Tirou um pequeno escalpelo do bolso e examinou a lâmina enquanto falava. – Com uma infeção. Com uma doença. Com uma lâmina mal manuseada. Uma vez até... – Pousou o coelho em cima do púlpito. O animal deu um pequeno salto, mas depois ficou sossegado, em silêncio, sob a mão de Beecham. – Com um choque.

E, então, o Dr. Beecham espetou o escalpelo no coelho. Hazel arfou, mas, felizmente, não foi a única. Beecham tirou um lenço do bolso para limpar o sangue que espirrou para a testa.

– Repito. Se querem deixar esta aula, façam-no agora. – O rapaz que estava sentado ao lado de Hazel parecia prestes a desmaiar. Empurrou a cadeira para trás e saiu a correr da sala. – Mais alguém? Não? Ótimo.

Beecham tocou um pequeno sino de latão que puxara de trás do púlpito, o que fez entrar um assistente de avental, carregado com uma caixa cheia de coelhos, felizmente já mortos. Os animais foram distribuídos pelos estudantes, juntamente com bisturis que pareciam já ser utilizados há anos. Hazel tirou uma gota de sangue seco acastanhado do cabo do seu bisturi.

– Foi-vos dado a todos um coelho – disse Beecham. – Tomei a liberdade de os matar por vós. O período começa com anatomia, mas, até que haja mais homens a infringir as leis de Sua Majestade, os sujeitos humanos são em número limitado, para não falar do preço considerável. Portanto, para o vosso primeiro dia: um coelho. A vossa tarefa será

identificar e articular os órgãos principais: cérebro, coração, estômago, pulmões, bexiga, fígado, baço, intestino grosso, intestino delgado. – Escreveu o nome de cada parte do corpo com giz no quadro atrás dele e sublinhou.

Hazel olhou para o seu coelho, uma coisinha magra com pelo castanho às manchas. O cheiro lembrou-lhe o das cozinhas depois de o pai e George irem à caça. Olhou outra vez para cima e viu o Dr. Beecham, impaciente e expectante.

– Estão à espera de quê? – disse para a turma. – Comecem!

A luta começou imediatamente, à medida que os rapazes à volta de Hazel cortavam os respetivos animais com os bisturis e começavam a explorar as entranhas. Hazel fez uma pequena pausa, examinando o animal à sua frente. Só levantou o bisturi depois de conseguir ver perfeitamente todos os cortes que faria – o mínimo possível. E, depois, começou a cortar.



– *Acabei.* Quero dizer: acabei, senhor. – Alguns dos rapazes que estavam mais perto de Hazel levantaram a cabeça, incrédulos. Estavam cobertos de suor.

O Dr. Beecham levantou os olhos do jornal que estava a ler na secretária à frente da sala.

– Todos os órgãos – disse. – Não é só o primeiro que está no quadro.

– Eu sei, senhor. Já tenho todos.

Beecham levantou-se e dirigiu-se lentamente até à mesa de Hazel, onde ela removera ordenadamente todos os órgãos necessários e os colocara em filas organizadas ao lado do coelho agora estripado.

– Cérebro, coração, estômago, pulmões, bexiga, fígado, baço, intestino grosso, intestino delgado – recitou Hazel, apontando-os um a um.

Beecham pestanejou algumas vezes, incrédulo.

– Qual é o seu nome, jovem?

Hazel ficou com a boca seca.

– George. George Hazleton, senhor.

– Hazleton. Hazleton, creio que não conheço o nome. O seu pai é médico?

– Não, senhor. Pertence à Armada Real. Mas sempre se interessou muito por filosofia natural, e estudei os livros dele.

– Os livros dele.

– Sim. Aliás, aprendi mais com o livro do seu avô, *Tratado do Dr. Beecham*.

O Dr. Beecham sorriu.

– Conheço bem. Não podia ter encontrado um manual melhor. Turma, pousem os vossos bisturis. O senhor Hazleton superou-vos a todos. – Inclinou-se para examinar o que restava do coelho de Hazel. – Posso dizer-vos que, em todos os anos em que tenho ensinado este curso, nunca houve um aluno que conseguisse dissecar tão correta e rapidamente. Bravo.

Um rapaz atrás de Hazel tossiu sonoramente. “*Graxista*”, tossiu outra vez. Os rapazes à volta dele riram-se. Hazel passara tempo suficiente com os irmãos para saber o que aquilo significava: que estava a bajular o professor. O rapaz que estava a tossir tinha vários sinais grandes espalhados pela cara e umas longas patilhas, talvez destinadas a desviar o olhar.

– Já chega, senhor Thrupp.

Thrupp revirou os olhos, enquanto o Dr. Beecham voltava para a frente da sala.

– Agora, e se fôssemos todos para onde o senhor Hazleton já está – sugeriu Beecham, começando a desenhar um diagrama de um coelho esfolado no quadro.

Hazel sentiu uma coisa molhada e fria a bater-lhe na parte de trás do pescoço. Era o coração de um coelho, que caiu ao chão atrás dela, ainda a derramar sangue. Os companheiros de Thrupp riram-se, e ele dirigiu-lhe um sorriso de troça, enquanto Hazel sentia uma humidade viscosa a pingar-lhe do pescoço para o interior da camisa.

Tinha as faces a arder, mas esforçou-se por não quebrar o contacto visual com o rapaz enquanto se baixava para apanhar o coração do coelho e o apertava com força.

Os risos pararam, e Hazel voltou-se para ouvir o resto da palestra do Dr. Beecham, demasiado satisfeita consigo mesma para se preocupar até com o sangue desagradável e viscoso entre os dedos durante o resto da tarde.



7 de outubro de 1817

Henry Street, n.º 2

Bath

Minha querida Hazel,

Depois do pesadelo que foi a nossa longa viagem – com um tempo horrível, simplesmente horrível –, chegámos a Bath. O ar já está a fazer muito bem ao Percy, mas vou levá-lo imediatamente para as fontes termais naturais como medida preventiva. Quem sabe que doenças terríveis poderá ter apanhado com o ar tão mau das nossas viagens? Estaremos aqui durante vários meses e depois iremos para o apartamento de Londres, onde espero que se encontre connosco. Disse a Lorde Almont que espero que Bernard a peça em casamento ainda este ano, por isso tente chegar a Londres já comprometida, se puder.

– A sua mãe, Lady Lavinia Sinnett

P.S. Espero que esteja melhor. Escreva, sem falta, se a situação piorar.



As semanas passaram, para Hazel, numa vertigem estonteante. Apesar de as tardes da infância passadas no chão do escritório do pai a memorizar o exemplar antigo do *Tratado do Dr. Beecham* lhe terem dado inicialmente um avanço relativamente aos outros estudantes, rapidamente se tornou evidente de que precisaria de absorver tudo o que pudesse nas aulas se queria passar no Exame Médico, no fim do período.

Tomava notas o mais depressa que podia para acompanhar o ritmo das aulas do Dr. Beecham, que saltavam do sistema linfático para a estrutura do esqueleto ou para a utilização de sanguessugas na flebotomia moderna; lembrava-os muitas vezes de que as aulas se tornariam cada vez mais difíceis, especialmente quando comesçassem a assistir a disseções humanas. Era esse o cerne do curso, era para isso que os alunos pagavam propinas: para terem a oportunidade de ver um profissional autopsiar eficientemente um corpo. Se os corpos eram provenientes de enforcamentos ou fornecidos por ladrões de corpos, Hazel não sabia ao certo. George fora sepultado no cemitério da família junto a Hawthornden, pelo que a família de Hazel nunca teve de se preocupar com a ralé da Cidade Velha de Edimburgo, os homens que se esgueiravam à noite para os cemitérios com pás para retirarem os corpos mais recentemente sepultados.

A princípio, Hazel tinha medo de que o seu disfarce fosse descoberto, que os especialistas do corpo humano a vissem – com um chapéu e umas

calças demasiado grandes que nem as bainhas de Iona conseguiam fazer assentar bem – e a identificassem facilmente como aquilo que ela na realidade era: uma jovem vestida com as roupas do irmão. Mas a sala de aula era escura, iluminada por tochas e velas, e os colegas estavam tão concentrados nos cadernos, a escreverem freneticamente para apanharem tudo o que Beecham dizia, que ninguém lhe prestava muita atenção.

Bem, ninguém exceto Thrupp, o rapaz com os sinais e um sorriso que parecia o de um javali prestes a atacar. Quando se tornou claro que Hazel (ou melhor, George Hazleton) era, de longe, a melhor aluna, Thrupp deliciava-se a aproveitar todas as oportunidades para a atormentar. Uma manhã, Hazel descobriu que a tinta do seu tinteiro fora substituída por sangue. Na manhã seguinte, tinha um pedaço de um cérebro preso à secretária com um canivete. Mas nem sequer ele conseguia ter energia suficiente para tornar a vida de Hazel *verdadeiramente* difícil, pois precisava de estar concentrado para se manter a par da matéria dada.

O Exame Médico estava à espreita, mas havia outra ameaça, mais imediata: apesar de toda a bravata de boas-vindas, Beecham era fanático por castigar a turma, se alguém ficasse para trás. No segundo dia, um pobre rapaz esqueceu-se da pena e foi expulso. No quarto dia, dois rapazes foram liminarmente excluídos do curso porque não conseguiram identificar os principais sistemas do corpo.

– Você aí! Com o colete azul. Diga-me os sintomas da febre romana, *Plaga Romana*. Nome de guerra, “a febre” ou “a doença”. Então? – Beecham gritara a pergunta a um dos alunos na semana anterior. A cara do rapaz tinha ficado com uma expressão aterrorizada. Hazel imaginou que seria exatamente a mesma expressão que alguém faria se visse um leão a correr na sua direção.

– Hum... er... bem. Febre? – guinchara o rapaz. Thrupp deu uma risada sarcástica. O Dr. Beecham esperou que o rapaz continuasse, com a

sobrancelha soerguida, expectante. O rapaz olhou desesperadamente para toda a sala à procura de ajuda. Vendo que ninguém o ajudava, o infeliz levantou-se do lugar, fez uma vénia ao Dr. Beecham e saiu rapidamente da sala.

Quando chegaram ao segundo mês de aulas, a sala – outrora cheia de rapazes a empurrarem-se e a acovelarem-se para arranjar espaço nas mesas – tinha apenas dez alunos.

Beecham mostrou-se satisfeito com a evolução.

– Bom dia – saudou, a sorrir, quando chegou. – Só resta a *crème de la crème*. Teremos alguns grandes médicos entre vocês, não tenho a menor dúvida disso. – Sob o chapéu, Hazel não conseguiu deixar de sorrir.

Beecham deu a aula do dia (sobre a recolocação de ossos partidos e os ligamentos das pernas), mas quando os alunos estavam a juntar as notas, levantou uma mão para que ficassem nos respetivos lugares.

– Amanhã vai ser um pouco diferente. Ontem à noite, houve um enforcamento em Grassmarket, uma pobre assassina, e tivemos a sorte de conseguir ficar com o exemplar. – Houve um tagarelar de entusiasmo. Thrupp deu um soco jovial no braço do colega. – Embora, em condições normais, eu esperasse até uma fase mais adiantada do nosso semestre para uma dissecação humana, a carne fresca não aparece quando um homem quer!



Demasiado impaciente e ansiosa para conseguir dormir, Hazel chegou à aula no dia seguinte quase uma hora mais cedo e encontrou-a vazia. O púlpito do Dr. Beecham fora substituído por uma mesa comprida. Hazel preparou a pena e o tinteiro, e ficou à espera. Os restantes alunos foram chegando pouco a pouco, alguns sorrindo educadamente para Hazel, mas a

maioria ignorando-a. Dez minutos antes da hora marcada para a aula começar, entraram dois assistentes por uma porta lateral da sala, transportando algo volumoso por baixo de um lençol. Colocaram cuidadosamente em cima da mesa e tiraram o lençol.

Ali estava. Um cadáver. Uma mulher que podia ter 50 e tal anos, mas também podia ter 30 – era difícil dizer. Tinha as têmporas cinzentas e a cara cheia de rugas, inchada, mas imóvel, com uma certa serenidade. Beecham dissera que ela era uma assassina, mas não havia nada naquela cara que a fizesse parecer como alguém capaz de matar. Ali estava ela: uma coisa estranha, nua, exótica, à espera que uma faca a cortasse como castigo final para os seus pecados.

De exterior da sala chegou o eco tonitruante dos sinos da igreja a baterem as horas: estava na hora de a aula começar. Mas Beecham, que todas as manhãs já se encontrava na sala de aula quando Hazel chegava, não estava lá. Os alunos começaram a agitar-se nos lugares.

– Talvez seja um teste – disse Gilbert Burgess, um rapaz nervoso com uma madeixa de cabelo louro caída sobre a testa, que nunca conseguia lembrar-se dos ossos da mão. – Talvez seja suposto começarmos a dissecar o corpo. E ele está algures a ver! À espera para ver o que fazemos!

Thrupp sugou ar entre os dentes.

– E talvez seja suposto enchemos a tua cara gorda com algodão, Burgess.

Burgess tornou a encolher-se na cadeira.

Hazel clareou a garganta.

– Pelo menos conseguimos ver a cara do Burgess. Há algum nariz por trás das marcas das bexigas, Thrupp?

Até os amigos de Thrupp se riram em uníssono, até ele dar uma cotovelada a um deles nas costelas. Burgess dirigiu um sorriso pequeno e agradecido a Hazel.

– Oi – rosnou Thrupp a Burgess. – Tens sorte por teres este rapaz bonito para te defender. Achas-te algum cavalheiro com esses casacos forrados, Hazleton?

– Acho – respondeu Hazel, com o ar gingado mais masculino que conseguiu fazer. – Acho mesmo. E as senhoras parecem achar o mesmo. – Burgess riu-se do que ela disse, soltando uma gargalhada grande e sonora, e Thrupp calou-se, revirando os olhos.

Parecia que era suposto eles estarem a fazer *qualquer coisa*. O relógio marcou dez minutos depois da hora, e a seguir quinze. Hazel estava prestes a ir à sede da Sociedade de Anatomistas, na extremidade do quarteirão, perguntar se tinha acontecido alguma coisa que estivesse a atrasar o Dr. Beecham, quando a porta se abriu. Mas não foi o Dr. Beecham que entrou. Hazel sabia quem era pelo porte, pela capa e pelo bater da bengala no chão de madeira ainda antes de ver a pala no olho.

– Bom dia – disse uma voz que fazia lembrar gravilha molhada. O Dr. Straine foi até à parte da frente da sala e ficou parado à frente do corpo nu. O seu olho bom focou-se imediatamente em Hazel. Tinha-a conhecido como Hazel. Sabia quem ela era. A rapariga tentou desaparecer por baixo do colarinho da enorme camisa de George. Rezou rapidamente a qualquer deus que estivesse a ouvi-la para que o seu disfarce não a traísse.

O Dr. Straine ergueu o bisturi e uma sobrancelha.

– Vamos começar.

– *A anatomia feminina* – disse o Dr. Straine, olhando diretamente para Hazel – é um animal estranho. Esta mulher... foi enforcada ontem, às 11h00, em Grassmarket, pelo homicídio de um dos hóspedes da sua estalagem. Parece uma pessoa pequena, franzina, incapaz de fazer tal coisa.

Alguns dos rapazes da aula riram-se. Hazel, não.

O Dr. Straine limpou o bisturi ao casaco.

– Chamo-me Dr. Edmund Straine. Serei eu a ensinar-vos a parte anatómica dos vossos estudos a partir de agora. O Dr. Beecham, sendo bem relacionado e *famoso* como é, preferiu deixar esta parte do curso a meu cargo. Como talvez já tenham percebido, o Beecham não gosta de sujar as mãos. – Straine agitou uma mão no ar, fazendo uma pantomima de estar a calçar uma luva. – E podemos imaginar como será difícil encaixar as aulas numa agenda social cheia de chás e sessões de autógrafos. Mas não interessa. Como eu disse, chegou finalmente a hora de aprenderem anatomia.

Thrupp tossiu.

– Já aprendemos muita anatomia – comentou.

O Dr. Straine quase sorriu.

– Não – corrigiu. – Aprenderam teoria. O Dr. Beecham é um excelente médico e um académico muito sábio. Mas receio que o Beecham nunca

tenha dominado tão bem como eu a arte da cirurgia. Sim, *arte*, senhor Thrupp, o equilíbrio delicado de encarar um corpo como carne e, ao mesmo tempo, como veículo de uma alma viva, de sentir o sussurro dessa alma sob o vosso bisturi... – O olho bom de Straine fixou-se num ponto distante, remoto, mas abanou a cabeça e voltou a olhar diretamente para os alunos. – Além disso, o Dr. Beecham parece ter ficado demasiado habituado às salas finas dos lordes e cavalheiros para querer o fedor de um cadáver no seu corpo – acrescentou, com um sorriso de escárnio. – Tudo isto para dizer que, duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras, dar-vos-ei aulas de anatomia. As lições do Dr. Beecham versarão sobre tratamentos e remédios. Devo avisar-vos de que não sou tão facilmente impressionável como o meu estimado colega. E garanto-vos que tudo o que eu disser nas minhas aulas será parte integrante do Exame Médico, no fim do período. Por isso, aqueles que entre vós tenham a mais leve esperança de sucesso: prestem bem atenção.

Sem mais demoras, o Dr. Straine enfiou o escalpelo no corpo da mulher morta em cima da mesa, cortando-o desde o esterno até ao umbigo.

A sala de aula tinha sempre um cheiro forte: a sangue, a ferro e aos estranhos líquidos de conservação utilizados nos frascos de amostras que revestiam as paredes. Mas o primeiro corte de Straine na dissecação soltou uma onda de algo horrível no ar. Vários estudantes tiveram vômitos, mas Hazel conseguiu engolir a bília que lhe subiu à boca.

– O senhor aí – chamou Straine, usando o bisturi ainda a pingar para apontar para Gilbert Burgess. – Nome.

– Gilbert Burgess, senhor. – Estava positivamente verde.

– Quantas câmaras tem o coração, Gilbert Burgess?

Burgess estremeceu. Se tivesse sido Beecham a perguntar, Hazel tinha a certeza de que ele teria respondido num instante. Mas havia qualquer

coisa em Straine, fosse a pala no olho, ou a capa, ou o desenho rígido da boca, que o transformava numa figura de terror.

– Hum... seis, senhor? – replicou Burgess, com uma voz que não era mais do que um guincho murmurado.

Straine bateu com a bengala no chão da sala com tanta força que todo o soalho estremeceu.

– Quem é que sabe? Ponham a mão no ar, não tenham vergonha. O senhor aí. – Apontou diretamente para Hazel, que se apercebeu, num movimento que a deixou espantada, de que a sua mão se erguera por vontade própria.

– George – disse em voz baixa. – George Hazleton. E são quatro, senhor. Ventrículo direito, ventrículo esquerdo, aurícula direita e aurícula esquerda.

– Correto – confirmou, com os dentes cerrados. – Então, continue, senhor *Hazleton*. Diga quais são as quatro válvulas do coração.

Hazel fechou os olhos e tentou lembrar-se do diagrama das páginas do *Tratado do Dr. Beecham*.

– A válvula aórtica, senhor. A válvula tricúspide. A válvula pulmonar e... e a válvula bicúspide. – Sorriu, com o alívio a invadir-lhe todo o corpo.

– Muito bem, senhor Hazleton – disse Straine, em voz baixa, embora o tom talvez fosse de troça. – Por favor, levante-se e venha aqui para a frente.

Os pés de Hazel obedeceram, e ela foi até à frente da sala, até ficar suficientemente perto de Straine para conseguir sentir-lhe o cheiro: vinho do Porto e qualquer coisa azeda, como limões estragados.

– Retire o coração, senhor Hazleton.

Hazel engoliu em seco, susteve a respiração e obedeceu, evitando olhar para a cara da mulher em cujo corpo a mão acabara de entrar. Segurou no

coração, mais pesado do que estava à espera, frio e com um revestimento viscoso.

– Agora – ordenou Straine –, identifique as válvulas que enumerou.

Hazel olhou para o coração, uma coisa estranha colorida de negros e roxos. Tinha uma forma esquisita, não assimétrica, mais gorda numa extremidade do que na outra, revestido numa metade por uma espessa placa bege. Parecia tão completamente diferente do objeto desenhado com linhas pretas elegantes no livro de Hazel que ela nem sequer conseguia ter a certeza de qual era a parte superior.

– Não consigo, senhor – retorquiu Hazel, por fim.

– Não *consegue*? – ripostou Straine, com um toque cruel na voz. – Mas identificou-as de forma tão competente quando estava sentado?

– Tem um aspeto muito diferente visto pessoalmente, senhor.

– Onde está a vesícula biliar, senhor Hazleton?

Hazel viu a confusão de vísceras por baixo dos olhos. Vermelhos e roxos inchados e a pressionarem-se uns contra os outros, tudo muito estranho e bulboso. Viu o estômago, sabia que aquilo era o estômago... e viu o intestino grosso. E os pulmões. Mas qualquer coisa mais pequena parecia perdida num mar de carne a deteriorar-se, inchada com o gás da decomposição. A visão de Hazel ficou turva e a respiração presa no peito apertado.

– Não tenho a certeza, senhor.

– Então, vejamos um mais fácil. O fígado?

Hazel obrigou-se a olhar outra vez para baixo, para a barriga aberta do cadáver, mas o sítio onde pensava que devia estar o fígado estava cheio com outra coisa – *talvez o intestino delgado?* – e tudo o resto também não estava onde supostamente devia estar. Ficou em silêncio, a olhar para baixo durante tanto tempo que começaram a ouvir-se risadinhas na sala. Hazel apercebeu-se subitamente de que estavam todos a olhar para ela.

– Não sei – respondeu, por fim, num sussurro.

– Sente-se, senhor Hazleton.

Hazel sentia as faces a arder enquanto voltava para o lugar.

– Que isto sirva de lição a todos – disse Straine, de olhos fixos em Hazel. – O que leem nos livros pode ajudar-vos, se quiserem dar nas vistas na aula, mas servir-vos-á de muito pouco quando estão perante um cadáver. Será que imagina que vai operar nos desenhos dos livros, senhor Hazleton?

– Não, senhor – murmurou Hazel.

Os lábios finos de Straine estremeceram. Não olhou mais para Hazel durante o resto da aula. Quando o sol já se pusera e Straine finalmente os libertou, a rapariga tinha a mão a doer devido ao esforço de tomar notas suficientemente depressa para acompanhar a lição. Hazel guardou o caderno e levantou-se para ir para casa, já a sonhar com o banho que Iona lhe prepararia em Hawthornden.

– *Senhor Hazleton* – chamou a voz de Straine, vinda da penumbra. – Por favor, fique mais um momento.

O coração de Hazel começou a bater muito depressa. Burgess lançou-lhe um olhar compassivo, mas depois voltou-se rapidamente e correu porta fora antes que Straine lhe pudesse dizer para também ficar. A rapariga tentou inclinar a cara para baixo do colarinho e da capa. Nas semanas em que se vestira como se fosse George, ninguém tinha descoberto o disfarce. (Thrupp, ao chamar-lhe “rapaz bonito”, foi quem esteve mais próximo, e até isso fizera os cabelos na parte de trás do pescoço arrepiarem-se.) Mas Straine tinha-a visto em Almont House. Tinham sido apresentados. E havia qualquer coisa naquele gélido olho bom que a levava a pensar que ele nunca esquecia uma cara.

– Toma-me por idiota? – disse pausadamente, deixando que cada sílaba se demorasse na língua, depois de Hazel se ter aproximado o máximo que

se atrevia.

– Senhor? – guinchou.

– Toma-me – repetiu Straine – por idiota? – Estava a falar baixo.

– Não, senhor... claro que não – conseguiu responder Hazel.

– Não gosto de bailes de máscaras, *senhor Hazleton*. É o tipo de frivolidade a que os ricos se podem dar, a aristocracia com propriedades que não tem mais nada para fazer com o seu tempo a não ser divertir-se disparatadamente uns com os outros até morrerem de barriga cheia. Há pessoas que têm de *trabalhar* para ganhar a vida, senhor Hazleton, para fazerem o seu caminho com disciplina e esforço e engenho e... – levou a mão ao olho que lhe faltava – ... sacrifício. Não ensino por gostar de abater o rebanho de idiotas choramingas que querem brincar aos médicos nem por achar assim tão gratificante demonstrar, ano após ano, os princípios mais *básicos* da anatomia. Dou aulas por dinheiro, senhor Hazleton, e ensino porque penso que é meu dever educar os homens que irão, de facto, servir como profissionais na minha cidade.

– Senhor...

– Vamos deixar-nos de estratégias, Menina Sinnett. Se, como afirma, não me toma por idiota, então peço-lhe que me diga porque continua a achar-se tão capaz de me enganar? – O sangue de Hazel transformou-se em gelo. Lentamente, levantou os braços para tirar a cartola do irmão, revelando o cabelo preso com ganchos por baixo. – Deve ter-se divertido muito, tenho a certeza.

Hazel olhou para o chapéu enquanto falava.

– Senhor, peço *desculpa* pela fraude, mas garanto-lhe que não o fiz por brincadeira. Quero mesmo aprender anatomia e quero *mesmo* ser cirurgiã.

– Ah, ah! – O riso de Straine agitou o esqueleto do animal marinho pendurado no teto, mas não lhe chegou qualquer alegria ao olho.

Hazel estava a escaldar.

– Se acha que, por ser mulher, não consigo aprender...

Straine interrompeu-a com outra risada gélida.

– Afinal, toma-me *mesmo* por idiota, Menina Sinnett. Que vergonha. Afinal, talvez a considerasse mais inteligente. Não, ao contrário de alguns dos meus colegas mais lamentáveis, não teria qualquer objeção em ensinar a mulher rara com uma mente capaz de estudar filosofia natural e anatomia. Sim, no todo, o cérebro feminino é mais pequeno, mais suscetível à *histeria* e às emoções, menos inclinado para a razão. Mas não há qualquer motivo para pensar que não existe a possibilidade de emergir um espécime entre o sexo feminino que pudesse ser ensinado.

Havia, então, uma hipótese! Aquilo seria um ramo de oliveira? Haveria a esperança de Straine ter visto Hazel como essa exceção? Talvez, se deixasse a máscara e implorasse perdão, ela pudesse continuar na aula dele. Abriu a boca para começar um pedido de desculpas, mas antes que conseguisse formar qualquer palavra, Straine continuou.

– Não, recuso-me a ensinar mulheres por uma razão simples: não perco o meu tempo nem a minha energia com diletantes. Não há lugar no nosso mundo para uma mulher praticar medicina, Menina Sinnett, por muito triste que isso a possa deixar. Outra consequência de crescer sem o brilho dos privilégios é que nos tornamos rápidos a dissipar ilusões e fantasias. Nenhum hospital contratará uma cirurgiã, assim como nenhuma universidade. Ainda menos disposto, imagino, estaria um doente a sofrer sob a faca de uma mulher. Por isso, veio para aqui sob o pretexto tolo de *não* ser sobrinha do *Visconde de Almont*, filha de um lorde, de *não* casar com um filho igualmente frívolo da sociedade e dedicar o resto da vida a dar-lhe filhos e a oferecer jantares. Estou errado, Menina Sinnett?

Hazel não sabia o que dizer. Ele continuou a olhar fixamente para ela. Não havia no rosto o mais pequeno laivo de bondade ou clemência; era cruel, com marcas de algo que talvez estivesse próximo de piedade.

– Talvez tenha vindo assistir a esta aula com boas intenções. Talvez tenha dito a si própria que não era uma brincadeira e talvez até tenha acreditado nisso. Mas não perco o meu tempo com estudantes que não irão ser médicos, independentemente do sexo. Infelizmente para si, Menina Sinnett, o seu sexo exclui-a. Embora me pareça que a sua inteligência também a teria excluído. Não volte a pôr os pés na minha sala de aula.

Hazel sentia os olhos a arder com as lágrimas. Tentou pestanejar para as afastar, mas não resultou. Os olhos ficaram quentes e vermelhos, e uma lágrima correu-lhe pelo rosto.

– Não tente suster as lágrimas por minha causa – disse Straine. – As mulheres têm tanta dificuldade em controlar as emoções. Pode ir, Menina Sinnett.

As lágrimas ameaçavam transformar-se em soluços. No cérebro de Hazel nadavam mil coisas que ela poderia dizer – desculpas, insultos, réplicas –, mas todas se dissolviam quando tentava falar. Estava como que aparafusada ao chão, enquanto Straine se voltava para o pergaminho e tomava algumas notas, trabalhando como se a rapariga não estivesse ali. Hazel continuou de pé durante o que poderiam ter sido apenas cinco segundos ou uma eternidade, antes de sair a correr da sala. Fez a viagem de regresso a Hawthornden num torpor, tonta de vergonha e embaraço e raiva, tudo ao mesmo tempo. Foi apenas quando finalmente chegou ao seu quarto, despiu as roupas de George e as atirou pelo quarto que os soluços lhe escaparam do peito. Nesse momento, deixou-se cair ao chão, vestida apenas com a camisa de dormir, e chorou.

Hazel só saiu do quarto quando o sol já ia alto. O quarto estava quente e abafado. Tinha suado durante a noite, o que deixara a camisa de dormir pegajosa. Iona deixara chá e uma torrada num tabuleiro junto à porta, mas era impossível saber há quanto tempo fora; há muito que o chá estava frio e a torrada ficara empapada. Hazel obrigou-se a levantar-se, soltando um gemido quando as memórias do dia anterior surgiram de rompante. O olhar do Dr. Straine tinha ficado preso a ela, uma expressão que não sabia analisar bem. Na altura, pensara que poderia ser pena, mas agora, ao conjurá-lo de volta, parecia mais de ressentimento. Ele ressentia-se dela e de tudo o que ela representava, tão simples como isso.

Podia levar-lhe a mal? Quem era ela? A filha rica de um lorde respeitável e capitão da Marinha Real, sobrinha de um visconde e futura esposa do seu herdeiro. Tivera uma mãe negligente que a deixara alimentar o fascínio infantil pela fisiologia enquanto estava mais concentrada em proteger o herdeiro; e um pai ausente que, no entanto, deixara uma biblioteca em casa. Por muito que a rapariga lesse, por mais natural que o estudo do corpo lhe parecesse, o Dr. Straine tinha razão.

O futuro de Hazel seria assistir a bailes em Londres e preparar ementas para os convidados do marido em Almont House. Se o marido permitisse, poderia organizar um salão e convidar pensadores proeminentes, que *seriam* os homens de descoberta e ação. Seriam os convidados a trazer

histórias e ideias. Hazel ficaria sentada num divã, a ouvir. Seria o mais perto que estaria do mundo da ciência – na extremidade da bolha, autorizada a ouvir e a servir chá, e a sorrir e a dizer o que pensava apenas sob a forma de gracejos inofensivos. O seu caminho era finito e certo. Ensinar-lhe anatomia seria como ensinar um porco a ler antes da matança.

Hazel olhou para o canto do quarto, que considerava ser uma pequena biblioteca científica e laboratório: o divã ao lado da varanda, invisível sob enormes pilhas de livros que tirara do escritório do pai. Obviamente, estava lá o *Tratado do Dr. Beecham*, mas também *Estudos Modernos de Química: Uma História da Prática do Médico Real* e também *Remédios Caseiros, 1802*. Também era nesse canto que Hazel guardava os cadernos – montes e montes de cadernos, anos de escrita, na maioria disparates, muito provavelmente ilegíveis – e os espécimes favoritos. Havia borboletas presas a tábuas com agulhas de costura que apanhavam toda a extensão das asas. Sobre a pedra da lareira estava um falcão embalsamado, um presente que um primo distante dera a George, e que ele passara entusiasticamente para a irmã ao ver que ela não conseguia tirar os olhos dele. Os olhos estavam concentrados no bico. A ave estava morta (e, para ser honesta, Hazel tinha de admitir que estava mal embalsamada), mas o bico continuava monstruosamente afiado, como se a ave pudesse decidir voar da lareira a qualquer momento para dissecar um rato para o jantar.

Tudo aquilo parecia agora patético. Os livros, os espécimes que recolhera, as ervas medicinais que colhera no jardim e rotulado tão bem, os cadernos de apontamentos – só de olhar para tudo aquilo, Hazel sentia-se doente. Antes que conseguisse convencer-se do contrário, atirou a roupa da cama para trás, foi até ao canto do laboratório, pegou numa borboleta presa dentro de uma caixa de vidro e atirou-a ao chão.

Tinha o coração acelerado. Soube-lhe bem destruir uma coisa. Fê-lo novamente, com outra redoma que continha um escaravelho egípcio que o

pai lhe tinha trazido. Estilhaçou-se no chão, com os pedaços de vidro a brilhar como pedras preciosas no tapete. Hazel pegou numa pilha de livros e atirou-a ao chão. Rasgou punhados de páginas dos cadernos. Havia agora vidros partidos por todo o lado, picando-lhe os pés, e, embora visse manchas de sangue a surgir nas pernas, não sentia qualquer dor. Nos ouvidos havia um eco de gargalhadas que, chocada, percebeu serem suas.

Era inútil, irrelevante, insensato. *Humilhante*. Sentira-se tão orgulhosa por ter reproduzido a experiência de Galvini que Bernard lhe tinha descrito, tão orgulhosa por fazer um *truque de salão*. Não era nada *novo* nem *útil*. Não dera qualquer contributo ao mundo. Tinha feito um sapo dançar para sua própria diversão. E tinha sido ela a rã dançarina desde o início. *Que divertido! Olhem, depressa, venham ver: uma mulher que gosta de ler coisas sobre sangue e feridas! Pague dois pence e entre, ela até vai fingir ser cirurgiã, um dia! Não se preocupe se ela sujar as saias com bílis – uma das criadas irá lavá-las. O pai comprar-lhe-á outro vestido. Pague mais meio penny e poderá vê-la com um casaco de homem!*

Hazel continuou a rasgar os livros até ter um braço cheio de páginas amachucadas. Abriu a porta para a varanda com um pontapé e, sem pensar duas vezes, atirou-as por cima do corrimão, para o chão lá muito abaixo.

As páginas separaram-se no ar, algumas apanhadas pelo vento. Por um momento, ficaram em suspenso, a voar como um bando de aves perdidas. E depois caíram. Hazel ficou a ver até as páginas desaparecerem sob o dossel da folhagem.

Hazel voltou para dentro do quarto e viu com um novo olhar os estragos que tinha feito. O chão estava cheio de estilhaços de vidro, com pedaços de insetos e penas. Uma garrafa de tinta entornara-se no roupão; uma mancha negra como óleo escorria da bainha. O *Tratado do Dr. Beecham* estava aberto em cima de um busto de David Hume.

Iona parou à entrada da porta, com uma expressão de choque e horror.

– Menina Sinnett! – exclamou.

– Peço imensa desculpa, Iona. – Hazel apanhou rapidamente uma caneta do sítio onde se espetara como uma seta num retrato do bisavô. – Isto deve ter feito um barulho horrível lá em baixo.

– Os seus pés, Menina!

Hazel olhou para baixo e percebeu porque é que Iona parecia tão horrorizada. Tinha os pés vermelhos, como se estivesse a usar um par de meias coloridas, cobertos de sangue.

– Não dói assim tanto. Vou lavá-los na banheira e ficam limpos como a chuva. E vou limpar tudo isto. Peço desculpa. Devo ter... perdido a cabeça temporariamente.

Iona estava a roer uma unha, muito nervosa.

– Menina Sinnett, o seu... quer dizer, Lorde Bernard Almont, o visconde, está à porta para falar consigo.

– O Bernard? Agora? Para quê?

– Não lhe sei dizer, Menina Sinnett.

Hazel observou-se ao espelho. Ainda estava com a camisa de dormir, que, em alguns sítios, se colava ao corpo com o suor. Tinha o cabelo meio caído e desgrenhado, na ausência de uma touca, e achatado por ter estado a dormir. As mãos estavam cobertas de tinta e sangue, todas arranhadas como se fosse com o bico de uma caneta de um menino da escola.

– Por favor, diz ao Bernard... hum, ao visconde... que estou indisposta e que o visitarei ainda esta semana.

– Muito bem, Menina – anuiu Iona, saindo a correr e deitando um último olhar de tristeza à confusão que reinava naquele canto do quarto.

Hazel suspirou. Endireitou uma cadeira que tinha caído de lado. Os murmúrios ditos com a voz doce de Iona ecoaram lá de baixo. Hazel ouviu a resposta áspera de Bernard, embora não conseguisse distinguir as palavras, e depois ouviram-se passos.

Iona tornou a aparecer.

– Ele insiste em vê-la, Menina – revelou Iona. Trocaram um olhar.

– Está bem – aceitou Hazel, sem entusiasmo. – Suponho que não temos tempo para um banho, mas pelo menos posso escovar o cabelo enquanto procuras umas meias lavadas. – Atarefaram-se as duas com um único objetivo: fazer com que Hazel parecesse tão apresentável quanto conseguissem. Depois de Hazel ter arrancado meia dúzia de lascas de vidro das palmas das mãos, Iona ajudou-a a calçar o par de luvas mais grossas, de um castanho carregado que não deixaria ver sangue, caso as feridas abrissem de novo. Após 15 minutos dos melhores esforços, Hazel parecia... não propriamente *bem*, mas quase. Ainda tinha olheiras escuras, por ter estado a chorar, e a pele amarelada; o cabelo, que, afinal, teria exigido pelo menos uma hora de escovagem cuidadosa para parecer apresentável, estava escondido sob um dos chapéus de que Hazel menos gostava. Mas parecia *humana* e, no mínimo, suficientemente bem para ir ao encontro do primo, um rapaz que a vira a saltar nua na lama quando eram crianças.

– Bernard – saudou Hazel, quando chegou ao cimo das escadas e o viu de pé lá em baixo –, a que devo o prazer da tua companhia?

– Devias pedir desculpa por me teres feito esperar – retorquiu Bernard, olhando para o botão de punho.

Hazel franziu a testa.

– Então, está bem. Desculpa, Bernard.

O primo ficou todo inchado. Estava com um casaco que ela nunca tinha visto, de um azul brilhante, com um colete amarelo e umas calças a condizer. Hazel teria adivinhado que ele estava vestido como o jovem Werther, se houvesse alguma hipótese de Bernard ter lido o livro. Tinha na mão um ramo de lírios brancos presos com um laço.

– Para ti – disse, metendo-lhe as flores na mão. – Disseram-me no mercado que representam pureza. E devoção. O meu pai disse-me que terias adoecido.

Hazel obrigou-se a sorrir e levou os lírios ao nariz para os cheirar. *As mulheres no mercado mentiram-te, queria dizer-lhe. Disseram o que era preciso para te venderam as flores. Viram-te com esse casaco azul brilhante e perceberam que não saberias que os lírios brancos são flores funerárias.*

– São lindas. Obrigada.

O peito de Bernard inchou ainda mais.

– Então, como te sentes? Ainda indisposta?

– Sabes como a minha mãe exagera quando se trata da saúde do Percy. Tive um arrepio numa única noite e ela teve de o levar do país para garantir o bem-estar dele.

– Fico aliviado por saber isso – reagiu Bernard, endireitando os ombros. – Não em relação à tua mãe. Quero dizer, por estares bem. – Clareou a garganta e depois continuou. – Vim perguntar-te se hoje podes vir passear comigo nos Jardins de Princes Street.

Desta vez, não conseguiu sequer fingir-se entusiasmada. Pensou na confusão que tinha deixado no quarto, os vidros estilhaçados e as páginas rasgadas que representavam todo o esforço desperdiçado da juventude adulta, e quando abriu a boca, a primeira coisa a sair foi um riso gutural e sarcástico.

– Deves estar a brincar – replicou.

Bernard olhou para Hazel como se ela tivesse acabado de lhe despejar um bule de chá quente sobre a camisa.

– Não... não percebo... – balbuciou.

– Não. Desculpa. Não era isso que eu queria dizer. Só quis dizer... – *que toda a minha vida está em chamas, que todo o meu trabalho foi em*

vão e também que estou cheia de sangue – ... que ainda estou um bocadinho constipada. Não me sinto ainda bem para passear.

Bernard olhou-a de cima a baixo com um olhar crítico.

– Bem – acabou por conseguir dizer –, acho-te ainda um pouco pálida.

Uma lasca de vidro espetou-se no calcanhar de Hazel dentro do sapato. A rapariga mordeu a língua para não gritar.

– Se era só isso – disse, por entre os dentes cerrados –, receio ter de encurtar a nossa visita.

Bernard ficou estupefacto.

– O quê?

Um raio de dor disparou até à barriga da perna de Hazel.

– Desculpa, primo. Tenho de te pedir que vás embora.

Uma sombra atravessou o rosto de Bernard, mais escura do que Hazel alguma vez tinha visto na sua expressão. O primo, geralmente jovial e bem-disposto, crescera, sem que ela desse por isso. O maxilar estava mais afiado, a testa ficara mais pequena e a boca mais cerrada.

– Portanto – retorquiu Bernard –, sejamos claros. Está a *recusar* o meu convite para um passeio.

– Desculpa, Bernard, mas tenho coisas mais importantes com que me preocupar neste momento do que andar pelos Jardins de Princes Street, a fingir que estou interessada no que tens para me dizer. – Foi muito mais cruel do que pretendia ser, mas as palavras passaram-lhe pelo cérebro e saíram pela boca.

Bernard parecia ter sido esbofeteado. Ficou com a boca aberta, como uma truta, durante alguns momentos, até cerrar os lábios.

– Presumo que te verei no baile, claro? – disse, por fim. O Baile dos Almont era um acontecimento anual em Edimburgo, uma oportunidade de o Lorde Almont mostrar as últimas aquisições de arte e de todos os convidados mostrarem os fatos mais caros.

– Com toda a certeza, Bernard – retorquiu Hazel, num tom melancólico.

– Bem, então parece que não temos mais nada a discutir. Bom dia, prima. – Ele saiu com um floreado do casaco azul, deixando que Charles, a pestanejar, fechasse a porta depois de ele sair.

– Ufa. Até que enfim! – soltou Hazel, atirando os lírios para uma mesa ao lado e arrancando os sapatos e as meias. Massajou o pé massacrado. – Vou precisar de um banho quente para tirar este vidro. Peço mais uma vez desculpa pela confusão. Vou arrumar tudo assim que estiver... recomposta. Com franqueza, o descaramento dele, entrar sem avisar, agindo como se eu tivesse cometido algum pecado por não querer ir dar um *passeio* com ele. E o que é isso de “passeio”? É só andar mais devagar do que qualquer passada humana natural para poder mostrar um novo traje a pessoas distraídas devido ao desejo desesperado de mostrar as roupas novas. É um exercício inútil de narcisismo que nem sequer *funciona*, porque cada um dos envolvidos está demasiado concentrado em si mesmo para proporcionar a admiração de que os semelhantes tanto precisam. É como se o Bernard precisasse de andar a passear pelos Jardins como um pônei de exposição para que as pessoas reparem nas roupas dele; juro que alguém que estivesse em Glasgow conseguiria ver aquele casaco azul. Ufa, consegui tirá-lo. – Hazel retirou um pedaço de vidro particularmente doloroso do pé com as unhas. – Charles, traz-me uma bacia, por favor. Tenho de tirar estes pedaços de vidro antes que se espetem no outro pé.

Charles, que tinha estado à porta, como era seu dever, assim fez. Iona aproximou-se, a roer as peles do polegar.

– Não me leve a mal, Menina, mas foi um *bocadinho* dura com ele.

Hazel molhou o polegar e deslizou-o ao longo de uma mancha vermelha na perna. Saiu. Ótimo. Era apenas sangue seco e um pequeno arranhão.

– Dura? Ele é um homem, não é? Tem o mundo inteiro a seus pés. Acho que posso recusar-me a ir dar um *passeio*.

– Mas ele é seu prometido – lembrou a criada, de olhos no chão.

– *Ainda* não. Por muito que a minha mãe queira que assim seja para se ver livre de mim de uma vez por todas.

Iona engoliu em seco e enrolou uma madeixa de cabelo à volta do dedo.

– Então, talvez devesse ser um pouco mais doce com ele, para garantir...

– Oh, Iona, por favor. Terei a vida toda para ser doce para ele, se ele quiser. Não posso ter uma única tarde de luto pelo meu futuro?

Charles voltou com a bacia e foram os três para o quarto de Hazel para começarem o demorado trabalho de reparar os estragos que a rapariga causara com a frustração.

– É uma pena – comentou Charles, apanhando um besouro que tinha caído da campânula. – Deitar fora estas coisas tão bonitas.

Hazel tirou-lhe o escaravelho dos dedos e segurou-o contra a luz. Era preto, mas no sítio onde o sol da tarde lhe batia quase brilhava um azul iridescente.

– Não os vamos deitar fora, Charles. Vamos apenas varrer os vidros e tornar a colocar os espécimes. Amanhã, vou arranjar vidros novos.

– Ainda bem.

Hazel observou Charles enquanto ele varria. E depois observou Iona a olhar para Charles, e sentiu algo próximo de benevolência a erguer-se no peito como uma maré.

– Sabem – disse –, o Bernard tinha razão. Está um dia lindo para um *passeio*. Eu própria posso arrumar o resto. Porque não vão os dois até aos Jardins? Levem uma das carruagens.

Os dois criados ficaram a olhar para Hazel, estupefactos.

– Para os Jardins de Princes Street, Menina Sinnett? – perguntou Charles.

– Juntos? – questionou Iona.

– Claro que sim – retorquiu Hazel, com firmeza. – Mas olhem que está frio, não se esqueçam de levar um casaco e um lenço. Mas há sol lá fora e só Deus sabe como isso é raro nesta parte do mundo.

A expressão de Iona oscilava entre terror e prazer. O efeito semelhante ao de uma criatura adorável, mas louca, dos bosques.

– Tem a certeza de que consegue fazer tudo sozinha? Sem mim?

– Iona, não quero menosprezar o trabalho impecável que fazes, mas tenho a certeza absoluta de que aguento uma tarde sem ti. Talvez até vá dar uma volta pela propriedade.

– Fazer um *passeio*? – disse Iona, com um brilho travesso nos olhos.

– Seria muito divertido.

– Vai ficar bem sem uma dama de companhia? Sem a sua mãe cá em casa, fico preocupada... sabe, com as aparências e tudo isso.

– Iona, há semanas que vou para Edimburgo sozinha.

– Ah – soltou Iona. – Esqueci-me de quando ia vestida como se fosse o George.

– Vá, vão-se embora antes que fique tarde. Eu aviso a Cozinheira para vos deixar o jantar, para o caso de chegarem tarde.

O sorriso de Charles teria conseguido acender todas as lâmpadas de Hawthornden de uma só vez. Levantaram-se os dois e lá conseguiram sair desajeitadamente porta fora, cada um a tentar educadamente deixar passar o outro, até que Charles fez uma vénia e Iona passou à frente, tropeçando depois nos atacadores.

– Equilibra-te, rapariga! – disse ele, agarrando-a rapidamente pelo cotovelo.

Hazel acabou de arrumar a confusão que tinha feito no laboratório amador em meia hora, apanhando e endireitando os papéis que não atirara da varanda e pressionando-os entre as capas dos livros para tirar os vincos. As emoções do confronto com Straine pareciam agora muito menores, mais distantes, como se tivessem encolhido para um tamanho que lhe permitisse guardá-las ordenadamente numa caixa de chapéus e depois esquecer-se delas no fundo de um armário.

Ouviu um zumbido vindo da cozinha e sentiu um odor com origem na cozinha. A cozinheira estava a fazer tarte de peixe, um dos pratos preferidos de Hazel, e ninguém parecia ser capaz de lhe fazer justiça como a cozinheira. Hazel deu a curva para dentro da cozinha e viu a cozinheira a espalhar um monte de puré de batata num prato gigante. Uma panela com molho de natas fervia em lume brando.

A cozinheira sorriu quando viu Hazel.

– A mão está melhor do que nunca – disse, orgulhosa, erguendo a palma da mão onde Hazel lhe suturara o corte. – Nem um bocadinho de pus... Para dizer a verdade, estava um pouco preocupada com isso, mas não a queria incomodar, de tão ocupada que tem andado ultimamente. Com a *doença* e tudo isso. – O sorriso da cozinheira revelou uma fenda entre os dentes, e Hazel não pôde deixar de lhe sorrir de volta.

– Não ter pus é bom – concordou Hazel. – Deixa-me ver. – O golpe, que tinha sido enorme, era agora uma linha cor-de-rosa bordada por Hazel. – Acho que já posso tirar esses pontos.

– Tive muito cuidado com eles. Nunca estiquei a mão.

– Ótimo. Ficou muito bem curado. – Hazel tirou um gancho do cabelo e, segurando a mão da cozinheira contra a luz do fogo, tirou com cuidado cada um dos pontos. A cozinheira encolheu-se e olhou para o lado, mas os dedos de Hazel foram ágeis, e tudo estava terminado antes que a cozinheira

tivesse oportunidade até de gritar. – Pronto – disse Hazel. – Acho que nem sequer vai ficar com cicatriz. Se ficar, vai ser pequena.

– Dificilmente seria uma cozinheira sem cicatrizes na mão, Menina Sinnett.

– Espero que te contentes com menos uma. Vim aqui para te dizer para guardares o jantar do Charles e da Iona. Talvez cheguem tarde. Disse-lhes que podiam ir juntos ao Jardins de Princes Street.

A cozinheira bateu as palmas.

– Ora, que bom para eles!

Susan, a ajudante da cozinha, deixou uma pilha de pratos bater no lava-louça.

– Já não era sem tempo! – disse, a soprar. – Passo a vida a dizer àquele rapaz para fazer qualquer coisa. Ele está sempre a olhar para ela, é um milagre que consiga trabalhar.

O calor da cozinha – da cozinheira, do fogo, do cheiro da tarte de peixe – encheu Hazel e empurrou para longe todos os sentimentos negativos da manhã e do dia anterior. Sentira as mãos seguras e competentes com a agulha e o gancho enquanto retirava os pontos com todo o cuidado. Gostou dessa sensação de competência, de ver o golpe da cozinheira, de saber como o tratar e de ter sido capaz de o fazer. Talvez tivesse sido tola por pensar que podia seguir um caminho como cirurgiã na esfera pública, mas talvez tivesse sido igualmente tola por fingir que, entretanto, era inútil não aprender tudo o que podia. Quando casasse com Bernard, deixaria Hawthornden e o laboratório improvisado e os livros do pai. Iria para Almont House apenas com o enxoval e a mente. Com a mãe e Percy em Bath, e o pai no estrangeiro, esta poderia ser a última vez na vida em que teria oportunidade de assistir a palestras sem ser descoberta. Talvez houvesse uma resposta.

– Importa-se de guardar um prato quente também para mim? – perguntou Hazel. – Tenho um recado para fazer em Edimburgo e posso voltar tarde.

OceanofPDF.com

O letreiro foi colocado na porta gigante de carvalho do *Le Grand Leon* numa manhã gelada de novembro, pregado pelo senhor Arthur, que se certificou de que estava direito antes de suspirar e voltar para dentro.

– Então, é mesmo verdade? – disse Thomas Potter, o ator principal. Tinha a boca cerrada, numa linha direita. Olhou para Isabella, que estava atrás dele, com uma expressão nervosa sob uma cortina de cabelo louro.

– É – respondeu o senhor Arthur. – E, com o estado em que está a cidade, só Deus sabe se vamos abrir para a próxima temporada. Por isso, é melhor começarem todos à procura de outras formas de ganhar a vida.

Isabella puxou o casaco de Thomas.

– Thom, o que vamos nós fazer para...?

– Havemos de nos arranjar. Hei de arranjar qualquer coisa – respondeu ele, voltando-se para Isabella e dando-lhe um beijo terno no alto da cabeça.

Jack tinha estado sentado nas traves a ouvir. Há dias que andava a ouvir conversas entre o senhor Arthur e o dono do teatro, entre o dono do teatro e a coreógrafa. Durante a última semana, o espetáculo tinha sido feito para filas de cadeiras na maioria vazias, com o veludo vermelho gasto a ficar com uma fina camada de pó. Era demasiado arriscado para os abastados aventurarem-se a ir ao teatro perante a ameaça de uma praga. Por isso, ficavam em casa. Portanto, pelo menos por enquanto, o *Le Grand Leon* ia ficar fechado.

– Podes ficar à vontade, Jack – disse o senhor Arthur, no dia seguinte, depois de todos os atores terem ido embora, entregando-lhe uma pesada argola com chaves de latão. – Aliás, até gostava que ficasses. Para afastar os ladrões. Não posso pagar muito, ou melhor, nada, mas sempre ficas com um telhado por cima da cabeça, para quando precisares. Vai ser bom ter-te aqui para manteres isto de pé. Para o caso de, tu sabes...

– Para o caso de quê? – perguntou Jack, aceitando as chaves.

O senhor Arthur fez um sorriso triste.

– Para o caso de voltarmos para a próxima temporada – continuou o senhor Arthur. Deu uma palmadinha amigável no ombro de Jack e afastou-se pelo corredor até à entrada, deixando o rapaz num teatro cheio de ecos e fantasmas.

Jack teria de roubar outro cadáver em breve se quisesse comer.

Hazel quase esperava que a porta da Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo abrisse diretamente para o teatro cirúrgico, aquele que só tinha visto debaixo das bancadas. Mas, em vez disso, depois de Hazel ter levantado e deixado cair o batente de bronze sobre a porta, um criado de libré com uma peruca empoeirada conduziu-a educadamente para uma sala de estar bem arranjada que parecia um salão de luxo ou um clube de cavalheiros. Na lareira, ardia uma brilhante e alegre fogueira laranja, cujo crepitar era o único som que se ouvia naquela sala silenciosa, onde dez ou mais homens de suíças, espalhados por entre poltronas de veludo, bebiam *brandy* e liam jornais.

Uma parede inteira da sala estava ocupada com cabeças de animais penduradas, zebras e rinocerontes embalsamados, um leão e um elefante cheio de cicatrizes, cujos dentes de marfim tinham sido removidos. A parede oposta estava revestida por enormes estantes, tão altas que exigiam uma escada deslizante para chegar aos volumes nas prateleiras mais altas. Hazel tentou espreitar de relance os títulos dos livros, mas a maioria estava demasiado desbotada para ser possível ver. Os volumes nas prateleiras do fundo estavam todos em latim.

A lareira tornava a sala invulgarmente quente, e Hazel resistiu ao impulso de puxar o saíote e soltar as fitas. As semanas que passara com as roupas velhas de George tinham-na feito esquecer como as camadas de

tecido dos vestidos femininos eram asfixiantes, especialmente quando uma mulher se vestia para parecer o mais refinada possível. Precisamente o que Hazel tinha feito. Vestira-se como um soldado revestido com camadas de armadura, com toda a proteção que lhe podia ser proporcionada pela riqueza e pelo gosto decente. O vestido era de um azul sensato, debruado com veludo e um cordão de renda preta. Tinha uma fita lilás a apertar-lhe a gola na garganta. Por outras palavras, parecia uma respeitável senhora da sociedade de Edimburgo, e, embora o criado de libré da Sociedade de Anatomistas pudesse ter-lhe perguntado em privado porque não tinha uma dama de companhia, ele estava num nível demasiado baixo para pensar em desafiar uma mulher como Hazel Sinnett, mas também lhe revelara uma ferramenta valiosa no seu arsenal: as mulheres eram quase inteiramente ignoradas como pessoas, o que lhe dava o poder da invisibilidade. As pessoas *viam* as mulheres, viam os vestidos que as mulheres usavam nos passeios pelo parque e as mãos enluvadas pousadas nos cotovelos dos pretendentes no teatro, mas as mulheres nunca eram *ameaças*. Nunca eram desafios que merecessem ser tidos em consideração. O criado de libré poderia ter recusado a entrada a uma mendiga ou mesmo a um homem estranho, mas Hazel – vestida como os mais abastados – podia passar por ele, se o fizesse rapidamente e fingisse confiança. E foi o que fez.

O Dr. Beecham estava sentado sozinho junto a uma pequena mesa, com uma chávena de chá forte a fumegar ao seu lado. Sobre a mesa estavam espalhados livros e papéis. Uma enorme carapaça de tartaruga servia de pisa-papéis. Apesar de o calor da fogueira irradiar pela grelha, ele continuava com o habitual casaco com a gola levantada até ao queixo.

– Dr. Beecham? – chamou Hazel, em voz baixa. Alguns dos cavalheiros mais próximos resmungaram com a interrupção e depois voltaram às leituras.

O Dr. Beecham acabou de tomar uma nota e depois tornou a pôr a pena no tinteiro.

– Creio que não tenho o prazer de a conhecer, pois não? Por favor, perdoe-me se já tivermos sido apresentados; infelizmente, a minha memória já não é o que era.

– Isso é... uma pergunta interessante, Dr. Beecham – disse Hazel. – Sou... chamo-me Hazel Sinnett. – A rapariga tirou a touca e afastou os caracóis do rosto. – Mas conheci-o como...

– George Hazleton. – Beecham levantou-se e estendeu-lhe a mão.

Hazel apertou-a, incrédula.

– Sim, claro. O Straine falou-me disso... Mas estou a antecipar-me. Menina Sinnett, sente-se, por favor. Posso oferecer-lhe uma chávena de chá?

Confusa, Hazel sentou-se à mesa, à frente de Beecham. (Os cavalheiros próximos troçaram de Hazel por se sentar, mas voltaram à leitura ainda mais depressa do que da última vez.)

– Fascinante – soltou Beecham, olhando fixamente para a cara da rapariga, como se pudesse ver os ossos e os músculos a funcionarem sob a pele. – Não consigo perceber como é que não a reconheci de imediato. É absolutamente fascinante. As roupas vieram de... alguma loja? De um alfaiate?

– Eram do meu irmão. – E, depois, sem conseguir conter-se, acrescentou: – Ele morreu.

Uma sombra passou pelo rosto de Beecham.

– As minhas desculpas. As minhas sinceras desculpas. Tive um filho que... – Olhou para lá de Hazel por um momento e depois abanou a cabeça. – Não interessa. É um prazer conhecê-la pessoalmente, Menina Sinnett.

– Então, espere só um segundo. O doutor...? – começou Hazel, mas depois pensou melhor. Pestanejou algumas vezes. – Então, o doutor não está zangado comigo?

O Dr. Beecham fez um sorriso compassivo.

– Não, confesso que não estou zangado consigo. Talvez um pouco desapontado com a minha capacidade de observação, mas... não, não. Não estou zangado. Na verdade, estou interessado.

– Interessado?

– Em si. Enquanto espécime. É muito raro ver uma mulher com o seu interesse pelas ciências naturais. E ainda mais raro, devo dizer, ver uma mulher com as suas aptidões. Diga-me... sempre se interessou por anatomia?

E então, quando lhe foi colocada uma chávena de chá à frente e a rapariga se instalou na poltrona de veludo surpreendentemente confortável, Hazel deu por si a contar tudo ao Dr. Beecham. Contou-lhe da infância solitária atrás das paredes cinzentas de Hawthornden, escondida no escritório do pai a ler livros de medicina e alquimia à luz das velas, muito depois de, supostamente, dever estar na cama. Falou-lhe do pai no estrangeiro e da mãe distante, presa num luto perpétuo, obcecada com a saúde do irmão mais novo, o novo herdeiro. Desde que aprendeu a escrever o nome, sempre quis estudar o corpo, aprender as regras pelas quais se regia, compreender como o dominar: esse estranho recipiente que continha a alma. Hazel apercebera-se de como era frágil quando, em criança, arranhou os joelhos e viu pérolas de sangue a saírem das meias. Passava horas a traçar as finas veias azuis esverdeadas sob a pele.

Beecham ouviu-a com toda a atenção, mexendo mais açúcar no chá e acenando com a cabeça enquanto Hazel falava.

– E foi assim que cheguei às suas palestras de anatomia – concluiu.

Tinha omitido como se esgueirara para a sala de operações para ver Beecham a fazer uma cirurgia com aquele milagroso *etherium*. Não havia necessidade de meter aquele rapaz, o ladrão de corpos, em apuros.

– Juro que não foi com maldade nem com a intenção de trocar de si. Não consegui pensar noutra forma. Por favor, se me deixarem continuar nas vossas aulas, trabalharei mais do que qualquer aluno que alguma vez ensinaram e aprenderei mais diligentemente. Se puder falar com o Dr. Straine ou convencê-lo a permitir-me continuar os estudos... Serei discreta, se for preciso, e *encontrarei* uma forma de trabalhar como médica. Ainda não sei como, mas encontrarei. Os seus ensinamentos não serão desperdiçados. Juro que, de alguma forma, passarei no Exame Médico e darei crédito ao vosso curso, sei que darei. – Estava quase sem fôlego quando parou. A boca tinha-se mexido mais depressa do que o cérebro.

Beecham adicionou outra colher cheia de açúcar ao chá e, pensativo, bebeu um gole. Estremeceu e adicionou mais uma colher cheia de açúcar.

Supreendendo Hazel, uma cabeça pequena e que parecia de couro estendeu-se da carapaça de tartaruga sobre a mesa.

– Ah, olá, *Galen* – saudou Beecham. Deu um pouco de biscoito à tartaruga e acariciou-lhe distraidamente a carapaça, antes de voltar a atenção para Hazel. – Sabe – disse –, não partilho das *ideias* do nosso amigo, o Dr. Straine, sobre mulheres médicas. Quando se vive tanto tempo como eu, minha querida, aceita-se a novidade onde quer que a encontremos, e não se é nada sem o que é novo.

O Dr. Beecham não podia ter mais de 50 anos, mas Hazel compreendeu aquele ponto de vista.

– Isso significa – começou lentamente Hazel – que posso continuar na sua aula?

Beecham clareou a garganta e fez sinal a um criado para trazer outro bule de chá.

– Infelizmente, se o Dr. Straine não está disposto a deixá-la assistir às suas demonstrações, não há nada que eu possa fazer para o convencer. Quando ele falou comigo, no outro dia, tentei transmitir-lhe a ideia de que uma mente médica excepcional poderia, de facto, vir de uma mulher, mas, lamentavelmente, é um velho casmurro e teimoso.

– Mas, de certeza – reagiu Hazel –, sendo o *diretor* do curso. Como colega docente. O seu avô foi fundador da sociedade, certamente há *alguma coisa*...

– Menina Sinnett. Por muito que me custe dizer, é possível que o Dr. Straine tenha alguma razão. As demonstrações anatómicas podem ser bastante... horripilantes. A pele esfolada e os órgãos inchados. Pensando bem, talvez seja melhor proteger a sua delicada sensibilidade. – Bebeu um grande gole de chá e suspirou de satisfação. – E a partir de agora, as aulas são cada vez mais exigentes. Incrivelmente rigorosas. E depois há o Exame Médico. Um processo penoso. Sim, pensando bem, talvez *seja* melhor...

Uma faísca iluminou o cérebro de Hazel, e ela falou antes que a lógica ou a razão a pudessem extinguir.

– E se eu fizer o Exame Médico? Mesmo sem as aulas. Se eu for autorizada a fazer o Exame Médico?

O Dr. Beecham inclinou a cabeça e levou a pena aos lábios.

– Seria uma experiência – disse.

– Sim – insistiu rapidamente Hazel –, exatamente. Uma experiência. Para testar as minhas capacidades. E se passar, recebo as minhas qualificações e assim permitirá que as mulheres se inscrevam nas suas aulas daqui para a frente. Nas suas e nas do Dr. Straine.

Deixaram mais um bule de chá na mesa, e Beecham agradeceu ao empregado com um sorriso caloroso, antes de se voltar novamente para

Hazel. Quando se inclinou para a frente para encher a chávena de chá, a rapariga teve a sensação de ver algo brilhante e dourado, quase resplandecente, no bolso do peito dele. Mas antes que conseguisse ver melhor, Beecham endireitou-se.

– Mas devo avisá-la de que, se pretende fazer o Exame Médico, vai achar quase impossível sem estudar as matérias. Duvido de que *alguém* possa passar sem dissecções. Até o próprio John Hunter chumbaria.

– Vou conseguir. Posso garantir-lhe que vou conseguir. E não serei a última mulher a tentar inscrever-se no seu curso, Dr. Beecham, garanto-lhe isso também. Quando eu passar, as outras mulheres vão perceber que é possível. E eu *vou* passar.

Naquele momento, Beecham parecia positivamente alegre. Os olhos brilhavam de entusiasmo.

– Adoro desafios, Menina Sinnett.

– Então, está combinado – disse Hazel, estendendo-lhe a mão.

Beecham aproximou a mão da dela, mas depois levantou-a com um movimento brusco.

– As condições: fará o Exame Médico no fim do período. Se passar, abrirei o curso a qualquer mulher que deseje participar, embora a advirta de que pode não haver tantas com a sua peculiar predileção como parece acreditar. *E*, no caso improvável de passar, também lhe oferecerei um estágio, comigo, no hospital universitário onde, como deve saber, sou Chefe da Cirurgia. Um estágio raro e *muito* procurado. – Baixou a mão, pronto para apertar a de Hazel, mas, desta vez, foi ela quem hesitou.

– E se eu chumbar? Se eu chumbar? Todas as apostas têm riscos, não é verdade?

Beecham deu uma risadinha, mas não cruel.

– Muito bem, Menina Sinnett. Considero isto mais uma *experiência* do que uma aposta. Imagino que os riscos do seu fracasso seriam evidentes.

Por um lado, eu seria incapaz de convencer o meu colega Dr. Straine a permitir que, no futuro, outras mulheres participassem no curso. Digamos que, se não passar no Exame Médico, não será capaz de desbravar o caminho no futuro. Esta experiência mais alargada, de uma mulher cirurgiã, será considerada concluída.

Hazel assentiu e deram um aperto de mão. A mão de Beecham estava fria; Hazel sentiu-a gélida, mesmo através da luva.

– Muito bem – rematou Beecham. – Estou ansioso por vê-la no exame. Ah, só mais uma coisa! – Levantou um dedo enquanto procurava na pilha de livros que lhe davam pelo cotovelo. – Ah! Cá está. Uma edição mais recente do *Tratado do Dr. Beecham*. Para estudar. Por acaso reparei que a que levou para a aula estava um pouco desatualizada. E ainda pior por estar tão gasta, se não levar a mal que o diga.

Hazel pegou no livro. A luz da lareira refletiu-se nas letras douradas da capa:

TRATADO DO DR. BEECHAM SOBRE ANATOMIA
OU, A PREVENÇÃO E CURA DAS DOENÇAS MODERNAS
pelo Dr. William Beecham
24.^a Edição, 1816

– Obrigada – agradeceu Hazel, folheando-o. Reparou que tinha algumas notas à margem. – Tem a certeza de que não se importa? Tem algumas notas.

O Dr. Beecham fez-lhe sinal para que não se preocupasse.

– Só uns rabiscos, tenho a certeza. E agora, com a sua licença, tenho de voltar às minhas notas. Estão a ocorrer mortes *terríveis* no coração da cidade. Terríveis.

Hazel endireitou-se, muito atenta.

– Já ouvi falar! Dizem que é outra vez a febre romana. O Dr. Beecham! Apareceu num jornal a falar sobre isso.

– Pois. Dei comigo a examinar os corpos. Terríveis, verdadeiramente terríveis.

– Então, acha que é verdade? – perguntou Hazel, em voz baixa. – A febre romana voltou?

O Dr. Beecham pareceu abatido. Assentiu.

– Parece ser esse o caso. E parece haver tão pouco interesse no público quando são os pobres que morrem. São tão poucos os que se importam.

– O meu irmão, que morreu... foi com a febre – revelou Hazel, evitando os olhos do médico. – O meu irmão George. Da última vez que a febre assolou Edimburgo.

– George – repetiu lentamente o Dr. Beecham. – George. Claro. As minhas mais sinceras condolências pela sua perda. – Olhou para lá de Hazel durante tanto tempo que ela ponderou se devia ir-se embora. Quando estava prestes a levantar-se, Beecham voltou a falar. – *Morte magis metuenda senectus*. Sabe latim, Menina Sinnett? –

– Só um pouco, lamento dizê-lo. É... hum... qualquer coisa como “tememos a velhice...”?

– “A velhice devia ser mais temida do que a morte.” – Beecham voltou a assumir uma postura distante, e os dois ficaram em silêncio por alguns momentos, ouvindo a lareira continuar a crepitar e os homens de suíças em redor a fungar e a virar as páginas dos jornais. Por fim, o Dr. Beecham voltou a falar. – Bem, espero que estude muito e passe no exame, Menina Sinnett. – O reflexo das chamas fez crescer um brilho laranja nos olhos dele. – Especialmente se a febre romana tiver regressado à nossa bela cidade. Talvez seja a Menina Sinnett quem finalmente descobre a cura.



De Uma História da Prática do Médico Real (1811):

A filosofia da medicina durante o período Tudor foi dominada pela noção dos quatro humores, encontrada nos escritos de Hipócrates (c. 460 a.C.) e desenvolvida por Galeno de Pérgamo (c. 129 d.C.), o notável médico da Roma Antiga.

Os médicos trabalhavam no pressuposto de que cada indivíduo tinha um *humor* dominante, ou fluido, que determinava a sua personalidade, e qualquer doença podia ser entendida no contexto de um excesso ou uma deficiência do referido humor. Os quatro humores eram: sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra.

Sangue	<i>SanguÍneo</i>	<i>Quente e húmido</i>	<i>Simpático, frequentemente brincalhão e risonho; aspeto rosa-escuro e boa pele</i>	<i>Ar</i>	<i>Primavera</i>	<i>FÍgado</i>
Fleuma	<i>Fleumático</i>	<i>Frio e húmido</i>	<i>Desanimado, muitas vezes esquecido; ficará com o cabelo branco ainda novo</i>	<i>Água</i>	<i>Outono</i>	<i>Cérebro</i>
BÍlis amarela	<i>Colérico</i>	<i>Quente e seco</i>	<i>Amargo, temperamental e infeliz; a pele pode ter um aspeto esverdeado</i>	<i>Fogo</i>	<i>Verão</i>	<i>Vesícula biliar</i>
BÍlis	<i>Melancólico</i>	<i>Frio e</i>	<i>Preguiçoso e de saúde</i>	<i>Terra</i>	<i>Inverno</i>	<i>Baço</i>

negra		seco	<i>frágil; cabelo preto e olhos pretos</i>			
-------	--	------	--	--	--	--



OceanofPDF.com

Hazel estava tão distraída quando ia a sair da Sociedade de Anatomistas, tão animada pelo seu próprio propósito e determinação, que deu um passo confiante para fora da soleira, de regresso às pedras batidas pela chuva naquele beco de Edimburgo, e chocou imediatamente com um estranho.

– Peço imensa descul... És tu!

Hazel ia pedir desculpa, mas olhou para cima enquanto endireitava as saias e viu-o: o rapaz de antes da demonstração cirúrgica, que a levara para o beco estreito e escoltado, como se fosse o seu próprio Virgílio pelo Inferno, até ao lugar secreto sob as bancadas. Estava diante dela, aparentemente também demasiado atordoado com aquele encontro inesperado para falar, e Hazel conseguiu ver bem o rosto dele.

Sim, era ele, o rapaz de antes, com um emaranhado de cabelos pretos que lhe chegavam ao pescoço e o nariz adunco saliente no meio. E depois havia aqueles estranhos olhos cinzentos, que de perto, Hazel reparou, tinham as íris rodeadas de azul-marinho. O azul estava entretecido nos olhos cinzentos-claros como veneno a dissolver-se na água. Era alto, pelo menos um metro e oitenta, e as calças davam-lhe pelos tornozelos, mesmo com as bainhas descosidas para ficarem mais compridas. A camisa também era demasiado curta, as mangas só chegavam aos punhos, embora Hazel

tivesse identificado, pelo menos, quatro sítios onde os rasgões tinham sido cuidadosamente cosidos com pontos desajeitados, mas pequenos.

– Menina Sinnett – exclamou o rapaz, mostrando novamente os caninos pontiagudos. – Ou era *Lady Sinnett*? Tanto faz, parece que nos encontrámos outra vez.

– Podes chamar-me Hazel. E lamento dizer que não te posso dar a honra de me lembrar do teu nome, uma vez que nunca mo disseste.

O rapaz sorriu e piscou o olho, embora pudesse estar apenas a semicerrar os olhos contra o sol poente que conseguira penetrar no beco junto a High Street e iluminar ambos com a luz amarelo-pálido do esforço do fim do outono para ter sol.

– E também não lhe vou dizer. Não me dou frequentemente com senhoras da alta sociedade, por isso, não acho que seja preciso apresentar-me.

– Já nos encontrámos duas vezes – argumentou Hazel.

– Pois, mas será mesmo um encontro se não lhe disser o meu nome? – contrapôs Jack, piscando mesmo o olho desta vez.

Hazel sentiu um calor desconhecido subir-lhe do umbigo até ao peito, uma excitação terrível que só sentira antes quando preparava uma experiência e antecipava os resultados. Era um sentimento de expectativa, de querer saber o que iria acontecer a seguir, juntamente com a sensação de ter bebido uma taça de champanhe com o estômago vazio.

O rapaz estendeu-lhe a mão, e Hazel apertou-lhe.

No momento em que as peles se tocaram, as bolhas de champanhe no estômago de Hazel espumaram com uma energia frenética. Era o galvanismo, os choques elétricos de Galvani – não havia outra forma de o descrever –, uma corrente de raios que fluía da mão dele através da mão dela e diretamente até ao coração palpitante.

– É maravilhoso encontrá-la outra vez, Hazel Sinnett – disse o rapaz, apertando-lhe a mão. A dele era tão grande que fazia a dela desaparecer por completo.

Da entrada do beco, no sítio que dava para a High Street, um rapaz gritou com as mãos em concha: “*Ó Currer! Para com o namoro!*” Parecia mais velho do que o rapaz de olhos cinzentos, mas era mais baixo e encorpado, como se o corpo dele fosse um quadrado compacto de músculos.

– Já recebeste o dinheiro? Dá-me metade para eu ir ao *pub*. Juro por Deus, Jack, não me trames. O Bailey já não me vende mais fiado no *Arms* e estou mesmo a precisar de uma bebida forte.

Jack resmungou e soltou a mão de Hazel.

– Raios te partam, Munro! Eu tenho o dinheiro. Vai lá ao *pub* e manda pôr o primeiro copo que beberes na minha conta. Agora, desaparece! – Jack tentou propositadamente evitar olhar outra vez para Hazel, com as faces coradas de vergonha por praguejar em frente a uma senhora.

Munro não pareceu convencido, mas desapareceu para lá do empedrado do beco. Jack ficou a vê-lo ir-se embora e só depois se voltou para Hazel, que estava no mesmo sítio, mas com a testa franzida.

– Então, é Jack... Currer, certo?

Jack Currer, o rapaz de olhos cinzentos, fez uma vénia exagerada.

– Ao seu serviço.

Hazel reparou na sujidade debaixo das unhas dele e na lama incrustada na sola dos sapatos. Olhou de relance a placa da Sociedade de Anatomistas e depois novamente para Jack.

– És um ladrão de sepulturas, não és?

Jack levantou-se da vénia já com a testa franzida.

– Não – disse. – Não, não, não, não. Nunca fui ladrão de sepulturas. Tenho muito cuidado com isso. Veja, se não tirarmos nada da sepultura a

não ser o corpo, não nos podem acusar de assaltarmos sepulturas.

– Então, és um ladrão de *cadáveres*.

Jack olhou por cima do ombro para ver se havia alguém por perto que pudesse ouvir. Estavam sozinhos, a porta da Sociedade de Anatomistas estava bem fechada e o beco vazio. Inclinou-se para ela.

– Prefiro “ladrão de corpos”. Soa um bocadinho mais *romântico*, não acha?

– Então era por isso que sabias da passagem até à sala de operações. Vendes *corpos* aos médicos.

– Às vezes.

Hazel observou-o agora mais de perto, de alto a baixo. Parecia ter mais ou menos a idade dela, talvez um ano mais velho. Os dedos finos do rapaz estavam a tremer enquanto conversavam.

– E quanto é que cobras por uma coisa dessas? – perguntou Hazel. – Por um corpo.

– Depende. Está interessada num?

– Depende – respondeu Hazel. – Fazes entregas?



4 de novembro de 1817

Henry Street, n.º 2

Bath

Querida Hazel,

O teu irmão Percy adoeceu com uma gripe. Passa o dia inteiro a fungar e metade da noite a tossir. É o suficiente para deixar o meu pobre coração em lágrimas. Levo-o às termas duas vezes por dia, e o boticário deu-nos umas gotas de láudano para o ajudar a dormir. Peço-te que te lembres dele nas tuas orações e que peças ao Senhor que o cure depressa. Uma gripe medonha!!!

– A tua mãe, Lady Lavinia Sinnett



O Castelo de Hawthornden erguia-se no topo de uma colina escarpada e, descendo o estreito caminho do jardim, à esquerda da fachada de pedra do edifício havia uma pequena porta de madeira metida na própria encosta, diretamente por baixo da propriedade. Era uma porta manchada, branqueada pelo sol e inchada pela chuva e a humidade, e quase invisível naquela noite escura e sem luar – com uma pequena grelha metálica ao nível dos olhos que se abriu com um tinido quando Jack Currer bateu à porta.

– Quem está aí? – disse uma voz do outro lado da porta. Era uma voz de mulher, de Hazel, a fingir-se confiante e com uma profundidade masculina artificial para afugentar alguém suficientemente louco para tentar invadir a propriedade.

Jack ergueu a lanterna que segurava, de forma a iluminar a cara.

– Não seja burra, sou eu. Quem mais conseguiria encontrar uma porta escondida a meio da noite para o raio da masmorra que vocês construíram ao lado do castelo?

– Qual é a senha?

– Ah... hum... – Jack olhou para a palma da mão, onde escrevera as palavras com tinta. O suor tinha feito com que as letras ficassem esborratadas e unidas. – *Morto... vivos... bo...* Não, não, espere. Qualquer coisa com doces?

Hazel suspirou e abriu a pesada porta para a masmorra, que rangeu.

– *Mortui vivos docent*.

Jack empurrou o carrinho de mão, passando por Hazel, para dentro da câmara subterrânea.

– Desculpe, faltei às aulas de latim em Eton.

Hazel teve de se encostar à parede húmida para evitar que ele lhe passasse por cima.

– Mas é óbvio que não faltaste às lições de etiqueta.

Jack acabou de empurrar o carrinho de mão e largou as pegas. Respirou fundo devido ao esforço e limpou as mãos às calças, deixando uma risca de tinta.

– *Mortui vivos docent* – repetiu. – Afinal, o que é que isso quer dizer?

Hazel olhou para o volume escuro escondido debaixo da manta no carrinho de mão de Jack.

– “Os mortos ensinam os vivos.” Li isso num livro.

A masmorra estava iluminada com tochas a arder na parede e algumas lamparinas sobre a mesa de trabalho. Não havia qualquer janela para o mundo exterior, a não ser a grelha deslizante, que Hazel cerrou com firmeza quando a porta já estava fechada e trancada. Sobre a mesa havia uma coleção de estranhas ferramentas prateadas. Jack reconheceu algumas, como as facas e a serra de ossos. Mas outras tinham arestas curvas e pegas como tesouras. Formavam um conjunto irregular, com algumas peças já enferrujadas e outras feitas claramente de prata fina. A coleção de uma gralha que guardava tudo o que encontrava.

Pregados à parede havia dois pares de grilhões, onde um preso podia ser pendurado pelos pulsos.

– Este sítio é usado? – perguntou Jack, um pouco amedrontado. – Como uma masmorra, quero eu dizer.

– Pode ser – respondeu Hazel. Jack deu uma gargalhada. – A verdade – acrescentou ela – é que acho que nunca foi usada para prisioneiros. Esteve vazia durante toda a minha vida. Até agora.

Jack pegou num pequeno bisturi com um cabo de madeira e rodou-o nos dedos.

– Até agora, quando decidiu transformá-la num laboratório privado.

– É mais ou menos isso.

– A sua mãe e o seu pai não se importam? Que a filhinha saia de casa de noite e vá para baixo da escarpa confraternizar com ladrões de corpos.

– O meu pai pertence à Armada Real e foi colocado em Santa Helena, para supervisionar o exílio de Napoleão. A minha mãe está... – Hazel hesitou até encontrar as palavras certas – ... de férias, em Inglaterra. Ela nunca me presta atenção, nem mesmo quando está cá. – Havia algo no rosto de Jack – a forma como o lábio se enrolava nos cantos, os olhos de um cinzento frio que pareciam intermináveis, como se fossem janelas para um oceano extenso e calmo que se estendia por milhas – que lhe dava vontade de dizer coisas, de se abrir e dizer o que nunca dissera em voz alta. Talvez fosse porque ela nunca tivera alguém com quem partilhar essas coisas em voz alta.

– Então – disse Jack, aproximando-se mais de Hazel, com a luz da tocha a dançar-lhe no rosto –, está sozinha num grande castelo. Pensava que uma senhora nunca estava sozinha.

Um estranho choque elétrico percorreu o corpo de Hazel, que se apercebeu repentinamente da leviandade das suas ações. Tinha dito a um estranho onde vivia, convidara-o a entrar e depois dissera-lhe que vivia sem proteção. Jack podia ser perigoso. Podia pertencer a um bando de ladrões que chegariam assim que o rapaz desse o sinal, e uma horda de criminosos saquearia Hawthornden e deixá-la ia amarrada e amordaçada num canto.

Involuntariamente, Hazel pegou na maior faca que estava em cima da mesa.

– Talvez eu não seja uma senhora – disse Hazel.

Jack olhou-a de alto a baixo e depois começou a rir com tanta sinceridade, com um calor genuíno de criança, que Hazel, de alguma forma, percebeu que a intenção dele nunca fora roubá-la.

O coração batia-lhe com força e ela deu graças a Deus por a luz fraca das lamparinas e da tocha esconder o rubor. Hazel clareou a garganta.

– Portanto, o espécime. Podes pô-lo em cima da mesa. – Usou a faca que tinha na mão para apontar.

– Tem razão. – Jack olhou finalmente para o carrinho de mão.

Hazel desviou os olhos enquanto Jack manobrava o cadáver e punha os membros em posição, até que parecesse que estava a dormir debaixo de um sudário.

– Tapado ou destapado?

– Destapado – replicou Hazel. – Pode ficar destapado. Vou vê-lo de qualquer maneira. Quanto te devo? – Tirou uma bolsa com moedas de debaixo do avental. – Creio que são seis guinéus, não é?

– É um cadáver fresco, desenterrei-o esta noite! Dez guinéus.

– Lá porque o desenterraste esta noite, isso não significa que tenha sido enterrado esta noite. Pelo cheiro, não foi de certeza. Sete guinéus.

– Nove, ou volto já para a Cidade Velha e vendo-o ao barbeiro de Haymarket Street. É um bom cliente. Paga sempre o que lhe peço.

– Oito guinéus e três xelins – regateou Hazel. Estendeu as moedas pesadas na palma da mão.

Jack hesitou e depois apanhou-as com a mão.

– Negócio fechado.

Quando já tinha as moedas no bolso, Jack retirou o lençol com um floreado, revelando o cadáver encolhido que estava debaixo dele: uma

jovem mulher, engelhada e parecendo de cera. O cheiro inundou a masmorra, um odor enjoativo e doce a carne podre e ovos estragados, um cheiro almiscarado e quente a larvas.

– Toma – disse Hazel, oferecendo a Jack uma laranja cheia de cravinhos espetados. Ela já estava com uma encostada ao nariz. – Ajuda com o cheiro.

Jack aceitou com gratidão.

– Também leu isso num livro?

– Por acaso, li – respondeu Hazel.

O corpo tinha as pálpebras azuis frias e o cabelo parecia de palha. Se Hazel tivesse de adivinhar, diria que tinham as duas exatamente a mesma idade. A mulher – a rapariga – tivera uma vida dura, Hazel conseguia perceber isso, lendo o corpo dela como se fosse um livro. Tinha os pés congelados e as plantas dos pés deformadas pelas solas de sapatos miseráveis. As unhas estavam amarelas e partidas. Tinha os membros cheios de hematomas. Na parte de trás da cabeça, havia uma secção onde o cabelo amarelo-palha fora rapado, revelando cicatrizes e marcas de sucção circulares de um tratamento com ventosas. A rapariga tinha ido a um hospital para pobres e haviam-na tratado sugando sangue da parte de trás do crânio com facas e copos quentes. Hazel nunca vira aquilo a ser feito, mas lera sobre o assunto. Ver as cicatrizes numa pessoa – hematomas de sucção púrpura em círculos perfeitos, como se a mulher tivesse lutado com uma terrível criatura do mar profundo – fez com que procedimento parecesse muito mais brutal do que Hazel imaginara nas páginas dos livros.

A rapariga também tinha mais uma cicatriz, com pelo menos 30 centímetros, no centro do peito, entre os seios, cosida com pontos tão apertados e bem feitos que eram quase invisíveis. Hazel ponderou sobre

qual a doença que fora tratada. Talvez alguém tivesse tentado salvar-lhe a vida.

Jack tinha sido pago, ainda assim continuava lá, a olhar para o cadáver por cima do ombro de Hazel.

– Ela tinha... Sabe se ela tinha... a febre?

– A febre romana? – disse Hazel, perplexa.

Jack assentiu. Ouvira os boatos. O padre que encomendara o corpo no cemitério pedira a Deus que fosse descoberta uma cura.

– Não – retorquiu Hazel –, definitivamente, não.

Jack aproximou-se mais.

– Como sabe? Toda a gente diz que ela morreu disso!

– A sério? Não, olha aqui... – Hazel usou o lençol para voltar o corpo de barriga para baixo, de forma a mostrar a Jack a pele lisa das costas do cadáver. – Não tem ínguas. Não tem bolhas. É daí que vem o nome de febre romana.

– Não é por ter vindo de Roma? – Jack ouvira mais do que um ajudante de palco no *Le Grand Leon* a praguejar contra “esses malditos italianos” por causa da doença que estava a pôr em causa o seu trabalho.

– Não, não é nada disso. É porque o principal sintoma, depois da febre, são as bolhas cheias de sangue. E quando rebentam, parecem facadas. Como aconteceu a Júlio César nos degraus do Senado. Roma. *Plaga Romana*.

– Também leu num livro? – perguntou Jack.

– Por acaso, aprendi isso em primeira mão.

Jack deu mais um passo para junto de Hazel.

– Então, *consegue* dizer como que é que ela morreu?

Em resposta, Hazel pegou na faca maior e fez uma longa incisão vertical ao longo do tronco do cadáver, como tinha visto o Dr. Straine fazer

na aula. Fez uma pausa, olhando para baixo, incrédula. Olhou para Jack, depois para o corpo e novamente para o rapaz.

– Por acaso – replicou Hazel –, sei exatamente porque é que ela morreu. Não tem coração.

– Batimentos? Pois, está morta. Isso até eu sabia.

– Não – contrapôs Hazel. – Vê. Ela não tem coração, literalmente.

Jack olhou para o espaço vazio do peito. Estava tudo tão *vermelho* e tão *molhado* que ele não sabia o que procurava.

– Aqui. – Hazel apontou com a faca para o centro do tronco da mulher.

– Por baixo das costelas. À frente dos pulmões.

– Não vejo nada – confessou Jack.

– É esse o problema.

O coração desaparecera. No seu lugar, não havia nada. Apenas o vácuo de outras vísceras e escuridão com um brilho vermelho devido à luz das velas. As veias tinham sido grosseiramente cauterizadas, as grandes artérias fechadas, cosidas. Nenhum animal lhe comera o coração; tinha sido roubado.

– Então – prosseguiu Jack, encostando-se à parede húmida da masmorra para se equilibrar, quase chamuscando o casaco com a tocha –, alguém a abriu e... e... tirou-lhe o coração? Credo, porquê?

Hazel olhou para o corpo. Mesmo com o tronco aberto, a mulher tinha um ar sereno.

– Talvez tivesse inimigos. Sabes quem ela era? O nome dela ou outra coisa qualquer?

Jack abanou a cabeça. O cemitério estava demasiado escuro para conseguir ver a lápide.

– Talvez tenha sido um acidente – sussurrou Hazel. Tornou a olhar para as cicatrizes do sangramento do corpo. – Talvez tenha sido levada para um hospital e alguém a tivesse tentado salvar, mas não sabia como.

– Salvá-la do quê?

Hazel apenas pôde encolher os ombros.

Jack queria ficar. Não conseguia explicar – gostaria que houvesse uma razão para continuar ali, para encostar o corpo ao de Hazel e sentir o cheiro metálico de relâmpagos agarrado a ela, um cheiro peculiar misturado com sabão de bergamota e castela. Queria ver as mãos da rapariga, hábeis e sem luvas, a trabalhar. O rosto dela parecia de pedra, profundamente concentrado, impossivelmente belo na agudeza dos seus ângulos.

– Bem, então, vou andando – obrigou-se Jack a dizer. Pegou na laranja com cravinhos para a devolver, mas Hazel fez-lhe sinal de que não a queria.

– Guarda-a para a próxima vez.

– Vai haver uma próxima vez? – quis saber Jack.

– Vais recusar um cliente que paga, Jack Curren?

– Nem por sombras! Só acho que, provavelmente, deveria perguntar à senhora o que está a planear fazer com estes cadáveres.

– Pensava que, por esta altura, isso já fosse perfeitamente óbvio para ti – reagiu Hazel. – É para estudar.

Jack abriu a boca para responder, mas limitou-se a suspirar, abanando a cabeça com uma incredulidade alegre.

Levou o carrinho de mão em direção à pequena porta e à relva negra como tinta para lá dela.

– Jack, preciso de um corpo que tenha realmente tido a febre... se conseguires arranjar um. Quero examiná-lo. Quero ver se consigo descobrir uma cura. – Nunca tinha admitido em voz alta, nem sequer para si própria, que a sua ambição era, de facto, curar a febre romana.

Jack não troçou nem se riu dela. Apenas assentiu.

Hazel pôs-lhe mais algumas moedas na mão.

– É o pagamento – disse-lhe. – Adiantado.

– Vou ver o que consigo fazer.

Hazel voltou-se novamente para o cadáver.

Jack ficou à porta a observar, enquanto Hazel respirava fundo várias vezes para se preparar e depois começava a fazer uma lenta incisão no couro cabeludo do cadáver. A rapariga não levantou os olhos do cérebro que acabara de pôr a descoberto, com as curvas de um cinzento leitoso visíveis sob uma lasca de crânio branco.

– Adeus, Hazel Sinnett – despediu-se Jack, fechando a porta atrás de si. As dobradiças fizeram um som estridente.

Jack já tinha dado vários passos ao longo do caminho do jardim quando a ouviu sussurrar-lhe através da escuridão:

– Adeus, Jack Curren.

OceanofPDF.com

As pancadas suaves assustaram Hazel, fazendo-a sair de um foco hipnótico. Estava a dissecar um estômago para ver se conseguia fazer um diagrama dos vasos sanguíneos. Ignorou o barulho, pensando que provavelmente seria o som de um pequeno pássaro, um daqueles pretos que chilreavam à volta das árvores ao longo do caminho, mas depois voltou a ouvir as pancadas, um pouco mais nervosas. *Truz, truz, truz!*

– Menina Sinnett! – Era o sussurro abafado e em pânico de Iona, que tornou a bater. – Por favor, Menina.

Hazel suspirou e limpou um pequeno bisturi ao avental. Tinha-o usado para separar as camadas de revestimento do estômago e estava a fazer excelentes progressos. Mas, com relutância, foi até à porta, apercebendo-se apenas quando se moveu de quão doridos estavam os ombros e o pescoço. Devia estar a trabalhar há horas, tão concentrada na tarefa que tinha em mãos que perdera a noção do tempo. Hazel abriu a porta e ficou admirada quando percebeu que já era de dia.

Iona parecia aterrorizada, e depois olhou de relance para o avental ensanguentado de Hazel e ficou ainda mais aterrorizada.

– Não sabia se a devia incomodar ou não, mas...

Depois de tantas horas na penumbra das velas, que se iam consumido lentamente, Hazel teve de levantar o braço para proteger os olhos raiados de sangue do brilho do exterior.

– Quer dizer que *tinhas* mesmo de me incomodar? – interrogou. Hazel estivera tanto tempo sem falar que a voz tinha um crocitar estranho e as palavras saíram com mais brusquidão do que pretendia. – Desculpa, não queria que isto saísse assim. Do que precisas, Iona?

Iona estava a contorcer as mãos.

– É que é esta noite, quer dizer, daqui por algumas horas. É o baile.

O dia estava nublado, com nuvens cinzentas espessas e baixas no céu. Era a Escócia. Era *suposto* o tempo ser deprimente. Então, como é que ainda havia *tanta* claridade? Hazel queria voltar como um cogumelo para a humidade sombria.

– Que *baile*?

Iona olhou para lá dela, como se houvesse outra criada que a pudesse aliviar do desagradável dever de ter de voltar a dar aquela informação a Hazel.

– O hum... O baile dos Almont.

Hazel pestanejou enquanto a informação chegava a uma qualquer parte do cérebro responsável por aquele tipo de coisas.

– Oh, *bolas*. *Bolas, bolas, bolas!*

Iona olhou para ela com compaixão.

– Já passa do meio-dia, Menina.

– Já passa do meio-dia? Já? Como?! – Tinha estado a trabalhar toda a noite e depois toda a manhã, sem sequer dar por isso. Saiu da masmorra para o caminho lamacento e, ao olhar de relance para a cara de Iona, percebeu como devia cheirar mal. O cabelo estava emaranhado, com uma combinação gomosa de tinta e sangue de cadáver, já para não falar do que, provavelmente, estava debaixo das unhas.

– Vai correr tudo bem – tranquilizou Iona, embora tudo na expressão dela deixasse bem claro que achava bastante provável que não corresse tudo bem. – Disse ao Charles para lhe preparar o banho.

– Tinha de ser – soltou Hazel, dando longos passos pela colina até à entrada principal do castelo. – A única festa da temporada a que não posso faltar. – Iona corria atrás dela. Tinha pela frente uma tarde longa e infeliz, e, Hazel sabia, uma noite ainda mais longa e infeliz.

OceanofPDF.com

Foi preciso lavar duas vezes o cabelo de Hazel com o delicado sabão de rosas da mãe e mais uma hora a escová-lo, mas Iona acabou por tornar Hazel mais ou menos apresentável para chegar atrasada a Almont House, mas não tão atrasada que fosse considerado uma má educação imperdoável. Hazel deixara Iona apertar-lhe as fitas do corpete com força suficiente para conseguir enfiar-se no vestido de veludo azul debruado a renda, e ela própria foi obrigada a admitir – quando olhou de relance para o reflexo no espelho no átrio dos Almont – que lhe ficava bem. A cor azul meia-noite fazia com que o afogueado das faces parecesse rosado, e tinha os olhos a brilhar, apesar de ter estado acordada toda a noite.

– Prima! – exclamou Bernard, indo ao encontro dela à entrada do salão de baile e estendendo-lhe o braço. – Bem-vinda, finalmente. Estás, bem, simplesmente maravilhosa.

Hazel conteve um bocejo, transformando-o num sorriso educado. Apoiou delicadamente a mão enluvada no cotovelo de Bernard e deixou que ele a acompanhasse até ao salão. Estava profusamente iluminado e quente, cheio de corpos e crinolina a rodopiar. Havia centenas de velas altas como soldados em candelabros dourados. Sem saber bem como, já tinha um cartão de dança preso ao pulso e uma taça de champanhe na mão.

Gibbs Hartwick-Ellis deixara crescer um bigodinho infeliz desde a última vez que ela o vira no teatro; estava encostado a um canto, a tentar

livrar-se de uma conversa com o grande e gordo Barão Walford, que estava inclinado para a frente e quase a agarrar o pobre Gibbs para o obrigar a ficar ali. Hazel lançou um olhar compassivo a Gibbs. Tinham-na sentado ao lado de Walford num dos jantares dos pais e, mesmo depois de estar a estudar cadáveres, ainda se sentia nauseada ao recordar o hálito dele – já para não falar da forma aterradora como o olho de vidro do barão parecia rolar no globo ocular por vontade própria.

Hazel não conseguia ver Cecilia, mas era impossível não dar pela presença da senhora Caldwater. O tinido daquele riso agudo quase fazia vibrar os cristais. Hazel daria uma volta rápida pelo salão, faria com que a sua presença fosse notada e depois voltaria para o cadáver na masmorra da sua casa. (Esquecera-se de ir à casa do gelo – o corpo só duraria mais algumas horas até que a carne começasse a decompor-se para lá de qualquer utilidade prática.)

Podia dizer que estava com dores de cabeça. Ou que se sentia a desmaiar. Ninguém faria muitas perguntas sobre uma mulher que se sentia a desmaiar nem sobre o fenómeno cultural mais vasto de toda uma sociedade em que as mulheres pareciam desfalecer constantemente. Uma mulher a desmaiar era algo tão fácil de explicar: ou era o tempo, que nesta estação do ano estava excecionalmente quente ou frio, ou, se não fosse uma coisa nem a outra, então seria certamente o corpete da senhora que estava demasiado apertado. Todos esses desmaios faziam, sem dúvida, os homens à volta delas sentirem-se tão úteis e fortes, sendo capazes de levantar uma mulher entre o monte de saias caídas e abanar as mãos em frente ao rosto até que ela pestanejasse, mostrando que recuperara a consciência.

A orquestra começou a tocar uma valsa alegre, e Bernard entrelaçou os dedos nos de Hazel, puxando-a para si. Demasiado contra si. O veludo pesado estava a fazer com a camisa se colasse à pele, e a mão de Bernard

estava desagradavelmente suada. Afinal, talvez não precisasse de fingir que estava a desmaiar.

Hazel tentou soltar a mão da de Bernard, mas ele puxou-a ainda mais para si.

– É maravilhoso ver que finalmente saíste de casa, prima – disse calmamente Bernard.

Hazel fez uma ligeira vénia. Tentou lembrar-se de como tinha sido indelicada da última vez que Bernard fora a Hawthornden.

– Quando te vi no outro dia, Bernard... estava doente. Não estava mesmo em condições de ser uma boa companhia.

Bernard levantou uma mão enluvada em sinal de perdão.

– Já me esqueci – garantiu. – No entanto, seria negligente se não te dissesse que as pessoas andam a murmurar. Não tens sido a mesma, ultimamente. Faltas aos compromissos sociais. Tornaste-te praticamente um fantasma. Há semanas que *ninguém* te vê. *Poder-se-ia* pensar que tens andado a evitar-me – acrescentou. – É uma tolice, eu sei.

– Tenho estado doente. É só isso, Bernard.

O primo sorriu, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos. Pareciam estar a rodopiar mais depressa do que os outros pares em redor.

– Passei por Hawthornden umas quantas vezes. Para te visitar. Mas a tua carruagem não estava lá.

– A sério? – retorquiu Hazel, esperando que o tom fosse leve. – Que estranho. E que insólito reparares nisso.

Sem avisar, Bernard pôs o braço à volta da cintura de Hazel e puxou o corpo dela contra o seu numa pretensa valsa. Ela quase perdeu o fôlego com o atrevimento dele.

– Andas a visitar outro pretendente, é isso? – perguntou, com sarcasmo. Hazel quase deu uma gargalhada na cara dele.

– Não – replicou, tropeçando ao tentar acompanhar o passo dele na pista de dança. – Posso garantir-te que não há qualquer outro pretendente.

Os olhos de Bernard estavam fixos e frios. Parecia ter mais traços do pai do que Hazel alguma vez notara.

– Estavam umas botas no átrio de entrada da tua casa – garantiu Bernard, com os dentes cerrados. – Umas botas de cavalheiro. Alguém suficientemente íntimo para tirar as *botas* em tua casa, se bem que eu não consiga imaginar quem possa ser. Se fosse alguém do clube, presumo que já teria sabido. Juro por Deus, Hazel... – Apertou as mãos de Hazel com tanta força que a rapariga sentiu dor. – Se andares a humilhar-me, eu... – Soltou-lhe as mãos, em vez de concluir o pensamento. O cabelo dele, tão perfeitamente penteado e encerado, tremeu ligeiramente, tal era a emoção.

– Bernard – sussurrou Hazel –, aquelas eram as velhas botas do George. Juro. Calço-as quando ando pelos jardins e vou até ao riacho, para não sujar as minhas de lama. – Ficou aliviada por conseguir dizer apenas parte de uma mentira.

– Ah. – A expressão dele ficou mais suave. – Então, está bem. Talvez estejas interessada em dar um passeio pelo nosso jardim de inverno? Garanto-te que é encantador no outono, com o tempo ameno como tem estado.

Hazel olhou de relance em redor. Ninguém estava a olhar para eles com qualquer interesse. Até a Menina Hartwick-Ellis, geralmente uma observadora tão ciumenta de tudo o que Hazel pudesse estar a fazer, namoriscava alegremente o filho do embaixador da Dinamarca, quase sem tirar os olhos do belo rapaz louro durante tempo suficiente para pestanejar.

– Não achas que é melhor levarmos uma dama de companhia? – questionou Hazel.

– Que disparate. – Bernard deu o braço a Hazel e levou-a até à porta de entrada dos criados. – Tu querias ir só comigo a uma qualquer

demonstração horrenda de *cirurgia* na Cidade Velha!

Estavam na entrada dos criados para a cozinha, um pequeno corredor húmido apenas com algumas lamparinas a tremeluzir. Passou por eles um criado apressado, com um tabuleiro de bolos, que desviou educadamente os olhos.

Hazel tentou soltar-se e voltar para a festa.

– Bem, na demonstração de cirurgia não estaríamos propriamente sozinhos, mas...

Antes que pudesse concluir a frase, Bernard pressionou os lábios contra os dela. A língua serpentou sobre os lábios fechados de Hazel, obrigando-a a abrir a boca.

Os lábios dele eram frios e estranhos, e a língua pegajosa. Uma parte do cérebro de Hazel estava a dizer-lhe para lhe dar uma bofetada e se soltar dele. Pensou em mil palavras duras, mas parecia completamente incapaz de as forçar para lá da garganta. Também o corpo estava a sofrer de uma estranha paralisia. A única coisa que conseguiu fazer foi ficar ali, com os olhos abertos como um peixe, à espera que Bernard finalmente a soltasse com a satisfação de um beijo nos lábios dela. Limpou a parte de baixo da cara com a manga e agitou as sobrancelhas.

O estômago de Hazel deu uma reviravolta sobre si próprio, e ela tentou não fazer uma careta ao olhar para o rosto de Bernard – para a vermelhidão, para a insipidez morta dos olhos, para os lábios finos ainda a brilharem com o suor. Portanto, aquilo era um beijo. Era algo sobre o qual lera em romances e poemas, e que inspirara grandes artistas. Era mais húmido e mais frio do que ela imaginara.

Por fim, Hazel recuperou a voz e soltou-se de Bernard.

– Não sei *que* diabo pensaste que estavas a fazer, mas vais enlamear-nos aos *dois*. Se alguém tiver visto o que aconteceu...

Bernard pôs as mãos nas ancas e encheu o peito.

– O quê? Um criado? A tua reputação está intacta, Hazel. *Eu* continuo a querer casar contigo, por isso podes considerar-te completamente segura.

Por um momento, uma outra vida apareceu de rompante à frente de Hazel, uma vida em que andava a mendigar pelas ruas, ia viver para Yorkshire e ser George Hazleton para sempre. Talvez pudesse tornar-se parteira, a louca que vivia numa cabana minúscula na floresta com uma panóplia de raízes e ervas e chás malcheirosos que ajudavam as mulheres necessitadas. Seria cirurgiã, professora, bruxa – uma história contada em tom de ameaça a debutantes nervosas antes de serem apresentadas à sociedade. Um mito.

Mas a imagem de uma vida alternativa durou apenas um momento, até desaparecer como pó na palma da mão num dia ventoso. Não havia outra vida a não ser tornar-se Viscondessa de Almont, casar com Bernard. Os beijos dele seriam os primeiros e os últimos que ela conheceria.

Bernard inclinou-se e tornou a beijá-la.

– Anda – disse-lhe ele, agarrando-a mais uma vez pelo braço. – Vamos voltar para a festa.

Hazel deixou que ele a levasse de novo pela entrada dos criados para o som dourado do salão de baile. Flutuou como que adormecida, sem prestar atenção a Bernard, quando ele se aproximou da orquestra e segredou ao ouvido do primeiro violinista, que parou de tocar.

Os pares pararam de repente, tropeçando por cima das saias. Bernard ergueu um cálice de cristal e bateu-lhe de lado algumas vezes com uma faca, pedindo a atenção dos presentes. Lorde Almont estava perto dele, com um sorriso de felicidade.

– Peço a atenção de todos – começou Bernard, numa voz que se esforçou para que soasse profunda. – O meu pai, o visconde, a minha mãe, a viscondessa, e eu queremos agradecer a todos por se terem juntado a nós nesta pequena festa. O baile anual é uma tradição de que eu gosto

particularmente, e que espero se mantenha por muitos e muitos anos. Peço desculpa por interromper as festividades, mas tenho um pequeno anúncio a fazer. A encantadora Menina Sinnett e eu estamos noivos. Ou, pelo menos, estamos a um pequeno momento disso. Hazel, minha querida, aceitas casar comigo?

A visão de Hazel tornou-se um túnel escuro e de contornos indistintos. Um tinido ecoou-lhe pelos ouvidos e a língua transformou-se em areia dentro da boca.

Todos os olhos da sala se voltaram para Hazel, e os sorrisos dos presentes adquiriram a dimensão de bocas de lobos escancaradas. De repente, o vestido da rapariga tornou-se insuportavelmente quente, fazendo-lhe tanta comichão no pescoço e nas mangas que ela sentiu bolhas a crescer sob o tecido. Fez-se silêncio na sala, exceto pelo tilintar das taças de champanhe. Estavam todos à espera de a ouvir dizer qualquer coisa, de ouvir a resposta dela.

Sem conseguir produzir mais nada, Hazel ergueu os cantos da boca num meio-sorriso estranho.

– Ah! – gritou Bernard.

Os aplausos pareceram-lhe tiros de canhão. Hazel esquivou-se aos votos de felicidades e aos afagos na cabeça. Sentiu que estava com dificuldade em respirar com aquele vestido. Talvez não fosse o vestido; talvez fosse o salão, a casa, a vida. O negrume nos cantos da visão estava a crescer, e as sílabas soaram-lhe espessas e pesadas na língua, quando tentou dizer a alguém que precisava de sair dali.

– Coitadinha, deve precisar de comer qualquer coisa!

– Se calhar bebeu demasiado champanhe! Ai, ai!

– Deitem a pobrezinha numa cama.

– Deus sabe bem que ela não terá muito descanso na cama de *casada*!

Uma qualquer alma gentil levou Hazel para a sua carruagem.

– Por favor, apresente as minhas desculpas a Bernard – ouviu-se a murmurar para alguém, antes de o cocheiro fazer estalar o chicote sobre os cavalos. A carruagem avançou a toda a pressa, levando Hazel de volta para a segurança de Hawthornden. Mas ela sabia que essa segurança era temporária. O futuro estava a ir ao seu encontro, apesar de ela estar a fugir dele, puxada por quatro cavalos, o mais depressa que podia.

OceanofPDF.com

No laboratório improvisado, Hazel já tirara tudo de cima da mesa, preparara uma página em branco do caderno e substituíra todas as velas por outras novas enquanto esperava pela chegada de Jack Curren com outra entrega, às 10h00. Estava de mau humor. Os acontecimentos no Baile dos Almont estavam sempre a repetir-se no cérebro, por mais que os tentasse afastar e concentrar-se na próxima observação, que exigiria todo o seu tempo e atenção. A situação com Bernard podia esperar.

Mas a espera por Jack Curren deixou Hazel demasiado inquieta para estudar. Por volta das 10h30, Hazel já afiara todas as penas e dispusera-as sobre a mesa, da mais pequena para a maior.

Às 11h00, as velas já estavam, na maioria, reduzidas a cotos de cera. Por fim, antes de o sino bater as doze badaladas do meio-dia, Hazel ouviu alguém a bater à porta da masmorra.

– Até que enfim – murmurou para si própria. – Entra! Está destrancada.

A porta rangeu ao abrir-se, deixando entrever uma nesga de céu cinzento e Jack, sozinho.

– Aqui estás tu. Deixaste o corpo na frente? O carrinho de mão partido, imagino. Fantástico, mesmo fantástico. Se precisarmos de mais alguém para carregar o cadáver, posso ir chamar o Charles, mas preferia que isto ficasse entre nós.

Jack não tirou os olhos do chão de terra.

- O que foi?
- Não há cadáver. Não fui ontem à noite.
- Como?

Os ombros de Jack subiram até às orelhas. Pela cara dele, dir-se-ia que preferia estar em qualquer outro lugar menos ali. Hazel reparou nas olheiras escuras e profundas sob os olhos dele.

- Não há cadáver – repetiu, simplesmente.

Hazel juntou as sobrancelhas, mas obrigou-se a manter a compostura.

– Então, quando é que poderei contar com um corpo? Um que tenha morrido com a febre.

– Não vai haver mais cadáveres. – Voltou a cara e mostrou uma terrível nódoa negra na face esquerda.

Antes de poder pensar no que quer que fosse, Hazel deu um passo em frente e levantou a cara de Jack com as mãos. O cabelo dele estava mais escorrido do que o habitual, e os olhos tinham uma expressão vazia.

O trabalho como ladrão de corpos fazia-o passar muitas noites em claro; estava habituado a passar várias horas sem dormir. Mas a noite anterior fora diferente. A exaustão começara na alma e arrastara-se de dentro para fora. Tinha contado todos os segundos até ao nascer do sol na sua cama improvisada nas traves do *Le Grand Leon*, desejando que os olhos fechassem, mas sem ser capaz de os obrigar a isso.

O teatro fechara temporariamente ao público, devido ao surto de febre romana, mas o senhor Anthony continuava a deixar que Jack morasse no quarto que ele havia feito no sótão do edifício. “Não tenho nada que ver com onde tens uma boa noite de sono”, dissera o senhor Anthony, e depois, com surpreendente ternura, entregara a Jack um punhado de moedas antes de sair, trancando a entrada principal do teatro atrás dele.

Jack tirou o queixo das mãos de Hazel e levantou ainda mais o casaco amarrotado nos ombros.

– Não percebo – disse Hazel, num tom resoluto. – Paguei adiantado. Só me entregaste um corpo até agora. Para descobrir a cura para a febre, já para não falar do Exame Médico, vou precisar, pelo menos, de vários...

– Bom, pode arranjar outro ladrão de corpos, não pode?

Hazel deu uma gargalhada zangada.

– Bom, não é algo para o qual se ponha um anúncio nos vespertinos.

Jack não sorriu.

– Olhe, peço desculpa. Lamento muito e tenho aqui o seu dinheiro para lhe devolver, se quiser. – Tirou umas moedas do fundo do bolso, olhou-as de relance e depositou-as em cima da mesa de madeira, onde Hazel esperara ter um cadáver. – Mas não consigo arranjar-lhe mais corpos, pelo menos até... – Jack não sabia como devia terminar a frase.

– Até o quê?

Jack suspirou.

– O meu sócio... hum, quer dizer, não é propriamente um sócio, é mais um colega. O Munro. Ele, quer dizer, desapareceu. Foi cavar uma sepultura, há umas noites, sozinho, pensei eu, mas talvez não tenha sido assim. Seja como for, não voltou.

Hazel olhou para ele, sem perceber.

– Se calhar tinha outros planos. Saiu da cidade. Foi visitar familiares.

– Ele não fazia isso sem se despedir. E não é o primeiro, esse é que é o problema. Os ladrões de corpos andam a desaparecer cada vez mais.

– Achas que anda alguém a *matá-los*?

– Não, acho que não... Se calhar são os polícias. Um de nós pode ter roubado acidentalmente o cadáver de um ricoço qualquer ou da mulher dele, e agora a polícia quer apanhar todos para o deixar satisfeito. Isto dura uns tempos, os polícias ficam muito escrupulosos. Mas daqui a pouco tempo já não querem saber de nós.

Esteve quase para falar da história que Munro lhe contara, dos três desconhecidos que o tinham abordado depois de desenterrar um corpo. Na altura, Jack pensou que era mais uma das histórias de Munro, uma daquelas de fantasmas que ele contava para parecer muito forte e mais importante do que os outros. Como quando dizia que conseguia matar um pardal com uma pistola a 60 passos de distância. Jack troçara dele por causa disso, e Munro ficara envergonhado e pagara a rodada seguinte.

– Seja como for – continuou Jack –, é demasiado arriscado ir sozinho e não tenho quem fique de vigia, por isso, a menos que eu queira ir parar a uma cela juntamente com o Munro, ou lá onde ele estiver, por agora acabou-se.

Hazel pegou nas moedas que Jack lhe devolvera. Passou os dedos pelas bordas de metal.

– E se não tivesses de ir sozinho? – perguntou, num tom cauteloso. – Ias escavar outra sepultura e roubar outro corpo, se tivesses alguém que te ajudasse?

– Acho que sim – respondeu Jack.

– Então, está combinado. Esta noite, vamos os dois. – Hazel passou por ele para fora da masmorra. – E serei uma ajudante muito generosa; vou deixar-te ficar com o dinheiro todo. Mas, por acaso, *devia* pedir-te metade.

Hazel estava no caminho do jardim que levava ao castelo quando Jack despertou do torpor com que ficara, de tão admirado, e apanhou-a.

– Espere! Espere aí, espere aí. Isso é uma loucura. Não vou escavar uma sepultura com uma senhora.

– E não vais mesmo – reagiu Hazel. – Vais comigo. Tenho para aí muitas botas velhas e sinto-me muito confortável em andar com as calças do meu irmão. Não sei se serei grande ajuda a escavar, mas a vigiar, garanto-te que não há igual.

Jack tinha a cabeça à roda com tudo o que a rapariga estava a dizer.

– Espere – repetiu. – Espere, espere. Não. Se os guardas nos apanharem, vão pensar que a raptei. Vão pensar que estou a tomar liberdades com uma... com a filha de um... disso que o seu pai é.

– Capitão da Armada Real. Por acaso, a minha mãe é que tem o título, é filha... irmã, agora, acho eu, de um visconde.

Jack resmungou.

– Esquece isso – disse Hazel. – Vou estar vestida de homem.

– Ah, vai? Tenho a certeza de que deve ser muito convincente.

– Mais do que pensas. E, de qualquer forma, não vamos ser apanhados.

– Não podemos fazer isso.

– Podemos, pois. Eu preciso de um cadáver. Tu precisas do dinheiro de um cadáver, mas precisas ainda mais de alguém que te ajude. E aqui estou eu. Já identificaste algum corpo? De alguém que tenha morrido com a febre?

Jack assentiu, relutante. Tinha descoberto o enterro no cemitério de Saint Dwywnwen, longe do centro de Edimburgo. Era um morto sem família, só com dois ajudantes de Saint Anthony, o hospital dos pobres, que tinham atirado o corpo embrulhado num lençol para uma caixa de madeira barata, e um padre que murmurara umas quantas orações. Nem sequer tinha uma lápide, só uma simples cruz de madeira. Jack ouvira o padre a dizer em voz baixa ao encarregado do cemitério, enquanto abanava a cabeça: a febre tinha-o levado depressa.

– É perigoso – alertou Jack. – Não é só o risco de sermos apanhados. Os mortos estão sempre a pegar a doença às pessoas.

– Eu já a tive – replicou simplesmente Hazel. – E tu?

Jack encolheu os ombros.

– Faço isto há muito tempo e ainda não a apanhei. Há qualquer coisa no meu sangue que me dá sorte, acho eu.

– Então, está combinado – disse Hazel. – Vamos os dois buscar esse cadáver.

– Está a ver? É esse o problema dos ricos. Pensam que podem fazer tudo o que querem, quando querem e que, de alguma forma, *vai dar tudo certo para vocês!*

Entretanto, Hazel já chegara à pesada porta de madeira de Hawthornden. Voltou-se para Jack antes de entrar.

– Às vezes, *há* coisas que podemos fazer. E quem te deu autorização para roubares corpos das sepulturas?

– Ninguém! – retorquiu Jack. – É um crime. O problema é mesmo esse.

– E agora é um crime que vamos cometer juntos.

Jack não conseguiu fazer mais nada a não ser rir-se, e Hazel sorriu para ele.

Cruzaram o olhar, e Hazel corou.

– Bem – disse –, devias dormir um pouco. Temos quartos de hóspedes, se... – Apontou para o castelo atrás de si.

Jack abanou a cabeça. Não conseguia imaginar qual seria a sensação de ser convidado para uma daquelas casas grandiosas. Duvidava até que toda a exaustão lhe permitisse dormir num sítio tão estranho.

– A casa de hóspedes lá à frente também está vazia, se preferires. Ao fundo do caminho.

– Nã, é melhor ir para a minha casa e dormir um bocado na minha cama.

– Então, está bem. Encontramo-nos aqui à meia-noite? – perguntou Hazel.

– Vista roupa escura – avisou Jack, à laia de resposta.

– Não sou uma idiota, Jack Currer, independentemente do que pensas de mim.

– Garanto-lhe uma coisa, Menina Sinnett, já pensei muitas coisas de si, mas nunca que fosse idiota.

OceanofPDF.com

Jack já estava à espera lá fora quando Hazel saiu. Estava encostado ao muro de pedra baixo construído um século antes para não deixar passar as ovelhas, a descascar uma laranja com os dedos compridos e a deitar a polpa para a relva. Assim que a viu a aproximar-se, assobiou baixinho.

– Olha quem chegou – disse, observando-a de alto a baixo.

Hazel fez uma pequena vénia, na brincadeira. Vestia calças e uma camisa de George, mas calçara umas botas sujas e desconfortáveis que tinham pertencido a Charles. nenhuns dos sapatos de George pareciam apropriados para um ataque a uma campá, e Charles ficara mais do que feliz por trocar umas botas de trabalho por um par de botas de montar de George.

Aquele tremor familiar voltou ao peito de Hazel quando viu Jack ali parado, como se estivesse reclinado num barco no Tamisa. Só o estalar dos dedos depois de descascar a laranja revelou o quão nervoso estava.

Não eram raras as vezes em que Jack passava algumas semanas sem ter qualquer notícia de Munro. Aquela parceria era uma questão de conveniência, e muitas vezes Munro preferia ter por companheiro um novato, partindo do princípio de que seria mais fácil de enganar, não lhe pagando o que era devido. Mas nenhum dos velhos conhecidos de Fleshmarket vira Munro, e a estalajadeira da estalagem junto às docas, onde Munro ficara nos últimos meses, disse que ele não tinha ido lá buscar

as coisas dele. A mulher, magra e com uma pele macilenta, deixara Jack ir ao quarto de Munro pelo baixo preço de um sorriso encantador e da mentira que era irmão dele. O quarto estava exatamente como se Munro tivesse saído para ir escavar uma sepultura: umas mantas sujas na cama por fazer, um par de sapatos extra no canto do armário e – Jack sabia onde a procurar entre a camada de palha – uma bolsa com moedas cosida na parte de baixo do colchão nojento. Munro podia ter saído da cidade sem se despedir, mas nunca teria ido embora sem o dinheiro. Jack deixou a bolsa das moedas exatamente como a encontrara e prometeu em silêncio a Munro, quando fechou a porta, que havia de descobrir o que lhe acontecera. Mesmo que estivesse morto, Munro merecia um funeral cristão. Até os pecadores mereciam uma lápide.

Jack lambeu o sumo dos dedos e deixou que o ácido picante do citrino o fizesse sair daquele torpor.

– Tenho de admitir – disse, aproximando-se mais de Hazel e vendo o cabelo escondido debaixo do chapéu – que como homem é mais convincente do que imaginei.

Hazel revirou os olhos. Atrás de Jack estava um carrinho de mão com duas pás, uns panos e velas.

– Também tenho fósforos e uma vela para o caso de precisarmos de luz, mas descobri que é melhor tentarmos habituar os olhos à escuridão o mais depressa possível. Temos o caminho para isso.

O cemitério atrás de Saint Dwywnwen não ficava muito longe; era menos de uma hora de caminho. Fosse qual fosse o perigo que andava a rondar os ladrões de corpos, era mais avisado ficar fora da cidade durante uns tempos e evitar a zona fina do cemitério de Greyfriars, mesmo no centro da Cidade Velha de Edimburgo. Demasiadas distrações, demasiada gente, um risco demasiado grande.

Talvez fosse um exagero de precaução, mas não pedira a Jeanette que encontrasse um corpo. Não tinha qualquer motivo para desconfiar de que a rapariga tivesse algo que ver com o desaparecimento de Munro, mas também não havia motivos para confiar nela, e continuar vivo implicava confiar apenas em si mesmo. E, pelos vistos – pensou para consigo –, confiar na filha de uma senhora nobre que, por qualquer razão, gostava de se mascarar. Pensando bem, porque é que confiava nela?

Tentou descobrir uma razão plausível: uma das primeiras lições que aprendera nas ruas estreitas e nos becos do lado pobre de Edimburgo tinha sido não confiar em alguém que tivesse menos a perder do que ele. Sabia como era a vida daquelas meninas da sociedade, as restrições que lhes eram impostas, quão precário era o precipício entre um futuro promissor e a ruína. Imagine-se o que seria da reputação dela – da reputação da família – caso se soubesse que andava fora de casa à noite, sem uma dama de companhia, com um rapaz pobre que trabalhava num teatro. Ela também tinha todo o interesse em não ser apanhada naquela noite. Era essa a lógica dele.

Mas se quisesse ser honesto consigo próprio – se se permitisse reconhecer a minúscula verdade escondida algures no cérebro –, não tinha motivo algum para confiar em Hazel Sinnett, mas a verdade é que confiava.

Ela era diferente de todas as raparigas que ele conhecera até então – o som das sílabas era mais pequeno e refinado do que o de Jeanette ou até de Isabella. As raparigas do teatro usavam uma maquilhagem oleosa e espessa; havia qualquer coisa de espantoso em estar junto de Hazel, conseguir ver-lhe as sardas e os cabelos finos caídos sobre as faces.

Jack não sabia explicar. Não era mais bonita do que Isabella. Era baixa, arrogante e rica. Tinha o nariz fino, feições arrapazadas e pestanas e sobrancelhas demasiado claras para o cabelo escuro. No entanto...

No entanto.

Desde que conhecera Hazel Sinnett à porta da Sociedade de Anatomistas, dava consigo a desenhar mentalmente a linha do maxilar dela antes de adormecer. Via o arco fino dos lábios pálidos, as sardas quase invisíveis nas maçãs do rosto. O riso dela estava-lhe cauterizado na memória e não saía de lá: era um eco, mas não diminuía. Uma assombração. Desde o momento em que vira pela primeira vez aqueles enormes olhos castanhos, da cor quente da madeira queimada ou de âmbar polido, a refletir o pôr do sol, Jack tinha confiado nela e continuaria a confiar por muito mais tempo, apesar dos avisos de prudência do seu instinto de sobrevivência.

– Disseste “caminho”? – repetiu Hazel. – Porque haveríamos de ir a pé? Disse ao cocheiro para preparar dois cavalos. Sabes andar a cavalo, não sabes?

– Claro que sei – mentiu Jack. – Só não queria que ficasse preocupada com a possibilidade de os criados saberem... das suas idas e vindas a meio da noite. Não queria causar um escândalo nem nada disso.

Hazel olhou para ele de lado, avançando até aos estábulos.

– A minha casa sempre foi um pouco estranha. A ausência do meu pai, a minha mãe... bem, dito de uma maneira simples, o meu irmão morreu e a minha mãe ficou de luto, e não se preocupou em deixar de estar de luto. Tudo isto para dizer que ninguém se importa muito com o que eu faço ou onde vou, especialmente porque nunca tive de passar pelo pesadelo de ser apresentada à sociedade de Londres, pois estou praticamente noiva desde bebé.

– Está *noiva*? – Claro que estava noiva, pensou Jack, as mulheres como ela estavam sempre noivas. Eram, a bem dizer, criadas para isso. Porcas engordadas para a matança.

Hazel fez uma pausa. A resposta habitual ficou-lhe presa na língua, e a recordação do que acontecera no Baile dos Almont surgiu-lhe de rompante na cabeça, originando ondas de emoção: primeiro, terror, depois, surpreendentemente, alívio pelo facto de o inevitável ter finalmente acontecido. Hazel deu uma gargalhada, uma boa gargalhada que espantou uns quantos pássaros das árvores onde estavam.

– Acho que estou noiva.

– Não tenho a certeza de que essa seja a reação habitual. A maioria das noivas ficam todas excitadas com essas coisas.

– Ainda não o tinha dito em voz alta. Até agora, quase me parecia um pesadelo.

– Porquê? O homem é feio? Tem marcas de bexigas? Não, deixe-me adivinhar: Vai a caminho dos 60 e tem uma grande pança?

– Por acaso, não. Fez 18 anos em março e, pelo que sei dessas coisas, é bastante bonito. É o Visconde Bernard Almont. Não o conheces, pois não?

Jack abanou a cabeça.

– Mas conheço a casa – disse, inadvertidamente. Hazel olhou para ele com uma expressão estranha. – Toda a gente conhece Almont House. Uma casa grande. Na New Town. – E depois, para mudar rapidamente de assunto: – Então, mas porque é que não quer casar? Viver naquela casa grande, ter muito dinheiro e essas coisas todas?

– Não acredito que deixem viscondessas dissecarem cadáveres – replicou Hazel.

– Como é que iam encaixar isso nos exigentes horários dos compromissos sociais?

– E de certeza que iam ficar com as luvas sujas.

Jack prendeu atrás da orelha um caracol que estava a dançar-lhe na cara.

– Então, deixam viscondessas noivas dissecarem cadáveres?

– Só se não descobrirem. – Hazel sorriu ao abrir o portão do estábulo e encaminhou Jack para junto de um cavalo esbranquiçado preso a um poste, já com a sela montada. Fez uma festa no focinho do cavalo.

O animal tinha o pelo brilhante, conseguiu ver Jack, e um revestimento aveludado cor-de-rosa à volta do nariz, mas o que mais chamou a atenção do rapaz foi a altura alarmante e colossal do cavalo.

Hazel percebeu, pela expressão dele, que Jack estava com medo.

– Eu sei, são maiores do que os pôneis que habitualmente são vistos por aí. O meu pai mandou-os vir de Londres. São árabes. Mas são amorosos, a sério. Este é meu. *Miss Rosalind* – revelou Hazel, acariciando com ternura as ancas da égua castanha, que respondeu com um relincho afetuoso. Hazel viu a expressão de Jack e revirou os olhos. – Eu era *pequena* quando lhe pus o nome. Não sabia que nomes se davam aos cavalos. Esse é teu, por esta noite. O *Betelgeuse*.

Apontou com a cabeça para um garanhão tão preto que Jack nem dera por ele, um animal medonho com umas patas finas que era capaz de ser da altura de um primeiro andar. O cavalo, *Betelgeuse*, deu um relincho desconfiado.

– É lindo – elogiou Jack.

Hazel montou *Miss Rosalind* com facilidade e tirou as rédeas do poste com um único movimento do pulso. Guiou a égua num trote ligeiro, descrevendo um círculo.

– Não vale a pena ficares aí de pé a fazer cerimónia. Vá, salta lá para cima.

O cavalo, *Betelgeuse*, atirou a cabeça para trás e olhou diretamente para o rapaz. Não parecia mais satisfeito com a perspectiva de Jack o montar do que o próprio Jack.

– Espere! Pare! – pediu Jack a Hazel, quase sem conseguir disfarçar o alívio. – Tenho o carrinho de mão. Não vamos conseguir trazer o corpo em

cima do cavalo. Acho que, afinal, é melhor irmos a pé.

Hazel saltou da sela para o chão, como se as leis da gravidade não se aplicassem a ela.

– O que estás a dizer? – Deu a volta para o lado do estábulo, onde uma pequena carroça estava encostada a um fardo de feno. Sem esforço, levou-a até junto da égua e prendeu-a à sela de *Miss Rosalind*. – Pronto – disse Hazel, tirando um nabo do bolso e deixando *Miss Rosalind* sugá-lo da palma da mão. – É simples. E muito mais fácil do que levar um carrinho de mão.

Jack fez um sorriso amarelo.

– Pois é. Muito mais fácil. – Suspirou e, depois, tirou os lençóis e as pás do carrinho de mão e depositou-os na carroça de Hazel. A seguir, deu um passo desenvolto em direção ao enorme garanhão preto. – Vamos lá despachar isto, amigo – murmurou. Rezou uma oração rápida, pôs o pé no estribo e içou-se para cima do cavalo com toda a força que tinha. – Não é assim tão mau! – Era a primeira vez que Jack montava um cavalo. Sentiu-se forte, seguro, como se ele e o animal estivessem ligados, capazes de atravessar rios e saltar vedações.

Bateu ao de leve com os calcanhares em *Betelgeuse*, para que ele comesse a andar. Mas, em vez de andar, o cavalo reagiu com um solavanco maldoso que fez Jack cair de barriga para baixo. Tinha os nós dos dedos brancos com o esforço de agarrar as rédeas e as pernas a tremer. Hazel e *Miss Rosalind* já tinham subido alguns metros da rampa. Com os dentes cerrados e mais uma oração (tinha rezado mais nos últimos 40 segundos do que em toda a vida), Jack voltou a sentar-se e a bater com os calcanhares nos lados do cavalo na esperança de o fazer mexer-se.

Betelgeuse obedeceu. Assim que o cavalo percebeu que fora libertado do poste, não só se mexeu, como desatou a galopar, passando por Hazel e

avançando a toda a velocidade em direção à escuridão distante entre os enormes pinheiros que ladeavam o caminho.

A rapariga gritou-lhe qualquer coisa, mas Jack só conseguia ouvir o vento e o coração a bater com toda a força nos ouvidos congelados. Havia um outro som, um gemido agudo como uma chaleira a apitar, e Jack precisou de vários segundos para perceber que era ele próprio a gritar.

A cavalgada aterradora não durou muito tempo. Havia algo escuro na estrada mais à frente, algo impossível de distinguir, uma massa negra de uma coisa horizontal a bloquear o caminho. Mas a velocidade do cavalo implicou que aquilo de que se estavam a aproximar rapidamente já estivesse à frente de Jack antes que ele tivesse tempo de reagir: um tronco caído, apodrecido e cheio de insetos.

Betelgeuse saltou e Jack caiu da sela para a terra dura. Deu uma reviravolta no ar e aterrou com a cabeça em cima do tronco apodrecido. O som dos cascos do monstruoso cavalo foi diminuindo ao longe. Jack gemeu. Sentia uma humidade fria vinda do lodaçal a ensopar o tecido do casaco.

Hazel, montada na égua, aproximou-se.

– Pensava que tinhas dito que sabias montar! – gritou ao descer da égua.

Jack voltou a gemer.

– Pensei que ia conseguir.

Com mãos gentis, Hazel ajudou Jack a sentar-se.

Ele esfregou a nuca magoada.

– Parecia que era só, não sei, ir sentado.

– É um bocadinho mais do que isso – disse Hazel. – Desculpa, Jack, peço muita desculpa.

– Não, a culpa não é sua. – *Betelgeuse* veio a trote até ao sítio onde Jack e Hazel estavam sentados. O cavalo abriu as narinas com satisfação. – A

culpa é *dele*.

– Achas que partiste alguma coisa? Algum osso? Estás tonto, Jack?

Jack pestanejou várias vezes para afastar a neblina da visão e viu a topografia traçada pelas sombras do rosto de Hazel a poucos dedos de distância do seu. Estava tão perto que Jack sentia a respiração dela na testa, enquanto a rapariga lhe apalpava o crânio à procura de algum alto. A única coisa que estava ferida era o orgulho. De manhã, ia ter uma nódoa negra, mas isso não era nada de novo para um rapaz que vivia sozinho nas ruas desde os 11 anos.

– Estou bem, a sério – garantiu. – Devia preocupar-se era com aquela besta. O cavalo é doido. Sou eu que lhe digo.

E, assim, foram até Saint Dwywnwen só num cavalo, Jack sentado atrás de Hazel na *Miss Rosalind*, com os braços à volta da cintura fina da rapariga. Ela prendera as rédeas de *Betelgeuse* à sela de *Miss Rosalind*, e o animal caminhou obedientemente ao lado deles enquanto seguiam por um trilho escuro da floresta que serpenteava entre hectares de terras agrícolas de um lado e um ribeiro do outro. Jack olhou para o *Betelgeuse* com cara de mau, mas o cavalo não lhe ligou nenhuma.

À exceção do terrível beijo de Bernard, Hazel nunca estivera tão perto de um rapaz. A maioria do tempo que passara com Bernard tinha sido em lanches, nos quais se sentavam um em frente ao outro em poltronas de brocados, enquanto um punhado de criadas traziam pratos de bolos acabados de fazer, ou então em bailes insuportáveis, em que dançavam com os cotovelos para fora, duas figuras completamente rígidas a rodopiarem por salões profusamente iluminados, como os bonecos dos relógios mecânicos. Aquela era uma sensação íntima e estranha. Hazel sentia o calor de Jack nas costas.

Com o suave balanço do cavalo e os braços à volta da cintura dela, Jack não conseguia deixar de admitir que sabia bem estar encostado a Hazel,

sentir-lhe o cheiro do cabelo e o subtil odor almiscarado do suor.

– Isso é...? – perguntou Hazel, sem olhar para trás, com um tremor na voz.

– Oh. Oh! – Jack empurrou a pega de uma das pás, que estava a fazer pressão nas costas dela. Corou e amaldiçoou-se entre dentes, e fizeram o resto do caminho em silêncio.

Saint Dwynwen ergueu-se do horizonte como fumo, um pequeno edifício cor de ferro com um pináculo fino retorcido.

– Devíamos deixar os cavalos aqui – sussurrou Jack. – Fazer o resto do caminho a pé.

Hazel assentiu. Deslizou com graciosidade de cima da égua e estendeu generosamente a mão a Jack, que a aceitou, conseguindo, ainda assim, aterrar com um baque ao lado dela. Estavam rodeados pela floresta, por musgo húmido e por lama debaixo das botas. Hazel prendeu os cavalos a um ramo ali perto, enquanto Jack tirava o equipamento da carroça: duas pás, um lençol nojento e uma corda comprida.

– Aviso-a de que isto não é um trabalho nada agradável.

– Não te preocupes. Não vim à espera de diversão. – Jack conseguiu ver o brilho do sorriso matreiro de Hazel entre as sombras.

Foram os dois até às traseiras da igreja, onde os mausoléus e os túmulos se erguiam em sinal de aviso, como sentinelas silenciosas. Quando chegaram à vedação pontiaguda do cemitério, Jack saltou imediatamente por cima, por força do hábito. Hazel ficou do outro lado.

– É mais fácil do que parece – sussurrou Jack, olhando de relance para a pequena casa paroquial, onde havia uma única vela acesa junto de uma janela, para que ninguém tivesse a ousadia de se aproximar. – Se consegue montar aquela besta daquele cavalo, garanto-lhe que também consegue saltar esta vedação. A sério.

Hazel hesitou e, por um pequeno momento, Jack convenceu-se de que tudo aquilo fora um erro, levar Hazel para ali, que ela ia fazer com que fossem apanhados ou ia gritar – mas, entretanto, já ela tinha saltado. Passara por cima da vedação sem sequer ficar com as bainhas das calças presas.

– Então, onde é a sepultura? – perguntou, ofegante.

Era a vez de Jack sorrir. Inclinou a cabeça e foi à frente dela em direção ao canto sudeste do cemitério, onde vira o funeral, uns dias antes. Infelizmente, às escuras, com a cabeça meio tolhida pelo medo e pelo cheiro persistente do cabelo de Hazel, Jack teve muito mais dificuldade em encontrar a sepultura recente do que planeava.

– Juro que é algures por aqui – murmurou Jack. Quanto mais tempo ali estivessem, mais arriscado era. O truque para ser um bom ladrão de corpos era entrar e sair antes que alguém a meio metro de distância desse pela presença.

Hazel andava devagar, tentando ler os nomes esculpidos nas lápides. Parava à frente de cada uma, com a boca a fazer em silêncio as formas dos nomes.

– Tantas crianças – disse, em voz baixa.

E tantas mortes em 1815, o ano em que a febre dizimara Edimburgo sem dó nem piedade, matando ricos e pobres, nobres e criados. Era frequentemente uma doença lenta e brutal, tão contagiosa nas horas antes da morte que havia famílias que deixavam os doentes a sofrer sozinhos em casa, a chorar e a bater nas janelas, implorando que alguém entrasse, uma pessoa qualquer, para lhes dar a mão enquanto morriam. E atingia crianças, assim como adolescentes rapazes e raparigas. Era essa a verdadeira crueldade da doença: muitas vezes levava quem ainda não tivera oportunidade de viver.

– É aqui – sussurrou Jack. Estava à frente de um monte de terra por alisar, húmida e recentemente mexida, com uma pequena cruz de madeira.

Hazel juntou-se a ele e pegou numa das pás.

– Então, agora escavamos – disse Hazel.

– Agora escavamos.

Trabalharam em silêncio durante quase uma hora. De vez em quando, Jack levantava a cabeça para se certificar de que continuava a não haver movimento na casa paroquial, mas Hazel, surpreendendo-o, mostrou-se uma trabalhadora extraordinariamente diligente. Raramente levantava a cabeça, trabalhando metodicamente e com um ritmo hipnótico, com o som da pá a escavar a terra e depois da terra a assentar à superfície. *Escava. Assenta. Escava. Assenta.*

Até que um som quebrou o ritmo – qualquer coisa distante, na floresta. Um restolhar de folhas. Talvez as garras de um pequeno animal sobre o tronco de uma árvore. Hazel não reparou, mantendo a pá ao mesmo ritmo, mas Jack levantou a cabeça. As árvores estavam demasiado escuras para se conseguir distinguir o que quer que fosse. Eram só os cavalos, disse para si próprio. Tinham de ser os cavalos. Fazia aquilo há tempo suficiente para não se deixar assustar pelas sombras.

Foram atingidos depois por um som mais imediato: o do metal contra a madeira, o som da pá de Hazel a vibrar contra o caixão de madeira.

– Muito bem – disse Jack –, agora, vou parti-lo.

Hazel assentiu e protegeu os olhos de quaisquer pedacinhos errantes de madeira, quando Jack levantou a pá no ar e a empurrou para baixo com uma única estocada confiante na tampa do caixão. Estalou como um tiro de pistola. Jack atirou a pá para o lado do buraco que tinham feito e depois içou-se.

– Atira-me a parte de cima do caixão. A seguir, vou mandar-te corda para baixo. Ata-a à volta dos pés, e eu puxo-o, que é pesado.

Hazel assentiu com a cabeça numa concordância silenciosa. Torceu a parte da tampa que estava partida, tirou-a e, a seguir, avaliou o que acabara de revelar: uns pés enfiados nuns sapatos castanhos velhos tão gastos que quase não se seguravam e o cheiro terrível a putrefação e morte. Uma larva serpenteava entre os dedos dos pés do cadáver, e Hazel teve de tapar a boca com a manga.

– Gostava de poder dizer que nos habituamos – sussurrou Jack, tapando o nariz.

Quando atirou a corda para Hazel, olhou de relance para a floresta, para o lado onde lhe parecera ter visto a sombra. Havia lá um movimento qualquer. Qualquer coisa impossível de distinguir. Talvez fosse só um animal, uma raposa a espreitar por entre a vegetação baixa e húmida. Tudo o que Jack podia fazer era acabar o trabalho rapidamente e sair dali.

Hazel enrolou várias vezes a corda à volta dos tornozelos do corpo e depois deu um nó apertado.

– Já está.

Jack começou a puxar a corda e espalhou-se sobre a cara de Hazel um pedaço de terra vinda do sítio onde a corda deslizava pela parte lateral da sepultura. A rapariga tentou ajudar a guiar o corpo para fora do caixão e para cima, através da fenda cheias de lascas da madeira, mas foi Jack quem fez mais força, puxando o corpo até este chegar, a começar pelos pés, ao mundo dos vivos – quase dois metros acima.

A seguir, Jack baixou a mão para ajudar Hazel a subir.

– Agora temos de o despir. Não podemos levar a roupa. Afinal de contas, não somos ladrões.

De pé por cima do cadáver, concluíram a tarefa, com a escuridão a proteger a modéstia do morto.

– Isto é estranho – disse Hazel. – Parece que estamos num funeral.

– Acabamos por nos habituar – retorquiu Jack, já a começar a embrulhar o corpo com o lençol. Içou o morto para cima do ombro com facilidade. Hazel pensava que Jack era um magricela, mas era surpreendente forte. Baixou o corpo sobre a carroça com cuidado e depois fez sinal a Hazel e apontou para o cavalo.

– Faça favor, minha senhora.

Hazel subiu para sela de *Miss Rosalind* e depois baixou a mão para ajudar Jack a sentar-se atrás dela.

Chegaram a Hawthornden quando o céu estava a clarear, num cinzento nebuloso. Jack seguiu Hazel até à masmorra e depositou o corpo em cima da mesa.

– Queres beber um chá ou qualquer coisa? – perguntou Hazel, depois de alguns segundos na penumbra. – Podemos ir até ao castelo; tenho a certeza de que a Cozinheira já se levantou, se quiseses tomar o pequeno-almoço.

Jack abanou a cabeça. Tirou o cabelo da cara.

– Não, é melhor voltar para a cidade – respondeu. – A pé.

– Então, está bem. – Hazel olhou para o corpo, ainda embrulhado no lençol de Jack. – Acho que vou precisar de mais do que um cadáver – disse-lhe. – Se souberes de mais algum que tenha morrido com a febre.

– Desses há muitos – replicou Jack. Hazel olhou para ele, alarmada por vê-lo a sorrir. – Vamos combinar para a semana que vem, à mesma hora.

Para surpresa de Hazel, Jack chegou a Hawthornden antes de domingo à noite. Poucos dias depois da escavação bem-sucedida, Hazel viu-o timidamente parado junto aos estábulos, quando saiu para ir dar um passeio depois do pequeno-almoço.

– Estive a pensar – disse Jack – que, se *por acaso* estivesse livre hoje, podia ensinar-me a montar. Não estou à espera de aprender logo à primeira, principalmente se me puser em cima de uma besta como aquele Beetle... não sei quê.

– *Betelgeuse* – corrigiu Hazel, tentando esconder um sorriso ao aproximar-se. – Dizem que é uma das estrelas mais brilhantes que se veem no céu noturno a olho nu.

– E a uma altura impossível, como o cavalo.

Hazel já entrara no estábulo e tirara o enorme cavalo árabe preto da baia. Aproximaram-se os dois de Jack, que, pela expressão, parecia já estar arrependido da decisão de voltar a montar.

Se *Betelgeuse* conseguisse fazer um sorriso de escárnio, era exatamente o que teria feito quando fitou Jack com um olhar que não podia ser interpretado como outra coisa que não de desafio. Jack levantou o braço para lhe fazer uma festa, mas depois pensou melhor e usou a mão que já estava no ar para prender o cabelo, fingindo que fora sempre essa a intenção.

– Portanto – começou Hazel –, vamos querer que o cavalo te fique a conhecer.

– Acho que já tivemos uma apresentação bastante íntima – comentou Jack.

– Nada de movimentos repentinos. Move-te muito devagar. Estende a mão... isso, muito bem, e agora anda à volta dele, mas sem nunca lhe tirares a mão de cima. Ele precisa de saber onde estás.

Jack obedeceu, sentindo-se ligeiramente idiota a andar à volta do cavalo, enquanto Hazel o observava.

– Agora, põe o pé esquerdo no estribo. Monta sempre do lado esquerdo.

– Porquê?

– Na verdade, não tenho a certeza. Foi assim que me ensinaram. Presumo que tenha *qualquer coisa* que ver com a aristocracia, mas não faço ideia do que seja.

– Longe de mim querer desrespeitar qualquer coisa que tenha que ver com a aristocracia – troçou Jack, com os olhos a encontrarem Hazel.

Com uma graciosidade surpreendente, Jack subiu facilmente para o dorso de *Betelgeuse*.

– Ah! – gritou. – Consegui!

Betelgeuse baixou-se para comer umas ervas amareladas, e Jack segurou as rédeas, aterrorizado.

– Agora é com as tuas pernas – revelou Hazel.

Jack inclinou uma sobrancelha.

– Aperta-o aí. E mantém as costas direitas. E tenta não ter medo. Os cavalos sentem essas coisas.

– Sim, está bem. Sem medo.

– Desenterras cadáveres dos cemitérios a meio da noite e tens medo de montar um cavalo? – perguntou Hazel.

– Veja, o problema é este – retorquiu Jack, quando *Betelgeuse* decidiu começar a afastar-se para a esquerda. – Os mortos não mordem. Não fazem *nada* de mal. São os vivos que nos magoam.

– Pois, acho que tens razão – comentou Hazel.

A rapariga montou *Miss Rosalind*, e depois de algum esforço, conseguiram pôr os cavalos a andar lado a lado pelo longo caminho de Hawthornden.

– Provavelmente, hoje não vamos conseguir mais do que isto – disse Hazel, quando regressaram aos estábulos. – Mas, se quiseres, podes voltar amanhã. Talvez seja bom para os meus estudos... fazer um intervalo, apanhar um pouco de ar fresco.

– Combinado – concordou Jack. – Parece-me bem.

Da segunda vez que foram os dois andar a cavalo, seguiram até à extremidade da quinta da propriedade contígua, onde um rebanho de ovelhas pastava placidamente pelas colinas verdejantes. Depois disso, Hazel levou Jack pelo caminho estreito através da floresta até às traseiras de Hawthornden, ao longo do regato.

– Acreditas em fantasmas? – quis saber Hazel, enquanto passavam pelos imponentes ciprestes que ladeavam os portões traseiros de Hawthornden. Sempre imaginara que era uma pergunta tola, daquelas que as crianças segredavam umas às outras quando estavam a brincar, mas as últimas semanas, dedicadas ao corpo humano, tinham-na tornado mais curiosa relativamente à morte e ao que acontecia para lá dos véus.

– Porque é que pergunta? – devolveu Jack. Esfregou o pescoço de *Betelgeuse*. Descobrira que, afinal, o cavalo não era assim tão assustador, depois de o conhecer melhor.

– Nunca vi qualquer prova de que existem, mas acho que há mais qualquer coisa do que eletricidade a dar vida ao nosso corpo. Acho que há

uma alma que continua a viver. E, bem, passas tanto tempo em cemitérios. Ou melhor, passavas, suponho.

A expressão de Jack ficou mais constrangida. Desde a malfadada expedição ao cemitério nas traseiras de Saint Dwywnwen, deixara de lado o trabalho de ladrão de corpos. Era muito arriscado, pelo menos até ele descobrir para onde estavam os amigos a desaparecer. E não eram só ladrões de corpos – a rapariga que trabalhava na peixaria, que costumava piscar o olho a Jack sempre que ele passava pelo mercado, tinha desaparecido, e o homem que estava atrás do balcão limitara-se a encolher os ombros quando Jack perguntara por ela. Ninguém via Rosie, uma prostituta que costumava fumar charutos com os atores no *Le Grand Leon*, há meses. Assim que começou a correr o boato de que a febre romana podia estar de regresso, ninguém fez demasiadas perguntas quando as ruas estreitas e apinhadas da Cidade Velha começaram a ter menos pessoas.

– Não sei – replicou Jack. – Acho que acredito em fantasmas. Mas acho que os fantasmas não estão nos cemitérios.

– Porquê? Por ser terreno sagrado?

– Não – retorquiu o rapaz, arrancando uma folha de uma árvore e rolando-a entre os dedos. – Só acho que os fantasmas não querem ser lembrados da morte. Acho que, quando saem dos corpos, querem ficar o mais longe possível deles. Já tive a minha conta de cadáveres, e posso garantir-lhe que não há qualquer razão para alguém querer ficar agarrado àquilo. Somos uns sacos de carne podre, e começamos logo a cheirar mal. Os fantasmas podem ir para onde quiserem, não é? Não há razão para ficarem agarrados aos corpos para serem comidos por larvas.

– É uma maneira bastante negra de ver as coisas – observou Hazel. – Mas acho que há nela alguma poesia.

Continuaram em silêncio até chegarem ao ponto da floresta onde o fluxo do regato diminuía até desaparecer por completo.

– O regato não acaba aqui – explicou Hazel. – Acho que vai para debaixo da terra ou que se torna demasiado pequeno para poder ser considerado um regato. Mas, para lá daquelas árvores... Estás a ver? Ali, ao pé daquela ravina... torna a aparecer.

– E é o mesmo regato? Ou são só *dois* regatos muito próximos? – perguntou Jack.

– É... – Hazel fez uma pausa. Ia dizer que *obviamente* era o mesmo regato – como é que alguém podia ser ridículo ao ponto de insistir que não era? –, mas não tinha a certeza se podia apresentar um bom argumento para provar que tinha razão.

– Às vezes, as coisas acabam – comentou Jack. – Olhe ali. – Apontou para um pequeno conjunto de flores com minúsculas pétalas verde-claras, tão claras que quase pareciam pérolas. Cada flor tinha um rebento branco no meio.

Hazel não as reconheceu. Apesar de ter percorrido aquele trilho centenas de vezes, as flores verdes eram tão pequenas e estavam tão próximas do chão que simplesmente desapareciam por entre a vegetação rasteira e o musgo.

– O que são?

– Acho que não sei o nome exato, mas a minha mãe chamava-lhes hipericão. Costumava fazer chás com as raízes. Dizia que eram boas para nos mantermos fortes. – Há anos que Jack não pensava nos chás que a mãe lhe fazia, mas assim que essa memória lhe ocorreu, sentiu o cheiro do chá e o característico sabor amargo dos taninos. – Agora que penso nisso, se calhar a única coisa com que ela podia fazer chás era com ervas daninhas.

Enquanto Jack continuava perdido nos devaneios, Hazel saltou da égua e começou a colher um punhado de flores com as mãos, tendo o cuidado de manter as raízes leitosas intactas.

– Muitas vezes, a medicina popular é muito mais eficaz do que as sanguessugas e as ventosas que usam nos hospitais – comentou. – A tua mãe deve ter aprendido isso algures.

– Pois deve. – Jack não disse mais nada sobre a mãe nem sobre as suas origens, e Hazel não insistiu. Ele sentiu-se grato por isso. Não queria que Hazel demonstrasse pena dele, o que, honra lhe fosse feita, ela nunca fazia. Hazel era uma das poucas pessoas ricas que Jack conhecia que não agia como se estivesse a fazer-lhe um grande favor ao dignar-se a interagir com ele.

Quando voltaram para os estábulos, Jack deixou-se ficar, escovando os cavalos, apesar de o moço dos estábulos fazer sempre isso ao fim do dia. *Betelgeuse* sacudiu as crinas em sinal de aprovação. Afinal, tinham ficado amigos depressa.

– Foi a Hazel quem lhe pôs o nome? – interrogou Jack, dando palmadinhas no pescoço do cavalo. – *Betelgeuse*. O nome da estrela especial.

– Foi o meu irmão George. Ele adorava as estrelas. Quando eu era criança, levava-me às escondidas pela janela do quarto das crianças para o telhado e ensinava-me as formas das estrelas. Ele era diferente de mim. Eu lembro-me de factos e de números. Sei de cor todos os ossos do corpo e os ácidos que posso usar para dissolver a carne. Ele sabia histórias. Ele era... carinhoso.

– Lamento muito que tenha morrido – disse Jack.

– Obrigada.

Jack já não tinha mais coisas inteligentes para dizer – esgotara o seu armazém de palavras, e se ficasse lá mais tempo, acabaria por se humilhar.

– Vemo-nos no domingo à noite – disse abruptamente, e um pouco alto de mais. – Se ainda quiser fazer a escavação, quero eu dizer.

– Quero – confirmou Hazel.



No domingo à noite, quando Jack chegou a Hawthornden, só encontrou um cavalo, *Miss Rosalind*, já com a sela e a carroça atrelada.

– Achei que, como ainda és um principiante, era melhor levarmos só um cavalo – revelou Hazel, metendo o pé no estribo e içando-se para o dorso do animal. – A estrada é um pouco mais traiçoeira do que a propriedade do castelo.

– Parece-me muito convencida para uma rapariga que, da última vez, me obrigou a escavar o tempo todo – ripostou Jack, atirando o equipamento para a carroça. Estendeu a mão para fazer uma festa nos quadris de *Miss Rosalind*, mas depois pensou melhor.

– Alguém tem de ser o cérebro da operação e alguém tem de fazer o trabalho braçal – comentou Hazel.

– Eu pensava que a minha parte era ser bonito – brincou Jack.

– Não – replicou Hazel, dando uma palmadinha no pelo aveludado do pescoço da égua. – Não, essa é a da *Miss Rosalind*.

A viagem para o cemitério pareceu demorar apenas uma fração do tempo que demorara na semana anterior. Hazel sentia-se como se tivesse cavalgado apenas por meros momentos antes de as árvores se separarem e deixarem entrever o pináculo de Saint Dwywnwen. As mãos de Jack tinham estado à volta da cintura de Hazel durante todo o tempo, quentes e confortáveis. Era como se a curva das costas da rapariga tivesse sido desenhada para encaixar no peito dele, e ela sentiu uma certa pena quando percebeu que tinham de desmontar e dirigir-se para o cemitério com as pás.

– Ele morreu com a febre? – questionou Hazel, quando já tinham escavado tempo suficiente para a testa estar coberta de suor.

Jack resmungou uma afirmação e não parou de cavar. Tinha-os visto a enterrar o caixão, marcado com tinta vermelha, um “R” sinistro, a pingar,

que o hospital começara a utilizar, pois o número de mortos pela febre romana continuava a aumentar.

– É um homem, como da última vez – sussurrou Jack, depois de ter juntado uma grande pilha de terra ao monte acima deles e ter feito uma pausa para limpar o suor dos olhos. – Sem família, sem funeral. Apenas uma caixa de pinho do hospital dos pobres.

– É terrível – observou Hazel.

Jack levantou a cabeça, surpreendido.

– Pois é. – Era terrível. Nem sequer pensara nisso. Ficara tão entorpecido com a enormidade das mortes em Edimburgo que a primeira reação fora de alívio: os caixões de pinho eram os mais fáceis de partir. Ali tão perto de Hazel, outra vez numa cova, Jack sentia a carga magnética da pele dela, o cheiro a sal do suor. Queria beijá-la, mas antes que conseguisse descobrir como, ouviu o metal a partir a madeira.

Ali estava ela, tal como Jack se lembrava, uma caixa de pinho com a parte superior de um “R” a espreitar por baixo da terra.

– É o “R” de febre romana – explicou calmamente. *É agora*, pensou. *Beija-a agora*. Mas em vez disso, atirou a pá para a relva e, a seguir, içou o corpo.

Hazel sabia o que fazer desta vez, quando Jack baixou a corda. Trabalhou rapidamente, prendendo-a à volta dos pés do corpo e ajudando Jack enquanto ele içava o cadáver através do buraco do caixão partido pelo toque, para não ter de olhar muito de perto para um rosto em decomposição.

Quando o corpo saiu completamente da sepultura, Jack estendeu a mão para Hazel. Ela agarrou-a, sentindo os calos sob a pele, arranhada e com bolhas devido ao esforço da noite.

– A tua mãe alguma vez te disse se o hipericão era bom para tratar as bolhas? – perguntou, massajando as palmas das mãos, quando estavam

sentados ao lado um do outro na relva escura.

– Infelizmente, não.

Hazel registou mentalmente que, de qualquer forma, iria experimentar.

Ficaram sentados mais alguns minutos, a recuperar o fôlego. Jack ponderou se seria suficientemente corajoso para tentar beijá-la, mas depois disse:

– Acho que é melhor despirmos o pobre diabo.

Quando estava na cova, Hazel não notara nada de anormal no rosto do cadáver, mas agora que estavam no chão, não conseguia desviar os olhos. Havia algo de estranho na cara dele, uma concavidade invulgar que fazia com que a pele parecesse massa de vidraceiro. O luar não era suficientemente forte para permitir que a rapariga visse as feições do cadáver mais pormenorizadamente.

– Ainda tens os fósforos e a vela? – interrogou Hazel.

Uma pequena chama crepitou com vida, iluminando os dois rostos com um brilho laranja, e por um momento, Hazel esqueceu-se de onde estava, que estava a lutar contra o frio da noite num cemitério. O brilho da vela transformou o rosto de Jack Currer em algo belo e estranho, com uns ângulos tão afiados que ela sentiu vontade de passar o dedo ao longo das bordas da pele do rapaz para cunhar o perfil dele.

E foi então que Hazel olhou para baixo, para o cadáver, e o sangue gelou.

Os olhos do homem eram umas órbitas grotescas, umas cavernas vazias cheias de larvas. Mas ainda mais horrível: as pálpebras tinham sido cosidas para se manterem abertas. Um fio preto fino em “X” que puxava a parte de cima das pálpebras até às sobrancelhas do morto e a parte de baixo até às maçãs do rosto. Era uma marionete aterrorizadora. Não tinha acontecido nada de natural àquele homem, e o que quer que tivesse acontecido, ele fora obrigado a ver.

Jack fez o sinal da cruz.

– O que é isto? – sussurrou.

– Não sei – retorquiu Hazel –, mas não é a febre romana.

Um barulho que os assustou fê-los sair daquele horrível transe. O som de folhas a serem pisadas. E depois uma sombra a mover-se entre as árvores. Uma pessoa.

– Baixa-te! – sibilou Jack para Hazel, e empurrou-a para a cova que tinham acabado de abrir. Saltou a seguir e baixou a cabeça até ficarem ambos fora de vista, de pé, lado a lado, no buraco estreito.

A testa de Hazel estava coberta de suor. Tinha uma mancha de sujidade do lado direito da cara.

– Está aí alguém? – sussurrou.

– Não sei.

Ficaram à espera, com o coração a bater depressa. Depois, silêncio. A seguir, botas a pisar a terra. Passos. Alguém caminhava em direção ao cemitério. Hazel e Jack voltaram a cabeça para olharem um para o outro, com os rostos tão próximos que Jack conseguia ver o brilho do suor a agarrar-se à testa da rapariga.

– Provavelmente, é só o coveiro – murmurou Jack. – Anda a fazer uma inspeção de rotina. – Mas no preciso momento em que o disse, o coração caiu-lhe aos pés. Normalmente, os coveiros não trabalhavam depois da meia-noite.

– Talvez seja o padre a dar um passeio?

Jack não sabia. Fez um gesto para que se sentassem, para que o topo das cabeças não fosse visível para quem quer que fosse – ou o que quer que fosse – que andasse por ali.

O buraco no chão só dava para estarem os dois sentados lado a lado, com os joelhos a bater na terra solta nas paredes da sepultura. Uma minhoca serpenteou em direção a um olho de Jack, e ele desviou-se

instintivamente, ficando mais perto de Hazel. Ela estava a abraçar os joelhos, tentando silenciar a respiração.

Os passos – agora eram inegavelmente passos – continuavam a aproximar-se do local onde Jack e Hazel estavam escondidos.

A rapariga esbugalhou os olhos.

– O cadáver! – Tinham-no deixado deitado na relva, nu. Se quem estava a andar por ali o visse...

– Esquece – sussurrou Jack. – Está demasiado escuro para o verem. – O que Jack não disse foi que, se quem estivesse lá fora se aproximasse o suficiente para ver o corpo, também estaria suficientemente perto para olhar para a sepultura aberta e ver os dois a tremer com o frio da noite.

Os passos estavam agora impossivelmente próximos: o som das botas a ranger na relva molhada soava como se estivessem apenas a algumas fileiras de distância do cemitério, mas nenhum dos dois se atrevia a verificar. E não era apenas um conjunto de passos; Hazel ouviu atentamente e depois levantou três dedos para Jack. Havia pelo menos três homens a caminhar juntos pelas filas de sepulturas lado a lado.

Os passos pararam. Mais uma vez, Jack e Hazel olharam um para o outro. Não havia mais nada que pudessem fazer. Podiam fugir, mas demorariam algum tempo a sair do buraco e, por essa altura, podiam já ter sido emboscados, além de estarem em desvantagem numérica.

– Está tudo bem – murmurou Jack. – Seja o que for, está tudo bem. – Sem pensar, levantou um braço e pô-lo sobre o ombro de Hazel.

Ela olhou para ele com um pequeno sorriso. A rapariga deslocou o seu peso e ouviu o som do salto da bota na madeira. Tinham cavado até ao caixão. Mas agora não havia nada a fazer. Só podiam esperar e rezar para que quem estivesse lá fora não se aproximasse o suficiente para perceber que havia um buraco no chão com dois jovens petrificados.

Hazel pressionou os ombros contra os de Jack, em parte para evitar o frio que passava da terra húmida através do casaco, mas também porque o calor dele – a solidez daquela presença – a deixava menos tonta de medo. Era uma âncora. Estavam ali juntos. O que quer – ou quem quer – que estivesse lá fora, nenhum deles teria de enfrentar sozinho.

Continuaram imóveis, a ouvir passos que pareciam aproximar-se e recuar durante uma infinidade de tempo. As articulações de Hazel doíam-lhe, mas não se atrevia a mexer-se.

Por fim, os passos retiraram-se por completo.

Os únicos sons eram o grito de uma ave noturna e o assobio do vento através das filas de lápides. Mesmo assim, Jack e Hazel mantiveram-se quietos, acorados na terra oca sobre um caixão.

Uma fina lua crescente tinha-se erguido no céu, afiada como um bisturi, e sob essa luz, Hazel examinou o rosto de Jack: as manchas de lodo ao longo do nariz, os estranhos olhos de falcão, a linha fina dos lábios e as pestanas maiores e mais escuras do que as dela, tão encaracoladas que quase chegavam às sobrancelhas sempre franzidas.

Sentindo o olhar dela, Jack voltou-se.

– Será que...

Hazel inclinou-se e beijou-o. Não tinha antecipado aquele momento, nem sequer imaginara como seria, mas quando Jack se virou para ela, a poucos centímetros de distância, a rapariga sentiu-se atraída para ele como se fosse pela gravidade. Era como magnetismo, o frio dos lábios dela em busca do calor dos dele. Os olhos de Jack abriram-se, surpreendidos, mas depois engoliu o resto da frase e beijou-a também, com força e urgência.

Jack envolveu Hazel com os braços e beijou-a como se fosse a única fonte de oxigénio. Tinha as mãos no cabelo dela, a subir-lhe pelo pescoço, ao longo da linha do maxilar. As pontas dos dedos traçaram os lóbulos aveludados daquelas orelhas perfeitas. Nenhum dos dois sabia que um

beijo podia ser assim, que era assim que devia ser: sem esforço. Era como se os lábios do outro fossem o único lugar a que alguma vez tinham pertencido e o próprio destino os tivesse levado àquele preciso momento, aterrorizados e doridos numa sepultura meio escavada, só para que os dois se pudessem juntar.

Quando Hazel se afastou, tinha o rosto afogueado.

– Desculpa – disse.

– Não peças desculpa – replicou Jack. Hazel aninhou-se nele, com a curva da coluna perfeitamente encaixada no peito do rapaz. Jack baixou um braço sobre ela, e ficaram a observar a lua e a ouvir os sons da noite.



Acordaram com um céu cinzento baixo e um padre a olhar para eles. Jack pôs-se de pé e rastejou para fora da pequena trincheira, que parecia ainda mais estreita à luz do dia. As paredes de terra seca tinham-se desmoronado enquanto dormiam. Jack estendeu uma mão para Hazel e puxou-a para a relva.

– Bom dia, padre! – saudou Jack, num tom jovial. – Linda manhã. Um pouco de nevoeiro, mas eu cá não me queixo.

– Posso explicar – disse Hazel.

O padre esbugalhou os olhos de terror. Olhou para o cadáver mutilado deitado nu no chão e depois novamente para Hazel e Jack, e mais uma vez para o cadáver e depois para eles.

– Desaparecei daqui, demónios profanos! – gritou. – Desaparecei, vós, os mortos, deste mundo dos vivos! – Dobrou os joelhos velhos e apanhou um torrão de terra. Atirou-o a Jack e Hazel. – Xô! Xô! Esta terra é sagrada e consagrada. Fugi!

Hazel levantou as mãos para proteger os olhos.

– Senhor padre, isto é tudo um mal-entendido...

Mas Jack interrompeu-a:

– Sim! Nós somos os mortos-vivos acordados! E nós iremos... – puxou o braço de Hazel – ... agora. *Argghhh!* – Balançou os braços no ar... – Vossa santidade é *demasiado poderosa para nós!* – E depois sibilou como uma cobra.

Antes que qualquer um deles conseguisse ver a reação do padre, viraram-se e correram em direção às árvores. Misericordiosamente, *Miss Rosalind* ainda estava à espera deles, rabugenta e pronta para a próxima refeição, mas suficientemente feliz para os levar de volta para Hawthornden.

Alguém, três “alguéns”, andaram no cemitério de noite, alguém andava a levar ladrões de corpos e acontecera qualquer coisa horrível aos olhos de um cadáver – mas Hazel não conseguia pensar em nada disso naquele momento. Os pensamentos rodopiavam-lhe no cérebro e dissolviam-se na exaustão como natas a serem mexidas em chá fraco. Tudo o que conseguia fazer era manter-se direita e acordada sobre *Miss Rosalind*, com as mãos de Jack Curren na cintura, a sonhar com a sua cama com brasas a aquecerem os lençóis, e a tarte de peixe acabada de fazer pela cozinheira, e a sensação dos lábios de Jack nos dela.

Beijara Jack Curren numa sepultura, e ele tinha-a beijado, e mesmo com tudo o resto que tinham enfrentado, aquele fora momento em que o coração lhe batera com mais força em toda a noite.

Quando Hazel regressou à casa principal do Castelo de Hawthornden, abrindo a porta de madeira rangente o mais silenciosamente possível, encontrou Charles a dormir no banco de veludo no corredor junto à porta da biblioteca. Iona dormia profundamente mesmo ao lado, com a cabeça encostada ao ombro dele. Hazel fechou a porta devagar e tirou as botas de forma a poder esgueirar-se para a cama sem os acordar.

Sem um corpo novo para estudar, Hazel dedicou todo o tempo e atenção a fazer diagramas e a preservar os órgãos do único corpo que ela e Jack *tinham* recuperado com sucesso. Colheu amostras de cada uma das feridas causadas pela febre e submergiu as crostas em várias soluções: álcool, tónicos, sal e – por capricho – num pó de raiz de hipericão.

Mas um corpo não seria suficiente se ela queria passar no Exame Médico Real. Hazel mandou vir de Paris, Filadélfia e Roma cópias dos mais recentes livros sobre fisiologia e passou o máximo de horas que pôde a estudá-los. Leu e releu tantas vezes a edição do *Tratado do Dr. Beecham* que o Dr. Beecham lhe dera que as páginas começaram a ficar macias com os óleos dos dedos. Memorizou as notas escritas nas margens, na maioria pequenas anotações sem sentido. (*Pequeno sistema venoso* escrito ao lado de um diagrama da vesícula biliar; *Tónico de mercúrio?* na página sobre o tratamento da gripe comum.)

Ainda assim, Hazel tinha cada vez mais dificuldade em se concentrar. Parecia que, sempre que piscava os olhos, tinha outra visão aterrorizadora daqueles olhos cosidos abertos num horror cego, com um fio preto grosso puxado através de pálpebras finas como papel. Hazel lia até de madrugada para evitar ter pesadelos. Quando não estava a pensar no corpo horrível, punha-se a pensar nos lábios de Jack e na volta que o coração dera dentro do peito quando o rapaz os encostara aos dela. Nenhuma destas coisas a

ajudaria a passar o exame. Não podia ficar a pensar nelas, pelo menos por enquanto.

E, assim, Hazel lia enquanto caminhava e lia na cama até altas horas da noite, quando as velas ardiam até ficarem em tocos. Em mais de uma ocasião, Iona teve de substituir o livro que Hazel tinha nas mãos ao pequeno-almoço por uma torrada para garantir que ela se mantinha bem alimentada. Iona também insistia com Hazel para que fosse até aos Jardins de Princes Street, naqueles que podiam ser os últimos dias razoavelmente agradáveis do ano, quando o sol fraco conseguia aquecer um pouco o céu cinzento.

– Vá lá, Menina – disse-lhe, já a preparar as botas de Hazel. – Não pode ficar presa aqui em cima durante todo o inverno. Pode levar os livros para os Jardins! Não seria agradável?

– Os meus livros são pesados, Iona. Pesam uma tonelada. Não ia conseguir arrastá-los para um local apropriado e agradável na relva, e os cavalos não me poderiam puxar, assim como aos meus livros, na carruagem para lá chegar.

– Bem – reagiu lentamente Iona –, talvez pudesse levar apenas *um* livro para ler nos jardins. Afinal de contas, só ia lá estar durante a tarde.

Hazel engasgou-se com o chá.

– Um livro? *Um* livro? Agora estás a ser absurda. E se eu o acabar? Ou se o achar impossivelmente aborrecido? O que devo ler se acabar o livro que levar ou se descobrir que é ilegível? E se não me prender a atenção? Alguém poderia entornar chá em cima dele. Pensa nisso. Alguém poderia entornar chá em cima do *único* livro que tinha e sentir-me-ia *abandonada*. Com franqueza, Iona, tens de usar a cabeça.

– Então, leve dois livros, Menina.

Hazel suspirou, mas acabou por concordar e partiu para a cidade com três livros na carruagem, consciente de que, provavelmente, Charles e Iona

ficariam gratos por terem o castelo mais ou menos só para eles durante algumas horas.



Mesmo com o espectro da febre romana a pairar sobre Edimburgo, os Jardins de Princes Street continuavam cheios de pessoas a fazer piqueniques, a empurrar carrinhos de bebé, mulheres a caminhar aos pares, com guarda-sóis – todas as pessoas a celebrar o que, quase certamente, seria o último dia antes da primavera com o sol a brilhar, por mais ténue que fosse, por trás das nuvens e da névoa fumegante. Como era possível que estivessem todos tão contentes? Como podiam os ricos desprezar tão facilmente o caos e o terror que grassava o interior da cidade?

No entanto, pensou Hazel, ali estava ela própria a desfrutar do clima anormalmente quente, tentando estudar. *Passa no exame e depois preocupa-te com o resto*, disse para si própria. *Mas passa no exame.*

Hazel encontrou um local isolado na relva sob um enorme ulmeiro frondoso e espalhou os livros à sua frente: *Tratado do Dr. Beecham*, um segundo livro de anatomia e um romance chamado *Sensibilidade e Bom Senso*, publicado anonimamente e atribuído apenas a “Uma Senhora”. Hazel gostava da autora, fosse lá quem fosse, e levava o romance como recompensa, caso conseguisse completar a revisão do sistema pulmonar.

Hazel instalou-se na relva e puxou o *Tratado do Dr. Beecham* para refrescar a memória sobre as artérias dos pulmões, mas antes mesmo que conseguisse folhear até chegar às páginas que lhe interessavam, apareceu uma sombra sobre o livro, e Hazel levantou o olhar para ver Hyacinth Caldwat de pé, junto dela, com uma recente, mas enorme, barriga de grávida.

Hazel engoliu o pedaço de bÍlis que lhe subiu à garganta.

– Oh, Hazel, *querida*! – arrulhou a senhora Caldwater. – A sociedade tem estado num alvoroço desde o teu noivado! Saíste antes de dançar! Estás bem? E mais importante: Já marcaram uma data? Porque tenho simplesmente de esvaziar o meu calendário social, tem de ser. Não há dúvida de que o vosso casamento será o acontecimento da época. Imagino que Londres em peso estará presente?

Hazel suspirou e fechou o livro.

– Senhora Caldwater. Como sempre, é encantador vê-la.

– Tens absolutamente de me dizer o que pensaste quando o Bernard te pediu em casamento. Confesso que tínhamos pensado que ele ainda deixaria passar mais algumas temporadas até se declarar; vocês ainda são tão *jovens*. Têm estado tão ausentes esta época. – A senhora Caldwater soergueu uma sobancelha conspiratória e inclinou-se como se fosse partilhar um segredo com Hazel, mas a voz continuou estridente como um sino de latão. – Metade de Charlotte Square está convencida de que tinhas conseguido seduzir um conde polaco e que o Bernard sabia que devia avançar enquanto ainda tinha uma oportunidade. Ouvi vários rumores de que a tua mãe estava farta das hesitações do Bernard e foi para Londres para te arranjar um noivo inglês e fazer ciúmes ao Bernard! Por que outra razão podia ela ter ido tão cedo? De certeza que está satisfeita por o noivado com o Bernard Almont estar confirmado. Ela vai voltar para casa, agora que estás noiva?

– A minha mãe está em Bath, com o Percy. De férias. Por causa da constituição delicada dele. Para evitar a febre.

O rosto cheio de *rouge* da senhora Caldwater tornou-se uma máscara de empatia.

– Oh, sim, claro. Oh, minha querida. A tua pobre mãe e tudo o que ela passou. Perdeu o filho mais velho, e o teu pai está fora a maior parte do ano. É difícil para ela, não é?

– É – disse Hazel, desfrutando menos da conversa a cada minuto que passava. – Imagino que seja.

Ignorando de forma hercúlea as tentativas educadas de Hazel para voltar a concentrar-se no livro, Hyacinth Caldwell voltou-se para mostrar o perfil crescente, pondo uma mão sob a barriga de grávida. A senhora Caldwell devia ter pelo menos 40 anos. Pelas delicadas rugas que partiam dos cantos exteriores dos olhos, pelo menos 50, calculou Hazel. No entanto, era inegável: a mulher estava grávida.

Apanhando Hazel a olhar, a senhora Caldwell fez um sorriso radiante.

– Dá para acreditar? É um milagre. O meu marido, o coronel, e eu temos tentado ter um filho desde que nos casámos, há um século. Ah, ah, ah. E agora, finalmente: *puf!*

– *Puf* – repetiu Hazel.

– Foi graças a uma consulta com o próprio Dr. Beecham. Falou-me de dietas, fez-me mastigar as pastas mais horrendas que se pode imaginar, mas, bem, está à vista. O homem é um génio. *Horriavelmente* caro, claro, mas vale cada vintém. Não faço ideia de como é que as pessoas conseguem sobreviver neste país, se não podem pagar aos melhores médicos.

– Vão para o hospital dos pobres – observou Hazel. – Muitas morrem lá.

A senhora Caldwell deu uma gargalhada, como se Hazel tivesse dito uma piada.

– Com franqueza, o hospital dos pobres! – Tornou a dar uma palmadinha na barriga. – Bem, nós os dois precisamos de ser devidamente alimentados. Por favor, *dá* cumprimentos meus à tua mãe e fica à vontade para tomar um chá a qualquer hora em Barton House. Estás tão magrinha! É um ultraje. Escandaloso! Eu própria te engordarei, se for preciso.

– Adeus, senhora Caldwell e parabéns pela sua bênção – despediu-se Hazel, e antes que a mulher pudesse voltar atrás com outra pergunta

impertinente, abriu o livro e puxou-o para perto da cara. O Dr. Beecham era um génio, isso era certo. Embora Hazel tivesse de desconfiar ligeiramente do bom senso de alguém que trabalhasse para trazer mais Caldwaters ao mundo.

Hazel folheava o volume de Beecham quando algo caiu dele: um pequeno pedaço de pergaminho, tão dobrado que ela não reparara que estava invisivelmente preso algures entre as páginas. Desdobrou-o cuidadosamente: o pergaminho estava amarelecido e rasgado nas margens. Parecia ter vários anos, muitos mais do que o livro onde estava contido.

Era um desenho a tinta de uma mão humana, com os dedos descolados. As setas identificavam cada uma das veias que ligavam os dedos à palma da mão. Para Hazel, pareciam as notas de alguém pronto a realizar uma cirurgia intensiva.

O pergaminho era frágil como a asa de uma borboleta, a tinta quase desbotada. Seria possível que fosse uma nota do próprio Dr. Beecham original? Guardada e preservada pelo neto, que a atirara para uma pilha e acabara por se enfiar dentro de um dos seus livros? A caligrafia era inclinada e angular, mas perfeitamente precisa, com todas as letras regulares e exatas. Teria Beecham querido que ela a encontrasse? Recordações da mente científica mais brilhante da história escocesa recente, doadas para a inspirar, como um gesto de boa-fé?

Hazel desejava ter podido conhecer o primeiro Dr. Beecham, o homem que dedicara a vida à compreensão do corpo humano. Aquele desenho num pergaminho era o trabalho de um homem dedicado como um monge, um homem que estudara articulações e músculos e veias com tanta paciência e cuidado que os conseguia reproduzir com perfeição no papel. Hazel olhou do papel para a própria mão uma e outra vez. Era quase o suficiente para a fazer chorar.

Uma outra sombra atravessou-se no seu trabalho, alguém de pé junto dela, que tossiu para chamar a atenção e, por um momento terrível, Hazel convenceu-se de que Hyacinth Caldwell voltara para fazer mais perguntas sobre uns quantos temas íntimos ou desagradáveis. Hazel afastou o livro, pronta para uma desculpa educada, e deu com o noivo, Bernard Almont.

Ele voltou a tossir educadamente.

– Lamento perturbar a tua leitura. A estudar, presumo?

Hazel assentiu.

O primo estava com um casaco azul-marinho e umas calças cinzentas. O efeito, pelo menos para Bernard, era consideravelmente discreto e adulto.

– Posso sentar-me? – perguntou Bernard.

Mais uma vez, Hazel assentiu.

Bernard abriu um lenço e depois sentou-se ao lado de Hazel na relva.

– A minha intenção era ir a Hawthornden ou, pelo menos, enviar uma carta, mas tive muita dificuldade em arranjar coragem, suponho. Lamento a forma como agi no baile, como atirei o noivado para cima de ti. A forma como agi na passagem dos criados. Admito que talvez tivesse bebido mais champanhe do que era aconselhável, mas isso não é desculpa. – Clareou a garganta. – Não me comportei como um cavalheiro. Um pedido de casamento não devia ser um assunto público e, se quiseses recusar, prima, ficarei tremendamente triste, mas respeitarei o teu direito a fazê-lo.

O balão crescente de vergonha e embaraço e alívio – de tudo o que acontecera com Bernard – rebentou no peito de Hazel.

– Obrigada, Bernard – disse.

Bernard inspirou, satisfeito.

– Então... casas comigo? Por favor, diz que sim. Eu sei que tenho sido horrível, mas não há ninguém que eu consiga tolerar, nem de perto, como tu.

A memória sensual de Jack regressou à mente de Hazel, o calor que ele emanava, como o beijo dele fizera com que o peito apertasse e a cabeça acelerasse. Estava outra vez na sepultura com ele, os corações a bater em paralelo. Sentia os cabelos suaves na nuca dele, quando o envolvera com os braços, o cheiro almiscarado do suor, a flores de sabugueiro e hortelã, a doçura terrena que a fazia desejar poder fechar os olhos e viver toda a vida no dorso de um cavalo com ele atrás dela, a apertá-la.

Hazel pousou o livro e olhou para o rosto ansioso e expectante de Bernard. Estava a fazer-lhe uma pergunta para a qual ela já sabia a resposta, soubera-a durante toda a vida. Só havia uma vida para ela, se quisesse sobreviver.

– Sim, Bernard – sussurrou. – Caso contigo.

– Que maravilha! – Beijou-a, e Hazel inclinou-se para deixar que ele a beijassem. Manteve os olhos abertos, e viu as pestanas de Bernard a tremerem de prazer. – Vamos esperar pelo regresso da tua mãe à cidade para começar os preparativos a sério, mas a minha família vai querer uma festa em grande.

Hazel não sabia bem o que dizer. Limitou-se a assentir novamente e a apontar para o livro.

– Ah, pois, claro – disse Bernard. – Prometi que te deixava continuar a leitura. – Levantou-se e sacudiu a sujidade do lenço sobre o qual se sentara. Franziu a testa ao ver uma pequena mancha, e depois dobrou o lenço e tornou a metê-lo no bolso. Preparava-se para ir embora, mas antes de virar completamente as costas, fez uma pausa e levantou um dedo. – Há...? Peço desculpa por estar sequer a dizer isto, nem sei porque estou a perguntar, mas... tiveste outro pretendente? Sei como soa ridículo, mas tem havido uns rumores... Bem, sabes como estas coisas podem ser.

– Não – respondeu Hazel. – Nunca houve um conde russo ou um duque bávaro nem qualquer outra pessoa que a New Town tenha inventado para

se divertir enquanto o teatro estiver fechado.

Bernard sorriu e fez uma vénia antes de ir embora. Hazel continuou a ler à luz cada vez mais fraca do sol, até ficar demasiado escuro para distinguir as palavras nas páginas, perguntando-se onde estaria Jack Curren naquele preciso momento e por que razão a mentira inocente que dissera ao primo lhe surgira tão prontamente.

OceanofPDF.com



De Observações do Diarista
Samuel Brass (*Vol. 1, 1793*):

Diga-me, por favor, o que aconteceu ao Dr. William Beecham, Baronete? Ninguém alguma vez o acusaria de ser um *bon vivant*, mas nos últimos meses parece que se retirou completamente da sociedade. Assisti ao almoço anual do Conde de Tooksbury, no Hampshire, na semana passada, e a condessa comentou que achava que o doutor não estava no seu perfeito juízo desde a morte da esposa. “E quem é que trata um médico que enlouquece!”, disse-me antes de ir consultar o Marquês de Fountaine sobre as tendências mais recentes da jardinagem.

A estimativa da condessa é generosa. Lábios menos amáveis sugeriram que a loucura do doutor está relacionada com uma obsessão pela alquimia e a Pedra Filosofal. Embora o doutor nunca tenha sido muito sociável, pelo menos era uma figura presente na cena social londrina. No ano passado, passou o verão na Ilha de Skye e simplesmente nunca mais regressou a Inglaterra. *Lady Sordell* insinuou que o doutor pode ter caído das boas graças da Família Real e que o retiro na Escócia era, na realidade, um exílio por ordem da Rainha Charlotte. Infelizmente, não acredito nisso. Tendo assistido a várias festas onde Beecham ficava infeliz a um canto, posso atestar pessoalmente que Beecham nunca desfrutou da companhia de alguém, a não ser da esposa, dos livros e da tartaruga de estimação. Não tenho dúvidas de que a retirada de Londres foi uma preferência pessoal da sua própria infeliz e insociável vontade.



OceanofPDF.com

Assim que Jack ouviu as pancadas nas portas da frente do Le Grand Leon, estava certo de que seriam credores, que vinham reclamar a propriedade. Quando o teatro fechou, o senhor Anthony tinha dado as chaves a Jack, pedindo-lhe que o mantivesse até que pudessem voltar a abrir, na temporada seguinte. Jack podia tratar dos ladrões. A verdadeira ameaça eram os banqueiros.

Num breve clarão de esperança e êxtase, imaginou que talvez fosse Hazel, que fora ter com ele para fugirem os dois. A lembrança daquele beijo ainda lhe perdurava nos lábios, a alegria que causara, a emoção escondida e também o terror. Aquele beijo acontecera na noite do cadáver aterrorizador, o homem com os olhos abertos, que tinham deixado caído na relva para o padre ver. Era mais fácil para Jack fingir que tudo aquilo fora um sonho, que nada sucedera.

O dia ainda mal tinha nascido sobre o cume de Arthur's Seat, que Jack conseguia ver através da pequena janela da galeria superior, se inclinasse o pescoço e afastasse a cortina. Mas naquela manhã, puxou os poucos cobertores sujos para cima da cabeça e esperou que parassem de bater. Não pararam. Continuaram: pancadas fortes, agitadas, que faziam tremer os painéis das paredes do átrio.

– Ei, o teatro está fechado! Volte noutra altura! – gritou Jack.

As pancadas persistiram. Quem quer que fosse, não seria dissuadido. Jack suspirou e rolou do pano do palco fora de uso que utilizava para transformar a cama em qualquer coisa mais parecida com um ninho de veludo.

– Está bem, está bem, seja lá quem for! Cale-se por um momento que eu já desço.

O senhor Anthony usara correntes pesadas para manter as portas fechadas, e Jack estava a tentar abri-las quando ouviu uma voz do outro lado da porta.

– Jack? Jack Curren? És tu, não és? Por favor, sê o Jack.

Desatou as correntes e, quando abriu a porta, viu à sua frente Jeanette, a antiga espia. Só tinham trabalhado juntos uma vez desde que ela conseguira um emprego como criada em Almont House – só haviam passado três meses desde a última vez que a vira, mas ela parecia ter envelhecido vários anos. Vestia o uniforme de empregada, mas estava enrugado e amarrotado, como se tivesse dormido com ele. Tinha o cabelo áspero sob a touca e a pele pálida e amarelecida. As olheiras por baixo dos olhos encovados eram quase negras. Estava a agarrar o estômago.

– Não tenho mais ninguém com quem possa falar. Se disser à governanta, serei despedida de certeza e não poderei pagar a um médico. Sempre foste bom para mim, Jacks. Alguns dos rapazes disseram-me que estavas aqui e eu... – Voltou a agarrar o estômago e Jack percebeu... ou achou que tinha percebido.

– Está bem, entra – disse Jack, fazendo-a entrar rapidamente pela porta da frente e fechando-a logo a seguir. Podia refrescar-se na casa de banho e, entretanto, ele iria ver se conseguia arranjar uns biscoitos.



Hazel estava com óculos quando abriu a porta da masmorra e viu Jack ao lado de uma jovem mulher com um ar desconfiado e a agarrar o estômago.

– Usas óculos? – soltou Jack, antes de conseguir cumprimentar devidamente Hazel.

– Raramente – retorquiu ela, corando. – Quando fico acordada até tarde. E quando as letras são pequenas. E estou a estudar. Cala-te. O que aconteceu? – Hazel passou por Jack para consolar a mulher que estava com ele. Ela encolheu-se e afastou-se de Hazel.

– Está tudo bem, Jeanie, entra lá – disse-lhe Jack, e depois, voltando-se para Hazel: – Esta é a Jeanette. Conheço-a há muito tempo. Está com um problema qualquer e, como nenhum de nós pode pagar a um médico, pensei trazê-la aqui. Para ver se podes dar uma vista de olhos.

– Não vou para o hospital! – gritou Jeanette. – Estive no hospital dos pobres, e é um horror. Não aguento aquele cheiro outra vez. E os gemidos!

– Vá, não digas mais nada. Ninguém te vai levar a lado nenhum. Podemos ver-te aqui mesmo – tranquilizou Hazel.

Mais calma, Jeanette seguiu Jack até ao laboratório escuro da masmorra, embora os olhos ainda se movessem com desconfiança e nervosismo. Hazel tirou os livros e as notas que estivera a estudar de cima da longa mesa e acendeu uma vela nova, reparando que a que tinha estado a usar se derretera por completo.

– Senta-te aqui – pediu Hazel –, e diz-me o que tens. – A rapariga parecia-lhe familiar, mas não se conseguia lembrar onde a tinha visto.

Jeanette obedeceu e endireitou a saia no colo. Vendo Hazel a olhar para a barriga, disse:

– Não estou grávida. Não posso estar. É impossível. Juro. Eu conheço-a, não conheço? Jacks, eu conheço-a. Ela... conhece o Lorde Almont, não conhece?

– É meu tio – explicou Hazel. Reconheceu o rosto dela: era a jovem criada dos Almont.

Jeanette fez um barulho zangado e tentou levantar-se da mesa. Mas só conseguiu içar-se um centímetro até a dor atacar de novo, e Jack ajudou-a delicadamente a sentar-se outra vez.

– Não posso estar aqui – disse. – Se descobrirem que estou aqui... se pensarem que estou grávida, não me deixam trabalhar mais. A senhora Poffroy vai pôr-me na rua antes que eu consiga sequer pestanejar. Conheço as histórias. Sei o que acontece às raparigas quando a reputação delas é destruída.

– Jeanette – disse calmamente Hazel. – Chamas-te Jeanette, não é? Garanto-te que não digo a ninguém que estás aqui. Juro pela minha honra. Além disso, dificilmente a sobrinha de um visconde teria uma enfermaria na masmorra da sua casa, não achas?

– Acho – murmurou Jeanette.

– Então, a solução é muito simples. Tu guardas o meu segredo e eu guardo o teu.

Nessa altura, Jack sorriu para Hazel, e a ternura irradiou-lhe do peito para as pontas dos dedos.

Hazel endireitou os óculos e retirou um livro de notas das prateleiras. Lambeu a ponta da pena.

– Então, Jeanette, qual é o problema?

Jeanette passou a língua pelos pequenos lábios secos e agarrou a saia.

– Não tenho tido as regras. Há séculos. Um mês pensei que tinha perdido a noção das datas, depois passaram dois meses e agora três. E estou com estas dores horríveis, piores do que tudo o que alguma vez tive no estômago. Tenho estado tão mal que não consigo trabalhar sem andar a gemer e a senhora Poffroy teve de deixar a ajudante da cozinha meter-me na cama.

Hazel ponderou cuidadosamente nas palavras de Jeanette.

– E tens a certeza de que não...

– Não estou grávida – garantiu Jeanette. – Juro. Nunca estive com um homem. Alguns tentaram aproximar-se quando eu estava a viver no Fleshmarket, mas eu sabia o que fazer quando me atacavam. Pode perguntar ao Jack, ele dir-lhe-á. Por isso, a menos que tenham descoberto outra forma de uma rapariga ficar grávida sem ser com um homem entre os joelhos, garanto-vos que não há qualquer bebé.

– Posso? – perguntou Hazel, apontando para a barriga de Jeanette. Ela assentiu, e Hazel passou-lhe a mão pelo estômago. Era uma rapariga magra, e o estômago era firme, mas não estava inchado nem a pele era de uma gravidez. Jeanette encolheu-se quando Hazel lhe tocou. – Dói? – interrogou.

Jeanette assentiu.

– Tive um sonho estranho – revelou Jeanette. – Foi quando a dor começou. Comecei a ter os sonhos nessa altura e agora tenho-os quase todas as noites.

– Que espécie de sonhos? – quis saber Hazel.

– Estou deitada, debaixo de uma espécie de véu. Quase como uma noiva, suponho, mas não sei dizer como é esse véu. Bem, tenho o véu em cima de mim e estou numa sala grande com estranhos à minha volta, e depois um homem aproxima-se, e é alguém estranho, com uma cabeça como um animal. E segura uma faca por cima de mim. E só tem um olho. Só um olho grande e gordo no meio da cara. E quando estou a tentar perceber o que vai ele fazer com a faca grande, acordo na minha cama, no quarto dos criados.

Um olho. Era possível que ela tivesse interagido de alguma forma com o Dr. Straine? Que ele a tivesse magoado?

– Quando é que estiveste no hospital dos pobres, Jeanette? E para que foi?

A rapariga franziu a testa.

– Acho que não podia ter mais de 7 anos. Foi para tirar o apêndice.

– E o médico... o médico que te operou quando eras criança no hospital dos pobres. Talvez se chamasse Straine? Tinha só um olho e uma pala de seda preta?

Jeanette abanou a cabeça.

– Não. Era um médico francês horrível. Não me lembro do nome, mas não tinha qualquer pala num olho.

– Importas-te que examine o teu estômago? – perguntou Hazel. – Com a blusa para cima? Jack, importas-te de sair?

O rapaz fez uma pequena continência e saiu do laboratório.

– Estarei lá fora se precisarem de mim.

– Não precisamos, paspalho! – disse Jeanette, e levantou a camisa, revelando umas pernas magras e pálidas, e uma barriga ainda mais pálida. Tinha vários hematomas à volta dos joelhos e uma cicatriz horrível cheia de pus, com uns quatro centímetros, abaixo do umbigo.

– Esta cicatriz é de quê, Jeanette? – insistiu Hazel.

– Já lhe disse. Foi do apêndice, quando era criança.

A cicatriz fora cosida com pontos regulares, mas estava vermelha, inflamada e a deitar pus.

– Esta cicatriz não é nova? Já a tinhas?

– Praticamente desde que me lembro – replicou Jeanette.

– Bem, seja nova ou antiga, a cicatriz está infetada. Temos de a limpar e tapar corretamente para que possa cicatrizar outra vez.

– Então, é esse o problema? – questionou Jeanette, tapando-se. – Tem sido esse o problema este tempo todo? A minha cicatriz?

– Não sei se é só esse o problema – retorquiu Hazel. – Acho que uma infecção não deve ser a causa da falta de menstruação. Mas, pelo menos, podemos ajudar a resolvê-lo por agora.

Hazel limpou delicadamente a ferida com água e sabão, e passou algodão embebido em álcool ao longo da mesma. Fez um penso de mel, açafraão e flores de aveleira esmagadas e tapou a cicatriz. Deu uma pilha de pensos de linho novos a Jeanette.

– Muda o penso todos os dias – ordenou, e Jeanette assentiu. – E se não melhorar daqui a uma semana, diz ao Jack para te trazer cá outra vez.

Quando já estava vestida, Jeanette meteu a mão no bolso do avental, com um ar embaraçado.

– Não tenho muito, mas isto é para lhe pagar o trabalho...

Hazel afastou a mão dela.

– Por amor de Deus, nem em sonhos. Por favor, não sejas ridícula. Ainda sou uma estudante. Para ser franca, até fico grata pela oportunidade de aprender com um ser vivo.

Jeanette retirou a mão do avental, agradecida.

– Jack! – chamou Hazel. – Já podes entrar.

O rapaz voltou a entrar, protegendo os olhos. Hazel empurrou-lhe as mãos para baixo.

– Conseguiu curá-la? Trataste-a?

– Não tenho bem a certeza, mas pelo menos já é um começo – revelou Hazel. – E, Jack, se tiveres outros amigos ou conhecidos que precisem de ser examinados... Sabes que ainda não sou médica, mas sei o básico e acredito que o Castelo de Hawthornden é mais simpático do que um hospital de pobres.

– O que estás a dizer? – quis saber Jack.

– Bem, temos uma dúzia de quartos vazios, pelo menos. Com a minha mãe e o meu pai fora, e a maioria dos criados com eles, há muito espaço no

salão para montar algumas camas e tapetes para quem precisar de descanso. Temos comida mais do que suficiente; só Deus sabe que a cozinheira ainda não se habituou a cozinhar apenas para mim, para a Iona e para o Charles.

– E as pessoas doentes com... – Jack baixou a voz – ... a febre?

– Podes trazê-los – confirmou Hazel, esperando que o tom de voz transmitisse a coragem que ela queria ter. – Qualquer pessoa que eventualmente possa ser contagiosa pode ir para o solário.

Jeanette inclinou a cabeça para cima.

– Conheço um rapaz que foi atropelado por uma carruagem há umas semanas. Partiu uma perna e nunca sarou devidamente. Eu própria vi o osso a sair da pele.

– Trá-lo cá – pediu Hazel. – O Castelo de Hawthornden pode muito bem tornar-se um hospital-escola.



Não havia falta de doentes para Hazel tratar, não havia falta de homens e mulheres pobres e crianças desesperadas por cuidados médicos que não queriam ir para o meio do fedor do hospital de pobres, onde os médicos usavam aventais cheios de sangue e os indigentes dormiam três numa maca.

Na semana a seguir ao tratamento de Jeanette, chegaram uma dezena de pessoas ao laboratório da masmorra em busca da ajuda de Hazel. Na semana seguinte, já eram 30. Entre Jeanette e Jack, a notícia espalhara-se rapidamente e, num abrir e fechar de olhos, Hazel começou a tratar tudo, desde tuberculose a obstipação. Para cada pessoa que chegava à porta do laboratório em busca de tratamento, Hazel tomava notas completas, incluindo idade, ocupação, sintomas e tratamento recomendado.

Tratava as febres com xarope de linhaça, soro de leite e laranja, mantendo os doentes quentes com cobertores e a beberem muito chá. Os ossos partidos eram fixados com talas de madeira e tiras de tecido. As feridas eram cosidas. Quando chegou uma mulher com dores na cara, Hazel arrancou-lhe um molar podre e tratou a gengiva com mel e óleo de cravinho.

Hazel consultava cada vez menos o velhinho *Tratado do Dr. Beecham*, tornando-se mais confiante nas suas próprias capacidades e no instinto de diagnóstico. Tratava a maioria dos doentes numa tarde e mandava-os para casa, mas outros – como o conhecido de Jeanette, um rapaz chamado Bobby Danderfly, com a perna partida no acidente da carruagem – Hazel ajudava-os como podia na mesa do laboratório e depois deixava-os a convalescer numa cama no Castelo de Hawthornden.

Quando chegou o primeiro doente com febre romana, Hazel reuniu o pessoal na biblioteca.

– Nenhum de vocês tem de continuar nesta casa – começou Hazel. – Sei que é perigoso ter cá os doentes, especialmente os que têm a febre romana. – A rapariga colocara o homem no solário num tapete de palha, e passara a manhã a fazer o melhor que podia para o manter confortável, lavando suavemente o sangue e o pus das bolhas rebentadas e passando-lhe um pano com água gelada na testa febril. – A casa do guarda é mais do que suficiente para quem não quiser viver cá em casa. – Charles, Iona e a cozinheira acenaram com a cabeça com um ar solene. Susan, a ajudante de cozinha, estava carrancuda num canto. – E ninguém vai ao solário, sem ser eu, entendido?

– Não percebo porque temos de ir embora – disse Susan. – Não me contrataram para trabalhar num raio de um hospital. Gostava de saber o que é que a *senhora da casa* ia pensar de tudo isto.

– Bem, enquanto a minha mãe estiver em Inglaterra, acho que sabem que sou eu a senhora da casa, Susan.

A ajudante de cozinha murmurou qualquer coisa entre dentes.

– E, Cozinheira, acho que não te importas de fazer uma panela de papas de aveia, pois não? Pode ser com a geleia de groselha? Para ajudar os nossos doentes a manterem as forças.

Mesmo com os dias a tornarem-se tão cansativos, cheios de cuidados aos doentes, a misturar cataplasmas e a lavar farrapos, Hazel ainda não conseguia dormir devidamente. Tinha sonhos desconfortáveis, pesadelos com o horror do cadáver que ela e Jack tinham desenterrado da sepultura com aquela cara mutilada. Outras vezes, o rosto que pairava diante dela no vazio sem espaço atrás das pálpebras fechadas era o de Bernard. Em qualquer dos casos, Hazel voltava-se e afastava e puxava os cobertores, até que, com uma mistura uniforme de decepção e alívio, via pela janela os primeiros vestígios com cores pastel da madrugada.

Por vezes, Hazel estava tão exausta que dava consigo a olhar fixamente, sem pestanejar, enquanto estava na mesa de trabalho na masmorra, sem estar a dormir, mas também sem estar completamente consciente.

– Calma aí – disse Jack, segurando Hazel, que vacilou ao levantar-se, numa manhã. Estava na masmorra com ela, a ajudá-la a preparar um lote fresco de chá de raiz de hipericão da forma como se lembrava que a mãe fazia.

– É o cheiro disso – murmurou Hazel, com um pequeno sorriso, depois de Jack a ter ajudado a sentar-se numa cadeira. – Esse chá cheira a estrume e a esterco.

– Felizmente, o sabor é só um bocadinho pior do que o cheiro – brincou Jack. – Olha, vou fazer um bule de chá preto para nós. – O rapaz levantou-se para sair quando ouviram uma pancada suave na porta.

Jack e Hazel trocaram um olhar. De repente, a rapariga ficou completamente acordada.

Mais uma pancada. E depois um gemido de dor.

Hazel ia levantar-se, mas Jack fez-lhe sinal para que se deixasse estar.

– Eu vou lá.

Jack destrancou a porta e abriu-a, e Hazel inclinou-se para a frente para ver quem chegara: era uma jovem mulher agarrada à barriga, dobrada com as dores, com o cabelo louro caído à volta do rosto.

– É aqui? – perguntou ela, com a cara voltada para os pés. – Por favor, é este o lugar onde alguém me pode ajudar?

– Isabella? – soltou Jack. A rapariga levantou a cabeça, revelando uns olhos cheios de lágrimas. – Isabella – repetiu. Olhou para a barriga de grávida.

Ela gemeu.

Hazel aproximou-se dele. Viu o sangue e o fluido entre as pernas da rapariga grávida.

– Por amor de Deus, Jack, afasta-te. Está uma mulher a dar à luz à porta.

Jack pestanejou rapidamente e voltou para dentro da masmorra. A boca ainda não se tinha fechado por completo desde que vira Isabella – ali e grávida.

Hazel avaliou rapidamente a situação.

– Santo Deus. Acho que não vou ter tempo para te levar para a casa principal – disse. – Senta-te depressa. Jack, vai a Hawthornden chamar a Iona. Diz-lhe que me traga uma bacia de água.

Jack assentiu e, após mais um olhar rápido para Isabella, saiu a correr.

– Aquele era o Jack Curren? – perguntou Isabella, enquanto Hazel a levava cuidadosamente até à cadeira de madeira.

Hazel estava distraída a verificar mentalmente todas as coisas que teria de fazer para dar à luz um bebé.

– O quê? O Jack Currer. Sim, é ele. Conhece-lo? – Hazel esbugalhou os olhos. – É ele o... o...?

Isabella manteve a mão na barriga.

– O pai? Não. Alistou-se. O regimento dele mudou-se para Yorkshire. Era suposto juntar-me a ele, mas... – Apontou para a barriga. – E também íamos casar.

– Assim, serão dois a juntarem-se a ele num instante – observou Hazel. – A família estará reunida em breve.

– Ele nem sempre foi soldado. Era bailarino no teatro, tal como eu. O Jack também trabalhava lá. Nos andaimes. Foi sempre gentil comigo.

Hazel sorriu.

– Ele é gentil.

– Mas depois o teatro fechou com a febre e agora o meu Thomas está fora, e não sei como vou ultrapassar isto. – As mãos de Isabella tremeram e teve outra convulsão. – Dói tanto! Não me disseram que ia doer assim tanto. – Uma auréola de suor surgiu ao longo da linha do cabelo de Isabella. – Eu só sabia que não podia ir para o hospital dos pobres, com as coisas que ouvi, mulheres a chorar e deitadas no próprio vomitado. Eu só não sabia o que havia de fazer.

Hazel tentou fazer com que a voz soasse o mais confiante possível.

– Isabella. Isabella, não é? Chamo-me Hazel Sinnett. Este bebé vai nascer, e tu e eu vamos ultrapassar isto juntas. – Hazel acendeu o resto das velas do laboratório. – Onde está a Iona com a água? – murmurou.

Quase de propósito, Iona irrompeu porta adentro. Jack vinha atrás dela com vários trapos, parecendo ligeiramente enjoado.

– Ah, maravilhoso. Iona, pousa ali a bacia e ajuda-me. Jack, ajuda-me também. Precisamos de a deitar na mesa.

Os três ajudaram cuidadosamente Isabella até ela estar deitada na mesa de trabalho de Hazel.

– Iona, se não te importares... a minha cópia do *Beecham*, por favor?

Os olhos em pânico de Isabella passaram de Hazel para Jack, e novamente para Hazel.

– Um livro? Para que é o livro?

– Nada! Nada – desvalorizou Hazel, voltando rapidamente as páginas.

– Só para ver uma coisa. Sim, está tudo bem. Aqui está. – Hazel tirou valeriana seca de um dos frascos. – Mastiga isto. Para ajudar com as dores. Respira fundo, isso é muito importante. Não podes parar de respirar. Deixa-te estar deitada, com as pernas para cima. Assim. E lembra-te: a respiração é muito importante.

– Já fizeste isto antes, certo? Um parto? – perguntou Isabella, quando Hazel já estava entre as pernas dela.

– Não no sentido *formal* – retorquiu Hazel. – Mas tenho lido muito sobre isso.

A resposta de Isabella foi engolida pelo grito de dor que deu após mais uma contração.

– Vamos fazer assim – instruiu Hazel. – Vais olhar para mim e dizer-me tudo o que vais fazer com o teu bebé e o... o Thomas em Yorkshire. E sempre que te lembrares de qualquer coisa, fazes força. Percebeste?

Isabella anuiu com a cabeça, num movimento fraco.

– Está bem.

– Podemos... podemos passear no parque.

– Boa. Faz força.

– Podemos ensiná-la a ler – continuou Isabella. – Vai ser uma menina. Eu e o Thomas sempre soubemos que ia ser uma menina.

– Boa. Agora mais força ainda.

– Podemos ir passear até ao lago.

– Força! E, Iona, água limpa, por favor!

O trabalho de parto continuou enquanto as velas ardiam até aos cotos. Iona teve de correr duas vezes até à casa principal para substituir as velas, de forma que Hazel tivesse luz suficiente para ver a criança de uma cor vermelho brilhante a abrir caminho para entrar no mundo, com o cabelo já visível, liso e escuro. Algures durante a segunda hora, Jack desapareceu.

– Oh, meu Deus. Isto não é nada parecido com o diagrama – murmurou Hazel.

– *O quê?* – gritou Isabella.

– Nada! Nada! Deixa-te estar deitada. Vai correr tudo bem. Está quase. Já vejo a cabeça. Isabella? Isabella, estás a ouvir? Vais ser mãe.

Isabella assentiu, mas as lágrimas continuavam a correr-lhe pela cara.

– Só queria que o Thomas estivesse aqui – disse, quase a sussurrar.

– Vais juntar-te a ele num instante. Faz força só mais uma vez.

Isabella gritou. E depois esse grito duplicou, o som de uma menina recém-nascida a gritar ao novo mundo frio a que acabara de chegar.

Hazel envolveu a bebé num pano limpo e pousou-a delicadamente sobre o peito de Isabella.

– Tinhas razão – disse Hazel. – É uma menina. É linda, como a mãe.

A bebé era encantadora – olhos azuis redondos e um grito que se fundiu com o riso de gratidão de Isabella.

– Uma menina. Tenho uma menina.

– Conseguieste.

Isabella olhou da filha para Hazel.

– Também conseguiste. Não sei o que teria feito se não fosses tu, juro.

Isabella e a bebé ficaram então a descansar durante uma hora, enquanto Iona foi buscar algumas fatias de pão com manteiga para todas. Hazel aceitou agradecida e comeu uma fatia. Não se apercebera da fome que tinha. Havia passado várias horas desde a última vez que comera.

Jack regressou quando Isabella estava a começar a agitar-se novamente.

– Ela não é linda? – perguntou-lhe Isabella. – A minha menina.

Jack tirou qualquer coisa de trás das costas. Era uma caixa de música quadrada, com os lados pintados de cores alegres.

– Queria ser o primeiro a dar um presente à tua bebé.

Isabella chegou-se à frente para pegar na caixa.

– Jack, isto é de mais. – Abriu a caixa de música e a fina melodia de uma valsa encheu o laboratório. A bailarina no centro da caixa, com o cabelo louro, rodou em círculos perfeitos. Era quase impossível ver que a figura de porcelana fora quebrada e colada de novo.

– Obrigada, Jack – agradeceu Isabella. – Ela vai adorar.

– Já tem nome?

Isabella olhou para a menina e depois para Hazel.

– Acho que lhe devemos pôr o teu nome. Hazel. Sei que o Thomas vai ficar satisfeito.

– A bebé Hazel – repetiu Jack.

Hazel não confiava em si mesma para dizer o que quer que fosse em voz alta. Limitou-se a assentir e acabou de secar a bacia que tinha estado a limpar, mantendo-se de costas para Jack para que ele não lhe visse os olhos marejados de lágrimas.

O afeto que em tempos Jack sentira por Isabella parecera tão real, tão imediato e tão importante.

No entanto, na noite seguinte, ao descer em direção ao riacho em cuja margem Hazel estava sentada, percebeu uma coisa: o amor por Isabella fora como ver uma vela numa pintura, uma pintura de um mestre que capta a luz e o brilho que a vela lança sobre tudo em redor, mas ainda assim uma chama feita de óleo sobre tela. Quando olhou para Hazel, a chama estava viva e a lamber o ar em volta. Sentiu o calor e a força, ouviu o crepitar. Estava a ver fogo, sob a forma de uma pessoa, pela primeira vez.

– Foste espantosa – elogiou Jack. – As coisas que fazes, as coisas que consegues fazer. Foi... És impressionante.

Hazel levantou os olhos, mas continuou sentada na margem.

– Não sei o que ando a fazer. Eu estava aterrorizada, Jack.

– O quê? Aterrorizada?

Hazel assentiu.

– Uma vida nas minhas mãos? E se tivesse feito asneira? E se tivesse magoado a bebé ou a Isabella? Nem sequer sabia o que havia de fazer. Como poderia viver com isso?

Jack sentou-se ao lado dela e olhou para o gotejar da água sobre as pedras. O castelo lançava uma sombra escura sobre elas. No dia seguinte

ao parto, conseguiram levar Isabella e a bebé para a casa principal, onde Isabella poderia ficar no antigo quarto de George.

– Fizeste tudo na perfeição – assegurou Jack. – A bebé é linda.

– Desta vez – retorquiu Hazel. Fez uma pausa, e Jack ficou a pensar se teria cometido um erro ao descer para lhe fazer companhia, quando Hazel voltou a falar. – Costumava ser tão confiante. E isso é que é estranho: costumava pensar que sabia tudo, que podia *fazer* qualquer coisa. E depois vi em primeira mão quão fina é a linha entre estar tudo bem e ficar tudo devastado para sempre, e de repente tive consciência de que não sabia *nada*. Não passo de uma rapariga idiota, com a mania de me mascarar e de fingir. Ainda nem sequer passei no Exame Médico. O que é que eu penso que ando a fazer?

Jack pegou na mão de Hazel. Estava fria, quase como se fosse de cera. Branca e pálida.

– Hazel – sussurrou ele. – És a pessoa mais brilhante que já conheci em toda a minha vida. És incrível.

– Estou assustada – reconheceu Hazel.

– Ainda bem – retorquiu Jack. – Não há nada de errado em estar assustado.

Hazel baixou a cabeça sobre o peito de Jack, e o rapaz pôs o braço à volta dela. Nessa altura, começou a chover, uma chuva que começou tão suavemente que quase parecia uma picada de alfinetes.

– Vamos sair da chuva – disse Jack, e ajudou a Hazel a levantar-se. Começou a guiá-la pelo caminho em direção ao castelo, mas Hazel afastou-se.

– Não – soltou. – Ainda não.

Hazel e Jack caminharam em direção aos estábulos, onde foram acolhidos pelo ar quente e seco, com um cheiro agradável a palha.

Tiraram umas mantas de cavalos das prateleiras e sentaram-se sob o telhado do celeiro com as portas abertas, a ver a chuva a cair do céu escuro sobre os contornos da balaustrada de pedra do Castelo de Hawthornden. O sol já estava a pôr-se. Os dias curtos de inverno tinham chegado a Edimburgo juntamente com um vento amargamente frio.

Hazel meteu as mãos dentro do casaco de Jack para as aquecer.

– Ainda não consegui aquecer – sussurrou.

Nesse momento, Jack inclinou-se para a beijar, pondo os lábios tão ternamente sobre os dela que pareciam mais uma sombra do que carne. E então ela beijou-o também, e passado pouco tempo, já estavam a beijar-se tão profundamente que por um instante não se sentiam como se fossem duas pessoas separadas. Começara a chover com mais força fora da armação de madeira do estábulo, mas nenhum deles se importou. Jack pressionou Hazel contra uma viga e tirou-lhe os ganchos do cabelo, deixando que os caracóis lhe caíssem para lá dos ombros. Afundou o rosto no cabelo dela e respirou profundamente, e depois descreveu com um dedo a curva da face.

– Santo Deus – sussurrou –, és tão linda, Hazel Sinnett.

– Nunca ninguém me tinha dito que eu era linda – disse ela. Nem sequer se tinha apercebido de que era verdade até o ter dito em voz alta.

Jack deixou ficar as mãos sobre as faces da rapariga durante alguns batimentos cardíacos. Depois, inclinou-se e beijou-lhe suavemente as duas pálpebras.

– Alguém devia dizer-te que és linda sempre que o sol nasce. Alguém devia dizer-te que és linda às quartas-feiras. E à hora do lanche. Alguém devia dizer-te que és linda no dia de Natal e na véspera de Natal e na *véspera* da véspera de Natal e na Páscoa. Alguém devia dizer-te na noite de Guy Fawkes e na noite de Ano Novo e no dia 8 de agosto, só porque sim. – Beijou-lhe gentilmente os lábios mais uma vez, e depois afastou-se e

olhou-a nos olhos. – Hazel Sinnett, és o ser mais milagroso que alguma vez encontrei e vou pensar em como és bela até ao dia em que morrer.

OceanofPDF.com

Hazel registou a primeira morte de um paciente uma semana depois, um doente com febre romana que adormeceu uma noite depois de ter recusado a água fria que Hazel lhe oferecera, e nunca mais acordou. Não chorou enquanto o envolvia em lençóis e o puxava para a carroça, de forma a levá-lo para o laboratório da masmorra.

Jack encontrou Hazel a soluçar junto ao carvalho vermelho, com o cadáver ainda na carroça. Em silêncio, Jack começou a cavar uma sepultura.

– Tenho de o estudar, Jack – disse Hazel, quando viu o que ele estava a fazer. Quase não conseguia dizer as palavras por entre o choro. – Preciso de todos os cadáveres que conseguir arranjar.

– Este não, querida – respondeu Jack, num sussurro. – Conhecia-lo. Trataste-o. Podes enterrá-lo e chorá-lo. Não tens de o dividir aos pedaços. Ainda não.

Hazel não respondeu. Respirou fundo até parar de chorar, pestanejou para suster as lágrimas e voltou para a casa principal. Quando Jack acabou de enterrar o homem e voltou para Hawthornden, Hazel já tinha os olhos limpos e estava novamente a tratar doentes no solário.

Não havia escritos médicos sobre qualquer tipo de tratamento, quanto mais sobre uma cura, para a febre romana, por isso Hazel começou com remédios pequenos e inofensivos. Dava aos doentes chá com sumo de

limão e mel. À tarde, insistia para que bebessem leite com sementes de cardamomo em pó, como o livro aconselhava que se tratasse a tuberculose. As ligaduras eram mudadas três vezes por dia, e o tecido ficava sempre pegajoso e com crostas. Quando conseguiam suportar o cheiro, dava-lhes chá de raiz de hipericão, que Jack preparava. Se ele o tinha bebido em criança e nunca ficara contagiado com a febre romana, talvez contivesse alguma propriedade que pudesse ajudar.

Estranhamente, parecia funcionar, pelo menos em alguns doentes. Uma hora depois de ter dado chá de raiz de hipericão a quatro doentes com febre romana, um deles bateu suavemente no copo e pediu a Hazel que trouxesse um baralho de cartas para jogarem uíste. No dia seguinte, aplicou o pó da raiz de hipericão diretamente nas bolhas.

As cicatrizes não desapareciam, mas a melhoria com a raiz em pó era inegável: carne que estava irritada e vermelha com bocados de pus ficava rosada e lisa. O primeiro doente com febre romana que chegou a Hawthornden, um pescador chamado Robert Bortlock, com umas suíças brancas e um nariz em forma de nabo, até tinha começado a pedir mais comida ao pequeno-almoço.

As crostas da febre romana, que estavam a sarar nas costas dos doentes, recordaram Hazel dos desenhos da varíola que vira nos livros.

Conhecia, claro, a história de Edward Jenner e da vacina contra a varíola – como o médico inglês notara que as mulheres locais que ordenhavam as vacas pareciam ser as únicas a não sucumbir à varíola e imaginara que a exposição à varíola das vacas tinha, de alguma forma, ensinado os corpos a defenderem-se da variante humana mais mortífera. Lorde Almont até já recebera Jenner num dos seus salões, e, embora na altura Hazel fosse demasiado jovem para absorver o que ele dizia, lembrava-se do cabelo grisalho e do lenço branco enrolado firmemente à volta do pescoço grosso e atado com um laço elegante abaixo do queixo.

Mas a inoculação já existia décadas antes disso. Os cientistas compreendiam o conceito, que era possível treinar um corpo para combater uma doença mortal injetando uma versão enfraquecida da mesma, e antes de Jenner e das vacas, as pessoas já usavam as crostas cicatrizadas da varíola, moídas num pó fino, que injetavam sob a pele.

Porque é que ninguém experimentara algo semelhante com a febre romana? Era uma doença infecciosa em muito menor escala do que a varíola, mas, certamente, se a mesma técnica funcionasse, os médicos de Edimburgo poderiam salvar milhares de vidas. Seria possível que houvesse tão poucos casos de cura da febre romana que a inoculação nem sequer parecesse uma possibilidade? Hazel imaginou que devia pelo menos haver qualquer coisa na literatura, um artigo no *Scottish Journal of Medicine* ou um estudo publicado em Londres. Mas não encontrou o que quer que fosse. Decidiu escrever ao Dr. Beecham, da Sociedade de Anatomistas, pedindo-lhe a opinião.

Dr. William Beecham III
Real Sociedade de Anatomistas
Edimburgo

Caro Dr. Beecham,

Espero que esta carta o encontre bem e asseguro-lhe que continuo a estudar muito para o Exame Médico. Como parte do meu estudo, comecei a fazer exames rudimentares de vários escoceses que sofrem de uma variedade de enfermidades médicas, incluindo, lamento dizê-lo, a febre romana. Espero que perdoe a minha insolência, mas gostaria de lhe pedir a opinião sobre o assunto. Foi feita alguma experiência no que diz respeito à

inoculação contra a febre romana? A conselho de um rapaz local, e com base nas suas memórias de um remédio popular infantil, tratei doentes com um chá feito de raiz de hipericão e, ao ver resultados positivos, adicionei uma cataplasma de raiz de hipericão em pó ao penso que apliquei sobre as bolhas. O efeito tem sido encorajador. Tão encorajador, de facto, que pensei que talvez as crostas cicatrizadas pudessem ser usadas numa inoculação. Sei que o seu horário deve ser proibitivo, mas, se arranjar tempo, por favor, escreva-me.

Com os meus respeitosos cumprimentos,

Hazel Sinnett

Castelo de Hawthornden

No mínimo, ele poderia orientá-la para a literatura adequada da comunidade científica. Mas, bem lá no fundo, Hazel fantasiava sobre qual poderia ser a resposta dele, sobre a hipótese de poder escrever de volta uma carta salpicada de tinta devido à excitação, pontuando cada frase com um ponto de exclamação, porque *ela tinha descoberto, a resposta sempre estivera lá!* E mais ninguém teria de sofrer de febre romana, porque a vacina podia ser enviada para toda a Escócia. A sociedade de Edward Jenner celebrá-la-ia com um jantar e um evento de gala. O próprio rei iria requisitar a presença dela na corte. Dificilmente precisaria sequer do Exame Médico; seria instantaneamente a médica mais famosa do reino, tudo antes dos 20 anos.

Quando não estava no laboratório a examinar um novo doente ou no primeiro andar do Castelo de Hawthornden, andando de cama em cama, Hazel dava consigo parada no átrio de entrada, à espera da resposta de

Beecham. Quando ouviu uma pancada na porta da frente do castelo, sentiu um nó no estômago. Pela janela, viu Jack no relvado sul, a ensinar a Charles os truques básicos da luta de espadas.

– Não, não – gritou a Iona. – Eu vou à porta. – Alisando as saias, abriu a porta, mas deparou-se com uma coisa ainda mais inesperada do que uma carta.

– Os meus cumprimentos, Menina – disse o rapaz, curvando-se num arco profundo. Tinha a cara e o cabelo cobertos de fuligem. Quando se endireitou, sorriu para ela, mostrando vários dentes em falta. – Ouvi dizer que o Jack Curren tem parado por aqui. Diga-lhe que o Munro voltou do mundo dos mortos.

Surpreendida, Hazel mandou o rapaz entrar e ajudou-o a tirar o casaco. Uma das mangas ficou a abanar, vazia. Aquele rapaz, o Munro desaparecido, regressara ao mundo dos vivos, mas só com um braço.

Munro bebeu dois bules de chá e comeu um tabuleiro cheio de bolachas antes de se reclinar no sofá, batendo com a mão na barriga e sorrindo para Hazel e Jack, que desde que ele chegara ao Castelo de Hawthornden o olhavam com fascínio.

Munro estalou os lábios.

– Belas bolachas, se é que posso dizer, Menina. Ótimas bolachas, mesmo.

– Obrigada – disse Hazel.

– Munro – chamou Jack, incapaz de se conter por mais tempo. – Por onde tens estado? E como é que perdeste o braço!?

Munro deu um suspiro agitado, com o lábio superior a tremer.

– É uma pena, não é? – replicou ele, levantando a manga esquerda vazia da camisa. – Ainda assim, graças ao bom Deus não é a mão com que disparo. Imagina que tenho uma pistola na mão direita e ainda mato meia dúzia de patos antes de o dono da casa saber que estou na propriedade dele. – Voltou-se e lançou um piscar de olhos atrevido a Iona, que tinha estado a cuidar do fogo na lareira, fingindo que não ouvia atentamente o que estava a ser dito. – Sei cozinhar um galo mau, assado numa fogueira com umas castanhas na barriga, se as conseguir encontrar. O melhor Natal que alguma vez tive foi um galo roubado e castanhas, de volta ao velho quarto em Fleshmarket Close. Lembras-te daquele sítio, Jack? O telhado meio

caído e o chão devorado por térmitas, ainda assim não era um lugar mau para essas coisas.

– Munro – repetiu Jack. – O teu braço. Estiveste desaparecido. *Semanas* a fio.

– Está bem, está bem. A história. Antes de começar, seria possível arranjar mais umas bolachas destas? Oh, obrigado, amor, és um anjo. Caído do céu. Antes de começar, devo dizer-vos já que não me lembro de tudo. Vem e vai, como o nevoeiro. Como se estivesse a ver tudo através do fumo do jantar queimado de alguém. Mas pelo menos sei onde começou, essa parte é fácil: estava a escavar uma campa em Greyfriars, a tentar arrancar o corpo de uma moça que morreu com o bebé ainda na barriga. Matou-se, disseram eles. O namorado já não a amava. Arsénico, ouvi dizer. Mas claro que a família não o admitiu, por isso disseram que era a doença romana. Uma desculpa conveniente, tendo uma praga a dizimar a cidade, é tudo o que vou dizer. Por isso, fui sozinho para o cemitério por volta da meia-noite. Normalmente, teria sido bom ter um parceiro neste tipo de coisas, mas sabes que o Bristlwhistle foi para Calais e o Milstone morreu no mês passado, uma coisa trágica, trágica, e em quem mais dos bandidos devia confiar? Especialmente quando estava a contar fazer uma fortuna com aquela pobre rapariga grávida. Já trabalho nisto há tempo suficiente para não gostar de dividir os lucros, se não tiver de ser. Quando se é pobre há tanto tempo como eu, a ganância não me parece um pecado assim tão mau.

Embalado, Munro continuou a contar a história.

– Portanto, lá fui eu sozinho para Greyfriars de noite, sem sequer me dar ao trabalho de levar uma tocha, por conhecer tão bem o terreno. Garanto-vos que podia ir de olhos vendados e não tropeçava numa única pedra. Não há uma única pedra nem um formigueiro naquele lugar que eu não conseguisse farejar numa noite sem lua e de olhos fechados. O portão

estava aberto. Foi a primeira coisa estranha de que me lembro. Saltei por cima dele por hábito, mas lembro-me disso muito claramente. Estava fechado, mas não trancado, quero eu dizer. Por isso, presumi que alguém tinha chegado primeiro do que eu, outra pessoa ia ficar com a galinha dos ovos de ouro, por isso vou a correr até à sepultura e não há lá ninguém. A terra alisada do enterro, mas ninguém a tinha desenterrado. Não está ninguém no cemitério. Não há vento. Era como se até os fantasmas tivessem parado de se mover. O silêncio era tanto que conseguia ouvir o meu coração a bater nos ouvidos. Lembro-me bem dessa parte. Não me lembro se é importante ou se significa alguma coisa, mas é a pura verdade: a noite estava mais silenciosa do que eu alguma vez ouvira. As luzes até estavam apagadas em casa do George Heriot. Nem sequer uma vela na janela. Começo a escavar, mas ainda não tinha sequer escavado uns centímetros quando de repente aparece um homem mesmo à minha frente. É a única forma de o explicar, ele *apareceu* mesmo à frente do meu nariz. Nem sequer o ouvi chegar, nem sequer o ouvi respirar. Tinha um chapéu que lhe tapava a cara e, no escuro, não consigo perceber que tipo de cara é que estava debaixo dele. Mas ainda tenho a minha pá e ponho-a à frente da cara dele, e digo-lhe para não dar nem mais um passo. *Este corpo é meu*, digo-lhe, fui eu que o encontrei e mais, cheguei aqui primeiro. Qualquer ladrão de corpos que se preze sabe que não se rouba um cadáver a alguém que já está a roubá-lo. Mas aquele homem, aquele fantasma ou o que quer que seja, apenas sorri, e eu vejo uma fila de dentes amarelos na sombra. E é nessa altura que tenho a sensação de que já o vi, que ele foi um dos homens que foi ter comigo e com o Davey naquela noite, lembraste, Jack? E então, penso: *Oh, ele é um bófia*. Faço de conta que vou começar a correr, mas antes que conseguisse dizer às minhas pernas para correrem, o cavalheiro agarra-me e enfia-me um lenço molhado na cara, com um cheiro adocicado... não sei. Cheirava a flores e a morte. Tentei sustar a

respiração, tentei lutar contra ele, mas depois tudo ficou pesado e tonto, e quando dei por mim, já o sol tinha nascido e ele estava a empurrar-me numa cadeira com um véu por cima da cabeça. Estávamos na Cidade Velha, eu sabia pelos cheiros e pela forma como as pedras da calçada saltitavam, e tenho quase a certeza de que atravessámos uma ponte, mas não conseguia ver onde. Já vos disse que tinha aquela renda preta por cima da cabeça... um véu ou qualquer coisa, como se fosse uma viúva de luto ou uma avozinha qualquer. Tentei correr, mas era como se as minhas pernas tivessem desaparecido, e não conseguia mexer os braços. Mal conseguia ver por baixo do tecido, por isso não podia fazer nada a não ser esperar e ter a esperança de que ele me deixasse por tempo suficiente para eu arranjar uma maneira de me libertar. Chegámos a um prédio com uma placa dourada na porta e o homem de chapéu bateu algumas vezes, e eles empurraram-me lá para dentro, através de uma grande sala e para outra que parecia um teatro. Era como se fosse um teatro, com bancadas e tudo, e tinha serradura no chão... Não confundo esse cheiro com nada no mundo. Nessa altura, tiraram-me o véu. Não havia ninguém na plateia, só duas mesas no palco e um médico com uma bata. Havia um velho a dormir em cima de uma das mesas. Talvez não fosse velho, era difícil de ver, mas pareceu-me velho. E devia ser velho para estar a dormir. O homem de cartola recebeu o pagamento do médico e deixou-me a olhar, na esperança de que não reparassem que eu ainda estava vivo quando me tentaram matar. O médico afiou uma faca e foi nessa altura que não aguentei e desatei a gritar, acho eu, ou talvez tenha só latido como um cão. E então ele pegou no seu próprio lenço e ensopou-o num líquido azul. Tentei mexer-me, tentei correr, juro, mas foi como se estivesse amarrado, apesar de os meus membros estarem livres. O meu cérebro estava mal. Encostou-me o lenço à cara e foi o mesmo cheiro outra vez. Um cheiro a corpo apodrecido e a uma flor doce como o perfume de uma senhora. E depois a

sala ficou escura e a rodopiar, e eu já não conseguia gritar. Era vudu ou algo do género. Não doía, mas devia doer, mas não doía. Tive a sensação de que ia adormecer e fiquei com as memórias todas turvas. Se não tivesse acordado aqui sem o meu velho amigo... – apontou com a cabeça para o sítio onde antes tinha o braço esquerdo – podia ter pensado que talvez tivesse sonhado tudo aquilo ou bebido de mais na noite anterior. Acordei no hospital Saint Anthony, com a sensação de que tinha o corpo todo em chamas. Preso numa cama com duas pobres almas, ambos pedreiros com as pernas esmagadas sob um tijolo do tamanho da Ilha de Skye. Éramos uma visão desgraçada.

– Não te lembras de mais nada? – perguntou Jack, inclinando-se para a frente sobre os joelhos.

Munro abanou a cabeça.

– Fiquei lá uns tempos, enquanto tentavam perceber como é que eu tinha perdido o braço. Contei-lhes tudo, do homem e do teatro e do lenço húmido e tudo isso, mas parecia que ninguém queria saber de mim para nada. Achavam que era um bêbedo que se tinha metido em apuros, e acho que não posso dizer que não fosse verdade. Tentei sair do hospital o mais depressa que pude. Cheirava a merda e a morte ali dentro, e um dos tipos na minha cama ressonava como um elefante constipado. A comida não era muito má, se conseguíssemos tirar os bichos. As larvas são como nós, a tentar aquecer-se, a tentar comer qualquer coisa, não as podemos levar a mal por isso. Ei, acham que posso beber qualquer coisa mais forte do que chá? Já que aquilo por que passei é mais ou menos uma provação, como costumam dizer.

Hazel acenou com a cabeça, e Iona foi buscar o uísque ao armário.

– Os médicos do hospital disseram-te alguma coisa sobre a ferida? Alguma coisa sobre a razão por que tinhas ficado sem o braço?

– Por acaso disseram que os pontos estavam muito bem cosidos. Como se tivessem sido feitos por alguém que sabia o que estava a fazer.

– Posso?

Munro encolheu os ombros e tirou a camisa de cima do ombro esquerdo, mostrando o que lhe restava do braço. Fora cortado na articulação; não tinha nada abaixo do ombro. E, tal como Munro dissera, os pontos pretos eram pequenos, direitos e regulares. A ferida tinha um pouco de pus e a pele em redor estava vermelha e inchada, mas os pontos estavam perfeitamente no lugar.

– Mas porque é que alguém te tiraria o braço? – interrogou Jack, estupefacto. – Não consigo compreender.

O uísque de Munro chegou, e ele agradeceu a Iona com uma piscadela de olho e depois bebeu um enorme trago.

– Também não percebo – disse ele, limpando os lábios com a manga do braço que lhe restava. – Não vou poder escavar mais, o problema é esse. E como é que agora vou conseguir um trabalho honesto? Não consegui arranjar um trabalho honesto quando tinha dois braços...

– Havemos de te arranjar qualquer coisa – garantiu Jack. – Podes vir trabalhar comigo no teatro.

– Ah, boa piada! – resmungou Munro. – Não estive assim tanto tempo fora para não saber o que se passa lá. Está fechado por causa da peste, não é? Como é que vai o *teu* trabalho no teatro, Jack?

O rapaz afundou-se na cadeira.

– Podemos arranjar-te qualquer coisa aqui em Hawthornden – interveio Hazel. – Precisamos sempre de alguém que ajude a cuidar da propriedade. E... e caças? Tenho a certeza de que a Cozinheira ficaria encantada com mais alguns coelhos.

Munro inchou o peito.

– Mesmo com uma mão, não há ninguém na Escócia que seja melhor atirador, posso garantir isso. Obrigado, Menina. Com toda a sinceridade. – E tirou o boné e levantou-se apenas para se dobrar pela cintura num arco profundo. Algumas cartas de jogar e moedas falsas caíram-lhe dos bolsos para o chão, e ele corou enquanto as apanhava.

– E a história acaba aí? Não te lembras de mais nada? Será possível que houvesse um homem só com um olho? Que o médico, na sala de operações, tivesse uma pala num olho?

Munro bebeu outro gole de uísque.

– A história é essa. Fiquei uns tempos no hospital até me mandarem para casa, fui ao *pub*, depois vim à procura do Jack. Quanto ao médico, não sei ao certo. Essa parte é toda muito confusa. Não reconheceria a cara dele mesmo que tivesse três olhos.

Hazel ficou sentada, a pensar. Alguém raptara Munro, usara *ethereum* – o que mais poderia ter sido? – e cortara-lhe o braço. Isso era o que ela sabia. As incógnitas eram o *porquê* e o *quem*. O desconhecido é que era preocupante, mas não tão preocupante como a incógnita seguinte: Quando é que iriam atacar de novo? Porque parecia, pelo menos a Hazel, que quem andava a raptar e mutilar os pobres de Edimburgo não tinha intenção de parar.

Hazel mandou Charles ir chamar um polícia, que chegou a Hawthornden ao pôr do sol. Tinha um bigode tão grosso e direito como cerdas de vassoura, e as narinas abertas de irritação desde o momento em que as botas dele entraram naquela casa.

– Sente-se, por favor – disse-lhe Hazel. – Iona, vai buscar um bule de chá.

– Obrigada, Menina – agradeceu ele, e sentou-se muito direito na cadeira em frente a Munro, que estava reclinado no sofá. Hazel estremeceu, vendo Munro através dos olhos do guarda: sujo de gordura e

fuligem, as mangas da camisa amarelecidas, o cheiro a bebida a flutuar em redor como perfume.

– Então – começou o polícia, após Munro ter contado a história –, embebedaste-te, tiveste um pesadelo e acordaste sem o braço.

Hazel levantou-se, irritada.

– Não, não é nada disso! Anda qualquer coisa a acontecer na Sociedade de Anatomistas, quer haja ou não alguém diretamente envolvido. Estão a usar o teatro cirúrgico. E a usar *ethereum*. No mínimo, tem de fazer uma investigação!

Foi a vez de o polícia se levantar. O bigode tremia enquanto falava e apanhava as gotas de saliva que lhe saíam da boca com cada som de “p” pontuado.

– *Menina*, não me diga o que eu “tenho” de fazer. Neste ou em qualquer caso. Pertence a uma boa família e vou presumir que este... este lamentável charlatão a enganou num esquema montado para atrair a sua empatia e o seu dinheiro, e não que me chamou intencionalmente como parte de uma partida grosseira.

– Senhor, não percebeu bem – replicou Hazel. – Ele está a dizer a verdade. Não é o único a quem foram amputadas partes do corpo. Há qualquer coisa...

O guarda interrompeu-a com um ronco. Abanou a cabeça.

– O seu cérebro está demasiado ocioso, *Menina*. Devaneia. – Tornou a pôr o boné e aproximou-se de Hazel para falar com ela sem que Munro ouvisse. – Aqui entre nós, estas coisas acontecem constantemente com a ralé da Cidade Velha. Encontram um ouvido compassivo e inventam todo o tipo de histórias mirabolantes para despertar a piedade.

Hazel soltou-se dele.

– Posso garantir-lhe, senhor, que está enganado.

O lábio superior do guarda estremeceu e o bigode vibrou.

– Servi com o seu pai na Marinha Real, há alguns anos, contra os franceses. Vim aqui a Hawthornden como cortesia. Mas agora vou dizer-lhe, Menina, espero que o seu pai regresse antes que a filha se torne uma perturbação pública, em vez de uma simples tola.

OceanofPDF.com

Nenhum dos doentes com febre romana que Hazel estava a tratar com raiz de hipericão estava a ficar curado, mas, surpreendendo Hazel, também nenhum deles morrerá. Aparentemente, ela era capaz de conter a doença – limitar a propagação e mitigar os prazos –, mas não era capaz de a derrotar por completo. Por enquanto.

Hazel tomava cuidadosamente nota de cada um dos doentes e do respetivo progresso. Tinha enviado uma cópia das notas na carta que escrevera ao Dr. Beecham, à qual, para sua consternação, ainda não recebera resposta.

– O que é que ele pode estar a *fazer*? – murmurava a Iona, enquanto retirava uma lasca da canela de um rapaz. – Quanto tempo demora a escrever uma carta?

Iona passou-lhe uma bola de algodão e álcool para desinfetar.

– Não foi há muito tempo, Menina. Ele é um médico bastante famoso, não é? Provavelmente, recebe muita correspondência.

– Sim, deve ser isso – resmungou Hazel. A lasca deslizou da perna do rapaz ainda antes que ele tivesse oportunidade de gritar. – Pronto, já está. Direita como a chuva. E evita corrimões instáveis a partir de agora. Tens sorte por só te termos tirado uma lasca.

Iona acompanhou o rapaz e trouxe a Hazel o doente seguinte, um jovem de cabelo ruivo e um casaco castanho que já tinha visto dias

melhores. Parecia cansado e pálido. A camisa esfiapada estava rasgada no pescoço e alguém tentara cosê-la.

– Burgess! – gritou Hazel, surpreendida. Teve de resistir ao estranho impulso de o abraçar com o choque de o ver, como se fosse uma aparição, no laboratório na masmorra de Hawthornden.

– Peço... peço desculpa – disse Burgess, com as sobrancelhas pálidas a unirem-se com a confusão. – Creio que não tenho o prazer de a conhecer. Mas disseram-me que tratavam pessoas aqui? – Olhou para lá de Hazel, assumindo que um médico estaria algures atrás dela. De uma das camas do solário veio um gemido baixo.

– Gilbert Burgess – repetiu Hazel. – Não me reconheces. Claro. – Prendeu o cabelo atrás da cabeça. – George Hazleton, ao seu serviço.

E, então, fosse do choque, da febre ou de ambos, Burgess desmaiou.



– *Não acredito* – disse ele, quando finalmente acordou numa das camas do castelo. O exame não demorara muito tempo, tinha febre alta e feridas a formarem-se por todo o corpo. Era a febre romana. Iona trouxera-lhe uma taça de papas de aveia com geleia. Ele misturou-as distraidamente, sem conseguir obrigar-se a comer. – Uma rapariga, o tempo todo. Desculpe. uma senhora. E ninguém sabia. Meu Deus, era capaz de matar para ver agora a cara do Thrupp.

– Bem, havia alguém que sabia. O Dr. Straine reconheceu-me e proibiu-me de assistir às aulas dele.

– Ficámos a pensar sobre para onde terias ido quando desapareceste. Alguns dos rapazes achavam que tinhas adoecido, ou que tinhas casado à pressa, ou qualquer coisa do género. O Thrupp tentou convencer-nos de

que estavas a fugir das dívidas de jogo, mas eu sabia que isso era tudo uma treta.

– Como vão as coisas por lá? – quis saber Hazel, tentando manter um tom de voz indiferente. – Nas aulas, quero eu dizer. O que têm andado a aprender?

Burgess pareceu envergonhado e olhou para a taça com as papas de aveia, que tinham ficado com um tom rosado por causa da geleia de groselha.

– Desisti – admitiu. – Há umas semanas. Podia culpar a doença, mas a verdade é que a minha cabeça já não aguentava mais. A minha família mal podia pagar as propinas... Tivemos de pedir dinheiro emprestado a todos os familiares com algumas posses... e eu não iria aguentar se chumbasse no exame, depois de tudo isso.

– Então, desististe? Não, Burgess!

Burgess fez-lhe sinal para que não se importasse.

– Foi melhor assim. Teria sido um péssimo cirurgião. Não era como tu. *Tu!* Tu eras brilhante. Não acredito que te expulsaram só por usares saias. O descaramento daqueles homens! Juro que passava metade do tempo com vontade de estrangular o Straine. Dava-me arrepios a forma como ele ficava *ali parado*, sabes? Com aquela expressão no olho? – Burgess arrepiou-se.

– Bem, ainda posso ser cirurgiã – disse Hazel, com um pequeno sorriso. – Ou melhor, ainda há uma hipótese. – Explicou o acordo que tinha feito com o Dr. Beecham, como ainda podia fazer o Exame Médico para ver se passava. O sucesso significaria um estágio no hospital sob a orientação do próprio Dr. Beecham e a autorização para as mulheres poderem assistir às aulas a partir desse momento.

Burgess ficou mais animado com as notícias dela.

– Isso é maravilhoso, Hazel, é mesmo! Tens de passar. Claro que vais passar, és um génio nestas coisas.

– Estás noiva, não estás? – interveio Jack, de um canto. Hazel nem sequer reparara que ele estava ali sentado, a ler um livro de bolso. – Mesmo que passes, será que o teu marido vai deixar-te fazer alguma coisa com isso?

– Não creio que seja ele a decidir – replicou Hazel, com brusquidão.

– Aposto que vai pensar que será ele a decidir – contrapôs Jack, com uma voz glacial.

– Parabéns atrasados! – disse Burgess, para quebrar a tensão. – Pelo teu noivado! Quem é o sortudo?

– Obrigada. É o futuro Visconde de Almont.

Burgess esbugalhou os olhos.

– Hazel, isso é... Oh, *bolas!* Não posso tratar-te por Hazel! *Lady Sinnett*, quero eu dizer. Ou melhor, *Lady Almont*.

– Podes continuar a tratar-me por Hazel. Estamos noivos praticamente desde que nascemos. Ele apenas quis tornar as coisas mais oficiais, só isso. Casaremos daqui a um ano, por isso, entretanto, não vai haver qualquer mudança na minha vida. O Exame Médico é uma preocupação muito mais premente do que a idiotice do meu casamento.

Jack expirou com força, atirou o livro para cima da mesa e saiu da sala. Hazel ignorou-o e voltou-se para Burgess.

– Por favor, diz-me se te lembras de alguma coisa que o Dr. Beecham tenha dito sobre a estrutura do sistema linfático, porque estou completamente desesperada com isso.

A partir desse dia, Burgess passou a ser o tutor pessoal e o maior defensor de Hazel. Sempre que a rapariga acabava de examinar os novos doentes que chegavam ao laboratório – e depois de completar as rondas pelos doentes já nas camas no Castelo de Hawthornden –, ia para a

cabeceira de Burgess, e ele ajudava-a a estudar. Burgess era brilhante, com um talento especial para fazer exatamente a pergunta a que Hazel esperava poder escapar por não saber bem a resposta.

Quando Charles trouxe a carta do Dr. Beecham, Hazel estava tão distraída a dizer a Burgess o nome de todos os ossos do ouvido interno que mal se apercebeu do que tinha nas mãos até o pergaminho estar aberto à sua frente.

Cara Menina Sinnett,

Que prazer inesperado ter notícias suas. Espero que se lembre da nossa aposta e que os seus estudos estejam a progredir a tempo para o Exame Médico. Devo confessar-lhe que tenho uma profunda esperança de que venha a ser bem-sucedida.

Infelizmente, não tenho mais notícias positivas a dar-lhe nesta carta. A inoculação foi tentada em Edimburgo durante a primeira vaga da febre romana, mas sem efeitos positivos. Pelo contrário, os poucos doentes que foram sujeitos à experiência sucumbiram à própria doença.

Não estou familiarizado com a “raiz de hipericão” de que fala e devo assumir que é um nome regional para uma planta local com outro nome, mais adequado. No entanto, asseguro-lhe que o meu estimado avô, durante toda a vida, experimentou uma grande variedade da flora escocesa local e não encontrou nada que mitigasse os efeitos horríveis e mortais da doença. Devo aconselhá-la a cessar todas as experiências e a não continuar a tratar as vítimas infelizes com remédios populares infundados. Não continue a utilizar a “raiz de hipericão” em caso algum. Os efeitos positivos a curto prazo podem mascarar consequências mais mortíferas no futuro. Para se tornar médica, terá de aprender rapidamente que o

bem-estar do doente deve sobrepor-se ao ego demasiado zeloso de qualquer médico.

*Atentamente,
Dr. William Beecham III*

Hazel leu a carta uma e outra vez. Sentia como se tivesse levado uma bofetada na cara. Deixou cair o papel das mãos, e Burgess apanhou-o, lendo em silêncio as palavras.

– Bem, acho que foi uma boa ideia – disse Burgess, por fim. – E o chá de raiz de hipericão tem sido a única coisa, desde que tenho esta maldita febre, que me faz sentir que a minha cabeça não está prestes a explodir, diga o Dr. Beecham o que disser. Ele não é assim tão importante! Sabes que o avô dele acabou por enlouquecer? Alquimia e coisas do género. Talvez muitos deles sejam loucos. Esquece isso, Hazel.

A rapariga acenou distraidamente com a cabeça. Tinha sido tola e demasiado ambiciosa. Era apenas uma criança, enquanto alguns dos médicos mais famosos do mundo já estudavam a febre romana há alguns anos, sem qualquer resultado. Ainda nem sequer tinha passado no Exame Médico e era arrogante ao ponto de achar que descobrira algo que o Dr. Beecham não conseguira. Tinha a cara a arder e arrancou a carta das mãos de Burgess. Rasgou-a em mil pedaços e atirou-os ao fogo, não por raiva, mas por uma humilhação profunda.

– Não faz mal – disse Hazel, estendendo o braço para tirar das mãos de Burgess a caneca de chá que ele estava a beber. – Pelo menos por agora, vamos dar ouvidos aos especialistas.

Burgess agarrou a caneca e bebeu mais um gole em protesto.

– Nem pensar.

– Muito bem – retorquiu Hazel. – Vamos fazer como queres, mas se alguma coisa correr mal, tu é que ficas com o peso na consciência.

Burgess mais um gole.

– É só chá. E faz-me sentir melhor. Não sei do que é que o Dr. Beecham estava a falar, mas és tu que me tratas, não ele, e, para que conste, confio em ti, Dra. Sinnett.

Foi quase o suficiente para a fazer sorrir.

Não sorria muito nos últimos dias. Além de ainda estar à espera da resposta do Dr. Beecham, Jack praticamente desaparecera de Hawthornden desde o reaparecimento de Munro, tentando arranjar um novo emprego.

– Podes ficar aqui – sussurrara-lhe Hazel, uns dias depois da chegada de Burgess, enquanto ainda estava deitada. Ele vestira uma camisa velha e o casaco que deixara pendurado nas costas da cadeira dela.

– Não posso simplesmente ficar aqui – retorquira Jack, espalhando água fria da bacia sobre a cara. – Preciso de arranjar trabalho. Sabe-se lá daqui a quanto tempo é que o teatro vai voltar a abrir. Se por agora é muito perigoso roubar cadáveres, tenho de arranjar outra coisa qualquer.

– É muito perigoso, Jack – concordou Hazel. – Não sabemos quem apanhou o Munro nem porquê. E a polícia não vai ajudar os ladrões de corpos... partindo do princípio de que não é a própria polícia que os anda a atacar. Por favor, promete-me que não vais voltar a roubar cadáveres.

– Prometo – murmurou Jack. Atou as botas, beijou Hazel na testa e partiu de Hawthornden a pé. Desde então, ela nunca mais o viu.



20 de dezembro de 1817

Henry Street, n.º 2

Bath

Minha querida Hazel,

A notícia do teu noivado chegou finalmente a Bath e estou absolutamente deliciada. Que alegria saber que terás alguém para cuidar de ti e que o teu querido primo Bernard se tornará finalmente teu marido. O único acontecimento recente que me trouxe a mesma alegria foi o Percy ter (finalmente!) recuperado da constipação.

Estou ansiosa por te ver e ao teu futuro marido em Londres durante a temporada. Como sabes, o Percy vai estudar para Eton no próximo ano. Creio que talvez permaneça em Londres para estar perto dele, para o caso de a gripe regressar.

Estou muito orgulhosa de ti.

– A tua mãe que te adora, Lady Lavinia Sinnett



Ela ia casar com um duque ou um conde ou um barão. Um desses. Qual era a diferença? E que diferença realmente fazia? Todos viviam em casas grandes e não faziam nada para ganhar a vida a não ser dar ordens a criados e escolher qual o lenço bordado que poriam no bolso nesse dia. Não era de admirar que os nobres tivessem tempo para inventar medicamentos e matemática – tinham de o fazer, por puro tédio.

O teatro continuava fechado, por causa da febre romana. Jack não tinha um salário fixo há vários meses e, sem o bónus de novos corpos para vender aos anatomistas, encontrava-se numa situação cada vez mais precária.

Tentou primeiro o estaleiro, na esperança de, sendo jovem e relativamente em forma, poder conseguir um emprego a construir navios. Mas o trabalho em Leith tinha diminuído. O capataz deu uma gargalhada na cara de Jack quando ele perguntou se lhe arranjava trabalho.

– Tive de despedir 20 homens já este ano – disse-lhe. Fungou e cuspiu para longe de Jack. – Desculpa, rapaz.

Parecia que em todos os sítios que tentava havia uma dúzia de homens, mais velhos e experientes, à espera de uma oportunidade de se encontrarem com o patrão e implorar por um dia de salário decente.

– Ouvi dizer que há trabalho em Newcastle – sussurrou um homem a Jack, depois de ambos terem sido recusados como pedreiros. – Se não tens

nada que te prenda aqui. E há as Américas... Há muito dinheiro a ganhar por lá, se conseguires aguentar a viagem.

Jack assentiu educadamente, mas a ideia de colocar nem que fosse mais uma milha entre ele e Hazel parecia impossível. Para onde poderia ir enquanto ela ali estivesse? Como lhe poderia pedir que desistisse de um conde quando nem sequer conseguia arranjar um salário decente? Pouco antes, ao ver a cara dela – limpa do suor de se debruçar sobre cadáveres e tratar novos doentes –, Jack sentira-se profundamente envergonhado, como se os dois fossem de espécies completamente diferentes. Ele era bom a vender cadáveres, essa era a pura verdade – bom a escavar sem ser apanhado e a negociar com os médicos, nas batas de linho amarrotadas, algumas libras extra.

Mesmo com o raptor, não podia ser mais perigoso do que trabalhar na pedreira ou nas minas. Jack podia lutar contra ele; era mais esperto do que Munro e muito melhor a lutar. Era verdade que fizera uma promessa a Hazel, mas a rapariga nunca passara uma noite com fome como ele, apertando os punhos à volta dos cobertores na esperança de adormecer mais depressa para não ter de sentir o estômago a doer e a contorcer-se. Nunca conhecera o isolamento de viver numa cidade sem uma moeda no bolso, sabendo que não teria mais nada a não ser a inteligência para se defender do frio ou da exaustão. Estivera sempre em segurança.

A pobreza tornava Jack vulnerável, mas também o tornava imprudente.

– *Já ouviu falar do paradoxo do Navio de Teseu?*

O jantar em Almont House era ostensivamente para celebrar o noivado de Hazel e Bernard, embora os dois estivessem sentados em lados opostos da mesa do banquete, e a rapariga estivesse presa ao lado do Barão Walford, que se inclinava cada vez mais para ela enquanto falava, ao mesmo tempo que Hazel tentava desesperadamente afastar-se o mais possível que a cadeira permitisse sem cair. Ao fim de quatro pratos, o barão estava tão perto de Hazel que ela conseguia ver-lhe a saliva nos lábios. A respiração acre obrigava-a a pestanejar para conter as lágrimas.

– Sim, meu lorde, por acaso eu...

– É uma ideia filosófica complicada, mas que posso explicar de uma forma suficientemente simples a uma senhora através de uma história. Imagine um grande navio. Com o tempo, o navio começa a apodrecer. Mas cada tábuia podre é rapidamente substituída. Com o tempo, cada pedaço de madeira usado para construir o navio original é substituído. Continuará a ser o mesmo navio?

Lorde Almont estava alguns lugares adiante.

– Não! – replicou com deleite, apontando para Walford. – É um navio diferente. A madeira é toda diferente.

– Ah! – exclamou o barão. – Então, *quando* é que o navio deixa de ser considerado o mesmo navio?

A explosão do lorde chamara a atenção da sala. Bernard levantou a voz como o pai.

– Então, a meio caminho. Quando metade da madeira for substituída, deixa de ser o mesmo navio.

– Mesmo que todos continuem a chamar-lhe o *Navio de Teseu*? – argumentou tranquilamente Hazel.

Todos se viraram para olhar para Hazel. Bernard lançou-lhe um olhar furioso.

– Sim, querida – retorquiu ele, com os dentes cerrados. – Não importa o que as pessoas lhe chamam. Quando já vai a mais de metade do caminho, não é o mesmo navio.

– Algumas mulheres – disse Lorde Almont ao filho – ainda não aprenderam que gostamos mais de olhar para elas do que de as *ouvir*.

O Barão Walford riu-se e o olho de vidro rolou na órbita.

– Ah, ah! Mas, então, voltemos ao navio. Imaginem que levaram toda a madeira podre que foi retirada e começaram a construir um segundo navio no Museu Britânico. Qual deles seria, então, o verdadeiro *Navio de Teseu*? Aquele que ainda navega com o nome do original ou o que está no museu?

– O segundo – respondeu imediatamente Bernard. – O segundo. O que tem a madeira original.

– Temos um verdadeiro erudito entre nós! – exclamou Lorde Almont, dando uma palmada nas costas de Bernard. O filho fez um sorriso de orelha a orelha.

– Sem dúvida – concordou o Barão Walford, agitando um copo de vinho tinto antes de o esvaziar de um trago.

– Porque está tão filosófico, Walford? – perguntou Lorde Almont.

– Bem – começou o Barão Walford, ajustando o olho falso. – Acho que estou prestes a ter um novo olho. O procedimento já está agendado. De

segunda-feira a uma semana, na Sociedade de Anatomistas. Irei ver pela primeira vez em 20 anos, pelo menos é o que diz o médico.

– O que quer dizer? – perguntou Hazel, endireitando-se na cadeira e atenta pela primeira vez em toda a noite. – Que tipo de procedimento vai permitir-lhe ver novamente? Que tipo de olho novo?

– Ora, ora, *querida* – interveio Bernard.

– Não me quero intrometer, Barão Walford, mas, por favor, que tipo de cirurgia poderia devolver-lhe a visão? Com um olho falso?

O Barão Walford afagou o alto da cabeça de Hazel.

– Nada com que uma jovem precise de se preocupar! Principalmente quando tem um casamento para preparar!

– Pois – soltou Hazel. – Um casamento. Claro.

Depois do jantar, os cavalheiros retiraram-se para a biblioteca, para *brandy* e charutos, e Bernard saiu para acompanhar Hazel de volta à carruagem.

– Hazel – disse ele depois de pigarrear, assim que saíram para o exterior. – A tua... fantasia de seres... médica ou lá o que é.

– Não é uma fantasia, Bernard – garantiu Hazel. – Vou ser médica. Sei que não é o que *tu* ou o teu pai querem, mas já ando a estudar há várias semanas. – Assim que começou a falar, descobriu que não conseguia parar.

Bernard olhou nervosamente em redor.

– Eu sou boa nisso, Bernard, sou mesmo. Nem sempre acreditei, mas sou. Tenho andado a tratar meia dúzia de doentes... *Neste momento*, estou a tratar meia dúzia de doentes. Fiz o parto de uma bebé! Vou passar no meu exame, Bernard, e vou tornar-me médica. Na verdade, tenho quase a certeza de que já o sou.

A boca de Bernard abriu-se e depois fechou-se como a de um peixe fora de água.

– Acalma-te, Hazel!

– Eu estou calma, Bernard. Perfeitamente calma. Mas tenho de te dizer que, se não me deixares continuar com isto, não tenho a certeza se posso casar contigo.

Bernard olhou para a porta fechada de Almont House, como se estivesse a pensar em voltar a entrar e falar com o pai. Puxou o colete à cintura

– Ótimo. Pronto, está bem. Não há necessidade de dizer isso, Hazel. Vamos ser racionais.

– Estou a ser perfeitamente racional, Bernard.

Ele tornou a clarear a garganta.

– Muito bem. Dizes então que vai haver um exame? Algum tipo de exame para ser médico?

– O Exame Médico Real, sim. Daqui a uma semana.

– Uma semana – repetiu Bernard. – Perfeito. Faz esse tal Exame Real. E se passares, podemos... bem, podemos pelo menos falar disso como uma hipótese de... futuro.

Hazel ficou ligeiramente mais animada.

– Então, estás a dizer que há uma hipótese? Quer dizer, uma hipótese de que talvez estejas disposto a deixar-me... a deixar-nos...

Bernard esfregou as têmporas.

– Mas... Está bem. Faz o exame e depois... depois decidimos a partir daí. Mas, Hazel, juro por Deus. Juro. Se chumbares nesse exame, promete-me que acabas com isso. E o meu pai nunca poderá descobrir.

– Nunca – garantiu Hazel.

– *Prometes-me*, Hazel?

– Prometo.

– Ótimo. – Bernard beijou-a no cimo da cabeça e ajudou-a a entrar na carruagem. – Meu amor. Cuidado para não abanar a carruagem na rua! – gritou ao condutor. – É a minha futura esposa que vai aí dentro!

Durante semanas, a data do Exame Médico Real no final do semestre parecera tão distante para Hazel, uma abstração que nunca chegaria a materializar-se. E depois, de repente, tinha chegado. No final, o que aprendera através de intermináveis horas de leitura e ao memorizar o exemplar do *Tratado do Dr. Beecham* parecia quase cômico, quando comparado com o que aprendera nas poucas semanas em que realmente agira como médica dos doentes que acorriam a Hawthornden. Beecham tivera razão em duvidar de Hazel quando inicialmente tinham feito a aposta; se ela tivesse estudado apenas a partir de livros, nunca se teria sentido preparada. Agora, quase se sentia.

Na manhã do exame, leu as anotações enquanto enfiava papas de aveia na boca, quase sem perceber o que estava a comer, totalmente concentrada nas palavras que tinha à frente. Sistema pulmonar? Linfático? Órgãos? Verificou mentalmente cada área que estudara, uma a uma, surpreendendo-se com a constatação de que, afinal, talvez estivesse preparada.

– Para com isso – disse Burgess, comendo as papas com um vigor que fez Hazel sorrir. Ele estava a melhorar. Apesar de, por vezes, ainda ter tosse com expetoração, as lesões nas costas estavam a diminuir. E recuperara o apetite.

– Paro o quê? – perguntou Hazel, sem tirar os olhos do papiro e deixando cair uma colherada de papas no colo.

– Com o estudo. Sabes tudo de trás para a frente. Não há ninguém naquele exame que saiba metade do que tu sabes.

– Obrigada, Burgess. E agradeço a tua ajuda.

Burgess deu uma gargalhada fraca.

– Soa estranho agradeceres-me, visto que foste tu que me salvaste a vida.

– Um tratamento é bom – reagiu Hazel. – Uma cura é melhor.

– Bem, não tenho dúvidas de que a cura chegará mais cedo se for a Dra. Hazel Sinnett a tentar descobri-la.

– Ainda não sou médica.

– Espera umas horas.

Juntou as penas, a tinta e as facas, assim como o *Tratado do Dr. Beecham*, mais para dar sorte do que por qualquer outra razão.

– O Jack passou por cá recentemente? – perguntou Hazel a Iona, enquanto esta a ajudava a prender os atacadores.

Iona abanou a cabeça.

– Não o vejo há uns dias. – Depois, ao ver o olhar nervoso de Hazel, acrescentou: – Mas não precisa de se preocupar com aquele rapaz. Consegue safar-se de qualquer problema, sabe como é o Jack. É mais escorregadio do que uma víbora e duas vezes mais esperto.

Hazel só conseguiu assentir. Jack estava bem. Naquele momento, tinha de se preocupar com o exame.

Inicialmente, planeara fazer o exame vestida de George Hazleton; tinha tirado um dos melhores casacos de George para a ocasião e guardara-o no quarto para servir de lembrete diário da tarefa que se aproximava. Mas quando chegou o momento de se vestir, hesitou. Não ia fazer o exame como George Hazleton; ia fazê-lo como Hazel Sinnett.

E, então, Iona ajudou-a, em vez disso, a vestir um vestido que chegara da costureira apenas algumas semanas antes, um que Hazel ainda não

usara. A saia era de musselina branca e forrada com uma fita na bainha, caindo em camadas delicadas sobre os tornozelos. O corpete era de seda cor de sangue, com folhos de linho branco nos ombros. O colarinho chegava-lhe ao queixo, para não se esquecer de o manter levantado.

– Não se atrase agora – avisou Iona, depois de acabar de a vestir. – Recordou-me uma dúzia de vezes e eu não me esqueci: é às 8h00 em ponto.

Hazel endireitou os punhos das luvas.

– Não me vou atrasar. Confia em mim. – Ainda se lembrava da primeira tentativa matinal de entrar à socapa na demonstração cirúrgica do Dr. Beecham na Sociedade de Anatomistas, e de estar do lado oposto de uma porta trancada quando o sino tocou pela cidade.

Ainda havia geada no chão quando saiu para a carruagem, um orvalho sólido, congelado e cristalizado durante a noite. Hazel gostou do barulho dos sapatos sobre a relva. Ia ser um dia bom, pensou.

Aquela confiança durou até a carruagem terminar de subir a encosta até à Cidade Velha de Edimburgo; pela janela, Hazel vislumbrou pela primeira vez outros possíveis médicos a caminhar em direção à sala de exames da universidade. Formavam um grupo sério, homens de casacos escuros e botas usadas, com óculos e expressões de intensa concentração. Caminhavam sobre as pedras da calçada a olhar para os pés, de testa franzida. Hazel sentiu um aperto no estômago, e o pequeno-almoço transformou-se em bÍlis na garganta. Os balanços da carruagem estavam a deixá-la agoniada.

– Podes parar a carruagem – ordenou ao cocheiro. – Vou a pé a partir daqui.

Quando abriu a porta, foi recebida pelo frio – o vestido era demasiado fino para o frio de dezembro, e esquecera-se de levar um casaco de peles. Hazel caminhou rapidamente para se aquecer ao passar a ponte em direção

à universidade. Ninguém reparou nela enquanto se apressava ao longo da rua empedrada, passando por lojas que cheiravam a carne quente e a cerveja cediça, por mendigos enrolados debaixo de cobertores sob os beirados, por rafeiros com pelos duros a agitar excitadamente as caudas musculosas com os restos de comida abandonados, por crianças a jogar um jogo com copos e dados, por um homem com uma cartola a empurrar uma cadeira de rodas com alguém tapado com um véu.

Hazel ficou petrificada. O homem e a cadeira desapareceram para lá de uma esquina, para um beco. Como é que Jeanette o tinha descrito? O sonho com um véu. E Munro contara a mesma história. Descrevera precisamente aquilo, aquela cena exata, ser conduzido através da cidade sob um pesado véu negro. Ninguém na rua parara ou notara qualquer coisa de estranho. Aos olhos dos outros, era uma viúva idosa de luto ou uma inválida a passar uma manhã fora de casa.

A rapariga susteve a respiração por um momento e viu o homem e a cadeira saírem da rua principal e dirigirem-se para um beco, o mais próximo que dava acesso à Sociedade de Anatomistas. Hazel deu um passo em frente, incapaz de resistir à tentação de espreitar ao virar da esquina. Viu uma capa a abanar e uma porta a fechar-se, confirmando o que já sabia: quem quer que estivesse na cadeira de rodas estava a ser levado para o teatro cirúrgico.

Foi então que se lembrou. Era segunda-feira, o dia em que o Barão Walford ia ser operado na Sociedade de Anatomistas. Não fora isso que dissera? O que iria acontecer atrás daquela porta fechada?

Tinha muito tempo antes do exame – partira tão cedo que podia ter ido a pé de Hawthornden até à universidade e estar instalada no seu lugar quando o exame começasse, ainda com tempo para encher o tinteiro. Não havia qualquer problema em dar uma espreitadela. Ver o que estavam a fazer. Certamente, não seria nada. O Barão Walford estava embriagado ao

jantar. Provavelmente, estavam apenas a pôr-lhe um novo olho de vidro, e a mulher na cadeira era... uma viúva idosa que ia encontrar-se com o neto, um académico.

Ela tinha tempo. Tinha tempo de sobra. Hazel desejava que Jack estivesse ali, a tentar meter-lhe juízo na cabeça, dizer-lhe que estava a ser ridícula, que devia ignorar o barão e a mulher e manter-se concentrada. Concentrada em chegar à universidade, em fazer o exame, no futuro. Mas Jack não se encontrava ali; estava algures na cidade sem ela, e Hazel estava sozinha naquela esquina movimentada, a roer as peles das unhas enquanto ponderava mentalmente cada uma das alternativas.

A decisão foi tomada no momento em que viu a cadeira de rodas desaparecer para lá da porta, quando o coração começou a bater-lhe nos ouvidos e a excitação e medo lhe arrepiaram os cabelos na nuca. Hazel tirou o chapéu, olhou em redor, para verificar se alguém estava a observá-la, e desapareceu no pequeno beco ao lado do edifício, onde apenas alguns meses antes um rapaz que ela ainda não conhecia como Jack Curren lhe mostrara uma entrada secreta.



*De Tratado de Anatomia do Dr. Beecham: Ou,
A Prevenção e Cura das Doenças Modernas (17.^a Edição,
1791), pelo Dr. William R. Beecham:*

O objetivo de um médico é proteger e servir o seu semelhante. É esta a única diretiva de quem se compromete com esta ilustre profissão: ajudar os necessitados. O objetivo do estudo deve ser a expansão do conhecimento, mas nunca em si mesmo. Deixai o conhecimento em si mesmo para os filósofos. A vida de um médico é demasiado curta para ser desperdiçada no mundo ocioso dos académicos – se ele usa a mente, deve também usar as mãos.



O corredor de pedra era mais escuro e estreito do que Hazel se lembrava. As teias de aranha agarravam-se às saias, e ela tentou sustentar um espirro por causa do pó que flutuava no ar, pairando nos finos retângulos de luz que conseguiam passar pelas arestas da porta lascada atrás dela. Quanto mais Hazel caminhava, mais escuro e frio o corredor se tornava. Depois de dar uns dez passos, lamentou profundamente a decisão; devia estar sentada na sala de exames da universidade, a sorrir das provocações de Thrupp, porque sabia que conseguiria resolver todas as perguntas do exame. O pergaminho ficaria limpo, a caligrafia impecável. Talvez tivesse a melhor nota. Os minutos estavam a passar.

Sacudiu a cabeça como se quisesse banir os pensamentos. Ainda conseguiria chegar a tempo. O chão começou a inclinar-se ligeiramente para baixo, e Hazel ouviu vozes em surdina vindas do outro lado de uma porta que ela não conseguia ver na escuridão.

- ... *significa que não vai sentir nada, garanto-lhe.*
- ... *eu próprio já fui submetido a este procedimento...*
- *Escolhemos este por ser jovem? Valeu a pena o dinheiro extra, posso garantir-lhe.*

Hazel rodou o pesado puxador de metal e encolheu-se ao ouvi-lo guinchar. Esperou por ouvir gritos ou uma mudança no ritmo ou na temperatura dos murmúrios no palco, mas não a tinham ouvido. Hazel

abriu a porta um centímetro, só o bastante para deixar passar uma fresta de luz, e depois, como não houve qualquer reação dos homens que estavam no palco, abriu a porta o suficiente para se virar de lado e entrar.

A primeira coisa que sentiu foi o cheiro da palha – palha fresca colocada no chão do palco e sob as bancadas, presumivelmente para absorver o sangue. Hazel agradeceu em silêncio por todas as lições de etiqueta que a mãe insistira em ensinar-lhe acerca da forma silenciosa como uma senhora devia andar, e avançou lentamente como um suspiro por entre as sombras o mais longe que se atreveu.

Sem o benefício da camuflagem de cem pernas de homens penduradas nas bancadas, Hazel foi obrigada a ficar longe, vendo o que estava a acontecer no palco apenas em formas indistintas. Havia um homem sentado numa cama cirúrgica, a falar jovialmente. Era a voz dele que ecoava pelo corredor. O corpo tapado com o véu continuava na cadeira, com o homem de cartola encostado de forma ameaçadora ao ombro. E no centro do palco do teatro cirúrgico, a brandir o frasco azul de *ethereum* com uma mão e um lenço de renda com a outra, estava um médico.

O médico tinha um avental de couro de talhante e uma estranha engenhoca a cobrir-lhe a cara. Parecia uns óculos, mas em vez de dois pedaços de vidro, tinha apenas um. Uma lupa circular no centro do rosto do médico, escondendo-lhe a identidade e transformando-o numa criatura da mitologia grega. Ali estava ele: o homem com um só olho com que Jeanette sonhara, um ciclope distorcido com um olho redondo de vidro montado em latão. A íris ampliada brilhava, azul e ondulada, através do vidro como a água do oceano.

– O *ethereum* é o segredo, meu Lorde. Talvez tenha assistido à minha demonstração no início do semestre?

A figura na cama soergueu-se sobre os cotovelos.

– Não posso dizer que sim, doutor.

O médico molhou o lenço no líquido azul iridescente.

– Bem, o efeito é notável. Acho que os doentes o compararam a uma boa noite de sono. Acordará daqui a umas horas a sentir-se como novo. Na pior das hipóteses, é semelhante a uma má noite de sono. O pior de tudo será a dor no olho novo, mas deverá diminuir dentro de algumas semanas. Verá que a nitidez aumenta de dia para dia.

– Estou ansioso por isso, doutor. – A figura na mesa era o Barão Walford, vestido com uma simples camisa de linho, mas inconfundível. Estalou audivelmente os lábios e tornou a deitar-se na mesa. – Faça todo o mal que puder, doutor – continuou. – Estou ansioso por me livrar de uma vez por todas daquele horrível olho falso.

A expressão do médico era invisível atrás do vidro. Encostou o lenço ensopado em *ethereum* ao rosto do barão e depois virou-se para a figura tapada com o véu na cadeira.

– Por favor, senhor – pediu o médico ao homem de chapéu alto.

O homem tirou o véu preto da figura na cadeira de rodas, revelando um rapaz, um rapaz de cabelo louro tão sujo que parecia quase castanho, com as mãos atadas no colo e um pano amarrado à volta da cara para o impedir de gritar. O rapaz tentou libertar-se das amarras, chicoteando o corpo para trás e para a frente. Mesmo ao longe, Hazel conseguia ver-lhe o pânico absoluto no rosto, que estava a ficar vermelho como uma beterraba.

– Então, então – soltou o médico, e voltou a molhar o lenço no *ethereum* antes de o pressionar sobre a cara do refém. O rapaz lutou contra os raptos e depois sossegou.

– Pronto, já está – disse o médico. – Vamos deitá-lo na mesa. Se não se importa, senhor?

O homem de chapéu alto ajudou o médico a tirar o rapaz da cadeira para a longa mesa no centro do palco, diretamente ao lado do Barão Walford, que estava deitado com um ar pacífico, como se estivesse apenas

a dormir. Arrastaram o corpo do rapaz como se fosse uma boneca de trapos.

– Foi um pesadelo encontrar um olho com a cor certa – confessou o homem da cartola, com uma voz arranhada como gravilha. – Apanhei uma dezena de rapazes até arranjar um com o tom certo. “Mogno”, não é? Não me diga que não era mogno.

– Sim, sim – replicou o médico. – Posso imaginar a dificuldade. Mas pelo que este agradável cavalheiro na mesa está a pagar, penso que lhe devemos dar exatamente o que quer.

O homem do chapéu alto clareou a garganta.

– Quanto é que ele *vai* pagar? Por uma coisa destas?

– Ora, ora, Jones, sabe que é má educação falar de dinheiro. Mas garanto-lhe que vai pagar o suficiente para querer que o olho novo seja igual ao antigo. – O médico ajustou a lente da lupa e escolheu um bisturi da mesa. – O procedimento em si é bastante simples, especialmente porque o cliente já não tinha um olho. A órbita já estava preparada. Agora, só precisamos...

Baixou o bisturi de uma forma repugnante sobre a cara do rapaz, que estava inconsciente, mas ainda preso pelos pulsos. O rapaz não se mexeu enquanto a faca do médico se enfiava abaixo do osso da sobrancelha e abria um corte espesso pelo nariz abaixo.

– E já está cá fora – disse o médico, tirando o olho esquerdo do rapaz da órbita. – Jones, por favor, vá buscar pó de raiz de feijão, pó de prata e a cataplasma que guardo no frasco preto no armário.

O homem do chapéu alto estava a olhar para o corte aberto no rosto do rapaz e a sorrir horripelantemente, como se fosse um lobisomem. Assentiu e obedeceu, levando os três ingredientes que o médico pedira.

– É mágico, é o que é, doutor – murmurou o homem do chapéu alto, enquanto o médico deitava uma gota da cataplasma na órbita vazia do

barão e depois punha o globo ocular do rapaz.

– Não tem nada de mágico, Jones – contrapôs o médico, com alguma impaciência, continuando a encher a órbita com os pós. – É apenas ciência. E, claro, um conhecimento do corpo humano aperfeiçoado ao longo de décadas de prática. – Riu-se um pouco, ainda concentrado na operação que estava a fazer.

Hazel estava petrificada de terror. Tinha a voz presa na garganta; os pés pregados ao chão, pesados como se fossem feitos de aço derretido. A mente ia pensando nas coisas que *devia* fazer, nas ações que devia tomar: interrompê-los com um grito, tirar a faca das mãos do médico ou, no mínimo, fugir para ir pedir ajuda, voltar a chamar o polícia, arrastá-lo pela passagem no beco e forçá-lo a ver o que estava a acontecer. Algures no fundo da mente, sentia a pressão ténue do exame. Provavelmente já tinha começado, mas se corresse, talvez ainda conseguisse chegar a tempo. Contudo, o corpo não obedecia à mente. O terror dentro dela tornara-se um ser vivo, um monstro que lhe transformara as veias em gelo e os músculos em água. Não conseguia fazer mais nada a não ser continuar a observar enquanto o médico completava a terrível operação, prendendo o olho de mogno do rapaz no rosto inchado e corado do Barão Walford.

Quando a cirurgia ficou concluída, o médico afastou-se e examinou o trabalho, inclinando a cabeça. Limpou a faca ao avental e, a seguir, meteu a mão no bolso e tirou um pequeno frasco com qualquer coisa dourada e brilhante que iluminou o rosto do médico como se fosse uma vela.

– E pronto. Só uma gota para não infectar e ter a certeza de que o olho novo funciona – murmurou, inclinando delicadamente o frasco de modo que uma única gota dourada caísse sobre o rosto do barão.

– O que devemos de fazer com ele? – perguntou o homem do chapéu alto, apontando com a cabeça para o rapaz amarrado, cuja órbita agora

vazia derramava um rio de sangue sobre a mesa e sobre a palha no chão. – Está a sangrar que nem um desalmado.

O médico estava distraído, com toda a atenção dedicada ao barão.

– Ah – soltou. – Algodão na ferida para parar de sangrar. – Deu uma rápida olhadela ao rapaz. – Não tenho a certeza se este vai sobreviver, Deus o abençoe. Vamos mantê-lo aqui durante umas horas, para ver se recupera. Se morrer, manda-o para as traseiras do hospital dos pobres. Sabe o que tem de fazer, Jones. Se alguém perguntar, foi a febre romana. – Voltou-se para o barão, inclinando-se para apreciar o seu próprio trabalho, as centenas de pequenas veias que colocara e selara para dar ao homem o olho novo pelo qual pagara. – Creio que é um dos meus melhores trabalhos, Jones.

– E também um dos mais rápidos – retorquiu o homem do chapéu alto. – Feito em metade do tempo de alguns dos outros trabalhos.

– Bem, eu tentei – reagiu o médico. Tinha o cabelo escorrido com o esforço. Tirou a lupa e limpou o suor da testa com uma mão enluvada, e a seguir o Dr. Beecham virou-se para as bancadas do teatro cirúrgico e olhou diretamente para onde Hazel se encontrava. – Afinal de contas, hoje tivemos público.

Antes que Hazel se pudesse mexer, o homem do chapéu alto tinha a mão áspera à volta do cotovelo dela. Tinha avançado como um cão de caça nas sombras, tão rápida e silenciosamente que já estava a empurrar Hazel para a frente, em direção ao palco do teatro cirúrgico, quando ela finalmente gritou.

– Menina Sinnett – disse o Dr. Beecham, limpando o sangue das luvas.
– Bem-vinda. Confesso que estou realmente encantado por ter pensado em testemunhar a minha cirurgia desta manhã. Sinto sempre as minhas mãos mais firmes quando estou a atuar para alguém. Que monótono fazer arte numa sala vazia, uma sinfonia sem ninguém a ouvir. E a Menina Sinnett é uma das poucas pessoas que, acredito, pode realmente apreciar a importância do que faço aqui. As outras pessoas... – apontou para o barão adormecido, cujo olho estava agora tapado com algodão – ... ficam perfeitamente satisfeitas só por conseguirem o que querem. Pagam os honorários e a obra é feita. Não há curiosidade. Não se interessam pela ciência para lá dos seus próprios propósitos tolos e insignificantes. É trágico, à sua maneira, quão pequenas são essas vidas. Quão pouco se preocupam com o mundo fora do próprio corpo. Mas a Hazel Sinnett compreende. O exame foi esta manhã, não foi? Suponho que isso signifique que perdeu a nossa pequena aposta. Não importa, na verdade, não importa mesmo. Estou muito mais feliz por estar aqui. Compreende

como é realmente milagroso tirar uma parte viva de um homem e transpô-la para outro, restaurar a dádiva da visão através, bem, de uma dádiva do nosso generoso doador. Demorei anos a conseguir implantar olhos. Os dedos são fáceis. Não demora tempo nenhum. Membros inteiros, uma progressão natural a partir daí. Agora, o *coração* ainda não domino bem. Ainda estou a trabalhar no transplante de um coração. Mas continuo otimista. O coração será o meu próximo feito.

Hazel cuspiu, lutando contra o aperto viscoso do homem com o chapéu alto. Todas as perguntas que queria fazer estavam a borbulhar-lhe no peito e a que escapou dos lábios foi:

– O que anda a fazer?

Beecham parou de limpar as luvas.

– O que ando eu a fazer? Pensava que era óbvio, minha querida.

Hazel libertou o cotovelo do homem do chapéu alto, e Beecham levantou a mão, indicando ao lacaio que a podia soltar.

– Anda a raptar pessoas. Anda a raptar pessoas pobres e depois operas-as. Usando o seu *ethereum* e tirando-lhes coisas. Membros, órgãos, olhos.

– “Tirar” é uma forma tão rude de o dizer – contrapôs Beecham, estremecendo ligeiramente. – Viveu uma vida muito protegida, Menina Sinnett, duvido que conheça a natureza terrível das coisas que acontecem na Cidade Velha de Edimburgo entre os verdadeiramente pobres e indigentes. São ladrões e criminosos. Perdem os membros e a vida todos os dias de formas terríveis e desprovidas de sentido. Este ladrão aqui podia ter morrido de fome, ou de tuberculose, ou numa rixa, ou de mil outras maneiras. Uma faca numa luta num *pub* podia tirar-lhe o olho amanhã e ninguém se importaria. Eu limito-me a pôr ordem no caos. Dou sentido às vidas deles.

– É um assassino – cuspiu Hazel.

– Talvez – concordou o Dr. Beecham, com ligeireza. – Mas também dou vida. Salvo vidas com os corpos que mato. A pobreza é o verdadeiro assassino, Menina Sinnett. Não criei os pobres que sofrem por viverem 20 num quarto, na miséria, enquanto trabalham 20 horas por dia apenas por um pedaço de carne. Acha que isso é vida?

Hazel olhou para o rapaz de cabelo louro e para o rio de sangue que jorrava do local onde outrora estava o olho. Tinha o cabelo empapado em sangue, mas o peito ainda se erguia e descia com uma respiração frágil.

– Ele pode morrer! Aquele rapaz ali está a morrer e matou-o porque o barão queria um olho novo.

O Dr. Beecham deu uma pequena gargalhada.

– Sim, suponho que este caso parece um pouco fútil, não parece? Os ricos querem o melhor. Começou com dentes novos. A maioria dos cirurgiões, se não todos, são capazes de criar dentes falsos a partir da boca de outra pessoa. Mas sou o único capaz de fazer mais. E a maioria das pessoas querem mais. E estão dispostas a pagar. Nem todos os transplantes que faço são por vaidade, minha querida. Só este ano fiz... deixe-me ver... dois fígados, um útero e um pulmão. Tudo para prolongar a vida daqueles que gastam o tempo em arte e literatura e música e ciência. Tirados aos condenados que sofrem vidas de miséria e trabalho árduo. Agora, diga-me, isso está errado?

Hazel não conseguia tirar os olhos do rapaz que sangrava na mesa com uma respiração fraca.

– Por favor! – gritou. – Por favor, ele está a morrer.

Uma sombra de desapontamento atravessou o rosto do Dr. Beecham, mas ele substituiu-a cuidadosamente pela máscara agradável. Estalou a língua.

– Desejava tanto que pudesse compreender as implicações maiores do que faço, Menina Sinnett. Sinceramente. – Havia raiva na voz. – Não vê o

que fiz? Não aprecia isso? – Espetou um dedo enluvado na órbita sangrenta do rapaz deitado na mesa, pressionando-o e torcendo-o. – Não, não me parece que aprecie. Provavelmente, ele vai sobreviver, diria eu. Se o choque o matasse, já o teria feito. Na verdade, acho que lhe fiz um favor. Andava a mendigar na rua quando o meu ajudante o encontrou, e, pelo que sei, os rapazes com deformidades físicas suscitam muito mais compaixão nos transeuntes. Se pudesse, talvez me agradecesse. A humanidade é muito maior do que a soma dos indivíduos patéticos, e há uns poucos eleitos capazes de feitos milagrosos como este. Acredita que Deus chora quando os insetos são esmagados sob as pedras enquanto o homem constrói torres, catedrais e universidades?

Hazel abanou a cabeça.

– O doutor não é Deus – replicou, com brusquidão.

Beecham deu uma gargalhada.

– Se soubesse, Menina Sinnett. As coisas de que me tornei capaz ao longo da vida. As coisas que tenho feito ao corpo humano. As coisas que sou *capaz de fazer*! Mas estou a deixar-me levar pelo entusiasmo.

– O que pensaria o seu avô? O Dr. Beecham, no seu tratado, as coisas que escreve sobre proteger a humanidade e contribuir para o progresso da humanidade...

– O meu avô? O que ele...? Oh! Oh, essa é boa, mesmo muito boa. – Beecham deu outra gargalhada, sonora. Enxugou uma lágrima dos olhos. – Essas palavras foram escritas por um idiota. Um jovem idiota que ainda não tinha vivido. Garanto-lhe, Menina Sinnett, que sou muito mais sábio do que o meu avô, que escreveu essas palavras há tanto tempo.

As sobrancelhas de Hazel uniram-se, mas antes que pudesse dizer alguma coisa, foram interrompidos por alguém a bater à porta atrás de Beecham.

– Outra entrega – disse uma voz abafada do outro lado.

– Entrem – ordenou Beecham,

Dois homens entraram com uma maca, com um corpo escondido debaixo de um lençol. Os homens tinham um aspeto estranho, um baixo e careca, e o outro meio escondido atrás de um enorme bigode. Pareciam-lhe familiares, mas Hazel não se conseguia lembrar de onde.

– Encontrámos este a escavar sepulturas em Greyfriars, ontem à noite – revelou o do bigode, mostrando uma fila de dentes grotescamente amarelos ao falar. – Sozinho. Ia morrendo de susto.

O estômago de Hazel deu um nó. Deu um passo em frente, mas o homem alto atrás dela pôs-lhe o braço carnudo à volta do pescoço, segurando-a onde estava.

– Não faça isso, Menina – rosnou ao ouvido dela.

O Dr. Beecham fungou.

– Ponham o barão na maca e o corpo sobre a mesa. O barão pode convalescer na sala de recobro. – Os dois homens que levaram a maca assentiram e puseram mãos à obra. Depositaram o corpo embrulhado na mesa ao lado do rapaz que sangrava. O Barão Walford foi colocado sobre a maca e retirado do teatro de operações.

– Um cadáver? – perguntou Hazel, em voz baixa.

– Ainda não – retorquiu simplesmente Beecham. Depois de os dois homens terem fechado a porta, o médico retirou o lençol do segundo corpo.

– *Não!* – Hazel tentou saltar contra o homem que a segurava. Ele apertou-a com mais força. Ela pisou-lhe os pés e tentou espetar-lhe o cotovelo no estômago, mas ele não reagiu nem fraquejou. Deitado sobre a mesa, calmo como se estivesse a dormir, estava Jack. – *Não!* – gritou a rapariga. – Por favor, não! Qualquer pessoa menos ele. Por favor.

O Dr. Beecham fez uma pausa. Pareceu interessado.

– Conhece este rapaz?

Hazel pensou no que havia de dizer.

– Eu... eu... – A voz vacilou. Abanou a cabeça. – Por favor, deixe-o ir.

– Estou fascinado com o que faria uma jovem da sua posição social com um ladrão de corpos. Como é que os vossos caminhos se cruzaram? Verdadeiramente fascinante.

Por esta altura, as lágrimas já corriam pelo rosto de Hazel, ficando presas no nariz e na boca.

– Por favor – implorou ela, perdendo a voz. – Por favor.

– Menina Sinnett, estou prestes a ensinar-lhe uma lição muito importante. Tenho vivido uma vida muito longa... sim, mais longa do que imagina... e os apegos, como qualquer ligação tola que possa ter com este rapaz aqui deitado, não têm qualquer utilidade. O prazer é fugaz. A ciência, as informações que podemos recolher, as coisas que podemos aprender... essas são as coisas que duram. São o que fazem um legado. Pessoas como a Menina Sinnett e eu têm o potencial de usurpar o próprio Deus. – O rosto dele tornou-se mais sombrio. – Os apegos são dor. Pode pensar que sabe o que é sofrer, Menina Sinnett; tenho a certeza de que também pensava isso quando tinha a sua idade. Mas a força vem da capacidade de superar esses impulsos humanos. Sentimentalismo. Pieguice.

Hazel não conseguia falar. Continuava a lutar contra o homem que a agarrava, mesmo sentindo os músculos a enfraquecer e a sala começar a girar em redor.

– Acho que lhe vou tirar o coração – disse o Dr. Beecham, com um sorriso pequeno e perverso a puxar-lhe as bordas dos lábios. – Tenho a intenção de praticar um transplante com um coração. É perfeito. – Gesticulou em direção ao primeiro rapaz deitado sobre a mesa. A hemorragia no olho parara e havia agora um coágulo acastanhado. A

respiração também parara. – Aqui está um corpo, pronto para o receber. Vamos ver se o ladrão de corpos consegue ressuscitá-lo.

– Não pode – gritou Hazel. – Não pode.

Beecham dirigiu-lhe um sorriso triste e tirou uma faca da mesa. A faca tinha quase dez centímetros de comprimento e estava manchada de sangue de cirurgias anteriores, ainda assim Hazel conseguia ver o brilho na extremidade.

Jack começou a agitar-se sobre a mesa.

– Jack! Jack, por favor, acorda! – O homem alto pôs-lhe a outra mão sobre a boca, de forma a abafar os gritos. Beecham baixou a faca até ao peito de Jack. O sangue salpicou, atingindo a metade esquerda do rosto do médico, fazendo-o parecer louco. Arrancou a faca, levantando-a para fazer a incisão seguinte, quando os olhos de Jack estremeceram e ele se agitou sobre a mesa.

O Dr. Beecham suspirou. Pousou a faca e pegou no frasco azul de *ethereum*. Lenta e deliberadamente, enquanto o sangue jorrava da ferida no peito de Jack, Beecham humedeceu outro lenço.

– São poucas as pessoas que sabem fazer um trabalho bem feito – disse, ao mesmo tempo que os olhos de Jack se abriram.

Os dedos de Hazel encontraram uma pena afiada no bolso da capa e depois tudo pareceu acontecer ao mesmo tempo. Num único movimento, apunhalou o peito do homem que estava atrás dela, que caiu para trás, agarrando-se ao peito, onde a pena estava espetada em noventa graus perfeitos.

– Jack! – gritou Hazel. – Jack, o lenço!

Jack despertou sobre a mesa, recuperando os sentidos no momento em que o Dr. Beecham se virou para perceber o que Hazel tinha feito, vendo o capanga caído no chão. Jack sentou-se e arrancou o lenço do punho frouxo do Dr. Beecham. Como que por reflexo, pressionou o lenço sobre o rosto

do médico com uma força surpreendente, mantendo-o lá até ele cair na palha manchada de sangue sob a mesa do teatro cirúrgico.

Por um momento, Hazel e Jack ficaram parados, ofegantes e desorientados. Depois, Hazel correu para ele e abraçou-o. O rapaz desmaiou quando ela se afastou, curvando-se sobre os joelhos. Beecham tinha feito apenas uma incisão, à esquerda do coração, mas era profunda.

– Hazel – arquejou Jack, com o rosto a perder a cor.

– Vamos ajudar-te – sussurrou-lhe Hazel. – Calma. Calma. Vais ficar bem. – Hazel puxou um dos braços de Jack sobre os ombros e conseguiu levá-lo até à cadeira de rodas abandonada ao lado do palco. A parte da frente do vestido estava ensopada em sangue, mas Hazel nem deu por isso. O Dr. Beecham estava caído no palco, inconsciente devido ao efeito do *ethereum*. O homem que Hazel apunhalara com a pena estava caído de lado. Ela não sabia se estava vivo ou morto; só conseguia pensar em tirar Jack dali e pô-lo a salvo.

A rua chegou num borrão de cor e cheiros, tudo a rodopiar e demasiado brilhante, sem que alguém parasse para os ajudar. Precisavam de um lugar seguro, um lugar calmo. Hawthornden ficava demasiado longe; Jack poderia estar morto quando chegassem à carruagem. Hazel não sabia onde ficava o hospital mais próximo.

– Desculpe – disse a um homem que ia a passar por eles com grandes passadas. A voz tremeu-lhe e ela soou como se fosse louca. O homem deitou-lhe um olhar piedoso e continuou a dar passos largos. De algures acima deles veio o som de uma arrastadeira a ser esvaziada para a sarjeta. Ela precisava de tirar Jack da rua. – Vai correr tudo bem – murmurou-lhe. Jack gemeu em resposta. – Se conseguires, faz pressão sobre a ferida.

Vindo de South Bridge, Hazel viu a luz do sol a refletir uma cartola cinzenta que lhe era familiar.

– Bernard!

O chapéu voltou-se. Bernard levantou uma mão para bloquear o sol e perceber quem o chamara.

– És...? Hazel, nem acredito. O que estás aqui a fazer? O que...?

– Bernard, posso explicar-te tudo mais tarde, juro. Posso levá-lo para Almont House? Ele foi esfaqueado, temo que vá morrer.

Bernard hesitou apenas por um momento.

– Sim, claro. Deixa-me ajudar-te.

Os dois conseguiram levar Jack por Lothian Road, passando por Saint Cuthbert mais depressa do que Hazel teria conseguido sozinha.

– Quem é ele? – perguntou Jack, com uma voz débil, ao virarem para Princes Street, torcendo o pescoço para olhar vagamente para Bernard.

– Chiu. Silêncio agora – retorquiu Hazel. – Estamos quase a chegar.

Verdade seja dita, sempre que Bernard olhava para Hazel com a boca aberta, como se estivesse prestes a fazer uma das muitas perguntas que, sem dúvida, lhe passavam pela mente, abanava ligeiramente a cabeça e voltava a olhar em frente, até que chegaram à entrada dos criados de Almont House.

– Há um quarto vazio no segundo andar – indicou Bernard. Dois criados de libré saíram quando os viram a aproximar-se, e ajudaram Hazel a levar cuidadosamente Jack pelas escadas do corredor dos criados até um pequeno quarto com uma cama por fazer. Embora houvesse uma janela minúscula por cima da cama, o quarto estava muito sombrio.

– Podem trazer-me uma vela, por favor? E uma bacia com água? E panos limpos, se tiverem? – pediu Hazel.

Com Jack já deitado, Hazel pôde ver melhor a extensão do ferimento, os danos que a faca de Beecham causara no peito. Começou a tirar a camisa a Jack, embora uma parte do pano estivesse presa à crosta de sangue seco. A ferida era mais profunda do que ela pensava; a carne em redor já estava quente e cor-de-rosa brilhante, e da ferida da facada, com

vários centímetros de comprimento, jorrava sangue púrpura. Bernard estremeceu e sentiu vômitos, saindo depois do quarto para que Hazel pudesse trabalhar.

Depois de limpar a pele de Jack, Hazel pôde soltar a respiração que parecia estar a sustentar no peito há horas. A ferida era profunda, sim, mas nenhum órgão vital fora atingido e, sendo uma incisão tão limpa, Hazel conseguiu cosê-la bem e manter a pele unida para evitar que infetasse.

À tarde, Jeanette entrou no quarto, com o cabelo enfiado sob uma touca, com uma pilha de roupa de linho limpa e sílex para acender a lareira.

– Quando o Hamish, que é o criado de libré, quero eu dizer, disse que tínhamos uma senhora médica cá em casa, imaginei logo que tinha de ser a Menina Sinnett. – Os olhos dela pousaram no estômago de Jack. – É o Jack – reconheceu, com o ar desorientado de uma criança confusa. – Aquele ali é o Jack. É o Jack.

Hazel assentiu.

– Jack – repetiu Jeanette, apática, aparentemente sem conseguir aceitar que era mesmo Jack. Deu um passo em frente e entregou os lençóis a Hazel. – O Jack não se magoaria. O Jack nunca se magoa. O Jack não morreria.

– Acho que ele não vai morrer, Jeanette – revelou Hazel. – Vai ficar bom.

Ao ouvir aquilo, Jeanette deu uma gargalhada estranha.

– Claro que vai! Com uma médica assim.

Hazel fez um sorriso débil.

– Ainda não sou médica, Jeanette.

– É mais médica do que muitas dessas fraudes no hospital dos pobres – sussurrou Jeanette, com uma energia renovada, enquanto acendia a lareira.

– Pelo menos, ouviu-me. Qualquer outra pessoa teria dito que eu estava louca.

Assim que o fogo começou a crepitar na lareira, sentaram-se as duas a fazer vigília a Jack por um curto espaço de tempo, até que Jeanette se levantou.

– Vou buscar-lhe o jantar. Deve estar esfomeada.

Hazel não tinha pensado em comida o dia todo. Não fazia ideia de quanto tempo estivera no quarto com Jack; só sabia que a pequena janela quadrada, por onde antes entrara a luz do sol, agora mostrava o crepúsculo. Jack dormia, mas a respiração estava estável e regular. Os olhos tremeluziram e Hazel conseguiu distinguir os vasos sanguíneos vermelhos que traçavam o caminho sob as pálpebras. Passou-lhe um dedo ao longo da face, a pele pálida escurecida pela sombra da barba por fazer.

O momento foi tão calmo e íntimo que Bernard, de pé na entrada da porta, baixou o olhar para os pés, em desconforto. Saiu e voltou alguns segundos mais tarde, batendo ao de leve com os nós dos dedos na porta estalada.

– Vi uma criada prestes a subir com o teu jantar e pensei trazê-lo eu mesmo – disse Bernard, depositando um prato de frango assado na pequena secretária da divisão. Sentou-se na única outra cadeira do quarto.

– Espero não estar a perturbar, meu amor?

– Claro que não – replicou Hazel, desviando o olhar.

– Ainda bem. E... como é que ele está?

– Vai ficar bom – respondeu Hazel, observando o rosto de Jack. Teria ele sido sempre assim tão belo? Teriam aqueles lábios sido sempre assim curvados num arco de Cupido, para que a ponta de um dedo pousasse perfeitamente nesse arco? Teriam as orelhas sido sempre assim tão macia, encaracoladas como conchas? Teria o cabelo sido sempre tão grosso e encaracolado? O peito, conseguia ver mesmo através das ligaduras, era

largo, mas côncavo na clavícula. Hazel queria descansar a cabeça sobre ela para sempre.

– Suponho que talvez agora me possas dizer o que está a acontecer – disse Bernard, tentando fazer com que a voz soasse amigável.

Hazel contou tudo, os corpos que encontrara sem membros e órgãos e, por fim, o que vira quando se infiltrara furtivamente na Sociedade de Anatomistas.

– Estão a tirar homens e mulheres pobres das ruas e a vender os seus corpos, peça por peça. Ele usa aquele... aquele *etherium* para que fiquem inconscientes enquanto os opera, e depois ele... o Beecham tinha mais qualquer coisa, um frasco com algo que usou durante a cirurgia para fixar os órgãos. Não sei exatamente como, não sei o que é, mas o Jack, quero dizer, este rapaz e eu mal escapámos vivos.

– E este rapaz é...?

– É um ladrão de corpos. Rouba cadáveres dos cemitérios e vende-os a médicos e anatomistas para estudar. Comprei-lhe alguns. Para estudar para o exame. Mas ele é um homem respeitável... é mesmo. Trabalha no *Le Grand Leon*. É um bom homem.

Bernard assentiu, sem mostrar qualquer reação no rosto, mas sem nunca tirar os olhos de Hazel. Permaneceu em silêncio durante um minuto, antes de Hazel continuar.

– Bernard – disse Hazel, num tom grave. – Está a acontecer qualquer coisa muito séria. Qualquer coisa real. Não sei quantos estão mortos ou quantos vão morrer ou serão mutilados pelo Dr. Beecham. Preciso que vás à polícia, ou fales com o teu pai sobre isso, mas tens de ser tu a fazê-lo. Eles vão acreditar em ti; têm de acreditar em ti. És um visconde.

– Filho de um visconde.

– Não interessa. Sabes que não interessa. Tentei falar com o guarda e ele ignorou-me. Mas agora vi-o com os meus próprios olhos, Bernard, juro

que é verdade. Acreditas em mim, não acreditas? Ele hoje pôs um olho novo ao Barão Walford! Da próxima vez que vires o Barão Walford, ele terá um novo olho! Diz-me que acreditas em mim.

– Acredito em ti, Hazel – garantiu Bernard. – Afinal, és minha noiva. Temos de confiar um no outro. – Levantou-se com firmeza. – Então, vou-me embora e voltarei a ver-te em breve. – Deu um beijo seco na face de Hazel. – Até lá, meu amor.

Hazel não tirou os olhos de Jack. Se o tivesse feito, poderia ter visto a coisa que ardia como brasas atrás dos olhos de Bernard.

Só dois dias depois é que Jack se sentiu suficientemente bem para viajar de carruagem para o Castelo de Hawthornden e mais uma semana – com as papas de aveia da cozinheira e as mudanças atentas de ligaduras de Hazel – até se sentir suficientemente bem para andar. A ferida da facada estava a ganhar uma crosta sem infeção, e um dia depois de Jack ter conseguido dar uma lenta caminhada pelos jardins do Castelo sem se dobrar com dores, disse a Hazel que estava na altura de voltar ao *Le Grand Leon*.

– Só para ver as minhas coisas – assegurou Jack. Tinha umas libras escondidas em segurança num buraco nas tábuas do teto e duas camisas limpas – embora Hazel tivesse limpado e desinfetado a que ele vestia quando foi esfaqueado, continuava manchada de rosa no peito, devido ao sangue, e Jack nunca se sentia confortável com os tecidos finos das camisas emprestadas do irmão de Hazel. A rapariga concordou, desde que ele promettesse regressar nessa noite.

– Precisas de um penso novo e ligaduras para ficares devidamente curado. Era só o que nos faltava, teres uma infeção nesta fase.

– Tudo bem. – Hesitou, depois inclinou-se como se a fosse beijar. Em vez disso, pestanejou rapidamente algumas vezes e cerrou e soltou os punhos. – Adeus, então – despediu-se, e virou-se antes que Hazel pudesse responder.

A rapariga ficou a ver da janela até Jack e a carruagem desaparecerem para lá da curva, onde as poucas folhas quebradiças agarradas às árvores contra a geada de inverno lhe bloquearam a vista.



Jack não tinha pensado como seria difícil subir ao ninho que construía para si próprio nas vigas do teatro enquanto tentava evitar que os pontos no peito rebentassem. A meio da escada, teve de fazer uma pausa e recuperar o fôlego. Estava a pensar se valia a pena continuar a subir quando ouviu uma pancada na porta da frente do teatro.

As pancadas eram fortes e persistentes. Estranho. O teatro estava fechado há meses. Jack entrara pela porta do beco, e o senhor Anthony tinha todas as outras chaves do local. Quem estava a bater à porta da frente não tinha nada que ver com o *Le Grand Leon*.

Jack ficou à espera, ouvindo os sons habituais do edifício, madeira a ranger e ar frio a assobiar através dos lugares no teto onde as vigas não se juntavam por completo. Tornaram a bater, uma pancada dada com nós dos dedos determinados. As pancadas não paravam, por isso Jack foi a arrastar o passo através do átrio empoeirado até chegar à porta da frente, metendo no bolso uma pequena faca e os dedos à volta do cabo por precaução.

– Jeanette? És tu? – gritou. Não houve qualquer resposta.

Abriu a porta e viu à sua frente um polícia, dois guardas e o magistrado. Por instinto, Jack tentou fugir. O agente puxou Jack com força, prendendo-lhe as mãos atrás das costas.

– Ei! – gritou Jack. – O que estão a fazer?

– Estás preso pelo assassinato de Penelope Harkness, Robert Paul, Mary McFadden e Amelia Yarrow. E, sem dúvida, muitos mais. Nojento. – O polícia cuspiu para as botas de Jack.

– Há um engano qualquer. Há algum engano.

Um dos guardas encontrou a faca no bolso do Jack. Tirou-a para fora e mostrou-a ao magistrado, metendo-a depois no próprio bolso, abanando a cabeça em sinal de repugnância.

– Isso é meu! Dê cá isso!

O magistrado clareou a garganta e olhou por cima do nariz para Jack, embora fossem da mesma altura.

– Disseram-nos que talvez te encontrássemos aqui. Parece que alguns dos teus amiguinhos do beco de Fleshmarket não são tão dignos de confiança como talvez queiras admitir. Ladrões, assassinos, traidores. Deus tenha piedade de todas as vossas almas.

– Está a mentir – disse Jack, lutando para se libertar. – Está a mentir. Isto é uma piada! Porque é que eu assassinaria alguém?

– Tens vendido corpos à Sociedade de Anatomistas?

A boca de Jack secou, e a língua parecia-lhe inchada.

O magistrado sorriu.

– Era de prever que um jovem diligente como tu quisesse prescindir de intermediários, por assim dizer. Não é preciso perder tempo à espera de um funeral quando se pode simplesmente matar alguém.

– Isso é mentira – conseguiu sussurrar Jack. – Nunca matei ninguém. Vendi cadáveres, sim, mas desenterrei-os.

O magistrado ignorou-o.

– Muito conveniente, fazer a matança durante um surto de febre romana. Poucas pessoas estariam dispostas a aproximar-se o suficiente para verificar a causa da morte.

O polícia acenou com a cabeça.

– Ele até veio ter comigo, tinha persuadido uma jovem senhora com um esquema elaborado. Para cobrir os seus atos. Tentou a mesma coisa com o filho do visconde. – Fez um sorriso trocista. – Graças a Deus e ao Rei que

o jovem Lorde Almont foi suficientemente esperto para ver quem tu és. Quantos mais terias matado só para encher os bolsos?

– Encontrem a Hazel Sinnett! – suplicou Jack. – Encontrem-na, a senhora da casa do Castelo de Hawthornden. Tragam-na aqui, ela vai esclarecer tudo.

O agente da polícia espetou o cotovelo no estômago de Jack, deixando-o sem respirar. O rapaz dobrou-se, mas os dois guardas impediram-no de cair. Sentiu os pontos a rebentar e o sangue da facada começou a escorrer para a camisa.

– Não nos digas o que fazer, assassino. E como te atreves a tentar denegrir o nome de uma das melhores senhoras da nossa sociedade?

OceanofPDF.com

Atualidades de Edimburgo

22 de dezembro de 1817

LADRÃO DE CORPOS LEVADO A TRIBUNAL POR HOMICÍDIO

Ontem, o tribunal deu início ao julgamento de Jack Ellis Curren, acusado de homicídio. Nos últimos anos, nenhum julgamento despertou tanto interesse na população: Na hora anterior à entrada do prisioneiro, havia uma multidão às portas do tribunal, a tentar vislumbrar o que será, certamente, um processo histórico. Lorde Maclean e outro nobre Lorde já estavam sentados no tribunal alguns minutos antes das 10h00.

Curren é de estatura alta e estava vestido com um fato esfarrapado de prisioneiro. Nada na sua fisionomia indica qualquer dureza peculiar, exceto talvez o corte direito no queixo e o rosto severo. Ao longo do dia, Curren pareceu profundamente perturbado, embora não tenha mostrado qualquer expressão de remorso.

O Dr. William Beecham III foi chamado a depor para testemunhar que tinha visto várias vezes Curren a rondar a Sociedade Real de Anatomistas de Edimburgo, procurando clientes para comprar a sua terrível mercadoria. Bernard Almont, da Casa de Almont, filho do Visconde de Almont, testemunhou mais tarde que ouviu Curren fazer uma confissão completa quando pensou que estava perto da morte, após um esfaqueamento num jogo de cartas que correu mal. Curren estava a viver ilegalmente no teatro fechado *Le Grand Leon*, onde a polícia o prendeu.

Edmund Straine, médico da Sociedade de Anatomistas, também foi acusado, pela compra ilegal de cadáveres.

No dia de Natal, Hazel caminhou pela Cidade Velha, com a cabeça direita e o olhar baixo. Decidira caminhar desde Hawthornden, ao longo de veredas sinuosas e firmes com a geada de dezembro, através de quilómetros de terrenos agrícolas vazios. Doíam-lhe os pés, mas nem dava por isso. Estava apenas ligeiramente consciente de que o calcanhar sangrava, e que o sangue estava a passar pela meia até ao couro da sola da bota. O vento e o mundo tinham-na entorpecido e já nada a magoava.

Passara uma semana desde que Jack fora preso. A mãe e Percy ainda estavam em Londres, e permaneceriam lá durante o resto do ano. Ela estava sozinha na cidade.

As ruas estreitas de pedra estavam tranquilas, como se todas as pessoas de Edimburgo tivessem encontrado conforto em redor das lareiras, abraçando os entes queridos enquanto a ameaça da febre romana continuava a pairar no exterior como nevoeiro. Hazel tinha dado o dia de folga a Iona, a Charles e à cozinheira. Naquele dia, só precisava de uma pessoa.

A sala de aula era exatamente como Hazel se lembrava, de meses antes e de uma outra vida. Não havia cheiro a sangue ou podridão – a sala fora limpa após o fim do semestre e, quando entrou, Hazel sentiu o cheiro a verniz de madeira e álcool.

O Dr. Beecham estava de pé no púlpito, a organizar uns papéis.

– Só um momento, Menina Sinnett – disse ele sem levantar os olhos. – Estou apenas a preparar-me para os estudantes do meu próximo semestre, depois das férias. Nem imagina o quanto ainda é preciso fazer. A papelada, meu Deus. – Dispôs alguns restos de pergaminho em filas mais limpas e depois suspirou e olhou para a Hazel. – Então, olá.

– Vim devolver o seu livro – revelou Hazel. Atirou a cópia do *Tratado do Dr. Beecham* para cima de uma secretária, levantando uma pequena nuvem de pó. Do bolso da capa tirou o pequeno diagrama da mão e dos dedos que caíra das páginas do livro. Guardara-o, uma espécie de totem que sentia que a ligava ao médico e escritor que outrora tanto admirara. Estivera a olhar para ele na noite anterior, quando as estranhas peças da sua hipótese se encaixaram. Tinha amadurecido as provas. Tinha definido a conclusão.

– Podia ficar com o livro. Tenho vários exemplares – reagiu Beecham, num tom monótono.

– Finalmente, compreendi – continuou Hazel. – Não sei como não o fiz antes, como perdi tanto tempo. Não, claro que sei como. Porque é ridículo. E pensei que era impossível. Mas sempre acreditei que o Dr. Beecham original era o maior médico do mundo, por isso suponho que o devia ter achado capaz de tudo. Pensava que o *senhor* é que era capaz de tudo.

Em vez de responder, Beecham saiu de trás do púlpito. Fletiu os dedos nas luvas de couro preto que usava sempre e levantou uma sobrancelha.

– Tire as luvas – pediu Hazel.

Em silêncio, Beecham obedeceu, puxando cuidadosamente o couro dos pulsos e depois cada um dos dedos até ambas as mãos estarem nuas.

Cada dedo do Dr. Beecham estava manchado e morto, dez dedos de dez mãos diferentes. Variavam em tamanho e tom da pele, presos à mão de Beecham com pontos pretos grossos, bem feitos, mas visíveis.

– Como pode ver – disse Beecham –, o meu trabalho manual nem sempre foi tão magistral como é hoje. – Mostrou os dedos a Hazel, virando cada mão algumas vezes. – Posso? – Hazel assentiu, e Beecham voltou a calçar as luvas. – Os dedos eram a coisa mais fácil de perder, no início. E antes de aperfeiçoar o meu tónico para os transplantes dos membros, receio ter feito o melhor que pude. Os ferimentos são tão fáceis quando a morte nunca vem. E aí está. Descobriu o meu pequeno segredo. Posso oferecer-lhe uma chávena de chá?

– Então, é verdade – retorquiu Hazel. – É o único Beecham. Foi o senhor que escreveu o livro, o tratado. O senhor...

– Resolvi o *puzzle* da imortalidade – interrompeu Beecham. – O objetivo final de qualquer médico, imagino. Acontece que os outros não foram tão espertos como eu.

Os pensamentos na mente de Hazel encaixavam-se com um clique de satisfação.

– Nunca houve um filho e muito menos um neto. Apenas o senhor.

Beecham viu a chaleira na pequena lareira atrás de si.

– Na verdade, é aí que está enganada, Menina Sinnett. Havia um filho. Dois filhos, os meus rapazes Jonathan e Philip. E a minha bela filha, Dorothea. E a minha mulher, Eloise. Desde cedo, pensei que a minha maior luta contra a imortalidade seriam os meus membros e os meus órgãos a abandonarem-me um a um. E só depois percebi que seria ver todos os que eu amava morrerem à minha volta. Quando a Eloise estava a morrer no parto, implorei-lhe que tomasse o meu tónico, supliquei-lhe de joelhos que quisesse sobreviver e vivesse ao meu lado. Recusou. Eu pensava que ela era uma tola. Na maioria dos dias, ainda penso. Mas em dias como o de hoje, no Natal, bem, às vezes penso que talvez ela tivesse sempre razão. Quem me dera poder voltar a ver os meus filhos. Ela está a passar a eternidade com eles e eu ainda aqui estou. – Beecham serviu-se de

uma chávena de chá. – Beba uma chávena de chá. É um *oolong* maravilhoso. E eu não tenho podido falar com ninguém enquanto... bem, eu próprio, desde que a Eloise morreu. É surpreendente libertador.

– Como é que o fez? – quis saber Hazel, incapaz de resistir.

Beecham sorriu como um gato, e do fundo do bolso do peito do casaco, tirou um pequeno frasco de líquido dourado.

De perto, rolava como magma ou mercúrio líquido, viscoso e brilhante nas bordas com um brilho metálico, ainda assim translúcido. Era um universo envolto em vidro, infinito e eternamente mutável.

– Um tónico – revelou ele. – O meu tónico. Se me perguntam como é que o descobri, suponho que a única resposta é o medo. Medo da morte. Medo de ser esquecido. Sabia desde criança que estava destinado a qualquer coisa maior do que a fábrica de curtumes onde o meu pai trabalhava, onde ele esperava que eu trabalhasse. Só muito mais tarde na minha vida é que aperfeiçoei realmente o tónico. Foi uma obsessão. Se esperava saber o que contém o tónico, Menina Sinnett, decidi há muito tempo que a fórmula pertenceria apenas a mim. Digamos apenas que a resposta é “feitiçaria”. Não é toda a ciência mágica para aqueles que não a compreendem? O fardo do conhecimento é que torna o mundo mecânico. Eu sou imortal num mundo onde todos os milagres foram explicados. – Pôs o frasco sobre a mesa. Hazel, ainda de pé, não tirou os olhos dele.

– Então, o que significa ser imortal? – perguntou Hazel. – Num sentido técnico. Não envelhece? Suponho que não. Pode ser morto?

– Uma pergunta interessante! Há tanto tempo que ninguém me fazia uma pergunta interessante. Está a planear matar-me, Menina Sinnett? A resposta simples a ambas as perguntas é não. Facadas, tiros, estrangulamento. Sem qualquer efeito. Imagino que uma abordagem mais sistémica podia ser desfazer-me em peças, queimando-me até às cinzas... mas, como pode imaginar, tenho sido reticente em experimentar

exaustivamente. Sente-se, por favor. Se não lhe posso oferecer chá, no mínimo posso oferecer-lhe uma cadeira.

Hazel organizou os pensamentos na cabeça. Um momento depois, sentou-se à frente do Dr. Beecham e olhou-o diretamente nos olhos.

– Vai matar o Jack Curren. Vão enforcá-lo pelas mortes das pessoas que o senhor assassinou.

O fumo rodopiava por cima da chávena de Beecham.

– Está apaixonada por ele – disse simplesmente Beecham. Não era uma pergunta, apenas uma observação. – Por isso, preste-lhe o maior serviço de todos, Menina Sinnett. O amor não é mais do que a agonia prolongada de esperar que ele termine. O medo de perder aqueles que amamos faz-nos cometer atos egoístas e insensatos e cruéis. A única liberdade é a liberdade do amor, e uma vez desaparecido o seu amado, esse amor pode ser perfeito, cristalizado na sua memória para sempre.

– Ele não merece morrer – protestou Hazel.

– Todos nós merecemos morrer – contrapôs o Dr. Beecham. – É o nosso único direito inato.

– E o Straine? – perguntou Hazel. – Também o prenderam.

Beecham soergueu uma sobancelha.

– Está a defendê-lo? Ao homem que frustrou as suas ambições médicas.

– Não – respondeu Hazel. – A ele, não. Mas não é culpado. Estou a defender a verdade.

Beecham bebeu um longo gole de chá.

– A verdade não existe, Menina Sinnett. Mesmo as ditas verdades mais básicas da nossa anatomia podem ser manipuladas para se adequarem a novos propósitos. A única verdade é o poder e o único poder é saber como sobreviver.

Pegou no pequeno frasco de tónico que estava sobre a mesa e olhou fixamente para ele. Parecia dourado quando a Hazel o vira pela primeira vez, mas de um ângulo diferente, parecia quase preto reluzente.

– Descobri que uma única gota de tónico – revelou Beecham –, fortemente diluída, é suficiente para assegurar que os membros e órgãos que transplanto se adaptam devidamente ao novo corpo sem infeção... Sei que estava a pensar nisso. – Enrolou os dedos à volta do frasco. – Foi este mesmo frasco que ofereci à minha mulher Eloise, antes de ela morrer. Tenho-o guardado comigo desde então. Sabe, Menina Sinnett, daqui a 100 anos, a ideia de uma cirurgiaã pode não parecer tão absurda. E ainda menos absurda 100 anos depois. Será muito mais útil nos séculos vindouros, e, nessa altura, terá aprendido o suficiente para ser mais brilhante do que alguém poderá esperar ser uma vez na vida. Tome. Aceite-o.

Hazel estendeu a mão por instinto e depois fez uma pausa. Na verdade, momentos antes tinha pensado em agarrar no frasco e fugir, mas naquele instante hesitou.

– Dá o trabalho de uma vida assim tão livremente?

– Não é livremente, garanto-lhe. É apenas a segunda pessoa a quem já ofereci este frasco e a primeira, estou certo, que poderá fazer um excelente uso dele. Não importa o que pensa de mim neste momento, Menina Sinnett. Sei que acabará por compreender a enormidade do que consegui. Os corpos cobriam as bases das pirâmides, minha querida. Todo o progresso requer sacrifício humano. Eram os pobres e os indigentes. A cidade já os tinha matado, e eu apenas usei cada pedaço do animal.

Hazel tinha um zumbido nos ouvidos e o coração a bater com força no peito. Pegou no frasco.

– Quanto tempo vai ficar aqui? – perguntou ela, deslizando o polegar ao longo do frasco, que parecia permanentemente fresco. – Em Edimburgo,

quero eu dizer. Quanto tempo até que as pessoas reparem que não envelheceu?

Beecham bebeu outro gole do chá.

– Será muito em breve, receio. Acho que a seguir vou para a América. É um país enorme. Um lugar fácil para um homem desaparecer e voltar a fazer-se a si próprio. Então, não quer chá? Ou talvez uma coisa mais forte! Afinal de contas, é Natal. Acho que tenho um *brandy* bem envelhecido algures por aqui. Ah, aqui está. – De trás do púlpito, tirou uma garrafa com um líquido âmbar. Deitou um pouco no seu chá e depois alguns dedos num copo limpo, para Hazel. – Insisto – disse. – É Natal.

– Então, saúde – brindou Hazel. Bebeu um pequeno gole, que lhe deixou a língua a arder e queimou a garganta.

Beecham ergueu a chávena de chá.

– Ao seu noivado – disse, com um brilho nos olhos. – Soube que foi recentemente pedida em casamento. Até as pessoas importantes ouvem os mexericos da sociedade.

Hazel abanou a cabeça.

– É curioso – interpôs. – Acho que o que disse estava certo. Perder aquele que se ama é a única liberdade.

Na manhã seguinte à prisão de Jack, Hazel acordou sem dúvidas ou medo. Não havia nada que a assustasse numa vida sem a segurança de um título ou de um castelo, nem a ira da mãe ou a desilusão do pai. Viveria como uma bruxa numa sebe, cosendo feridas e dando à luz recém-nascidos, se fosse necessário. Mendigaria nas ruas, trabalharia como criada, navegaria para o continente. A mudança fora espantosa – uma faísca no cérebro, um milagre de fluidos ou eletricidade, e passou a sentir que a vida era completamente diferente. Pela primeira vez nos seus 17 anos, era dona da sua vida.

Queimara todas as cartas por abrir que Bernard lhe enviara por mensageiro desde a sua recusa. Os lírios brancos que lhe enviou foram pelo riacho de Hawthornden.

Quando Hazel terminou o *brandy*, levantou-se e agradeceu ao Dr. Beecham pela bebida.

– Boa sorte na América – desejou, e virou-lhe as costas para sair.

– Espero que o tome – disse Beecham. – Estava a falar a sério quando disse que o mundo ainda não está pronto para si. Ficaria encantado de ver o que poderá realizar no próximo século. E eu teria finalmente uma mente científica para me fazer companhia.

Hazel voltou-se.

– O único uso que tenho para a imortalidade – replicou – é descobrir se ela irá proteger alguém de um enforcamento.

Beecham levantou-se, surpreendido e boquiaberto. Pestanejou rapidamente algumas vezes e depois tornou a sentar-se.

– Sim – reagiu calmamente. – De facto, a imortalidade é mais forte do que um pescoço partido e um estrangulamento.

Hazel acenou com a cabeça ao médico e saiu, deixando Beecham sozinho na sala de aula, com a lareira a iluminá-lo por trás, fazendo-o parecer menos um homem e mais uma sombra.

Não eram permitidas visitas na prisão, mas Hazel deslizou uma libra para a mão do guarda, que assentiu e a deixou entrar.

– Cinco minutos – avisou, e depois voltou as costas. O veredicto fora rápido. Tinham bastado quatro horas para que uma tribuna de lordes declarasse que Jack Curren era culpado e devia ser enforcado. Pela sua parte na compra dos corpos, o Dr. Straine perdeu a licença médica e foi expulso da Sociedade de Anatomistas, embora durante dias uma multidão nas ruas tivesse gritado que Straine também devia ser enforcado.

Hazel ouvira a indignação enquanto caminhava pela Cidade Velha, mas assim que entrou na prisão, as paredes grossas de pedra amorteceram todos os sons do exterior. Apenas gemidos silenciosos de loucura e tristeza ecoavam através dos corredores da prisão, a par da chiadeira dos ratos. Eram os gemidos de quem sabia que não restava ninguém para os ouvir.

Jack não testemunhara em sua defesa no julgamento. Não dera desculpas nem explicações. Mais valia ser considerado um assassino do que um assassino e um louco. Hazel esperava lágrimas ao vê-lo novamente, mas não as houve. Todas a tinham abandonado nos últimos dias. Não lhe restava alegria nem tristeza; estava completamente entorpecida e vazia.

Jack parecia mais magro do que Hazel alguma vez o vira, sentado contra a parede com as costas curvadas, a rolar no chão um dado que se

havam esquecido de lhe tirar após o julgamento. Tinha o cabelo comprido e lânguido, e os olhos estavam vermelhos de exaustão.

Assim que a viu, Jack levantou-se e caminhou até às barras, estendendo os braços para poder segurar as mãos dela.

– Hazel – disse. – Hazel, meu amor. – Prendeu-lhe uma madeixa de cabelo atrás das orelhas. Estava tão perto que ela conseguia ver-lhe as sardas na cana do nariz e sentir o calor da respiração.

Hazel tinha qualquer coisa fechada na mão, um pequeno frasco de vidro. A estranha luminescência era visível entre os dedos. Jack olhou fixamente para ele. Ouviu-a atentamente enquanto ela descrevia exatamente o que continha e o poder que lhe daria. Fez-lhe algumas perguntas em voz baixa. Hazel respondeu.

Ela estendeu o frasco através das barras e Jack aceitou-o e rolou-o na palma da mão.

– Então, é real? – perguntou simplesmente.

Hazel assentiu.

Segurou o frasco contra a luz fraca da pequena janela para o examinar. Uma minúscula galáxia rodopiou dentro do vidro.

– Tomá-lo-ias? – perguntou em voz baixa. – Se estivesse no meu lugar?

– Jack, tens de o tomar. Por favor. Aceita-o e volta para mim. Vai ter comigo a Hawthornden o mais depressa possível. Isto é para podermos ficar juntos. Para que possamos fugir para algum lado. Para o continente. Para recomeçarmos.

Nessa altura, Jack deu uma gargalhada, um som belo e brilhante, cheio de toda a alegria e dor e amor que sentira por Hazel no breve tempo em que a conhecera. Foi aquela gargalhada que fez Hazel finalmente chorar.

– Porque ris? – perguntou-lhe, e depois começou a rir com ele.

Através das barras enferrujadas, Jack pressionou os lábios contra os dela e ambos provaram o sal das lágrimas.

– Não. Não, não, não, não, não. Hazel, se decidir tomar isto, serei um homem em fuga para o resto da vida. Ou, pelo menos, durante muito tempo. A minha primeira vida e parte da minha segunda. Tu... – Beijou-a de novo. – Tu... – E mais uma vez. – Tu, linda... – E de novo. – E perfeita, tu... – E mais uma vez. – Mereces uma vida real. Vais tornar-te uma médica brilhante. Vais ajudar tantas pessoas e mudar tantas vidas. Vais incendiar o mundo e não podes fazer isso a partir das sombras. Não podes criar medicamentos e curas em fuga. Nenhuma das nossas maiores mentes teve de lutar para comer todos os dias antes de estudar. Não, Hazel. Não. Não posso fazer-te isso.

– Essa decisão não é tua, Jack. Posso escolher onde e como viver. Não é uma razão suficientemente boa.

Jack ergueu as sobrancelhas.

– A discutir comigo? Estou prestes a ser enforcado e não consigo levar a minha avante? – Sorriu. – Acho que tens razão. Não é uma razão suficientemente boa. Estava a fazer com que parecesse um herói quando, na realidade, eu é que estou a ser egoísta.

– O que queres dizer com isso? Como é que estás a ser egoísta?

– Hazel, não há inferno pior do que um mundo em que te veria envelhecer e te perderia e depois seria forçado a viver mais um dia. – As lágrimas continuavam a cair silenciosamente pelas faces dela. – Para mim, terás sempre 17 anos, Hazel Sinnett. Serás sempre bela e forte e brilhante. Serás o último rosto que vejo quando fecho os olhos e o primeiro que imagino quando acordo.

– Então, vais tomá-lo? – perguntou Hazel. – Vais tomar o tónico?

– Ainda não sei – respondeu Jack. – Tenho tanto medo.

Uma porta ecoou algures atrás de Hazel e seguiram-se os passos pesados das botas de um guarda.

– É isso mesmo, Menina. A visita terminou.

Hazel inclinou-se para a frente para beijar Jack novamente.

– Vou amar-te toda a minha vida, Jack Curren – disse. Hazel enfiou a mão através das barras para pousar a palma da mão sobre o coração dele, sentindo os pontos que tinha cosido no meio do peito.

– O meu coração é teu, Hazel Sinnett – despediu-se Jack. – Para sempre. A bater ou parado.

– A bater ou parado – repetiu Hazel.



Enforcaram Jack Curren no Grassmarket na manhã seguinte, às 10h00. Disseram que nunca tinha havido tamanha multidão a assistir a um enforcamento público em Edimburgo, mas Hazel não esteve presente. Disseram que o corpo dele foi comprado e levado para o hospital universitário.

Mas não disseram se lá ficou.

Depois chegou a primavera e a geada derreteu e o riacho abaixo de Hawthornden saltou as margens, e Iona e Charles casaram-se no jardim. A noiva tinha um vestido cor-de-rosa que Hazel encomendara a uma costureira da New Town e na trança estavam entretecidas pequenas flores brancas e verdejantes.

– Vai ficar bem? – perguntou Iona a Hazel, depois da cerimónia e do baile, enquanto Charles esperava ao lado da carruagem. Foram passar a lua de mel a Inverness e, quando regressassem a Hawthornden, daí a um mês, não ficariam a viver no castelo com Hazel. Charles e Iona viveriam numa pequena casa na aldeia, como marido e mulher. Com o pai em Santa Helena e a mãe e Percy a escolherem ficar em Londres, Hazel ficaria a viver sozinha no Castelo de Hawthornden pela primeira vez na vida.

Bem, não propriamente sozinha. Durante todo o inverno, o primeiro andar de Hawthornden serviu como hospital, onde Hazel tratou doentes que sofriam de febre romana e de doenças piores. O uso da raiz de hipericão fez com que nenhum dos doentes morresse, e Hazel estava a trabalhar arduamente numa inoculação que acreditava poder impedir o contágio da doença. O Dr. Beecham tê-la-ia, certamente, descoberto ele próprio, se a crescente pilha de corpos da febre romana e o medo que suscitava não constituíssem um disfarce tão conveniente para as mutilações e homicídios que executava.

– Ficarei mais do que bem – replicou Hazel. Na verdade, estava ansiosa por isso, pelas manhãs de passeios solitários e pelo tempo de leitura sozinha à noite com um livro no parapeito da janela enquanto a chuva caía do outro lado do vidro.

– E tem a certeza de que não se importa que eu e o Charles levemos a carruagem?

– Claro que não, Iona. Tenho a *Miss Rosalind*, se precisar de ir a algum lado. Talvez devesse arranjar outro cavalo para o estábulo – disse Hazel. – Para o caso de ela se sentir sozinha.

Na semana após a execução de Jack, *Betelgeuse* desaparecera. Aparentemente, o cavalo fora roubado durante a noite. Mas Hazel não tinha ouvido nada dos estábulos – era como se *Betelgeuse* se tivesse ido embora sozinho.

Iona abraçou Hazel.

– Por favor, cuide de si.

– Cuida de *ti*! Agora és uma mulher casada. Isso significa que se acabaram as tolices – brincou Hazel, endireitando a trança de Iona.

Iona fez um sorriso radiante.

– Eu, uma senhora casada! Consegue acreditar?

– Claro que consigo – respondeu Hazel. – Mereces tudo o que desejares neste mundo... e ainda mais.

Iona voltou-se para olhar com orgulho para Charles, que estava a sacudir terra das calças, encostado à porta da carruagem, e depois olhou de novo para Hazel.

– Também a Menina. Merece tudo o que quiser neste mundo.

Hazel descobriu que tinha um nó na garganta que lhe dificultava a fala. Só conseguiu abraçar Iona uma última vez e ver a carruagem a afastar-se ao longo do caminho do jardim até à estrada principal.

Por vezes, Jack ia ter com ela em sonhos, com os olhos ternos e carentes. Durante os primeiros meses, as almofadas estavam molhadas pelas lágrimas, mas mesmo quando as lágrimas paravam, a dor continuava no coração, pesada como uma pedra, uma sensação de afundamento que chegava no momento antes de abrir os olhos, e tinha de se lembrar que vivia num mundo sem ele. Por vezes, imaginava-o a navegar para França ou para as Américas, de pé, orgulhoso, junto ao mastro de um navio algures no mar com as ondas a rebentar em redor, o rapaz que permaneceria jovem e belo para sempre, o rapaz que ela ensinara a montar e beijara numa sepultura. Por vezes, ele falava com Hazel nos sonhos, inclinando-se para lhe dizer coisas calmas e ternas que ela nunca conseguia recordar quando acordava. Hazel tentava permanecer lá o máximo de tempo possível, no sono semiacordado na escuridão, com as sombras a transformarem-se no perfil orgulhoso de Jack, nos contornos da face dele. Conseguia vê-lo: a inclinação das maçãs do rosto, as pestanas escuras e compridas, o rosto severo – os cem pequenos lugares em que ela tocara com os lábios na pele dele.

Mas depois a luz amarelo-pálido da manhã entrava para os cantos do quarto de Hazel, e ela levantava-se para começar o dia de trabalho, curando os vivos.

epílogo

A carta chegou ao Castelo de Hawthornden com as bordas queimadas e amarelecidas, dobrada de uma forma estranha. Parecia ter dado duas voltas ao mundo e passado a maior parte dos feriados do Natal dentro do bolso pegajoso de uma criança. Tinha um carimbo da cidade de Nova Iorque.

A carta não estava assinada, mas a mulher que a abriu sabia exatamente de quem era. Prendeu-a acima do posto de trabalho para que a pudesse ler enquanto fazia chá de raiz de hipericão, enrolava ligaduras e afiava facas. Lia-a tantas vezes que conseguia ler as palavras naquela caligrafia fina quando fechava os olhos.

O meu coração palpitante continua a ser teu, dizia a carta, e estarei à tua espera.

agradecimentos

Este livro começou como um e-mail divagante que escrevi ao meu agente Dan Mandel enquanto atravessava o país de avião de Nova Iorque para Los Angeles. Ao Dan, muito obrigada por ter fé neste projeto e por me enviar as mensagens encorajadoras de que preciso quando estou prestes a entrar em colapso. Quero agradecer a Sara Goodman e a toda a equipa da Wednesday, incluindo Alexis, Vanessa, Rivka e Mary, pelo trabalho incansável, e a Kerri Resnick e Zachary Meyer, por uma capa lindíssima, para lá de tudo o que eu podia sonhar. Tenho a enorme felicidade de ter uma família que está disposta a ouvir todas as minhas ideias e a celebrar as minhas realizações, e estou especialmente grata à minha irmã Caroline, por ler todos os rascunhos deste livro. Agradeço sinceramente a Katie Donahoe, pela sua leitura, pelas ideias e pelo encorajamento, e a Ian Karmel, que me apoia de todas as formas que é possível apoiar alguém.

Utilizei vários livros para ajudar a pesquisar o início do século XIX e a história da medicina, incluindo *The Butchering Art*, de Lindsey Fitzharris, *The Royal Art of Poison*, de Eleanor Herman, *Dr. Mütter's Marvels*, de Cristin O'Keefe Aptowicz, *The Knife Man*, de Wendy Moore e *The Lady and Her Monsters*, de Roseanne Montillo.